ALAIN DANIÉLOU

SHIVA E DIONISO

A Religião da Natureza e do Eros

Martins Fontes

SHIVA
E DIONISO

liubliú
LIVRARIA
R. Horacio Leonardi, 92 - L 1
Barão Geraldo
13083 - Campinas - SP
Cx. P. 6633
(0192) 39-2000
LIVROS SOB ENCOMENDA
Bancas de Livros - UNICAMP

COLEÇÃO CAMINHOS DO DESPERTAR

Colin Wilson — *Caminhos do Despertar*
Colin Wilson — *Senhor dos Mundos Subterrâneos*
P. D. Ouspensky — *Consciência*
J. G. Bennett — *O Homem Interior*
J. Needleman — *Cristianismo Perdido*
Colin Wilson — *Rudolf Steiner, o Homem e Sua Visão*
Kenneth Walker — *Os Ensinamentos de Gurdjieff*
Alain Daniélou — *Shiva e Dioniso*

aut

ALAIN DANIÉLOU

tit

SHIVA E DIONISO

A Religião da Natureza e do Eros

impl.
o cat

BIBLIOTECA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Martins Fontes

UNICAMP

Título original: SHIVA ET DIONYSOS
Copyright © Librairie Arthème Fayard, 1979
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda., para esta tradução

CLASSIF. 292.08
AUTOR D227s
V. EX.
TOMBO BC/ 236648
IFCH - 56989

1.ª edição brasileira: setembro de 1989

Tradução: Edison Darci Heldt
Revisão da tradução: Cristina Sarteschi
Revisão tipográfica: Coordenação de Maurício Balthazar Leal

Produção gráfica: Geraldo Alves
Composição: Artel — Artes Gráficas

Capa — Projeto: Alexandre Martins Fontes
Realização: Cláudia Scatamacchia
Arte-final: Moacir K. Matsusaki

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Daniélou, Alain.
Shiva e Dionísio / Alain Daniélou ; tradução Edison Darci Heldt. -- São Paulo : Martins Fontes, 1989.

1. Dionísio (Divindade grega) 2. Shiva (Divindade hindu) 3. Shivaismo I. Título.

89-1658

CDD-294.5513
-292.08

Índices para catálogo sistemático:

1. Dionísio : Divindade grega : Religião 292.08
2. Shiva : Divindade hindu : Religião 294.5513
3. Shivaismo : Religiões de origem hindu 294.5513

Todos os direitos para o Brasil reservados à
LIVRARIA MARTINS FONTES EDITORA LTDA.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340 — Tel.: 239-3677
01325 — São Paulo — SP — Brasil

CM-00014012-9

Tudo permite predizer... o reaparecimento gradual do espírito dionisíaco em nosso mundo contemporâneo.

Friedrich Nietzsche

Acredito que a humanidade precisa retornar ao panteísmo. Precisamos recuperar o respeito e a consideração que tínhamos originalmente em relação à dignidade do mundo natural e não apenas humano. Para nos ajudar, precisamos ter uma religião verdadeira.

Arnold Toynbee

Índice

Apresentação 1
Introdução 5

1 — AS ORIGENS 7
As duas fontes da religião 7
Elementos de história 12
Os proto-australóides 13
Os dravidianos 14
A civilização do Indo 16
Os arianos (indo-europeus) 17
As religiões primordiais 18
As quatro religiões 18
A mitologia 21
Origens do shivaísmo 24
O nascimento de Dioniso 26
Dioniso no mundo arianizado 28
Textos e documentos 32
Os Puranas 33
Agamas e Tantras 34
Textos gregos e latinos 35
Documentos arqueológicos 36

2 — ASPECTOS E LENDAS DO DEUS 37
O sacrifício de Daksha 37
Nomes e aspectos do deus 39
Pashupati, senhor dos animais 41
O gênio das florestas, o deus lúbrico e nu 43
O *Linga*, princípio de vida 45

O hermafrodita (Ardhanarîshvara) 51
Vishnu e Apolo 54
O deus dos humildes 57
O curandeiro 58
O soberano das direções do espaço 59
O deus da morte 60
As cinzas e a roupa açafroada 61

3 — A DEUSA: POTÊNCIA, AMANTE E MÃE 63
A deusa 63
Os múltiplos aspectos da deusa 65
A Dama da montanha 66
A Potência do tempo 66
A Dama branca 67
Sati (Fidelidade) 67
A senhora dos animais 68
O casamento de Shiva com Pârvatî 69

4 — OS FILHOS DA DEUSA E DO DEUS 75
Ganesha, Coribas ou Hermes, senhor dos obstáculos, guardião das portas e dos mistérios 75
Cumâra ou Kouros, o Rapaz 77
O deus dos Exércitos 81
O casamento de Ganesha 82
Guha, o misterioso 83
O menino-deus 83

5 — OS COMPANHEIROS DO DEUS 85
Ganas e coribantes, os delinqüentes do céu 85
Os *bhaktas* ou bacantes (participantes) 86
Titãs, demônios e gênios 89
Titãs e asuras 89
O incêndio de Tripura 91
Rakshasas, demônios e fantasmas 93
Heróis e semideuses 94

6 — AS FORMAS ANIMAIS E VEGETAIS DO DEUS E DA DEUSA 97
O zoomorfismo do deus e da deusa 97
O touro 97
Os cornos e a realeza divina 101
O leopardo, o leão, a pantera 102
As serpentes 102
O mistério do labirinto 104
Plantas e árvores sagradas 110

7 — OS LUGARES SAGRADOS 115
Os lugares sagrados 115
Florestas, rios, lagos e fontes 116
Kailâsa, o paraíso de Shiva 116
Nisa, a montanha sagrada 119
O cruzamento dos caminhos 121

8 — O HOMEM NO MUNDO 123
As vias do conhecimento 123
A natureza do mundo 124
Os cinco aspectos de Shiva 126
O senhor da ioga 128
Os *chakras* 129
Tantrismo ou Orgiasmo 131
Dioniso-Baco, o deus da embriaguez e do vinho 136
O erotismo, a sagração dos atos sexuais 139
O erotismo 139
O nascimento de Eros (Kâma) 142
O sacrifício, a sagração da função alimentar 145
O sacrifício 145
Agni, o deus do fogo 147
A vítima 148
O sacrifício humano 149
A omofagia, o consumo de carne crua 150
Antropofagia 151
O sacrifício divino 153
A caça 153
O sacrifício guerreiro e o genocídio 154
O vegetarismo 156
Sobrevida e reencarnação 157

9 — RITOS E PRÁTICAS 159
Os ritos 159
Veneração a Shiva 160
Instalação de um *Linga* 161
A iniciação 162
Ritos de iniciação 164
A aplicação das cinzas 167
Nyâsa, o rito de apalpação 168
Pancha-tattva, o ritual secreto dos cinco elementos 171
Os ritos mágicos de Aghora 172
O Brahmachârya ou a vagueação 173
Ritos fúnebres 174

10 — O DEUS DA DANÇA E DO TEATRO 177
O deus da dança 177
Kîrtana e ditirambo 178
O teatro, quinto Veda 181
A área da dança 182
Festas e cortejos 183

11 — VIDA E SOCIEDADE 187
A vida do *bhakta* 187
A mulher 189
Prostituição sagrada 190
Deveres para com os hóspedes 191
Raça, casta e função social 192

12 — A IDADE MODERNA 195
O Kali Yuga 195
As religiões da Idade dos Conflitos 198
O monoteísmo 202
O problema cristão 204
O retorno de Dioniso 207

Quadro cronológico 211
Bibliografia 223

Apresentação

Este livro não é um ensaio de história das religiões. É o reflexo de uma experiência pessoal, a da descoberta, na Índia, museu da história do mundo, da mais fundamental das religiões. Anterior ao hinduísmo védico, à religião grega, ao zoroastrismo, a Abraão, essa religião primeira surge como o resultado dos esforços do homem, desde suas origens mais distantes, para compreender a natureza da criação, sua beleza, sua crueldade, seu equilíbrio e a maneira como pode se integrar na obra do Criador, cooperar com ele. Naturista e de nenhum modo moral, extática e de nenhum modo ritual, essa religião esforça-se para encontrar os pontos de contato entre os diversos estados de ser e para buscar sua harmoniosa cooperação, a fim de permitir a cada um realizar-se no plano físico, intelectual e espiritual e representar com plenitude seu papel na sinfonia universal.

Aos poucos percebi que tudo o que me parecia válido nas religiões ulteriores eram apenas remanescentes parciais, deformados, às vezes desnaturados ou habilmente dissimulados, dessa antiqüíssima sabedoria resumida nos cultos de Shiva ou de Dioniso, conforme o lugar, e que essa religião, com freqüência perseguida e sempre renascente, continuava a ser a mais moderna e parecia corresponder às necessidades mais profundas tanto do homem de hoje como daquele dos tempos antigos. O que se chamou às vezes de "Tradição primordial" só pode, afinal, ligar-se a essa fileira, cujas raízes remontam às primeiras idades do mundo.

Durante sua longa história, a humanidade produziu inevitavelmente seres de uma inteligência excepcional. É de sua experiência, de suas intuições acumuladas, que provêm todas as culturas, todas as civilizações, a começar pelas formas de linguagem que lhe servem de instrumento, assim como os símbolos e os mitos que exprimem as relações do homem com o mundo invisível dos espíritos e dos deuses.

As concepções que o shivaísmo nos fornece sobre a natureza do mundo material e sutil, assim como seus métodos, a ioga, o sânkhya (cosmologia) e o tantrismo, representam um conhecimento da natureza e do cosmos jamais igualado. A redescoberta do shivaísmo-dionisismo deveria permitir uma verdadeira volta às origens e restabelecer uma ligação quase rompida com um saber muitas vezes milenar, do qual somos herdeiros ignorantes e ingratos.

Para os ocidentais, não se trata de uma abertura exótica. As fontes religiosas da Europa são as mesmas que as da Índia, e só perdemos seu rastro em época relativamente recente. A lenda segundo a qual Dioniso teria vivido na Índia é uma alusão à identidade de seu culto com a religião indiana. A redescoberta, no começo do século XX, da feliz e pacífica civilização cretense e de sua religião, tão próxima do shivaísmo, que surge como a origem profunda das civilizações ocidentais, pode ser considerada como uma premonição, uma volta ao que Toynbee chama uma verdadeira religião (*a right religion*).

Vivi mais de vinte anos no mundo tradicional hindu, afastado do mundo moderno onde nasci, como se tivesse sido transportado por milagre ao Egito dos faraós. Ao retornar ao Ocidente, fiquei surpreso com o infantilismo das concepções teológicas, com a secura do que se denomina religião. Encontrei uma humanidade desamparada que se prende à árvore agonizante do cristianismo sem sequer compreender porque ele está morrendo. E, por toda parte, pessoas que sentem esse vazio, que buscam encontrar um equilíbrio num mundo visivelmente ameaçado, mas que não conseguem ajuda. Contentam-se em ter "sua própria religião" ou são vítimas fáceis de inúmeros falsos profetas, de gurus de bazar, de falsas iniciações, de "ioga de salão", de "meditação transcendental". Às vezes, procuram evadir-se em comunidades *hippies*, de ecologistas, que os isolam e não os conduzem a nada, pois seu enfoque é demasiado limitado, negativo e improvisado. O retorno ao cristianismo ou ao islã nos países que sofrem com os excessos do materialismo, na Polônia, no Irã e em outros lugares, também são expressões dessa necessidade. Infelizmente, essas religiões dogmáticas e tirânicas não podem fornecer-lhes o que buscam.

As forças obscuras que parecem reger o mundo moderno dão mostras de muita habilidade para afastar, deformar e anular todos os impulsos do homem em direção às realidades fundamentais, à ordem divina do mundo. Assim que um bosquejo em direção à luz se faz sentir, é imediatamente controlado por aqueles que devem desnaturá-lo, explorá-lo e transformar o benéfico em maléfico.

É difícil para o homem alcançar o verdadeiro saber e a sabedoria. Os homens, dizem os Upanishads, fazem parte do rebanho dos deuses, e não agrada aos deuses perder cabeças do rebanho. É por isso que os deuses põem obstáculos nos caminhos do conhecimento, o qual poderia permitir ao homem libertar-se, escapar da escravidão, da armadilha

(*pâsha*) do mundo natural. Os iogues, durante sua preparação, adquirem poderes mágicos cada vez mais extraordinários. Se se deixassem levar por essas tentações, iriam se desviar de seu objetivo. Por outro lado, quando a humanidade, em seu conjunto, torna-se um perigo para as outras espécies, para o equilíbrio da natureza, os deuses inspiram aos homens a loucura que os conduz à sua destruição. No entanto, um caminho permanece sempre aberto para uma volta do homem a seu verdadeiro papel, à cooperação na obra divina. Esse caminho, ensinado pelo shivaísmo, não tem nada a ver com as falsas virtudes, os problemas morais ou sociais artificiais em que se comprazem as religiões e as sociedades modernas, cujo objetivo é precisamente enganar os espíritos, afastar os homens da busca dos valores reais e, portanto, conduzir a humanidade ao suicídio. O caminho de Shiva-Dioniso é o único que poderia permitir à humanidade se salvar.

É para os homens de boa vontade, perdidos num mundo de falsos valores, que escrevi este livro, muito insuficiente, é claro, mas que pode lembrar a alguns que existiu, que ainda existe, um "caminho da sabedoria", que é apenas a busca da compreensão da natureza do mundo e da cooperação na obra divina. Aquele que o procura honestamente pode encontrar esse caminho, mas é necessário pôr em questão quase tudo o que é tido como sendo valores estabelecidos, e ignorar todas as palavras vazias de sentido, todas as fórmulas publicitárias que hoje são consideradas como idéias ou doutrinas.

"Os adeptos das religiões monoteístas judaicas e de seus sucedâneos pós-cristãos... provêm todos de antigos panteístas. Esse fato histórico faz-nos pensar que há alguma esperança de um retorno à atitude panteísta, no instante em que se lhes apresentam as conseqüências desastrosas da falta de respeito monoteísta pela natureza." (Arnold Toynbee, e Daisaku Ikeda, *Choose Life*, Oxford, 1978, p. 298)

Não pretendo propor uma solução. Apenas busquei, baseado numa experiência pessoal, limpar um pouco o terreno que me parece sobrecarregado de ignorância e de erros, e lembrar, àqueles que acreditam que "religião" e "cristianismo" são a mesma coisa, que o caminho do divino encontra-se fora das prisões dogmáticas.

Este ensaio não é um guia de conduta. Os elementos rituais indicados são muito insuficientes para permitir realizações práticas, mas podem servir de ponto de partida para uma reflexão sobre a natureza do homem, do mundo e do divino tal como o ensina a mais antiga e, ao mesmo tempo, a mais moderna das religiões.

É evidente que certos ritos e práticas do shivaísmo ou do dionisismo antigo não são possíveis no nosso tempo. É o caso, por exemplo, dos sacrifícios humanos. Talvez devesse ter evitado mencioná-los, pois podem ser um fácil pretexto para a rejeição do conjunto das concepções shivaístas. Não acredito nisso. Eles refletem certas tendências do ser humano, certos aspectos da natureza do mundo que não convém igno-

rar. Fazem parte do inconsciente coletivo e correm o risco de se manifestar sob formas perversas, se não ousarmos enfrentá-los. Consideramos com horror os "crimes" de certas seitas fanáticas sem vermos a relação que eles têm com os genocídios, as guerras, as destruições de espécies animais que aceitamos com demasiada facilidade. Vivemos num mundo em que é preciso negociar com os deuses sem nos alimentarmos de ilusões. Em todas as coisas precisamos tomar consciência de nossas responsabilidades e compartilhá-las com os deuses que conceberam o mundo tal como ele é, e não da maneira que fingimos acreditar que deveria ser. Aí está a profunda mensagem do shivaísmo, a única mensagem que nos permite enfrentar a realidade divina do mundo e de cooperar na obra dos deuses. Não há outra religião verdadeira.

Introdução

O universo é uma obra maravilhosa de harmonia, beleza e equilíbrio. Outros universos são possíveis, baseados em outras fórmulas. Aquele em que o homem se encontra é o resultado de uma escolha no pensamento desse princípio imenso, incognoscível, indefinível, de onde surgiram os deuses, a matéria e a vida.

Nada pode existir sem que esteja implicado em sua causa. Se o pensamento existe nos seres, necessariamente faz parte do princípio cósmico de onde os seres surgiram. Há, portanto, um pensamento universal, uma consciência universal, e a criação não é simplesmente um acaso, mas a escolha de uma vontade transcendente que a desejou tal como ela é. Todos os elementos que constituem o mundo são interdependentes, fazem parte de um todo. Não há hiato, não há descontinuidade na obra do Criador. O mundo mineral, o mundo vegetal, o mundo animal e humano e o mundo sutil dos espíritos e dos deuses existem um pelo outro, um para o outro. Não poderia haver uma verdadeira aproximação do divino, uma busca do divino, uma ciência, uma religião, uma mística que não levasse em conta essa unidade fundamental da criação.

Desde as épocas mais remotas, observamos o aparecimento dessa busca, dessa sede de conhecer, de compreender a natureza do mundo, a razão de ser da vida, esse desejo de se aproximar do princípio criador, abrigar-se nele. É uma busca que, para ser válida, não pode admitir barreiras *a priori*, não pode ignorar nenhum aspecto dos seres ou das coisas. Ela atravessa as civilizações, as religiões, as maneiras de pensar mais diversas e as põe inevitavelmente em questão. O sentimento da unidade profunda do pensamento criador e de todos os aspectos da criação continua sempre presente, ainda que em estado latente, na consciência dos homens, e basta que um mensageiro dos deuses venha despertar essa consciência, para lembrar a alguns que o único caminho

da felicidade, da realização de si mesmo, é o da cooperação sem reserva na obra do Criador, no amor e na amizade que devem unir as plantas, os animais, os homens e os seres sutis. Não se trata de sentimentalismo, de amar seu jardim e seu cachorro e de pintar as nuvens de cor-de-rosa, mas, para o homem, trata-se de reencontrar humildemente seu lugar nesse mundo selvagem, magnífico e cruel, que é a obra dos deuses.

O princípio do shivaísmo é o de que nada existe no universo que não faça parte do corpo divino, que não possa ser um caminho para alcançar o divino. Todos os objetos, todos os fenômenos naturais, as plantas, os animais, assim como todos os aspectos do homem podem ser pontos de partida para nos aproximarmos do divino. Não existe nem alto nem baixo, funções inferiores ou superiores, domínio profano ou sagrado. Se reconhecemos a ordem divina em todas as nossas tendências, todas as nossas funções psíquicas, todas as nossas ações ou potencialidades, somos os senhores de nós mesmos, os companheiros (*kaula*) do deus, os participantes (*bhaktas* ou bacantes). Se, pelo contrário, ignoramos ou nos recusamos a ver a ordem universal em tudo o que constitui nosso ser físico ou mental e os laços que nos unem, em todos os níveis, ao mundo natural e cósmico, atraímos sobre nós a loucura destruidora, que é a manifestação da cólera dos deuses.

1

As origens

As duas fontes da religião

O fenômeno religioso, desde o nascimento das civilizações urbanas, manifestou-se e concretizou-se, entre os povos sedentários, sob duas formas opostas e contraditórias. Uma ligada ao mundo da natureza, a outra à organização da vida coletiva da cidade. A religião primordial representa o conjunto dos esforços do homem para compreender a criação, para harmonizar-se com ela, penetrar-lhe os segredos, cooperar na obra do Criador, aproximar-se e identificar-se com ele. Essa aproximação não separa o domínio corporal do domínio intelectual e espiritual indissoluvelmente ligados. O corpo é o instrumento de todas as realizações humanas e deve ser tratado como tal, assim como ensina a ioga. A criação em sua totalidade, beleza, florescência, crueldade, harmonia, é a expressão do pensamento divino, é, por assim dizer, a materialização, o corpo de Deus. Somente aqueles que compreendem o mundo natural, que se identificam com ele, que ocupam um lugar entre as árvores, as flores, os animais, podem realmente aproximar-se do mundo dos espíritos e dos deuses, imaginar o plano do Criador, pressentir a alegria do divino. Para o homem consciente de que a criação não é apenas uma obra divina, mas a própria forma do divino, todo ser, toda vida, todo ato ganha um caráter sagrado, torna-se um rito, um meio de comunicação com o mundo celeste.

"Conformar-se com o que se é, é *dharma*" (*Svalakshanadhâranâd dharmah*). A palavra *dharma* significa "lei natural". Conformar-se a ela é a única virtude. Não há outra religião que não seja realização daquilo que somos pelo nosso nascimento, nossa natureza e nossas aptidões. Cada qual deve representar o melhor possível o papel que lhe cabe no grande teatro da criação. A alegria do homem e sua sobrevi-

vência dependem da realização do lugar que ele ocupa entre os seres vivos, como espécie, e entre os homens, como indivíduo. Se o homem busca atribuir a si mesmo um papel que não é o seu na sociedade, torna-se um inimigo da humanidade. Se ele é um predador, um inimigo das outras espécies, torna-se o inimigo dos deuses, o inimigo da criação.

A outra forma de religião é a da cidade, da sociedade dos homens. Ela pretende impor sanções divinas a convenções sociais. Erige leis humanas em atos sagrados. Serve de desculpa às ambições dos homens que pretendem dominar o mundo natural, fazer uso dele, atribuir-se uma posição única em detrimento das outras espécies, vegetais, animais, até supranaturais. Foi preciso a estranha e maléfica perversão dos valores nas civilizações e religiões modernas que caracterizam o Kali Yuga, a Idade dos Conflitos em que nos encontramos, para que o homem renunciasse a seu papel na ordem cósmica, que engloba toda forma de ser e de vida, para só interessar-se por si mesmo e tornar-se destruidor da harmonia da criação, o instrumento cego, vaidoso e brutal de seu próprio declínio.

Foi sob influência das concepções religiosas rudimentares dos conquistadores nômades, que as religiões da cidade adquiriram um caráter antropocentrista, que não era aparente na origem. Os povos nômades não têm verdadeiro contato com o mundo da natureza. Não vivem em comunidade com lugares, árvores, animais, a não ser com aqueles que eles dominaram ou domesticaram. Caminham com seus deuses e lendas, e são mais predispostos que os outros à simplificação monoteísta, a considerar a natureza como pastagens anônimas que eles exploram e destroem, e os deuses como guias a serviço do homem. As religiões antidionisíacas, na origem, são todas elas religiões de nômades, quer sejam arianos, hebreus ou árabes. Tendem a conservar esse caráter, mesmo quando esses nômades estão sedentarizados. Qualquer religião que considera seus fiéis como eleitos que pretendem ter recebido de um deus o direito e o dever de propagar suas crenças, seus costumes e destruir ou sujeitar os "incrédulos", não passa de uma impostura. As cruzadas, as missões, as guerras santas são as máscaras da hegemonia e do colonialismo.

A religião da cidade devia encontrar sua justificação na ilusão monoteísta. "O número um é o símbolo da ilusão", dizem os Tantras. A concepção filosófica de uma unidade causal é uma especulação que não pode ser transportada para o plano da vida, da ação. É evidente que o Princípio que dá origem a essa explosão inicial, da qual surgiram a matéria e a antimatéria, o espaço e o tempo, as galáxias, os astros e os princípios da vida, não está no mesmo plano de uma espécie de anjo da guarda de aldeia que se preocupa em saber se observamos o sabá ou experimentamos um fruto considerado proibido e dá instruções a alguns profetas, dentro do interesse da boa ordem da cidade. O perigo do monoteísmo é que ele resulta numa redução do divino

à imagem do homem, uma apropriação de Deus a serviço de uma raça "eleita". É o oposto de uma verdadeira religião, pois serve de escusa à sujeição da obra divina às ambições do homem.

Segundo Toynbee: "A crença de que aquilo a que chamei uma presença espiritual, no universo e além dele, estava concentrada num único deus transcendente, semelhante a um homem, implicava a conclusão de que nenhuma outra coisa no universo é divina... Deus colocava o conjunto de sua criação não-humana à disposição de suas criaturas humanas para explorá-lo a seu bel-prazer... O respeito e o temor salutar com que o homem havia, na origem, considerado seu meio ambiente foram assim dissipados pelo monoteísmo judaico nas versões de seus criadores israelitas, em seguida cristãos e muçulmanos... O comunismo surgiu do cristianismo... Considero o comunismo como uma religião e, em particular, como uma religião típica da família judaica, na qual a mitologia judaica conservou-se disfarçada com um vocabulário não-*teísta.*" (Arnold Toynbee e Daisaku Ikeda, *op. cit.* , pp. 39 e 137)

Voltaremos a falar das origens e do papel do monoteísmo, quando abordarmos as religiões do Kali Yuga.

O shivaísmo é essencialmente uma religião da natureza. Shiva, como Dioniso, representa apenas um dos aspectos da hierarquia divina, aquele que concerne ao conjunto da vida terrestre. O shivaísmo, ao estabelecer uma coordenação realista entre os seres sutis e os seres vivos, sempre se opôs ao antropocentrismo das sociedades urbanas. Sua forma ocidental, o dionisismo, representa do mesmo modo uma fase em que o homem está em comunhão com a vida selvagem, com os animais da montanha e da floresta. Dioniso, como Shiva, é um deus da vegetação, da árvore, da vinha. Também é um deus animal, um deus touro. Esse deus ensina aos homens a não dar importância às leis humanas para reencontrar as leis divinas. Seu culto, que desencadeia as potências da alma e do corpo, encontrou uma viva resistência por parte das religiões urbanas que o consideraram anti-social. Shiva, como Dioniso, é representado por elas como o protetor daqueles que se mantêm afastados da sociedade convencional. Simboliza tudo o que é caótico, perigoso, inesperado, tudo o que escapa à razão humana e só pode ser atribuído à ação imprevisível dos deuses. Já antes, o *Rig-Veda* (II, 21, 5), o livro sagrado dos invasores arianos, pedia ao deus Indra que não permitisse que os adeptos do culto de Shiva, que eles chamam de *Shishna-devas*, os adoradores do falo, pudessem aproximar-se de seus sacrifícios rituais. Todavia, o poder da magia misteriosa do deus nunca pôde ser ignorado impunemente e teve de ser reservado um lugar para o culto de Shiva-Dioniso, apesar da hostilidade que sempre lhe demonstraram os senhores da cidade.

"Só com o desenvolvimento do novo bramanismo é que os ritos fálicos não-arianos foram incorporados às crenças arianas, formando um elemento essencial do shivaísmo histórico." (P. Barnerjee, *Early*

Indian Religions, p. 41) Os maiores santuários helênicos tiveram que lhes reservar um grande espaço — sem dúvida a contragosto. Deus da juventude, dos humildes e da ecologia, protetor dos animais e das árvores, Shiva é acusado de ensinar os segredos do saber aos *shudras*, aos humildes, de estar cercado por bandos de jovens delinqüentes que zombam das instituições da sociedade e dos governos de velhos. "No shivaísmo, a transcendência em relação às normas da vida ordinária é traduzida no plano popular pelo fato de que Shiva, entre outras coisas, é representado como o deus ou 'patrono' daqueles que não levam uma vida normal e até mesmo dos fora-da-lei." (Julius Evola, *Le yoga tantrique*, p. 92)

O contato com as forças que animam o infra-humano e o supra-humano, que os fiéis de Shiva ou de Dioniso buscam, leva-os a uma recusa do político, das ambições e dos limites da vida socializada. Não se trata apenas de um reconhecimento da harmonia do mundo, mas de uma participação ativa numa experiência que ultrapassa e perturba a ordenação da vida material. "Não era à contemplação (passiva) da ordem divina, mas aos impulsos frenéticos que precediam e preparavam a união íntima com o deus, ao abandono total a seu todo poder e à prostração da razão diante desse poder, que o dionisismo pedia o caminho da salvação." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 423)

Os fiéis do deus são chamados de *bacchoï* (bacantes) na Grécia e de *bhaktas* (participantes) na Índia. Para eles, é na embriaguez do amor e do êxtase que reside a verdadeira sabedoria, que se torna possível a comunhão com a natureza e os deuses, enquanto os cálculos e as frustrações que impõem as religiões da cidade isolam o mundo dos homens do resto da criação. Para Eurípides, a mensagem de Dioniso é um chamado à alegria na comunhão com a natureza e a simplicidade do coração. Aqueles que pretendem afirmar a superioridade da razão e se recusam a escutar esse chamado serão confundidos. O deus inspira-lhes a loucura pela qual eles próprios se destroem.

Ao longo da história, as sociedades urbanas e industriais, exploradoras e destruidoras do mundo natural, opuseram-se a qualquer aproximação ecológica ou mística, à libertação do homem, à sua felicidade. As guerras, os genocídios, as destruições de civilizações inteiras sempre tiveram por base as religiões da cidade. Abel "cuidava do gado", mas Caim, que "cultivava a terra", tornou-se um "construtor de cidades" (Gen. 4, 7, 17). "O primeiro assassinato é cometido, portanto, por aquele que encarna de certo modo o símbolo da tecnologia e da civilização urbana." (Mircéa Eliade, *Histoire des croyances e des idée religieuses*, pp. 180-181)

Todas as vezes que o culto de Shiva ou de Dioniso reapareceu, ele foi banido da cidade que só admite os cultos que dão uma importância desmedida ao homem, que permitem e escusam suas depredações e condenam as formas de êxtase que possibilitam um contato direto com o mundo misterioso dos espíritos.

Durante toda a história da Índia, encontramos diatribes contra as diversas seitas shivaístas, suas práticas, seus sacrifícios sangrentos, seus ritos. Essas diatribes lembram as descrições malévolas e pérfidas que Tito Lívio fez dos ritos dionisíacos para justificar as perseguições de seus adeptos. Também a Grécia conheceu as perseguições políticas aos bacantes. Quer se trate do bramanismo, da religião oficial grega ou romana, do zoroastrismo, do budismo, do cristianismo, do islamismo, sempre encontramos a mesma oposição aos remanescentes da antiga religião fundada no amor à natureza, na busca extática; as mesmas perseguições ao shivaísmo, ao dionisismo, ao sufismo, às seitas místicas. Uma das armas das religiões urbanas é a tirania moral, baseada em dogmas que lhes permitem disciplinar o homem, opor-se à sua realização. O puritanismo é totalmente desconhecido no mundo primitivo ou natural. O cristianismo em suas formas tardias — que é preciso distinguir do ensinamento do Cristo — representa um desvio característico do conceito religioso que já não considera o conjunto da obra do Criador, mas apenas a doutrinação do homem com objetivos de poder. A expansão colonial do mundo cristão é um exemplo evidente disso. "A religião cristã impõe, especialmente às coisas da carne, um código moral de extremo rigor. Condena o amor em si, o orgulho da vida. Vai, portanto, de encontro aos instintos mais poderosos do animal humano... Essa religião, ao introduzir para as faltas morais a noção teológica de pecado, isto é, de ofensa direta a Deus, faz pesar sobre toda a existência a carga insuportável de uma culpabilidade, a espera de um julgamento e de um castigo eternos, que correm o risco de entravar toda ação e extinguir toda alegria. Não há nada semelhante nas religiões antigas." (A. J. Festugière, *Études de religion grecque e hellénistique*, p. 240) A perseguição à sexualidade, elemento essencial da felicidade, é uma técnica característica de todas as tiranias patriarcal, política ou religiosa.

A Índia, onde o shivaísmo permaneceu como um componente essencial da vida religiosa, foi parcialmente preservada do fetichismo moral que prevaleceu no Ocidente. Não atribuiu nenhum valor absoluto, nenhum caráter categórico a normas de comportamento. Na prática atual do shivaísmo indiano, encontramos um número muito grande de elementos que permanecem idênticos àqueles que os textos mais antigos mencionam, sejam hindus ou gregos. O shivaísmo e seus métodos, a ioga e o tantrismo constituem uma aproximação do mundo natural e sobrenatural profundamente realista que tende, de maneira periódica, a restabelecer sua influência quando os homens começam a compreender que foram desviados do respeito às leis naturais pelas religiões urbanas e buscam retornar a práticas e ritos mais conformes à razão de ser da criação.

A profunda influência do shivaísmo sobre o conjunto do pensamento indiano, na atitude dos hindus em relação aos animais, aos homens e aos deuses, salvaguardou em grande parte, na Índia, o respeito

pela obra do Criador e um espírito de tolerância fundamental que só muito raramente subsistiu em outros lugares. Após os ataques que lhe foram dirigidos pelo vedismo e pelo budismo, e depois pelo puritanismo islâmico e cristão, o shivaísmo tende a encerrar-se num certo esoterismo. Não é muito fácil abordá-lo. As classes modernizadas da Índia fingem ignorá-lo, mas isso não afeta sua vitalidade profunda. O shivaísmo continua sendo essencialmente a religião do povo, mas também a dos maiores graus da iniciação no mundo hindu. Não há, de fato, outra verdadeira iniciação senão a shivaísta. Todos os cultos de mistérios são de caráter shivaísta ou dionisíaco.

A herança do shivaísmo é a base da experiência espiritual dos hindus, se bem que com freqüência sob uma forma desnaturada e tornada insípida pelo puritanismo e "avareza sexual", que são enfermidades endêmicas do bramanismo védico, assim como de todas as religiões que se tornaram religiões de Estado. Certas correntes dionisíacas sobreviveram no Islã. Pelo contrário, no mundo cristão, as perseguições contínuas aos poucos quase apagaram a tradição. Voltaremos a esse assunto mais adiante. O poder temporal, a riqueza, a hierarquia autoritária da Igreja são incompatíveis com a liberdade necessária a toda pesquisa, quer se trate de experiência mística ou de descoberta científica. A Igreja procurou eliminar tanto os místicos quanto os cientistas. Seus sacramentos são apenas ritos sociais, e não mais a transmissão de poderes sagrados. Sua moral reduz-se a uma perseguição do sexual que faz daqueles que suportam sua tirania seres frustrados, agressivos e perigosos.

Elementos de história

A Índia, graças a seu sistema social, permitiu às diversas raças humanas coexistirem e subsistirem em seu território, sem se destruírem ou se misturarem, mantendo, em larga escala, suas instituições e suas culturas. É por essa razão que encontramos na Índia grupos humanos, sociedades, religiões, atualmente minoritários, que em outros lugares foram destruídos ou assimilados por grupos mais poderosos. Encontramos aí, sob uma forma viva, os ritos, os símbolos, as crenças de religiões, cuja existência, em outros lugares, só conhecemos através de vestígios arqueológicos e alusões literárias. Na Índia, podemos reviver e compreender, às vezes de maneira quase integral, os ritos e as crenças que pertenceram ao mundo mediterrâneo e ao Oriente Médio na Antigüidade. Além de suas características físicas, é possível reconhecer os grupos étnicos da Índia também por sua família lingüística, sendo que os principais correspondem aproximadamente às três grandes épocas do desenvolvimento das civilizações: paleolítica, neolítica e moderna. Essas famílias lingüísticas estão representadas na Índia pelas línguas *munda*, dravídicas e arianas. As línguas sinomongólicas representam apenas um papel periférico.

Esses grupos humanos e os elementos étnicos, lingüísticos, religiosos, sociais que lhes são característicos representam, de fato, etapas de uma evolução particular da espécie humana, as quais não são necessariamente sinônimo de progresso. Encontramos traços deles por toda parte, às vezes apenas no que chamamos de vestígios pré-históricos. As grandes famílias raciais e lingüísticas da Índia podem, portanto, ser uma chave para a compreensão das culturas desaparecidas em outros lugares.

O sistema tão depreciado de castas permitiu a sobrevivência dos povos mais diversos, dos menos agressivos, dos menos dotados para a civilização industrial. Nas sociedades ditas democráticas, os mais fracos são infalivelmente despojados, destruídos, culturalmente aniquilados. Presenciamos hoje o genocídio dos pigmeus, dos aborígenes da Austrália. Em alguns séculos, os povos da América perderam sua cultura, sua religião, muitas vezes sua língua e até a lembrança de sua história.

As tragédias da história são as invasões devastadoras, as revoluções culturais, apoiando-se sempre em novos cultos. O comunismo é, nesse sentido, um culto, assim como o cristianismo ou o islamismo. Os grupos humanos mais bárbaros e menos evoluídos massacram, em nome de ideologias freqüentemente rudimentares, os detentores do saber, queimam as bibliotecas, destroem os monumentos. Nada resta da prodigiosa cidade do México que os primeiros conquistadores espanhóis descreveram como a mais bela do mundo. Quer se trate de invasores externos ou de revoluções internas, os resultados são os mesmos. Muitas vezes são necessários séculos para que sejam recuperados alguns restos da herança perdida.

OS PROTO-AUSTRALÓIDES

Os proto-australóides, denominados na Índia *adivâsi* (primeiros ocupantes), falam línguas *munda* ou *môn-khmer*. Formam um dos grandes grupos raciais e lingüísticos ao lado dos dravidianos e dos arianos. São, segundo S.S. Sarkar (*Aboriginal Races of India*), "a raça mais arcaica que tenha sobrevivido". Apresentam afinidades com o homem de Neandertal (segundo Huxley, Sollas, Von Luschon, Howells), raça mais antiga que os negróides. É a esse grupo que pertencem os vedas do Ceilão e os khonds da Índia central, os khasis do Assam, os shom pen do grande Nicobar. Fora da Índia, pode-se notar, no mesmo grupo antropológico, os sakai da Malásia, os moi da Indochina, os orang batan, lubu e ulu da Sumatra, os tula da Celebes, certas populaçõe do sul da Arábia e do Dhofar, os aborígenes da Austrália. Sua relação com os pigmeus e os boshimans parece ser provável. É possível que tenham sido os mais antigos habitantes da Europa, assim como da Índia e da África. Esqueletos desse tipo

também foram encontrados nas tumbas egípcias pré-dinásticas, como em Mohenjo-Dâro, no atual Paquistão.

"As tribos de caçadores, cujos últimos sobreviventes são os boshimans e os pigmeus, povoaram outrora toda a África. A arte do Cáspio, difundida em torno do Mediterrâneo durante o paleolítico tardio, apresenta afinidades com a arte boshiman... Os boshimans representam um grupo humano que vivia em torno do Oceano Índico e é mais antigo que os povos maiores e mais escuros de pele que mais tarde se espalharam por toda a África, com exceção do extremo sul." (Cottie Burland, "Africa, South of the Sahara", em *Primitive Erotic Art*, p. 198)

Foi essa raça de homens pequenos e gráceis que também povoou a Europa no começo do neolítico e aos poucos foi eliminada pelos homens mais robustos de tipo Cro-magnon.

OS DRAVIDIANOS

Um povo novo, de pele morena e cabelos lisos, que fala uma língua aglutinante, aparece na Índia, entre os povos *munda*, durante o neolítico. Esse povo e sua religião, o shivaísmo, iriam representar um papel fundamental na história da humanidade. A origem desse povo, que denominamos dravidiano (do prakrit *damila*: tâmul), é obscura. Segundo a tradição, teria vindo de um continente, tragado pelo mar, situado ao sudoeste da Índia. Esse mito faz pensar no mito de Atlântida. Não é impossível que outras ramificações do mesmo povo tenham chegado à África e ao Mediterrâneo; daí a dificuldade em atribuir, com certeza, um lugar de origem à revelação shivaísta ou dionisíaca.

"O povo que criou e desenvolveu a primeira civilização greco-oriental, cujo principal centro foi a ilha de Minos, apesar de suas relações com a Mesopotâmia e o Egito, parece não ter sido nem 'grego', nem semítico, nem indo-europeu... É possível supor... uma disseminação do povo em questão através de toda a Grécia... há na língua grega um substrato de palavras de origem estrangeira... que devem ter sobrevivido através dos tempos, apesar da ocupação do país por diversos invasores... Discute-se ainda sobre a origem, se anatoliana, se pelasga, e assim proto-indo-européia... A língua formada desse modo foi falada na Egéia, em toda a Grécia e no sudoeste da Anatólia." (Charles Picard, *Les religions préhelléniques*, pp. 53-54)

A língua e a cultura dravidianas, que ainda hoje são as das populações do sul da Índia, parecem ter estendido sua influência, da Índia ao Mediterrâneo, antes das invasões arianas. Foi essa civilização, cujos vestígios lingüísticos, tais como o georgiano, o basco, o peul, o guancho, os dialetos do Beluchistão, ainda existem nas regiões periféricas, que serviu como veículo ao antigo shivaísmo. Parece que o sumério, o pelasgo, o etrusco, o lídio, assim como o eteocretense, pertenceram à mesma

família lingüística. As relações do sumério, do georgiano e do tâmil não deixam nenhuma dúvida. Por outro lado, a língua basca (eskuara) e o georgiano têm a mesma estrutura e, ainda hoje, possuem mais de trezentas e sessenta palavras em comum. As danças e os cantos bascos são, aliás, aparentados com os dos iberos do Cáucaso. Heródoto (*Histórias*, I, 57) fala da língua bárbara que era utilizada pelos pelasgos que, em sua época, teriam vivido no sul da Itália e no Helesponto. Ele acreditava que a linguagem pelásgica estivesse estreitamente ligada ao etrusco e ao lídio. São Paulo, que naufragou em Malta em 69 d.C., menciona a língua "bárbara" (não-ariana) que ainda era falada ali. "O lugar de origem dos pelasgos situava-se além do mar Negro. Teriam vindo a Creta por volta do começo do segundo milênio a.C. O nome do lugar onde residiam, Larisa, comprova-o." (R.F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 133)

Segundo Jacques Heurgon (*La vie quotidienne chez les étrusques*, pp. 14-15): "Os etruscos não seriam recém-chegados na Itália, mas os primeiros ocupantes de uma terra, cuja soberania as invasões indo-européias haviam arrebatado, sem eliminá-los completamente... Eram descendentes irredutíveis da idade do bronze... As relações entre o etrusco e o caucásio, o lício, a fala de Lemnos [indicam a existência] de uma língua etrusca asiânica, usada antes na Itália, na península balcânica, no mar Egeu e na Ásia Menor [e repelida] pela pressão lingüística dos invasores."

"A língua eteocretense falada pelos habitantes de Praisos, em Creta, até o século III a.C., era, portanto, um vestígio da língua original falada na Grécia, em Creta e nas ilhas, assim como no sudoeste da Ásia Menor antes dos gregos. Inscrições de Praisos em caracteres gregos ainda não foram decifradas." (R.F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 136) Aparentemente essa era uma língua dravidiana. Ao que parece, os lingüistas modernos não pensaram em utilizar as línguas aglutinantes dravidianas, ainda vivas no sul da Índia, como base de suas pesquisas sobre as linguagens antigas do mundo mediterrânico.

O mito da origem ariana das civilizações, que René Guénon denominava "a ilusão clássica", está longe de ser esquecido. As línguas dravidianas têm uma origem comum com as línguas fino-ugrianas (baltofinês, húngaro, volgáico, uraliano, samoiedo) e altaicas (turco, mongol, esquimó), mas parece que a divisão dessa grande família lingüística e do grupo drávido-mediterrânico, durante o paleolítico, é muito anterior à formulação do shivaísmo tal como o conhecemos.

No Oriente Médio e em todo o mundo mediterrânico, estamos, na realidade, em presença de uma importante civilização de origem asiática ou pelo menos ligada lingüisticamente à Ásia antes das invasões arianas. Por outro lado, os monumentos megalíticos, os mitos e as tradições religiosas comuns à Índia e ao Mediterrâneo indicam que essa civilização era provavelmente o veículo do shivaísmo.

Desde o quarto milênio, "o mito de Anat pode ser classificado entre os elementos comuns da velha civilização agrícola que se estendia do Mediterrâneo oriental até a planície gangética". (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 169)

Após o último período glacial, as grandes migrações culturais, que vão da Índia a Portugal, começaram, num clima finalmente mais ameno, durante o quinto milênio, mas é apenas a partir do terceiro milênio que encontramos os vestígios, a nível de civilização avançada, de culturas que levam a marca inegável do pensamento, dos mitos, dos símbolos shivaístas e que são todas aproximadamente contemporâneas, quer se trate das cidades do Indo, da Suméria, de Creta ou de Malta. À mesma cultura pertencem os santuários megalíticos que se encontram por toda parte, da Índia ao Extremo Ocidente, mas, às vezes, são os únicos vestígios que sobreviveram dessa prestigiosa civilização, como é o caso em Armórica e nas Ilhas Britânicas. O fato de que os principais vestígios arqueológicos sejam contemporâneos, mas a níveis técnicos aparentemente diferentes, não exclui a presença de uma civilização elevada. Sua preservação depende unicamente do emprego de certos materiais e de condições climáticas ou, às vezes, da destruição total de certos sítios pelos invasores ou pelas catástrofes naturais, tais como as explosões de Santorim ou do Vesúvio.

A CIVILIZAÇÃO DO INDO

No continente indiano, os centros de cultura dravidiana pré-ariana, que deixaram vestígios arqueológicos importantes, encontram-se principalmente no vale do Indo, no atual Paquistão, em particular em Mohenjo-Dâro e Harappa. O fato de tais cidades importantes estarem situadas numa região que se tornou relativamente desértica preservou-lhes certos elementos. Essa civilização cobria, na verdade, uma grande parte da Índia, como também estendia-se em direção ao Ocidente.

"Os contatos [das cidades do Indo] com as antigas civilizações proto-históricas ou históricas da Mesopotâmia, da Anatólia, do Egito e do mar Egeu são importantes... Há provas de contatos com Sargon d'Akkad (cerca de 2370-2284 a.C.), depois com o rei Ur-Nammu (cerca de 2100 a.C.), mas Mohenjo-Dâro existia bem antes. Objetos provenientes de Mohenjo-Dâro foram encontrados em Tel Asmar e em Tróia (cerca de 2300 a.C.), assim como numa tumba real de Ur. Bronzes do Luristão e armas mesopotâmicas encontram-se em Mohenjo-Dâro... Colares de esteatita pintada idênticos acham-se em Harappa e em Cnossos... Sinetes provenientes do Indo encontram-se em Ur, no baixo Eufrates e em Kish, Susa, Lagash, Umma e Tel Asmar... Um grande número de sinetes de esteatita com inscrições em caracteres do Indo encontram-se em Barhein (Dilmum), mas também em Ur (cerca de

2350 a.C.) e Lagash (período de Larsa).” (Mortimer Wheeler, *The Indus Civilisations*, pp. 111-115)

As cidades do Indo estabeleceram-se a partir de 3800 a.C. e duraram até sua destruição pelos invasores arianos, no século XVIII a.C. A principal religião da civilização do Indo era, sem nenhuma dúvida, o shivaísmo. Os sinetes representam Shiva itifálico e cornudo, sentado em postura de ioga, ou então dançando triunfalmente como Natarâja. Encontram-se igualmente vários símbolos shivaístas, tais como falos de pedra, suásticas, imagens do touro, da serpente, da deusa das Montanhas.

“O culto de Shiva e do *Linga* (falo) foi uma herança deixada pelos harappianos [do Indo] entre os hindus, reforçada pela importância do touro... e também, num menor grau, do tigre, do elefante... e do Minotauro, assim como de animais com rosto humano.” (Wheeler, *ibid.*, p. 109)

Devido à importância dos contatos, não há nada de surpreendente no fato de reencontrarmos a mesma religião e os mesmos símbolos da Índia no Mediterrâneo. Os problemas colocados pelas invasões arianas serão os mesmos, e as sobrevivências da antiga religião e seu reaparecimento periódico serão semelhantes na Índia, no Oriente Médio e no Ocidente.

OS ARIANOS (INDO-EUROPEUS)

A migração dos povos nômades arianos — erroneamente chamados indo-europeus — que deixaram as regiões que atualmente compõem a União Soviética, por razões provavelmente climáticas, e invadiram, em levas sucessivas, a Índia, o Oriente Médio e a Europa, iria representar um papel considerável na história da humanidade.

“O aparecimento dos indo-europeus na história é marcado por espantosas destruições. Entre 2300 e 1900 a.C., na Grécia, na Ásia Menor, na Mesopotâmia, várias cidades são pilhadas e incendiadas; assim ocorreu com Tróia, por volta de 2300 a.C., Beycesultão, Tarsus e aproximadamente trezentas cidades e aglomerações em Anatólia... A dispersão dos povos indo-europeus havia começado alguns séculos antes e iria se prolongar durante dois milênios... Os dórios, que vieram da Tessália, espalharam-se no sul da Grécia por volta do fim do segundo milênio a.C. Em 1200, aproximadamente, os arianos tinham penetrado na planície indo-gangética, os iranianos estavam solidamente instalados, a Grécia e as ilhas estavam indo-europeizadas... Esse processo só parou no século XIX. Não se conhece um outro exemplo semelhante de expansão lingüística e cultural.” (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 199)

As tribos arianas ocuparam o Latium por volta de 1000 e fundaram Roma em 753. Foram um dos principais instrumentos dessa expansão

lingüística. A colonização ariana, sob a forma do hindi na Índia, e do francês, do inglês, do português, do espanhol no resto do mundo, continua ainda hoje, particularmente nos continentes africano e americano. Não hesitamos em falar de África francófona ou anglófona e de América latina, como se se tratasse de um evidente benefício.

Os textos védicos evocam os combates contra os *dâsa* ou *dasya* e os *pani*, que são os continuadores ou os sobreviventes da civilização do Indo e rejeitam o culto védico. São descritos como tendo a pele escura e nariz pequeno. Falam uma língua bárbara e veneram o falo (*Shishna-deva*). Possuem grandes rebanhos e residem em cidades fortificadas (*pur*). Segundo as genealogias dos puranas, estimou-se que a guerra do *Maabárata*, que finalizou a conquista ariana da Índia, teria acontecido por volta de 1400 a.C., no Madhyadesha, perto de Delhi. Outras fontes hindus parecem indicar uma data mais antiga.

As religiões primordiais

AS QUATRO RELIGIÕES

Ignoramos quase tudo sobre o pensamento religioso e filosófico da humanidade desde o aparecimento do homem, há cerca de dois milhões de anos. Desde o início do período, muito recente, que podemos considerar como histórico, encontramos por toda parte civilizações profundamente evoluídas, línguas que, qualquer que seja o nível de vida material, primitiva ou refinada, são todas igualmente adaptadas para a expressão das mais abstratas noções e testemunham uma evolução muito longa do pensamento.

Na Índia, quatro religiões principais correspondem às diversas abordagens do problema do sobrenatural que se encontraram e se opuseram no curso de uma história muito longa. Elas representam as aquisições do pensamento religioso da humanidade desde a mais remota pré-história. Todas as religiões ulteriores são apenas adaptações de elementos provenientes dessa prodigiosa herança. Por mais que se diga o contrário, jamais se encontram elementos realmente novos. As quatro religiões da Índia antiga correspondem a quatro concepções distintas do mundo e dos deuses, cuja disseminação, que em muito ultrapassou as fronteiras da Índia, parece ter tido um caráter universal. A primeira dessas concepções é a que podemos denominar animista.

Na ordem natural do mundo, os seres vivos percebem aquilo de que têm necessidade para assegurar sua sobrevivência. Mas, ao lado dos mecanismos perceptivos de ordem prática, todos os seres têm consciência de que existe um limite dos sentidos. Sentem de modo mais ou menos confuso a presença de "alguma outra coisa", de forças mais sutis com as quais procuram eventualmente comunicar-se. Chamam a

essas forças, que eles respeitam e veneram, de espíritos ou deuses. O homem, que encontra seu lugar na natureza, toma consciência dos espíritos, dos aspectos do divino que residem nas montanhas, fontes, rios, florestas. "Para todo povo que vive em harmonia, em consenso com as forças que o cercam... muitos animais são sagrados, ou melhor, *tudo* é sagrado: o céu, a terra, a água, o fogo, o ar... Toda a vida do homem 'primitivo' é uma sucessão de operações mágicas que visam a criar um 'laço afetivo' entre ele e o mundo que o cerca, a 'ligar', 'enfeitiçar', 'conjurar' as forças da natureza." (Paolo Santarcangeli, *Le livre des labyrinthes*, p. 108)

Os animais são conscientes das presenças invisíveis, pressentem a cólera dos deuses que se manifesta nas chamadas catástrofes naturais. O silêncio repentino e absoluto da floresta, nos momentos que precedem um tremor de terra, é um fenômeno revelador. Os animais, ditos selvagens, nunca matam por prazer. Sempre evitam perturbar a ordem da natureza. O homem animista comporta-se da mesma forma e adquire, assim, percepções sutis. Desculpa-se junto ao espírito da árvore, cujo ramo deve cortar. Procura conciliar-se com as divinidades protetoras do mundo. Sua vida é um perpétuo ritual. Esse respeito pelo espírito que reside em todas as coisas, em todos os seres, é a base de toda moral, de toda religião, e permite chegar a um nível de conhecimentos intuitivos que o espírito lógico nunca pode alcançar.

Na Índia, as concepções animistas perpetuaram-se nas tribos "primitivas". O animismo opõe-se à apropriação da terra, à propriedade, à agricultura que destrói a ordem natural e sujeita a natureza ao homem. É contrário ao desenvolvimento de civilizações urbanas e industriais. Essas concepções parecem constituir a abordagem mais fundamental do problema religioso. A atitude animista não é, no entanto, uma atitude sentimental ou "naturalista". A caça é a base da sobrevivência e a crueldade dos deuses e dos espíritos exige sacrifícios. É nesse clima que se desenvolve o culto do Murugan ou Kumâra (o rapaz), que corresponde ao Kouros (o rapaz) cretense. É um deus criança ou adolescente, deus da Beleza e da Guerra, ávido do sangue dos animais que lhe são sacrificados. De fato, seu culto tem origem entre os *adivasi* (os primeiros habitantes), cujas tribos, ainda existentes, falam línguas *munda*. Os símbolos associados a esse culto são o venábulo, o galo e o carneiro. As lendas *munda*, que Rudyard Kipling transcreveu em seus *Jungle Books*, fornecem-nos um esboço do clima poético do animismo indiano.

Foi no neolítico e no começo da baixa idade do bronze que se cristalizou, entre os invasores dravidianos, o culto de Pashupati, o senhor dos animais, e de Pârvatî, a Dama das montanhas. Trata-se de um grande movimento filosófico e religioso que, sob o nome de shivaísmo, vai se sobrepor ao animismo e será a fonte principal de que vão se servir as religiões posteriores. O senhor dos animais e a Dama das montanhas, que encontramos em Creta com os nomes de Zagreu e

Cibele, serão encontrados em todas as civilizações lingüística ou culturalmente aparentadas ao mundo dravidiano.

As características dessa religião são o culto do falo, do touro, da serpente, e, acessoriamente, do tigre e do leão, montarias da deusa. Por volta do fim do sexto milênio a.C., o shivaísmo histórico teria sido codificado, a partir de uma fusão das religiões de Pashupati e de Murugan, e destinado a responder às necessidades religiosas do mundo até o fim do ciclo. Murugan torna-se filho de Shiva. É chamado de Kumâra (o rapaz) ou Skanda (o jato de esperma). Os dois cultos serão bastante misturados em suas formas ulteriores. Murugan, nascido num pântano de caniços e alimentado pelas ninfas, é denominado, em outros lugares, Dioniso. Pashupati corresponde ao deus cretense, marido da senhora das montanhas. É denominado Zan, depois Zagreu, e, em seguida, o Zeus cretense (Kretagenes). Sua lenda, como também é o caso da lenda de Shiva e de Skanda, confunde-se aos poucos com a de Dioniso.

Uma outra religião, que também é muito antiga, é o jainismo, religião puritana que acredita na transmigração, no desenvolvimento do ser humano através de múltiplas existências, sob formas humanas ou animais. Sem ser exatamente ateu, o jainismo não considera a possibilidade de contatos entre o homem e o sobrenatural. O homem nunca poderá saber com certeza se existe ou não um princípio criador, um deus ou uma causa primeira. Portanto, não deve se preocupar com isso. Essa religião, mais moralista que ritual, exige a proteção da vida, o mais estrito vegetarismo e a nudez total de seus adeptos. O budismo original é uma adaptação dessa religião.

Mahâvira, o último profeta jainista, foi contemporâneo e rival de Gautama Buda. Os jainistas, como os budistas, enviaram missionários por toda parte. A influência desses ascetas nus será importante na Grécia. Ela pode ser percebida em certas escolas filosóficas e também no orfismo. O hinduísmo ulterior tomou do jainismo a teoria da transmigração e do vegetarismo, os quais não existiam, originariamente, nem no shivaísmo nem no vedismo.

Com as invasões arianas, impõe-se, na Índia e em todo o mundo ocidental, a grande religião dos povos nômades da Ásia central, religião cujos deuses são fenômenos naturais e virtudes humanas personificadas. Indra é o deus do Raio; Vayu, o deus do Vento; Surya, o deus do Sol; Varuna, o deus das Águas; Agni, o deus do Fogo; Dyaus, o deus do Espaço. Por outro lado, Mitra representa a Solidariedade; Aryaman, a Honra; Bhaga, a Partilha dos bens. Rudra é o Destruidor, o Tempo, princípio da morte. Mais tarde, ele será identificado com Shiva. Embora a religião ariana procure tornar favoráveis as forças naturais, através de sacrifícios, ela não é uma religião da natureza. É uma religião cujo centro é o homem, que busca somente o apoio dos deuses a fim de garantir sua segurança e seu domínio.

A partir do segundo milênio, o shivaísmo é gradualmente absorvido pela religião védica ariana. Isso resulta, por um lado, no hinduísmo ulterior, por outro, na religião miceniana e grega. No entanto, o shivaísmo resiste a essa fusão e reaparece periodicamente sob sua forma antiga na Índia, no dionisismo helênico e, mais tarde, em várias seitas místicas ou esotéricas até os tempos modernos.

O orfismo nasceu a partir da influência — muito importante no mundo antigo — do jainismo sobre o shivaísmo-dionisismo. O mitraísmo, ao contrário, é uma tentativa, numa comunidade de soldados, de reencontrar alguns aspectos rituais e iniciáticos do shivaísmo original.

Essas quatro grandes correntes do pensamento religioso, difundidas no mundo inteiro, integraram divindades, lendas e cultos locais, como mais tarde o fará o cristianismo. São a base de quase todas as formas religiosas existentes, inclusive das religiões semíticas, judaísmo, cristianismo e islamismo, originárias do antigo politeísmo hebreu. A grande civilização semítica do Egito absorveu muitos elementos shivaístas, em particular o culto de Osíris, mas soube evitar o perigo do monoteísmo, apesar da tentativa de Akhenaton no século XIV. Mais tarde, o monoteísmo irá isolar as religiões semíticas do pensamento cosmológico e religioso antigo.

Não nos estenderemos aqui sobre as religiões do Extremo Oriente, embora a influência shivaísta seja evidente no taoísmo, e o racionalismo jainista tenha influenciado o confucionismo. Mais tarde, por intermédio do budismo, a influência jainista, assim como a do shivaísmo, irão se fazer sentir novamente na China, no Sudeste Asiático, no Tibet, através do tantrismo do Mahâyâna, que, de certo modo, é uma resultante das duas religiões. Os textos tântricos indianos mencionam — aliás, com freqüência — os "ritos chineses" (Cinâchara).

A MITOLOGIA

Quer se trate de heróis, de encarnações divinas ou de deuses, toda mitologia é fundada na personificação de certos princípios cosmológicos ou virtudes particulares. "Ao mesmo tempo que os deuses, eu direi o nascimento dos elementos que eles personificam", disse Hesíodo. O que importa na mitologia é o princípio representado e não as lendas de que o cercam para fazer com que se compreenda melhor o que ele simboliza. O fato de que essas lendas sejam múltiplas, diferentes de uma região para outra, de um poeta visionário para um outro, não tem a mínima importância. Não se deve esquecer que elas existem apenas para tornar mais acessíveis noções abstratas, realidades universais.

A bruxa continua sendo a bruxa mesmo se inventarmos novos contos de fadas. Atribuem-se a todos os heróis grandes feitos que ultrapassam a realidade e destacam as virtudes, os ensinamentos que eles

personificam. O fato de que se atribuam a Jesus de Nazaré os milagres, as lendas de Dioniso ou de Krishna não diminui em nada sua mensagem, mas faz compreender melhor sua natureza divina. Querer ver aí fatos estritamente históricos é negar seu valor de símbolo eterno, sua divindade.

As lendas de que se cerca nas diversas civilizações um aspecto particular do divino variam apenas quanto à forma, quanto aos nomes atribuídos aos·heróis e aos deuses. São histórias maravilhosas que ilustram concepções filosóficas ou cosmológicas universais, incorporando-as num panteão local a fim de torná-las mais acessíveis, mas, às vezes, também para dissimular o seu sentido aos não-iniciados que tomam essas lendas ao pé da letra. Encontramos por toda parte esse mesmo procedimento, quer se trate dos mitos de Dioniso, de Baco, de Zagreu ou do Minotauro, do Osíris egípcio ou do Liber romano, mas também lendas adaptadas para incorporar Shiva e seu culto entre os deuses védicos ou no budismo tibetano. Do mesmo modo, os santos irão substituir os deuses no mundo cristão. A vida de Buda aparece na vida dos santos sob o nome de São Josafá.

Estamos tão habituados a associar a idéia de civilização a um certo desenvolvimento tecnológico, que perdemos de vista o nível dos conhecimentos humanos e da cultura nas épocas que denominamos pré-históricas. Alguns acidentes arqueológicos, apenas, revelam-nos formas de arte e de cultura extremamente evoluídas no período neolítico ou mesmo paleolítico. Imaginamos que, durante esses períodos, a Terra fosse povoada por selvagens barbudos empunhando maças.

É evidente que alguns artistas convidados a decorar os santuários subterrâneos de Lascaux ou de Altamira, entre o décimo quinto e o sexto milênios a.C., possuíam uma técnica excelente, uma habilidade magistral. Não viviam sob a terra e deviam, portanto, estar habituados a decorar habitações relativamente luxuosas. Conhecemos formas de arte semelhantes ainda hoje nas aldeias indianas construídas com taipa e madeira, as quais não deixam nenhum vestígio quando destruídas.

As primeiras dinastias egípcias datam do fim do quarto milênio. Na mesma época, os sumérios, que falavam uma língua aglutinante (dravidiana), chegaram, vindos do Indo, a uma Mesopotâmia já muito civilizada. Mais de um milênio depois, os construtores de monumentos megalíticos iriam levar para o norte da Europa uma civilização aparentada.

A partir do começo do quarto milênio, encontramos por toda parte — tanto onde sobreviveram vestígios urbanos, quanto onde subsistem apenas gravuras rupestres — a marca do shivaísmo, o culto do touro, da serpente, do falo, o símbolo real dos cornos, as posturas de Ioga, as câmaras funerárias.

É verdade que, para explicar os símbolos e os ritos antigos, muitas vezes só temos em mãos tentativas feitas muito mais tarde para recupe-

rar conhecimentos quase perdidos em razão de cataclismos, invasões bárbaras ou mudanças de religião. Isto vale, entre outros, para os gregos em relação aos minoenses, ou para os celtas em relação à civilização megalítica. Percebe-se, nas entrelinhas de *A teogonia*, de Hesíodo — o texto grego mais antigo sobre a mitologia —, a lembrança de um modelo mais claro e menos superficial, cujo sentido profundo Hesíodo nem sempre compreende.

A primeira grande época da arte minoense em Creta data de cerca de 2600 a.C. Cnossos e Festo foram destruídas, pela primeira vez, por uma catástrofe repentina, provavelmente a erupção do vulcão de Santorim, por volta de 1700 a.C. Os primeiros aqueus parecem ter surgido por volta de 1600 a.C. Seu comportamento teria sido relativamente pacífico. Trouxeram para o Peloponeso, como "presa de guerra", a religião minoense, que foi a base da cultura dita miceniana. Os aqueus instalaram-se aos poucos em Creta e teriam destruído Cnossos uma primeira vez em aproximadamente 1400. A destruição final pelos dóricos aconteceu em 1100. Em Malta, os templos monumentais de Ggantija foram construídos entre 2800 e 2400. O culto do touro, do falo e da deusa aparecem ali. A população de tipo dolicocéfalo mediterrânico foi totalmente destruída em 2400, e, após um período de vazio, foi substituída por uma população de cabeça redonda (branquicéfala) que criou a civilização do tarxiano, próximo da miceniana e que também foi destruída por volta de 2000. Tal foi a destruição que não restou nenhum sobrevivente.

"O desaparecimento da civilização minoense, isto é, da mais antiga civilização que já floresceu na Europa, é um dos dramas mais impressionantes que nos oferece a história da Europa, apesar de particularmente dramática... Até o desenvolvimento da nova civilização grega, o continente caiu numa vida agrícola sem história." (Paolo Santarcangeli, *Le livre des labyrinthes*, pp. 96 e 187) "Os vencedores aqueus não eram capazes de fazer seus, como também não eram capazes de promover, os esforços artísticos e de organização daqueles a quem tinham vencido e submetido... Os minoenses, depois do dois milênios em que formaram a primeira civilização ocidental, desapareceram da cena da história européia." (Gaetano De Sanctis, *Storia dei Greci*, p. 138)

Devemos pensar que a distância que separa o fim da civilização minoense original da Grécia de Péricles é a mesma que nos separa do Império Romano. Logo, é normal que apenas tradições populares tenham podido se transmitir através dos conquistadores ainda bárbaros no que concerne aos fundamentos iogues e filosóficos dos ritos e símbolos. A seriedade com a qual os modernos encaram os relatos mitológicos parece, às vezes, muito cômica. Imaginam que os povos antigos considerassem como reais os relatos simbólicos, quando os bardos dos *kîrtanas* hindus ainda hoje inventam todos os dias novos episódios da lenda dos deuses. Os cristãos consideram como atualidades históricas os rela-

tos simbólicos da Bíblia e do Evangelho, e vão procurar no cume do monte Ararat os restos da arca de Noé, embora o mito do dilúvio seja universal, conhecido tanto pelos hindus e pelos babilônios como pelos povos americanos, e que cada tradição faça encalhar a arca sobre uma montanha diferente.

As interpretações dos modernos, embora demonstrem uma erudição considerável e uma certa intuição, freqüentemente baseiam-se num desconhecimento do nível intelectual e dos conhecimentos do homem em épocas relativamente afastadas. Não saímos, nesse aspecto, por completo do dogma da criação do mundo em 4963 a.C., o que foi tido como artigo de fé por alguns teólogos cristãos ainda no início deste século.

ORIGENS DO SHIVAÍSMO

Segundo fontes indianas, confirmadas por vários elementos arqueológicos, foi durante o quarto milênio a.C. — época que corresponde aproximadamente ao começo do período a que chamamos neolítico — que teria sido revelado ou codificado o shivaísmo, a grande religião surgida das concepções animistas e da longa experiência religiosa do homem pré-histórico, sobre a qual, aliás, possuímos apenas alguns raros indícios arqueológicos e alusões de sábios míticos. A partir dessa época, apareceram na Índia e na Europa os símbolos e os ritos shivaístas: o culto do touro, do falo, do carneiro, da serpente, da Dama das montanhas, assim como a dança extática, a cruz gamada, o labirinto, os sacrifícios, etc. É difícil, portanto, determinar os lugares onde o shivaísmo nasceu. Suas origens remontam a tão longe na história do homem, os monumentos megalíticos e as representações simbólicas que evocam sua presença são tão propagados, as tradições, as lendas, os ritos, as festas que dele provêm encontram-se em tantas regiões, que o shivaísmo aparece por toda parte como uma das fontes principais das religiões ulteriores. Nada prova que a Índia atual tenha sido seu lugar de origem, pois vemos seus ritos e símbolos surgirem quase de maneira simultânea em diversas partes do mundo. No entanto, foi apenas na Índia que a tradição shivaísta e os ritos que denominamos dionisíacos se mantiveram sem interrupção da pré-história até nossos dias. Os textos gregos falam da missão de Dioniso na Índia, os textos indianos da disseminação do shivaísmo em direção ao Ocidente. Segundo Diodoro, o epitáfio de Osíris (que é identificado com Dioniso) mencionava as expedições de Osíris até a Índia e os países do Norte. As inumeráveis semelhanças nos relatos mitológicos e nos remanescentes iconográficos não deixam nenhuma dúvida sobre a unidade original do shivaísmo e a extensão de sua influência.

Um grande movimento cultural, que ia da Índia até Portugal, aconteceu durante o quarto milênio a.C. Esse movimento está aparentemente ligado à difusão do shivaísmo. É caracterizado por uma arte naturalista que dá grande importância aos animais. Sobre essa época dispomos somente de vagas alusões lendárias e os acasos das descobertas de sítios "pré-históricos" fornecem alguns pontos de referência. Trata-se, com efeito, de uma época da civilização da madeira e parece quase cômico chamar tal época de "idade da pedra". Ainda existe em nossa época, na Índia e no sudeste da Ásia, civilizações da madeira e sabemos que, qualquer que seja seu refinamento, elas praticamente não deixam vestígio. O conjunto dos símbolos associados ao culto de Shiva — o falo ereto, o deus cornudo, o touro, a serpente, o carneiro, a Dama das montanhas — encontra-se nesse complexo cultural e agrícola que se propagou a partir de 6000 a.C. em direção ao Oeste na Europa e na África e, a Leste, em direção ao sul da Ásia. "O jovem deus nu itifálico, sentado num trono, está presente em todas as fases da antiga Europa, de Proto-Sesklo e Starcevo (sexto milênio) a Dimini e o período Vinca. Ele usa uma máscara com cornos. Também é representado de pé, segurando o sexo com as duas mãos... A principal epifania do deus macho parece, contudo, ter sido sob a forma do touro, às vezes um touro com rosto humano ou um homem com cabeça de touro." (Valcamonica Symposium, *Les religions de la préhistoire*, p. 135) Durante o período Vinca, na Romênia (do sétimo ao quinto milênio), as pesquisas arqueológicas puseram em evidência o culto do touro, o touro com rosto humano, o deus itifálico e cornudo, o culto do falo, o falo com um rosto. Os mortos são enterrados em posição de ioga, como é o caso em Lepenski Vir, perto das Portas de Ferro do Danúbio.

Encontramos as primeiras imagens claramente shivaístas na Anatólia, em Çatak Höyük, por volta de 6000 a.C. Os cultos de Osíris, do touro, do carneiro, surgem a partir da aurora da civilização egípcia. Encontramos no Egito a fusão dos cultos de Osíris-touro e de Osíris-carneiro, originalmente separados, como é o caso quanto à fusão dos cultos de Shiva-touro e de Skanda-carneiro. Existe uma imagem colossal do deus itifálico Min, proveniente do Egito pré-dinástico, e que data de meados do quinto milênio a.C. Foi a época da chegada das populações minoenses a Creta (c. 4500 a.C.), assim como a Anatólia, Malta, Santorim. Noções como as do *Yin* e do *Yang* — transcrição chinesa das palavras *Yoni* (vulva) e *Linga* (falo) —, que representam os princípios fêmea e macho estreitamente enlaçados, não poderiam ser diferenciadas do *Linga* encerrado na *arghia* (receptáculo) do culto shivaísta e indicam a influência do simbolismo shivaísta também nas fontes do pensamento chinês.

Imagens do deus-touro ou do deus cornudo, senhor dos animais, semelhantes às de Mohenjo-Dâro, encontram-se nas tradições pré-céltica e minoense. No sudeste da Ásia (Camboja, Java, Báli), o shivaísmo

está ligado às próprias fontes da civilização. Ainda é, em Báli, o aspecto essencial da religião. Os templos de Angkor, como os antigos templos de Java, são em sua maioria shivaístas.

Durante o quarto milênio, desenvolve-se a civilização shivaísta do Indo. Os sumérios, que vêm possivelmente do Indo, chegam pelo mar à Mesopotâmia. A religião que praticam irá se propagar no Oriente Médio, em Creta, na Grécia continental. Do início do terceiro milênio até as invasões arianas, irão se desenvolver de forma paralela as três grandes civilizações irmãs de Mohenjo-Dâro, Suméria e Cnossos, com prolongamentos sobre todo o continente europeu por um lado e, por outro, na Índia central e oriental e no sudeste da Ásia.

O fim do terceiro milênio aparece como uma data importante. De fato, por volta de 3000 a.C. aconteceu o dilúvio (histórico) que dividiu as dinastias sumérias em pré-diluvianas e pós-diluvianas. Segundo a cronologia hindu, também é nessa época que tem início o Kali Yuga, a Idade dos Conflitos, ou a Idade Moderna.

Na mesma época, um novo povo de raça atlanto-mediterrânica surge em Malta, em seguida em Armórica, vindo do Mediterrâneo, sem dúvida pela Península Ibérica. "Ele introduz uma nova religião e novos costumes funerários. Pertence à civilização megalítica: durante dois mil anos, os monumentos cobrirão o solo da península. O túmulo de Saint-Michel em Carnac foi construído por volta de 3000. Os alinhamentos datam de 2000. Os construtores de monumentos megalíticos... com certeza tinham mantido contato com a Ibéria e, mais longe, com Creta ou com o Oriente Médio de suas origens..., ou, então, não ignoravam sua existência... nem os ritos que os adoradores do touro ali praticavam." (Gwenc'hlan Le Scouësec, *Guide de la Bretagne mystérieuse*, pp. 72 e 99) "O palácio [de Cnossos], templo do touro solar, tem uma ligação de parentesco sutil, mas estreito, com os círculos de pedra que constelam nossos campos." (R.A. Macalister, *Ireland in Preceltic Times*) "As estátuas-menires do Alto-Adige e da Ligúria... [assim como] Stonehenge e outros monumentos megalíticos... parecem derivar de um protótipo que surge em Micenas por volta dos séculos XVI-XIV a.C." (Paolo Santarcangeli, *Le livre des labyrinthes*, p. 139) Os desenhos de labirinto de Valcamonica datam de 1800 a 1300 a.C. Os de Malta são vários séculos mais antigos.

O NASCIMENTO DE DIONISO

O começo da civilização minoense parece remontar a meados do quinto milênio e é, portanto, contemporâneo do Egito pré-dinástico. Contudo, o grande período minoense, revelado por um prodigioso desenvolvimento artístico — que não corresponde necessariamente a um avanço no plano intelectual e religioso —, estende-se de 2800 a 1800.

Os templos monumentais de Malta foram construídos entre 2800 e 2000. Essa civilização mediterrânica é, portanto, contemporânea à civilização suméria pós-diluviana e também ao grande período de Mohenjo-Dâro e das cidades do Indo, com as quais apresenta evidentes parentescos. Seja qual for a importância dos documentos arqueológicos mais antigos que emergem aqui e ali no mundo mediterrânico, na Anatólia, no Oriente Médio, assim como referências literárias sumérias ou babilônicas, foi apenas com a civilização minoense e sua herança grega que os ritos e os mitos shivaístas, em sua versão dionisíaca, entraram de fato naquilo que podemos saber da história religiosa do mundo ocidental.

A civilização cretense tinha se desenvolvido graças a uma contribuição considerável das civilizações asiáticas. "A Creta neolítica pode ser considerada como uma projeção insular de uma província anatoliana." (Evans, *The Palace of Minos*, cap. I, p. 14) Manterá relações constantes com o Egito, a Grécia e o Oriente Médio durante toda a sua história. "Foram arquitetos e pintores qualificados vindos da Ásia (eventualmente de Alalakh) os convidados a construir e decorar o palácio dos soberanos cretenses... Os métodos de construção e as técnicas de afresco empregados em Cnossos são os mesmos que tinham sido utilizados no palácio de Yarim-Lim (na costa síria), três séculos mais antigo." (R.F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, pp. 17 e 27)

Segundo Homero (*Odisséia*, XIX, 178), Minos teria governado Creta e as ilhas do mar Egeu três gerações antes da guerra de Tróia, que aconteceu durante o século XIII a.C. Refere-se, portanto, à segunda civilização cretense influenciada pelos aqueus. Como nas civilizações mesopotâmicas, encontramos na Creta minoense muitos elementos característicos do shivaísmo: o jovem deus, a deusa das Montanhas, o touro e o Minotauro, a serpente, os cornos, o leão, o bode, a árvore sagrada e o pilar fálico, o sacrifício do touro e a dança extática dos coribantes e dos curetos que, sob todos os aspectos, são idênticos aos ganas, os jovens companheiros de Shiva e seus fiéis. Os símbolos da suástica, do duplo machado e do labirinto provêm, como veremos mais adiante, de dados indianos ligados às experiências da ioga e do culto da Terra. Encontramos os mesmos símbolos em Malta, onde sobreviveram importantes vestígios monumentais.

Os minoenses buscavam a harmonia do homem com a natureza. Suas pinturas mostram-nos uma vida calma e atraente, numa paisagem feérica e encantada que lembra o paraíso terrestre de Shiva-Pashupati, o senhor dos animais. Não sabemos qual era o nome dado ao deus na época do primeiro rei Minos, provavelmente Zan, que foi helenizado em Zagreu e mais tarde identificado com Zeus. O nome Zeus é indo-europeu. "Os aqueus, que foram a Creta, deram o nome do seu deus do céu a uma divindade minoense... Zagreu é um nome oriental que vem da Feníncia e que talvez tenha relação com o monte Zagrom, entre a Assíria e a Média... Esse Zeus, que se tornou o deus do monte Ida,

venerado pelos curetos, é o antigo deus cretense, tão idêntico a Dioniso, aliás, que para o místico iniciado parece normal ser intitulado Baco. Esse deus, que morre e nasce novamente, proporciona uma vida nova ao fiel que penetra em seus mistérios, terminando com a refeição de carne crua do animal que é o próprio deus manifestado, o touro, cujo sangue purifica seu santuário." (R.F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, pp. 200, 203, 240) Eurípides menciona Zagreu em *Os cretenses*: "Fiz ressoar o trovão de Zagreu que erra na noite. Terminei a refeição de carne crua e agitei as tochas em honra à Mãe das montanhas. Santificado, recebi o nome de Baco entre os curetos. Vestido de branco, mantenho-me afastado do nascimento dos homens e de seus túmulos, e evito alimentar-me de seres vivos."

Os mitos relacionados ao jovem deus e à deusa cretense são semelhantes aos de Shiva e Pârvatî. Encontramos a sua repercussão nos mitos de Ishtar e Tammuz, Ísis e Osíris, Vênus e Adônis. Réia, a deusa das Montanhas, é a Pârvatî (a da montanha) indiana. Os nomes de Diktyna e de Ártemis evocam a noção de uma Mãe-montanha. O nome Diktyna tem sua origem no monte Diktê. Pârvatî é a filha de Himâvat (o Himalaia).

DIONISO NO MUNDO ARIANIZADO

Os inimigos que incendiaram os principais centros da civilização minoense por volta de aproximadamente 1400 podem ser identificados com os aqueus homéricos que destruíram igualmente Ugarit e Tróia no século XIII. Durante o segundo período minoense, que foi influenciado pelos aqueus, o deus cretense ganhou o nome de Dioniso (deus de Nisa). As idéias religiosas que ele representa eram atribuídas antes a Zagreu, chamado também de Zeus cretense (Kretagenes). "Uma renovação dos cultos órficos no século VI a.C. levou ao reforço dos cultos de mistérios indígenas sob um novo nome... Isso é confirmado por Eurípides e Fimicus, que se referem a esse antigo Dioniso cretense, que não é outro senão Zeus-Zagreu, e cujos seguidores místicos comungavam com o deus, comendo a carne crua do touro." (R.F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 5) A irradiação da religião cretense foi considerável, assim como sua influência no pensamento e religião gregos. Diodoro diz que, segundo os cretenses, "os deuses partiam de Creta para a maioria das regiões do mundo habitado... A deusa Deméter chegou assim à Ática, depois à Sicília e ao Egito". As tabuinhas de argila micênicas de Pylos (cerca de 1500) já mencionavam o nome de Dioniso ao lado dos deuses arianos.

Na *Biblioteca*, um resumo das fábulas da mitologia atribuído a Apolodoro, este destaca as afinidades do culto de Dioniso com outros cultos de mistérios e com a sabedoria dos povos antigos. Insiste também nas

lendas que relatam a *mania* (a loucura extática) e esclarece a maneira como o deus castiga aqueles que lhe resistem.

O reaparecimento do shivaísmo ou do dionisismo representa a volta a uma religião arcaica e fundamental, que ficou subjacente apesar das invasões e perseguições. O antigo deus de Creta, da Anatólia, da Suméria e da Grécia continental pré-helênica, só parecia estranho aos invasores aqueus e dóricos que o faziam vir da Ásia pela Trácia e pretendiam que seu culto tivesse sido introduzido na Grécia por seus missionários e devotos. "O culto de Dioniso tinha se aclimatado tanto mais facilmente... na medida em que Dioniso pudera ser, com muita facilidade, assimilado a divindades indígenas e que os ritos do deus grego ofereciam vários pontos de contato com as práticas da antiga religião trácia, inclusive o orgiasmo feminino." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 77 e 431) Na verdade, o dionisismo era apenas o antigo shivaísmo do mundo indo-mediterrânico que aos poucos retomava seu lugar no mundo arianizado. Esse culto, que subverteu e renovou a experiência religiosa dos gregos, tinha, na terra helênica, as mais profundas raízes.

O mesmo processo de assimilação havia ocorrido na Índia. O shivaísmo tinha se integrado aos poucos ao bramanismo védico e o transformara profundamente. Segundo Sarvapalli Radhakrishnan: "A religião védica absorveu, incorporou e preservou os ritos dos outros cultos. Em vez de destruí-los, adaptou-os a suas próprias necessidades. Ela absorveu a tal ponto as instituições dravidianas e dos outros povos da Índia, que é muito difícil separar os elementos arianos originais dos outros." (S. Radhakrishnan, *History of Indian Philosophy*, p. 54) Nos inúmeros relatos lendários refletidos nos Puranas, de uma parte, e nos relatos dionisíacos e órficos, de outra, Shiva-Dioniso aparece como um dos deuses do panteão ariano, no qual lhe é reservado um lugar muitas vezes predominante. Dioniso é evocado nos hinos homéricos. "É de Dioniso, filho da muito gloriosa Sêmela (a Terra), que vou falar, e direi como apareceu na orla do mar incansável, sobre um promontório avançado, com traços de um jovem em sua primeira adolescência." (*Hymne à Dionysos*, I, 1-4) "Sou o ruidoso Dioniso, cuja mãe que o pariu foi Sêmela, a cadméia, após ter-se unido em amor com Zeus." (*Hymne à Dionysos*, I, 55)

Eurípides admitia a universalidade da religião de Dioniso que o próprio deus, escoltado por suas mênades, teria propagado em todo o Oriente antes de voltar a implantá-la no lugar de seu nascimento. Os gregos explicavam as semelhanças dos cultos de Shiva e Dioniso como resultantes de uma expedição de Dioniso à Índia. A viagem ou missão ao Oriente, a fim de propagar seu culto, transformara-se numa conquista da fabulosa Índia por Dioniso e seu exército de mênades e sátiros. Essa expedição durara dois anos e o deus voltara pela Beócia no terceiro ano. Celebrara sua vitória montado num elefante da Índia. Segundo Diodoro, em memória a essa expedição à Índia, os beócios,

os outros gregos e os trácios instituíram sacrifícios trienais em honra a Dioniso. Os antigos hebreus tinham sido fortemente influenciados pelo mundo dravidiano e shivaísta. Abraão vinha do Ur sumério e, apesar de Moisés, os hebreus até David participavam de ritos extáticos. No Egito, os mitos e as lendas sobre Osíris estão ligados aos mitos shivaístas. Osíris representa os poderes de geração e de crescimento. É também o deus das árvores e das plantas. Heródoto e Diodoro identificam Osíris com Dioniso. Osíris teria originalmente vindo da Índia montado num touro. Colocou em seu exército os sátiros (os ganas indianos) como dançarinos e cantores, treinados para todo tipo de divertimento. Mais tarde, voltou à Índia onde fundou várias cidades. As relações diretas entre o Egito e a Índia são extremamente antigas e independentes das da Índia com a Suméria, Anatólia e Creta. As trocas comerciais muito importantes passavam de preferência pelo Oceano Índico e Mar Vermelho. Quando se deu o desenvolvimento da civilização cretense, os paralelos entre os cultos de Osíris e de Dioniso tornaram-se evidentes. As primeiras representações de personagens cretenses na pintura egípcia encontram-se nos túmulos de Sonmut e Useramom, em Tebas, entre 1490 e 1480.

A unidade das concepções shivaístas e dionisíacas era reconhecida no mundo helênico como uma situação de fato. "Dioniso já era considerado pelos antigos como um deus análogo a Shiva num dos aspectos principais que o trantrismo da Mão esquerda põe em relevo." (Julius Evola, *Le yoga tantrique*, nota, p. 15) Megasteno, um grego que viveu na Índia no século IV a.C., identifica Dioniso a Shiva, cujo culto era, segundo ele, particularmente difundido nas montanhas onde se cultivava a vinha. Destaca a semelhança das expedições do rei (Chandragupta) com as procissões de Dioniso. Quando os soldados de Alexandre dirigiram-se ao santuário shivaísta de Nisa (perto da moderna Peshawar, ao norte do Paquistão atual) para abraçar seus irmãos em Dioniso, não concebiam que pudesse se tratar de uma outra divindade, de outro culto.

"Segundo o mito cretense, Lampros, esposo de Galatéia, cujos filhos eram bissexuais, era ele mesmo filho de Pandion, descendente das dinastias do Sol e da Lua. O festival ático do Pandia era celebrado com a lua cheia. O festival, cujo nome advinha de Pandion, epônimo da tribo de Pandionis, era em honra a Zeus." (R.F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 178)

Deve-se observar que Pandia é o nome de uma dinastia dravidiana oriunda da Lua que, desde tempos imemoriais, reinou na Índia e que também é mencionada no grande poema épico tâmul, o *Shilappadikaram*. Os pandavas, filhos de Pandu (o branco), eram membros da dinastia que se opôs aos arianos na guerra do *Maabárata*.

Por volta de 700 a.C., os celtas chegaram ao Ocidente. Como aconteceu com os gregos ou com os indianos védicos, foi através deles que

nos chegaram os restos da grande civilização megalítica que os havia precedido. Um deus itifálico, que data do século VIII ou VII a.C., está representado sobre um rochedo em Skäne, na Suécia. Há algumas séries de figuras fálicas em madeira, na Dinamarca, que remontam à idade do bronze ou ao início da idade do ferro. Encontramos "*Ana mater deorum Hibernensium*" do *Sanas Cormaic* irlandês. Ana, a Grande Deusa, mãe dos deuses da Irlanda, que irá se tornar Santa Ana, e também os ganas ou coribantes que são "os corriganos, facetos..., capazes de uma grande gentileza e de terríveis vinganças... Sua origem remonta, sem dúvida, às crenças do povo dos dólmens e talvez mais além... Tarw, o touro sagrado, é claramente ligado aos megalíticos e seu culto remonta à pré-história... É incontestável a existência de sacrifícios humanos entre os celtas. César... acusa os druídas de métodos particularmente cruéis". (Gwenc'hlan Le Scouëzec, *La Bretagne mystérieuse*, pp. 74-78)

"Há dois gêneros distintos de divindades célticas reconhecíveis na iconografia e descritos na literatura... O primeiro é um dos deuses célticos mais fundamentais que tem antepassados na Europa, cujas origens remontam às rochas esculpidas da Suécia e da Espanha e, mais além, a um passado indefinido. É o deus fálico e cornudo das tribos célticas, agressivo e fértil, com seus chifres de touro ou de carneiro. Às vezes, não é fálico, mas possui chifres de veado... Também existe uma representação do deus associado a seu papel de pastor. Está nu, fortemente itifálico, mas sem chifres... É sob tal forma que está representado em Maryport (Alauna romana), em Brough by Sands e em outros lugares. Uma das primeiras representações do deus cornudo dos celtas encontra-se no antigo santuário de Valcamonica, no norte da Itália, no qual os povos nômades da Europa exprimiram suas concepções religiosas nas muralhas rochosas desse lugar sagrado. Os desenhos célticos datam da época da conquista da Etrúria pelos celtas... Segundo uma inscrição, o deus é chamado de Cernunnos, 'o Cornudo'. Esse não era, necessariamente, o seu nome em todo o mundo céltico, pois os celtas tinham muitos nomes e poucos deuses. O Grande Deus porta em seu braço direito, recolhido, o colar sagrado, o *torc*, ornamento dos deuses e dos heróis; em seu braço esquerdo, recolhido, vêem-se traços da serpente cornuda, animal sempre ligado a seu culto... Seu adorador é fortemente itifálico." (Anne Ross, em *Primitive Erotic Art*, p. 84) Na Índia, Shiva também é chamado de Shringin, o Cornudo. Traz uma serpente como colar.

Os romanos identificam o deus céltico a Apolo. Stonehenge, na época com mais de dois mil anos, ainda era um lugar de culto por ocasião da conquista romana (57 a.C.). Diodoro de Sicília, citando Hecateu, diz, sobre a ilha de Bretanha, que "os habitantes honram Apolo mais que em qualquer outra parte... Um recinto sagrado lhe é dedicado na ilha, assim como um magnífico templo circular ornado de ricas oferendas".

Encontramos, às vezes, ornamentados com um rosto ou envoltos por uma serpente, os falos de pedra erguidos na Inglaterra, Suécia, Itália, Bretanha, Córsega, Grécia, Arábia, Índia, como também o culto do touro e seu sacrifício, o da serpente e suas lendas, os carnavais ou festas lúbricas da primavera, as danças de êxtase, os lugares sagrados que levam o nome mais ou menos deformado de Nisa. Encontramos as lendas ligadas ao culto do Skanda-menino, o *bambino*, nascido num pântano de caniços e alimentado pelas sete Plêiades tornadas estrelas. Muitos são os relatos que evocam a mensagem universal do deus que nasce numa caverna. Perto dele encontra-se o boi ou o touro, o animal sagrado, mas ele é também associado ao asno, o animal impuro, que será seu veículo por ocasião de suas festas. É o deus da vida que morre e ressuscita, que une os mistérios inseparáveis da procriação e da morte.

Todos os movimentos religiosos inspiraram-se na mensagem shivaísta, mesmo se procuraram negar ou desnaturar sua herança. O motivo de conhecermos tão mal a filosofia shivaísta deve-se principalmente ao fato de nos recusarmos a reconhecer sua primazia, a ver seus mitos e ritos transparecerem naqueles das religiões ulteriores.

Textos e documentos

Nenhum texto indiano do período pré-ariano parece ter sobrevivido em sua forma original, com exceção de algumas inscrições encontradas em Mohenjo-Dâro que ainda não puderam ser decifradas. Entretanto, os arianos logo foram influenciados pela filosofia, práticas e ritos do shivaísmo. Os antigos sábios dravidianos foram aceitos ao lado dos sábios védicos e, aos poucos, muitos textos foram traduzidos ou adaptados para o sânscrito, a grande língua literária derivada do védico. Processo semelhante ao que ocorreu com o etrusco em relação ao latim.

O quarto Veda, o *Atharva-Veda*, baseia-se quase exclusivamente nas tradições pré-arianas relativas aos ritos, às fórmulas mágicas e às cerimônias. Foi reunido aos três Vedas originais: o *Rig*, o *Yajur* e o *Sama*. "O Atharva-Veda representa a verdadeira religião do povo." (P. Banerjee) Os ensinamentos que contém são atribuídos ao sábio não-ariano Angirasa. Também são atribuídos a ele cinqüenta e um dos tratados filosóficos, os Upanishads shivaístas tais como: a *Shvetashvatara-Upanishad*, a *Mundaka-Upanishad*, etc. Entre os rituais brâmanes, ligados ao *Atharva-Veda*, o mais importante é o *Gopata Brâmane* (o caminho do touro). Alguns poemas em tâmul arcaico, os poemas do "clube dos poetas", o *sangham*, seriam, segundo a tradição, pré-arianos.

O *Atharva-Veda* representa a parte da antiga religião adotada pelos arianos e corresponde, portanto, à religião miceniana, isto é, ao que os aqueus tinham tomado da religião minoense. No entanto, os principais textos que representam os ritos, os mitos e as práticas autênticas

do shivaísmo pré-ariano encontram-se em obras de um outro gênero, que são chamadas de Puranas (livros históricos), Agamas (tradições) e Tantras (ritos iniciatórios e mágicos). É preciso acrescentar o antigo Sânkhya (Cosmologia) e os textos relativos à ioga, técnica cuja origem é shivaísta e pré-ariana.

A questão da data desses textos não tem nenhuma significação. A redação em língua sânscrita dos conhecimentos tradicionais, tais como os encontramos hoje, depende da época em que foram mais ou menos incorporados ao hinduísmo oficial e não tem, portanto, nada a ver com o conteúdo. Não consideramos como data da obra de Homero sua primeira tradução francesa. Uma parte muito importante dos ritos e das concepções do shivaísmo ainda não é aceita pelos brâmanes, mantendo seu caráter esotérico. Ela é conservada pela tradição oral ou sob a forma de manuscritos cuja divulgação, em princípio, é proibida.

A tradição oral continua sendo um elemento essencial da transmissão dos ritos e dos aspectos mais abstratos do conhecimento. Os textos escritos são, em princípio, apenas esquemas que necessitam de um comentário que, em geral, é de tradição oral. No século VIII, época de grande renovação shivaísta, Shankarâchârya publicou seus importantes comentários sobre os Upanixades e o *Tirumurai*, o cânone shivaísta, foi compilado em onze livros, em tâmul. Às vezes, é através dos oponentes do shivaísmo que nos chegam algumas informações sobre os períodos mais antigos, como é o caso dos ritos dionisíacos e, mais tarde, dos seus remanescentes no mundo cristão.

Há aproximadamente um século, foram publicados comentários muito importantes sobre a doutrina e os ritos shivaístas nas diversas línguas indianas, abrindo para um público mais amplo um ensinamento até então reservado aos iniciados. Não é possível realmente interpretar os textos e conhecer a prática dos ritos sem a ajuda desses documentos.

OS PURANAS

Os Puranas (as Antigas Crônicas) são longos textos, semelhantes à Bíblia, nos quais foram transcritas e resumidas tradições orais que remontam a um período longínquo como, por exemplo, a história do dilúvio, a domesticação do fogo, as migrações dos povos.

Esses textos contêm elementos históricos e geográficos, genealogias que vão, às vezes, até o sexto milênio a.C., relatos mitológicos, ensinamentos rituais ou técnicos (medicina, arquitetura, pintura, música, dança, etc.), ensinamentos filosóficos, códigos sociais e morais. Formam verdadeiras enciclopédias.

Quando, numa época relativamente tardia, o shivaísmo e os cultos autóctones foram incorporados ao vedismo, formando o hinduísmo atual, os Puranas foram adaptados e traduzidos para o sânscrito de

línguas não-arianas, muito provavelmente dravidianas. Há trinta e seis Puranas, sendo que alguns deles constituem obras enormes. Seis dos principais Puranas são essencialmente shivaístas. São eles: o *Shiva Purâna*, o *Linga Purâna*, o *Skanda Purâna*, o *Matsya Purâna*, o *Kurma Purâna* e o *Brahmanda Purâna*. No entanto, importantes elementos relativos à tradição shivaísta encontram-se nos outros Puranas, particularmente no *Agni Purâna* e no *Vâyu Purâna*. Os Puranas mais importantes estão divididos em "livros" denominados *samhitâs*. Se acrescentamos aos Puranas o grande poema épico do *Maabárata*, que provém das mesmas fontes, temos nesses textos, apesar das adições múltiplas e das referências obrigatórias aos Vedas e aos deuses arianos, um material considerável e informações muito importantes sobre o shivaísmo pré-ariano.

O *Râmâyana* é diferente, pois é uma obra literária escrita como *As bacantes* de Eurípides, ou os *Dionisíacos* de Nonos. Contém poucas informações sobre a civilização e as crenças antigas, embora se refira a acontecimentos muito antigos. Vemos, por exemplo, que a confluência do Ganges e do Jumna se dá na floresta, enquanto no *Maabárata* ela ocorre numa grande cidade.

AGAMAS E TANTRAS

Os Agamas (tradições), que explicam as regras de conduta das seitas shivaístas e se referem a tradições existentes desde tempos imemoriais, são tidos, senão em sua forma, em seu conteúdo, como mais antigos que os Vedas. São, do ponto de vista shivaísta, textos revelados, enquanto os Vedas seriam apenas escritos de origem humana. Existem vinte e oito Agamas shivaístas principais e mais de duzentos Agamas secundários. Esses trabalhos nunca foram realmente integrados aos textos sagrados do hinduísmo arianizado. Por serem considerados textos para iniciados, eles nunca foram amplamente divulgados. Muitos ainda não foram publicados e são mantidos secretos. De qualquer maneira, sua transmissão oral é a única considerada válida. A escrita é, em muitos casos, proibida ou, pelo menos, tida como perigosa, uma vez que certos ensinamentos só devem ser transmitidos àqueles que são dignos deles. A escrita não serve à transmissão de fórmulas mágicas. Era esse, no Ocidente, o ponto de vista dos druídas e ainda é o caso, em todas as religiões, das fórmulas rituais e mágicas, inclusive das palavras ditas na consagração da missa.

"Porém, durante o longo período em que o shivaísmo esteve banido, os Agamas tiveram de ser transcritos, a fim de que os shivaístas pudessem ter textos próprios que fossem tão sagrados quanto os Vedas dos ortodoxos, e pudessem ter regras de conduta bem estabelecidas relativas à sua religião." (C. V. Narayana Ayyar, *Shaivism in South India*,

p. 71) Os ritos ensinados pelos Agamas compreendem gestos (*mudras*), diagramas simbólicos (*yantras*) e outras práticas que não existem no ritual védico.

Os Tantras são obras de caráter esotérico análogas aos Agamas. Referem-se a todos os aspectos do ritual, particularmente àqueles que concernem ao culto da deusa. Por outro lado, tratam também da ioga, da cosmologia, da alquimia, das regras de conduta, da magia e dos sacrifícios. Os Tantras condensam, com fins de realizações erótico-mágica e espiritual, a experiência multimilenar da Índia shivaísta no que concerne à natureza do cosmos e suas relações com as estruturas sutis do ser humano. Os Tantras representam um método baseado, de um lado, nos princípios do sânkhya (cosmologia), ou ciência do macrocosmo, e, de outro, na ioga, ciência do ser humano ou do microcosmo, que são as ciências básicas da tradição shivaísta. O Tantra, ciência dos ritos e dos poderes mágicos, define as possibilidades de realização fundadas nas relações do macrocosmo com o microcosmo, a resultante do sânkhya e da ioga.

Cada Tantra divide-se, em princípio, em quatro partes: a doutrina, a ioga, o ritual e as regras de vida. Sem os Tantras e os Agamas, é impossível compreender o simbolismo dos ritos, da arquitetura sagrada e da iconografia. Isso é verdade não apenas em relação ao templo hindu, como também no que refere a toda a arquitetura religiosa que em todos os lugares observa as mesmas regras de orientação, quer se trate dos monumentos megalíticos, dos templos do Egito e da Grécia ou das catedrais da Idade Média.

TEXTOS GREGOS E LATINOS

Não possuímos textos que expliquem os ritos e o cerimonial dos mistérios dionisíacos no mundo greco-etrusco-romano, apenas alusões que, no entanto, podem ser muitas vezes esclarecidas com a ajuda dos textos indianos. Encontramos referências aos ritos dionisíacos em Homero, Platão, Eurípides, Ésquilo, Nonos e Apolodoro. Existem, por outro lado, vários estudos modernos sobre a religião grega e cretense, baseados em grande parte nos monumentos, nas representações gráficas, nos vasos e nas pinturas.

Além dessas alusões, o relato de Tito Lívio é praticamente o único documento literário que a Antigüidade nos deixou sobre os mistérios dionisíacos. Contudo, a atitude hostil de Tito Lívio torna suas descrições muito suspeitas, na medida em que tinham por objetivo desacreditá-los. Sua asserção de que esses ritos foram introduzidos na Etrúria por um *Graecus ignobilis* no século II é evidentemente falaciosa.

Encontramos os crimes imputados às seitas dionisíacas atribuídos mais tarde aos primeiros cristãos, tais como o incesto, o assassínio dos recém-nascidos, a fim de comer-lhes a carne e beber-lhes o sangue,

etc. O mesmo acontecerá nos processos dos hereges da Idade Média. As sociedades iniciatórias são sempre apresentadas por seus perseguidores como sabás de bruxos, porém, se lermos nas entrelinhas, obteremos algumas informações. Ao estudarmos os ritos shivaístas, os únicos que se mantiveram até nossos dias, poderemos reconstituir as práticas reais dos ritos e dos "mistérios dionisíacos".

DOCUMENTOS ARQUEOLÓGICOS

Além dos textos, vários documentos arqueológicos, símbolos, imagens dos deuses, representações de cerimônias permitem-nos reconstituir os ritos e as crenças a que fazem alusão. Tendo em vista essas reconstituições, a vasta literatura indiana, que descreve minuciosamente os ritos, fornece-nos preciosos elementos que explicam a abundante produção de imagens cretense, grega e romana.

Quando examinamos vestígios considerados "pré-históricos", é importante lembrarmos que pertencem a épocas de civilização da madeira e não podem, de nenhum modo, ser considerados como representantes do nível cultural ou artístico de uma época. Provavelmente, são o trabalho de pastores ou de camponeses e se parecem, muitas vezes, com as inscrições nas paredes das prisões modernas. Os desenhos de Valcamonica, da época romana ou medieval, são tão primitivos quanto os do neolítico.

Os mais antigos monumentos de pedra reproduzem arquiteturas de madeira freqüentemente muito elaboradas. Não se pode, portanto, julgar, em nenhum caso, o nível cultural dos povos mais antigos ou mais recentes, a partir dos raros vestígios que sobreviveram. Stonehenge e Carnac são contemporâneos da época mais refinada da pintura cretense, do fim do Médio Império egípcio e dos santuários de Malta. As condições climáticas apagaram as estruturas frágeis das cidades de madeira e de taipa. Todavia, uma vez que os símbolos religiosos são os mesmos, parece absurdo imaginar que os contatos não tenham existido e que se tratasse, para o continente europeu, de civilizações primitivas. Na verdade os primitivos aparecerão mais tarde. Serão os bárbaros que destruirão as antigas civilizações. Foram necessárias catástrofes assombrosas como a de Santorim, de Creta ou de Mohenjo-Dâro, para que fossem preservados até hoje alguns vestígios das civilizações dessa época.

2

Aspectos e lendas do deus

O SACRIFÍCIO DE DAKSHA

Qualquer que tenha sido originalmente o caráter do vedismo, uma vez estabelecida a religião ariana na Índia, como também no Irã e na Grécia, tornou-se a religião de uma classe dirigente, citadina, guerreira e burguesa, que reduzia à escravidão as antigas populações e desprezava seus deuses, seus ritos e seus costumes.

O sacrifício de Daksha evoca o conflito da religião da cidade, representada pelo bramanismo e pelos ritos arianos, com o antigo shivaísmo, religião do povo e da natureza.

Daksha, soberano e sábio védico, organiza um grande sacrifício em honra a todos os deuses, mas exclui Shiva, considerado uma divindade não-védica e impura, embora lhe tenha outrora concedido, por razões políticas, a mão de sua filha, Sati (Fidelidade), união que simboliza a aceitação contestada do antigo deus dravidiano entre os deuses arianos.

Segundo a versão do *Bhâgavata Purâna* (IV, caps. 2-7), Daksha diz: "A contragosto, instigado por Brama, concedi minha filha a esse impuro, destruidor dos ritos e das barreiras sociais, que ensina os textos sagrados aos homens malnascidos, aos *shudras*. Como um demente, ele erra nos cemitérios horríveis, cercado por fantasmas e espíritos malignos. Nu, com os cabelos revoltos, ele ri, chora, cobre-se de cinzas e porta como único ornamento um colar de crânios e de ossada humanos. Diz ser 'de bom augúrio' (*shiva*), na verdade, é 'de mau augúrio' (*ashiva*). É louco, adorado pelos loucos, reina sobre os espíritos das trevas. Possa esse pretenso soberano, o último dos deuses, jamais receber uma parte das oferendas dos sacrifícios."

Mas, segundo o *Shiva Purâna (Rudra Samhitâ, Sati khanda*, cap. I, 22-23), Daksha é, por sua vez, maldito por Nandi (Alegre), o touro que é o companheiro e a personificação de Shiva no reino animal.

"Esse ignorante mortal odeia o único deus que não lhe é recíproco no ódio e recusa-se a reconhecer a verdade. Ocupa-se somente de sua vida doméstica, com todos os compromissos que ela implica. Para satisfazer os seus interesses, pratica intermináveis ritos com uma mentalidade aviltada pelas prescrições védicas. Esquece a natureza da alma, pois dedica-se a coisas bem diferentes. O brutal Daksha, que só pensa em suas mulheres, doravante terá a cabeça de um bode. Que esse ser estúpido, cheio da vaidade extraída de seu saber, assim como todos aqueles que, com ele, se opõem ao Grande Arqueiro Shiva, continuem a viver em seu ignorante ritualismo."

"Que esses inimigos de 'Aquele que acalma a dor', cujo espírito está perturbado pelo odor dos sacrifícios e pelas palavras floridas dos Vedas, continuem a viver em suas ilusões. Possam todos esses sacerdotes que só pensam em comer, que só se importam com o saber por interesse, que só praticam as austeridades e as cerimônias para obter sua subsistência, que só procuram a riqueza e as honras, acabar como mendigos."

O sábio védico Bhrigu, que presidia o sacrifício, replica: "Todos aqueles que praticam os ritos de Shiva e o seguem não passam de hereges que se opõem à verdadeira fé. Renunciaram à pureza ritual. Vivem no erro. Têm os cabelos emaranhados, colares de ossos e se revestem de cinza. Praticam os ritos de iniciação de Shiva, em que os licores tóxicos são considerados bebidas sagradas. Por desprezarem os Vedas e os brâmanes, sustentáculos da ordem social, são hereges. Os Vedas são o único caminho da virtude. Que sigam, então, seu deus, o rei dos espíritos malignos."

O rei-sacerdote, o orgulhoso Daksha, que convidara Vishnu e os outros deuses para participarem dos ritos do sacrifício, não convidou nem Shiva, nem sua própria filha Sati. Embora não tivesse sido chamada por seu pai, Sati compareceu à sua morada. Ao ver que não havia ali oferendas reservadas a seu esposo, e insultada pelo pai, ela se matou.

"Shiva, em sua aflição, criou um gênio terrificante chamado Virabhadra que, à frente dos companheiros de Shiva, os ganas, destruiu tudo em torno do sacrifício, sem poupar ninguém. Depois de cortar a cabeça de Daksha, jogou-a no fogo." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ, Sati Khanda*, cap. I, 23)

O próprio Shiva arrancou a barba do sábio Bhrigu que praticava oblações no fogo sagrado, fez saltar os olhos de Bhaga (deus ariano dos bens herdados) e quebrou os dentes de Pushân (deus das riquezas adquiridas).

Encontramos o mesmo ostracismo do deus na tradição dionisíaca. Dioniso é insultado e expulso por Licurgo, rei dos edões (Apolodoro, II, V, 1-3). Por outro lado, segundo um fragmento dos *Cretenses*, de Eurípides, foi em resposta à impiedade de Minos, que se recusara a sacrificar um touro ao deus, que este fez com que sua esposa, Pasífae, ficasse louca e se apaixonasse por um touro. Assm foi concebido o Minotauro.

Na floresta, não se pronuncia o nome do tigre; da mesma forma, jamais se pronuncia abertamente o nome de um deus. Só é evocado indiretamente por adjetivos. A palavra "deus" origina-se da raiz *div*, que significa "radiante". O *Gott* germânico e o *God* inglês viriam de uma raiz indo-européia, *Go*, que significa "o touro".

"O *Aitareya Brâhmana* (II, cap. 34, 7) prescreve que as fórmulas sagradas devem ser alteradas para evitar que se pronuncie diretamente o nome de um deus. As referências ao deus devem ser sempre indiretas, sugeridas pela menção de uma de suas qualidades, de um de seus atributos." (P. Banerjee, *Early Indian Religions*, p. 49) Eis por que, em todas as mitologias, os diferentes aspectos divinos têm vários nomes.

Parece que, na pré-história indiana, Shiva (o Benévolo) era chamado "Ann", nome também atribuído à deusa e cujo sentido ignoramos, mas podemos aproximá-lo do Ann hitita, do Anat cananeu, do Ana céltico (que se transforma em Santa Anne na Bretanha). No panteão védico, Rudra, "Aquele que provoca lágrimas" [1], refere-se a seu aspecto terrível. Um texto do *Shiva Purâna*, comentado num tratado sânscrito, o *Shiva Sahasra Nâma*, explica o sentido de mil nomes do deus. De acordo com o aspecto do deus preferido pelo fiel é que será estabelecida a fórmula secreta e mágica, a qual será comunicada ao aprendiz por ocasião de sua iniciação. Esse aspecto de deus será companheiro constante e servirá como recurso durante toda a vida do fiel.

Não há palavra capaz de exprimir a majestade divina. Os deuses são evocados por seus atributos, suas qualidades, tais como se manifestam na criação. A divindade não poderia ser alcançada em sua essência ou definida pela forma ou pela palavra. Os mil nomes de Shiva são apenas epítetos que se referem aos diversos aspectos de sua manifestação.

Dioniso também aparece sob aspectos múltiplos: é um deus-touro, um deus-moribundo, um deus-menino, um deus abandonado pela mãe, tendo um duplo nascimento. Em Creta, moedas de Cidônia mostram-nos um Dioniso jovem; outras, de Polyrhenia, um Dioniso cornudo; as de Sybrita, um Dioniso barbudo, segurando um tirso. Em outros lugares, é um Dioniso jovem, montado numa pantera que galopa, etc. O deus aparece em cada região com um nome e sob aspectos diferentes.

Os paralelos entre os nomes e as lendas de Shiva, de Osíris e de Dioniso são tão numerosos que resta pouca dúvida sobre sua identidade original.

Skanda, o "filho" de Shiva, assimilado ao segundo Dioniso, é chamado Agnibhû (Nascido do fogo), como Dioniso é Pirogenes (Nascido

---

1. Segundo uma outra etimologia contida no *Shiva Purâna* (*Vâyavîya Samhitâ*, cap. 12, 30), Rudra significa "o berrador".

do fogo). Ele é Karttikeya (Filho das Plêiades), enquanto Dioniso é Briseus (Filho das Ninfas). Skanda é Sarajanma (Nascido nos caniços), Dioniso é Limnaios ("do pântano"). Dioniso é o Protogonos (o Primogênito), como Shiva é Prathamajâ (Primogênito), o "mais antigo dos deuses", também chamado Bhâskara (Luminoso) ou Fanes (Aquele que ilumina) na tradição órfica. Esse deus que ensina a unidade fundamental das coisas é chamado Shiva (Benévolo) ou Meiliquios (o Benévolo). É Nisah (a Beatitude), o deus de Naxos ou de Nisa. O próprio nome de Dioniso significa provavelmente o "deus de Nisa" (a montanha sagrada de Shiva), como Zagreu é o deus do monte Zagron. Shiva-Dioniso também é Bhairava (o Terrível) ou Bromios (o Barulhento), Rudra ou Eriboas (o Berrador). Seu aspecto feminino é a Dama das montanhas (Pârvatî, ou Réia, ou Cibele), também chamada de a Dama branca (Gaurî ou Leucotéia). Shiva é Shankara (o Pacificador), é Isha [2] (o Senhor), Pashupati (o senhor dos animais), Kâla ou Cronos (o Tempo que destrói todas as coisas, o senhor da Morte). É Skanda (o Jato de Esperma), o deus da Beleza e dos Mistérios, Murugan ou Kumâra (o Adolescente), equivalente ao Kouros (Rapaz) cretense, também chamado Guha (O Misterioso), que os gregos chamam Hermes.

O Zeus cretense é acompanhado pelos coribantes, servidores da deusa. O chefe dos companheiros (Ganas) de Shiva é Ganapati, criado para ser o guarda da porta da deusa. É o deus das Portas e nesse sentido corresponde a Apulunas, deus das Portas em Anatólia. Ganapati é chamado de Mushaka-vâhana, "Cavaleiro de rato", como Apolo é Smintheus ("dos ratos"). Como senhor das montanhas, Shiva é denominado Kolônatas ou Girisha (senhor das montanhas). É Bhava (o Rei), Agrionos (o Caçador) ou Sharva (o Arqueiro), Mahâdeve (o Deus Supremo). Errante como um louco, é chamado Unmatta ou Mainomenos (o Louco). Como princípio universal, é o Hermafrodita (Ardhanarîshvara), que corresponde ao Erikepaios grego. Como princípio de toda vida, seu símbolo é o falo (*Linga* ou priapo). Representado como um pilar, uma pedra erguida, é chamado de Sthanu (Pilar) ou Perikionos ("à maneira de coluna"). Como senhor da ioga, Shiva é chamado Iogendra, Iogeshvara, Mahâyogi, pois é ele quem ensina ao mundo o método da ioga pelo qual o homem pode conhecere a si mesmo, realizar-se e comunicar-se com os outros seres sutis, os animais, as plantas e os deuses. Também ensina a dança e a música que levam ao êxtase, a embriaguez que permite sair de si mesmo. É Melpomenos (o Cantor) ou Natarâja, o "rei da dança e do teatro". É através da dança extática e sagrada que os fiéis de deus, os *bhaktas*, ou bacantes, estabelecem contato com ele e recebem a mensagem da sabedoria. Suas festas são as da Primavera, da Renovação da

---

2. Em aramaico e nas línguas orientais, o nome que pronunciamos Jesus pronuncia-se Isha.

vida, do Erotismo criador. É Bhûpati (senhor da terra), Phlios (verdejante), Setaneios, o deus da Nova Colheita. Liber é o nome usual de Dioniso entre os romanos. Alguns textos mencionam a vagabundagem incessante de Dioniso por montes e vales. Seu veículo é o touro. É o deus-touro. O touro é sua manifestação no reino animal. Encarna-se no mais macho e nobre dos animais, pelo qual, no altar do sacrifício, traz a redenção no mundo. A imagem do touro muitas vezes substitui sua imagem antropomórfica. Manifesta-se também na figueira sagrada e nas pedras preciosas. Seu colar é a serpente. É chamado de Vyâlin (Cercado de Serpentes). Nu e lúbrico, prega a embriaguez, o amor e o desprendimento, a amizade com a natureza. Deus da Volúpia e da Morte, está presente na floresta e junto das fogueiras fúnebres. Shiva é ao mesmo tempo benévolo (Shambhu) e terrível (Bhîma). Dioniso também é bom para os que o veneram e terrível para seus inimigos. É o encantador efebo que arrasta à montanha o jovem rei de Tebas e faz com que seja despedaçado vivo por seus bacantes. Aquele que não venera o falo divino, fonte de toda vida, está destinado à destruição, ao erro, à loucura, à morte física e espiritual.

Assim como não se deve pronunciar o nome de um deus, não se deve olhá-lo. O temor de olhar os deuses na Grécia provém da herança minoense. Segundo Calímaco, Tirésias ficara cego por ter visto Palas tomando banho. Para permitir a Heracles que o contemplasse, Zeus teve de envolver-se numa pele de carneiro. Na Índia, um poder fulminante é atribuído ao olhar dos deuses. Kâma, o deus do Amor, é reduzido a cinzas por um só olhar de Shiva. Ganesha é decapitada pelo olhar de Saturno. Não se deve olhar o deus Sol no seu nascer nem no seu ocaso.

PASHUPATI, SENHOR DOS ANIMAIS

"Rudra reside nas florestas e nas selvas. É chamado Pashupati, senhor dos animais selvagens." (*Shatapatha Brâhmana*, XII, 7, 3, 20) O rebanho de Shiva compreende todos os seres vivos, inclusive o homem. Entre animais, homens e deuses, a diferença é apenas de papel e de nível numa hierarquia contínua. Em toda forma de existência estão presentes em diversos graus os diferentes aspectos do ser. Não há deus sem animalidade, animal sem humanidade, homem sem uma parte de divindade. Em todo homem, distinguem-se três componentes chamados de *pati*, *pashu* e *pâsha*. Aqueles em que o elemento *pati* (mestre) domina são os sábios próximos dos deuses, que compreendem as regras do jogo divino, da criação e participam delas. O conjunto dos homens em que o elemento animal predomina é chamado de *pashu* (gado). Um elemento abstrato, *pâsha* (o laço, a armadilha), exprime a unidade e a interdependência de todas as formas de vida. *Pâsha*,

a armadilha, é o conjunto das leis que mantêm reunidos os diferentes elementos da matéria e do ser vivo apanhado na armadilha da criação.

A única moral que existe é o respeito do *pâsha*, do laço, isto é, da interdependência do animal e do divino em nós mesmos e da percepção do lugar que ocupamos no conjunto da obra divina, das afinidades que nos ligam às espécies animais e vegetais e das responsabilidades que essas relações implicam. *Pâsha* pode ser definido como a lei natural, isto é, a lei divina. Qualquer outra lei moral é apenas convenção social que não pode ter valor num plano universal. Toda verdadeira moral deve conformar-se a essa leis fundamentais sobre as quais baseia-se a criação. As convenções sociais estabelecidas por leis humanas não têm nada a ver com a religião. Por toda parte em que se estende a influência do culto de Shiva-Dioniso, encontramos a importância atribuída ao mundo animal e vegetal. Esse aspecto da história religiosa parece ter muitas vezes escapado aos especialistas modernos do mundo antigo.

"Um dos aspectos mais evidentes da cultura grega — o papel representado pelas plantas e animais nos mitos e no ritual — continua sem explicação." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 60)

"Shiva olhou os deuses e lhes disse: Sou o senhor dos animais... Os corajosos titãs, os asuras, só poderão ser destruídos se todos os deuses e outros seres assumirem sua natureza de animal. Os deuses hesitavam em reconhecer seu aspecto animal. Shiva lhes disse: Não é uma perda poder reconhecer seu animal [a espécie que corresponde no reino animal ao princípio que cada deus encarna no plano universal]. Apenas aqueles que praticam os ritos dos irmãos dos animais, *Pashupâtas*, podem ultrapassar sua animalidade. Assim, todos os deuses e titãs reconheceram que eram o rebanho do Senhor e que ele é conhecido pelo nome de Pashupati, o senhor dos animais." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, V, cap. 9, 12-21)

Para velar pelos animais, plantas e também pelos homens, Shiva criou os *vidyeshvaras* (mestres do saber) que aparecem como gênios das florestas, sátiros, ninfas, fadas, anjos da guarda. São os gênios protetores da criação. Pashupati é o chefe desses gênios e, através deles, ele se manifesta sob todos os aspectos do mundo natural. Shiva reside nas montanhas e nas florestas; é lá que sua misteriosa presença é pressentida e é lá, em cavernas e lugares isolados, que lhe são construídos santuários e lhe são levadas oferendas.

"No mundo céltico, o deus protetor dos animais e dos rebanhos é um deus cornudo... Aparece como um Sylvanus indígena, deus das Florestas, nu, cujo único atributo é seu grande falo... No norte da Inglaterra, ele aparece nu, itifálico mas sem chifres, como o gigante de Cerna... Uma imagem semelhante foi encontrada perto de Maastricht, na Holanda... No mundo romano, foi assimilado a Mercúrio... A serpente que envolve o caduceu lembra a tradição céltica... A combinação de

animais com chifres, homens itifálicos e outros símbolos, e sua associação com uma fonte ou lagoa encontram-se também no Cáucaso entre 1000 e 600." (Anne Ross, *Primitive Erotic Art*, pp. 83-85)

O caráter de Shiva como protetor e encantador dos animais foi muitas vezes transferido ulteriormente a outras divindades, tais como: Gopâla-Krishna, Pã, Orfeu e até mesmo Jesus, o Bom Pastor.

"Todas as divindades são denominadas *Pashupâtas* (irmãos dos animais), pois fazem parte do rebanho de Pashupati. Todos aqueles que consideram o senhor dos animais como sua divindade tornam-se irmãos dos animais." (*Linga Purâna*, cap. 80, 56-57) São então integrados ao rebanho do deus e podem receber seus ensinamentos.

"Shiva disse: a sagrada *Pashupâta* ioga, a ioga dos irmãos dos animais [através da qual pode se dar a unidade dos seres vivos], e o sânkhya (cosmologia) [que explica a estrutura do mundo] foram ensinados por mim... Sabendo que as coisas do mundo são efêmeras, é preciso praticar sempre a ioga do senhor dos animais." (*Linga Purâna*, cap. 34, 11-23)

A concepção moderna da ecologia pode parecer uma tentativa de retorno a uma verdadeira moral, embora seja, na maioria das vezes, antropocentrista. Não se trata apenas de preservar a natureza a serviço do homem, mas de reencontrar o papel do homem na natureza, como cooperador na obra dos deuses. Uma religião que não respeita a criação em seu conjunto indissolúvel, que não é fundamentalmente ecológica, não passa de um engano, uma desculpa às depredações humanas, não pode reclamar uma origem divina. O homem é apenas um elemento de um conjunto, e é esse conjunto que é a obra de Deus.

O GÊNIO DAS FLORESTAS, O DEUS LÚBRICO E NU

A identificação do deus e do homem com a natureza implica a nudez. O homem verdadeiro é nu. A religião hipócrita e farisaica da cidade é que exige a roupa. Shiva é nu. O sábio e o monge shivaístas erram pelo mundo nus e sem vínculos. Na Índia a nudez é sinônimo de liberdade, virtude, verdade e santidade. A antiga religião atéia da Índia, o jainismo, rival do shivaísmo, também exige que seus fiéis sejam nus. O mundo grego conheceu esses gimnosofistas, ascetas nus que vinham da Índia, e os soldados de Alexandre que, na Índia, quiseram seguir os ensinamentos dos filósofos tiveram de se desnudar. A nudez tem um valor mágico e sagrado. "Semeia nu, lavra nu, colhe nu, se queres em seu tempo terminar todos os trabalhos de Deméter, a fim de que, para ti, cada um de seus frutos também cresça em seu tempo." (Hesíodo, *Les travaux et les jours*, pp. 390-395)

"A nudez ritual é muito conhecida e difundida nas antigas religiões, e encontramos vários exemplos disso nas literaturas célticas... No relato mitológico irlandês *The Destruction of Da Derga's Hostel*..., o pássaro-

pai do rei lhe diz: 'Um homem completamente nu que caminhará, no fim da noite, ao longo de um dos caminhos de Tara, carregando uma pedra e uma funda, é que será o rei.' " (A. Ross, *Primitive Erotic Art*, p. 81)

Dioniso também é representado nu com cabelos compridos, quando não está vestido com seu traje monástico cor de açafrão. "Os deuses e os sábios foram criados nus. Os outros seres humanos também foram criados nus." (*Linga Purâna*, I, cap. 34, 13.) As lendas dos Puranas mostram Shiva como um adolescente lúbrico que erra nu pela floresta, encanta as mulheres dos orgulhosos ascetas que queriam conquistar o céu pela força de sua vontade. Shiva humilha os ascetas, seduz suas esposas e, propagando aqui e ali sua semente, faz com que apareçam na terra as pedras preciosas e os lugares santos.

"Há na montanha uma excelente floresta chamada a floresta de Dâru, onde residiam muitos sábios... O próprio Shiva, assumindo uma forma estranha, foi até lá para pôr a prova sua fé. Estava magnífico, completamente nu, tendo como único ornamento a cinza com a qual cobrira seu corpo. Caminhando de um lado para outro, com o sexo na mão, começou a exibir-se nos jogos mais perversos." (*Shiva Purâna, Koti Rudra Samhitâ*, cap. 12, 6-10)

"O senhor tinha a aparência de um homem de baixa condição. Suas mãos agitavam um tição inflamado. Seus olhos eram vermelhos e castanhos, às vezes ria violentamente, às vezes cantava de maneira surpreendente. Às vezes dançava lascivamente, outras gritava. Errava em volta dos ermitérios como um mendigo... Apesar de sua pele de cor escura, possuía uma beleza surpreendente. Ria e cantava, lançava piscadelas que seduziam as mulheres. Ele, que vencera o deus do Amor, inspirava o desejo apenas com sua beleza. Apesar de sua estranha aparência e sua cor bronzeada, as mulheres mais castas eram atraídas por ele." (*Linga Purâna*, I, cap. 29, 7, 10, 12 e cap. 31, 28-32)

"Foi para divertir-se às custas dos habitantes da floresta que Shiva foi por decisão própria até ali. Algumas das esposas dos sábios ficaram assustadas ao vê-lo, outras mulheres, espantadas e excitadas, aproximaram-se do senhor. Umas o abraçaram, outras seguraram suas mãos. Brigavam entre si para tocá-lo." (*Shiva Purâna, Kothi Rudra Samhitâ*, cap. 12, 9)

"A um sorriso dele, aquelas que se encontravam diante de suas cabanas na floresta ou que moravam em cima das árvores deixaram suas tarefas. Arrancaram as roupas, soltaram os cabelos. Algumas rolavam no chão. Abraçavam-se e, impedindo a passagem de Rudra, faziam-lhe gestos lúbricos mesmo na presença dos seus maridos. O senhor Rudra nada lhes disse, nem a favor nem contra." (*Linga Purâna*, I, cap. 29, 7-9) Reencontramos aqui a conduta das mênades, e o nome dado a Dioniso de Gynaimanes (Aquele que deixa as mulheres loucas). "Nesse entretempo, os grandes sábios chegaram. Ficaram chocados ao

ver o deus dedicar-se a atos obscenos. Escandalizados, diziam: 'Quem é então? Quem é então?' Mas o personagem nu não lhes respondeu." (*Shiva Purâna, Kothi Rudra Samhitâ*, cap. 12, 14)

"Os sacerdotes e os sábios pronunciaram palavras indignadas, mas o poder de suas virtudes nada podia contra Rudra, assim como a claridade das estrelas nada pode contra a luz do sol." (*Linga Purâna*, I, 29, 9, 24) "Os sábios exclamaram: Esse Shiva que porta um tridente tem um corpo de mau augúrio. Não tem nenhum pudor. Não tem nem morada nem antepassados conhecidos. É nu e malfeito. Vive na companhia de espíritos malignos e gênios maus... Se tivesse dinheiro, não estaria todo nu. Passeia montado num touro, nada mais possui. Sua casta não é conhecida. Não é letrado, nem sábio. Só espíritos malignos o seguem. Tem veneno até o pescoço. Comparem os colares que vocês usam com a sua guirlanda de crânios, os produtos de beleza que vocês têm com a cinza das fogueiras fúnebres com a qual ele reveste seu corpo." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. 24, 45-47 e cap. 27, 36)

O *LINGA*, PRINCÍPIO DE VIDA

O símbolo de Shiva é o *Linga* ou falo. O sexo é, com efeito, o órgão misterioso pelo qual o princípio criador manifesta-se, dando nascimento a um novo ser. É, portanto, o órgão através do qual o princípio criador é representado visivelmente numa espécie particular. O esperma, que contém potencialmente toda a herança dos antepassados, a raça e as características genéticas do ser futuro, é chamado *bindu* (ponto limite). Ele representa, na verdade, a passagem ínfima e misteriosa entre não-ser e ser. O sexo é o órgão através do qual se estabelece uma comunicação entre o homem (ou o animal, ou a flor) e a força criadora que é a natureza do divino. É o símbolo acabado.

"Shiva disse: Não sou diferente do falo. O falo é idêntico a mim. Ele aproxima de mim os fiéis, portanto, é preciso venerá-lo. Meus bem-amados! Onde há um sexo erguido, estou presente, mesmo se não há outra representação de mim." (*Shiva Purâna, Vidyeshvara Samhitâ*, I, cap. 9, 43-44) "O mundo inteiro tem por base o falo. Tudo tem origem no *Linga*. Quem deseja a perfeição da alma deve venerar o *Linga*." (*Linga Purâna*, I, cap. 3, 7) "O senhor é a fonte de todo prazer... Para que a existência seja uma alegria perpétua, o fiel deve venerar o falo que é o próprio deus Shiva, o sol que fez nascer o mundo e o mantém. É o símbolo da origem de todas as coisas. Shiva deve ser venerado, origem de todas as coisas, sob a forma do falo. Aquilo pelo que o princípio macho é reconhecível é chamado falo. O falo é o símbolo do deus." (*Shiva Purâna, Vidyeshvara Samhitâ*, I, cap. 16, 103-106) Nos lugares em que se difundiu o culto de Shiva, os emblemas fálicos e o culto do falo têm um papel essencial.

Encontramos a veneração do falo no Ocidente mediterrânico e nórdico desde a pré-história e nos cultos dionisíacos até o século VI d.C. O falo era venerado nos templos egípcios. Na Grécia, representava um grande papel nas cerimônias em honra a Dioniso. No Egito, honras especiais eram concedidas às partes sexuais de Osíris despedaçado. A veneração do santo prepúcio, ainda praticada na Itália, talvez seja um vestígio desse culto.

Tudo nos seres vivos humanos, animais, ou vegetais baseia-se no órgão procriador. O homem é apenas o "portador do falo" (*linga-dhara*), o servidor de seu sexo. A noção de deus-pai é uma transposição puritana da noção do *Linga*. O pai é aquele cujo sexo derrama a semente no receptáculo, na *arghia* ou vagina.

Na concepção shivaísta, o prazer é a imagem do estado divino. É por isso que, quando o divino manifesta-se sob o aspecto procriador, também se manifesta sob o aspecto do prazer. O órgão sexual tem, então, um duplo papel, o inferior da procriação e o superior que é o meio de contato com o estado divino, o êxtase do prazer (*ânanda*). O gozo é uma "sensação do divino". Enquanto a paternidade prende o homem às coisas da terra, o êxtase do prazer pode revelar-lhe a realidade divina e levá-lo ao desprendimento, à realização espiritual. "O falo é a fonte do prazer. É o único meio de obter o prazer terrestre e a salvação. Olhando-o, tocando-o e meditando sobre ele os seres vivos podem libertar-se do ciclo das vidas futuras." (*Shiva Purâna, Vidyeshvara Samhitâ*, I, cap. 9, 20)

Do ponto de vista da mística shivaísta, como também para o orgiasmo dionisíaco, o êxtase erótico não é um meio de reprodução, mas pura busca do prazer. "Para agradar a Deus, deve-se venerar seu símbolo, independentemente de sua função física. Se a função é a de fazer nascer, o fazer nascer está excluído." (*Shiva Purâna*, *Vidyeshvara Samhitâ*, I, cap. 16, 108)

A união de Shiva e sua amante, Shakti, ou Pârvatî, ou Sati, não é procriadora. Os filhos de cada um deles são engendrados separadamente. Skanda, deus da Beleza e chefe do exército dos deuses, nasceu do esperma de Shiva que caiu na boca do fogo sacrifical, e depois nas águas do Ganges. Ganapati, o deus com cabeça de elefante, venerado antes de qualquer empreendimento e protetor da entrada da casa, é o filho da deusa e foi formado das raspas de sua pele quando ela tomava banho.

"O *Linga* é um signo exterior, um símbolo. No entanto, é preciso considerar que há dois tipos de *Linga*, exterior ou interior. O órgão grosseiro é exterior, o órgão sutil é interior. As pessoas simples veneram o *Linga* exterior e se interessam pelos ritos e sacrifícios. A imagem do falo tem por objetivo despertar os fiéis para o conhecimento. O *Linga* imaterial não é perceptível àqueles que só vêem o exterior das coisas, o *Linga* sutil e eterno só é perceptível àqueles que atingiram

o conhecimento." (*Linga Purâna*, I, cap. 75, 19-22) "Aqueles que praticam os sacrifícios rituais e veneram o *Linga* físico não são capazes de controlar suas atividades mentais a fim de meditar sobre o aspecto sutil... Aqueles que ainda não têm consciência do sexo mental, do sexo sutil, devem venerar o sexo físico, e não o contrário." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, I, cap. 12, 51-42)

O *Linga* é venerado sob a forma de uma pedra erguida (*sailaja*) ou então na imagem antropomórfica do deus. Também é representado encerrado no *Yoni*, o órgão feminino, como aparece no santuário do templo shivaísta. A palavra *Linga* significa "sinal distintivo". Às vezes, sente-se a presença do deus em objetos, aparentemente informes, que são considerados *Lingas*. É o caso da pedra bruta, adorada sob o nome de Eros, que Pausânias (IX, cap. 27, p. 1) viu em Téspias. É também o caso da pedra negra de Meca, o Makheshvara dos antigos hindus. Na gruta de Amarnâtha, em Cachemir, é uma coluna de gelo que é venerada como um *Linga* nascido de si mesmo (*Svayambhu*), uma manifestação direta do deus.

Às vezes, o *Linga* tem apenas a forma de um pilar, como é encontrado praticamente no mundo todo. Em Cnossos, em Tebas ou em Malta, o deus era honrado sob a forma de uma coluna. Orthos, o "Erguido", representa Dioniso-pilar ou Dioniso-priapo. Shiva é *urdhva-linga*, "com o sexo erguido". É denominado Sthanu (Coluna), como Dioniso é chamado Perikionio ("da coluna"). O antigo Xôanon era o ídolo-pilar da senhora do Heraion. Os pilares minoenses são, segundo Evans, imagens não-figurativas da divindade.

"Agyeus significa um pilar pontudo ou cônico. Segundo Hesíquio, era um altar em forma de pilar erguido diante das portas... O culto de Agyeus, principalmente mas não exclusivamente associado a Apolo, provinha do culto de Agyeus-pilar ligado à veneração minoense do pilar. O ônfalo persiste nas moedas cretenses, associado a Apolo. Parece que o culto da pedra sagrada ao lado do culto do guardião das portas e dos caminhos, que era o aspecto essencial de Agyeus na Grécia antiga, é encontrado anteriormente em Anatólia, o que confirma a origem oriental de Apolo... O epíteto de Agyeus, que geralmente se referia a Apolo, também era atribuído a Zeus e a Dioniso. Isso indica que o culto da pedra erguida era anterior à sua associação com Apolo." (R. F. Willets, *Cretan Cults and Festivals*, pp. 259-260) Nos túmulos etruscos, o falo é o símbolo do homem, a casa, o da mulher.

Erigir um falo de pedra é um ato meritório. É erguido de preferência em lugares isolados ou nas montanhas. Os antigos santuários de Shiva como os de Dioniso encontram-se de preferência fora das cidades.

O mesmo ocorre com os megálitos que se encontram na Inglaterra, Bretanha, Córsega e em toda a região que vai da Índia ao Extremo Ocidente. Possuímos muito poucas informações sobre os monumentos

megalíticos no Ocidente, em compensação encontramos, nos textos hindus, todo o ritual de sua instalação, da orientação dos santuários, etc. Todo estudo sobre as religiões pré-históricas da Europa deveria basear-se nos documentos indianos.

"A significação sexual dos menires está universalmente comprovada... A crença nas virtudes fertilizantes dos menires ainda era compartilhada pelos camponeses europeus no início do século... O complexo megalítico teria sido difundido a partir de um só centro, muito provavelmente do Mediterrâneo oriental..., ligado ao tantrismo. Stonehenge (antes de 2100) é pré-micênica." (Mircea Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, pp. 130 e 135)

Encontramos falos erguidos com um rosto em todo o mundo ocidental, assim como na Grécia e na Índia. Os celtas erigiam pedras com forma fálica encimadas por uma cabeça humana ou com um rosto gravado na glande. O "rosto de glória" (*Kîrti-mukha*), que se encontra sobre o santuário do templo shivaísta, é uma forma elaborada do mesmo símbolo. Da boca do "rosto de glória", ao cimo da torre fálica, sai todo o universo.

Em algumas imagens, aparece um personagem inteiro embutido na coluna fálica. No sul da Índia, o *gundimallam-linga*, de onde sai um personagem e que data do século II a.C., ainda é venerado. Imagens semelhantes são encontradas até na Europa medieval.

Os shivaístas usam no pescoço um pequeno *Linga*, como faziam os antigos romanos. Podem ser vistos vários exemplares deles em Pompéia. Na India, venera-se um *Linga* de pedra em cada casa. Falos de madeira de grande porte são levados nas procissões do deus. Heródoto, ao falar da identidade de Dioniso com Osíris, diz que havia emblemas fálicos nas procissões de ambas as divindades. O deus Priapo reina nas falofórias de ambos os deuses. Mulheres e homens participavam dos cantos eróticos e das orgias. No ciclo agrário de Atenas, coziam-se bolos em forma de falo ou de serpente, cujos pedaços eram misturados às sementeiras.

"Até época recente, camponeses alemães, franceses e italianos coziam bolos com forma fálica, levando-os, depois, solenemente em procissão até a igreja." (Philip Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 53) "Em Trani, perto de Nápoles, um grande falo de madeira chamado de *Santo Membro* era levado em procissão todos os anos, até o século XVIII." (P. Rawson, *Ibid.*, p. 75)

Muitas vezes, é atribuída uma significação fálica a certos objetos ou animais que permitem que o sexo seja mencionado de forma alegórica, segundo um princípio semelhante àquele pelo qual não se pronuncia o nome do deus.

"De 6500 a 2000 a.C., na Europa ocidental, o sexo masculino é identificado com o arado, o machado, o punhal, a espada, a semente, o esperma, a chuva, o sol, a serpente, o peixe e a água." (P. Rawson, *ibid.*, p. 45)

"Em certos vasos gregos, vêem-se festas nas quais são transportados grandes falos com forma de peixe.... Uma relação entre o sexo masculino e o peixe, estabelecida muito cedo..., tornou-se universal... Os falos alados da Grécia antiga ainda existem no santuário de Delos... Esses pássaros fálicos, representados como gansos ou galos (daí a palavra *cock* para o sexo masculino em inglês) têm um papel importante na arte popular da Europa." (P. Rawson, *ibid.*, pp. 21, 53, 71) Na linguagem popular italiana, o sexo masculino é chamado *uccello* (pássaro) ou *pesce* (peixe).

Trata-se, na realidade, de resquícios de uma terminologia ritual. O homem conserva, no próprio corpo, algumas lembranças da longa evolução dos seres vivos. É peixe, depois pássaro, e depois mamífero. Isso é evocado em certos ritos tântricos. Nas oferendas de esperma por práticas masturbatórias, o homem é peixe. Nos ritos iniciatórios com penetração anal, é pássaro (o pássaro sempre foi o símbolo de uma significação esotérica). Nos ritos de fecundação e de união sexual, é touro. Vamos rever alguns desses aspectos quando abordarmos os ritos iniciatórios.

O falo traz sorte, afasta o perigo, as forças malfazejas. Tem um papel importante nos ritos de iniciação. "Na Antigüidade, no Egito, no mundo greco-romano, lhe era atribuído, nos templos, o poder de paralisar ou afastar as forças obscuras ou demoníacas." (Julius Evola, *Le yoga tantrique*, p. 112)

"Aqueles que veneram o Grande Deus sob a forma física do *Linga* estão livres do medo, do nascimento e da morte." (*Linga Purâna*, 47, cap. 6, 40) Na Índia, a imagem do *Linga* e as representações de cópulas protegem o templo e a casa contra o raio e outras calamidades.

"Figuras que servem para conjurar o sucesso, a força, o poder sexual ou outro poder são freqüentemente encontradas nos países célticos da Europa. Consistem em homens com sexos enfáticos que se ocupam de diferentes atividades, tais como a caça, os combates, a magia, os esportes, etc. A célebre escultura gigante talhada na greda da colina acima de Cerne-Abbas, no Dorset (na Inglaterra), e que é conhecida pelo nome de Gigante de Cerne-Abbas, é uma espécie de Hércules céltico que segura uma poderosa maça. É semelhante ao deus irlandês Dagda. Sobreviveu através dos séculos com seu sexo e testículos enormes, dominando toda a paisagem circundante, apesar da Igreja. Os jovens casais, antes de se casar, recorrem a ele, e crê-se na região que ter relações sexuais no vão do grande falo traz felicidade." (A. Ross, em *Primitive Erotic Art*, pp. 80-82)

"Existem inúmeras referências na literatura européia que sugerem que os órgãos sexuais do homem possuem um poder mágico, especialmente para evitar todo tipo de perigos ou desgraças." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 76)

Na concepção popular ainda viva nos países mediterrânicos, os homens tocam seu sexo para afastar o mau-olhado. "Emblemas do sexo

masculino realistas ou simbólicos eram colocados nos campos dos povos agrícolas... No sul da Itália, marcos de forma fálica que servem como limites sobreviveram até os tempos modernos... Alguns eram blocos de pedra de onde saía um falo, às vezes possuíam a forma de uma cabeça humana. Eram chamados de Priapo, Hermes, Liber, Tutunus ou Mutunus." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, pp. 52, 72)

Nos textos shivaístas, a abóbada celeste é considerada como um imenso falo (*âkâsha linga*) que repousa sobre a Terra, o órgão feminino, a matriz do mundo. A chuva é a semente que fecunda a Terra, o raio, o orgasmo. Encontramos esse simbolismo na religião céltica: "A semente líquida é considerada a causa da fertilidade..., o céu, o macho que umedece e fertiliza a Terra, a fêmea." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 50)

Segundo a história da Itália de Prometeu, em língua etrusca, citada por Plutarco, um falo teria aparecido na lareira do rei dos albanos. Ele teria ordenado à filha que fizesse amor com aquele falo, mas ela teria se recusado, mandando sua criada. Dela nasceram Rômulo e Remo, que foram abandonados na floresta e alimentados por uma loba. "Na mitologia céltica, o poderoso Fergus mac Roich, 'Fergus, filho do Grande Cavalo', representa o princípio masculino. Seu sexo mede sete dedos. Faz amor com a divina soberana Mebd, 'a Beberrona', cuja sexualidade não tem limites." (Anne Ross, em *Primitive Erotic Art*, p. 83)

No *Skanda Purâna* (*Kedara Khanda*) e no *Shiva Purâna*, os sábios amaldiçoam Shiva e, sob o efeito da maldição, seu sexo cai no chão. Mas logo o sexo do deus torna-se um imenso pilar que transpassa e enche os mundos. "Chocados pela aparência de Shiva e por sua conduta, os sábios da floresta lhe disseram: 'Você agiu com perversidade. Isso é contrário às Escrituras. Seu sexo vai cair no chão.' Ao falarem assim, o sexo desse mensageiro do céu, que era o próprio Shiva de formas maravilhosas, caiu imediatamente no chão. O falo queimou tudo diante dele; onde quer que ele fosse, tudo era consumido."

"Ele se deslocava nos infernos, no céu, na terra. Nunca parava. Todos os mundos e seus habitantes viviam angustiados. Os sábios estavam consternados. Os deuses e os sábios já não conheciam nem a paz nem o prazer." (*Shiva Purâna, Kothi Rudra Samhitâ*, cap. 12, 17-22) A emasculação do céu fálico evocado por Hesíodo (*La théogonie*, p. 180) refere-se ao mesmo simbolismo.

"Rudra desapareceu e os sábios dirigiram-se ao deus Brama, que lhes disse: Vocês são estúpidos! Destruíram num instante todos os méritos conseguidos pelas suas austeridades. O homem de sexo ereto que vocês viram, impotentes que são, é o Senhor Supremo em pessoa." (*Linga Purâna*, I, cap. 29, 9-25)

"Brama disse ainda: Enquanto esse falo não se estabilizar, nada de bom poderá acontecer em nenhum dos três mundos. Para acalmar sua fúria, vocês devem regar esse sexo divino com água santa, construir

um pedestal em forma de vagina e de flecha [símbolo da deusa] e instalá-lo com preces, oferendas, prostrações, hinos e cantos acompanhados por instrumentos musicais. Em seguida, devem invocar o deus, dizendo: 'És a fonte do universo, a origem do universo. Estás presente em tudo o que é. O universo é apenas a tua própria forma. O Benévolo! acalma-te e protege o mundo.' Os sábios aproximaram-se então com piedade de Shiva, que lhes disse: 'O mundo só terá de novo a paz quando meu sexo encontrar um receptáculo. Nenhum outro ser que não seja a Dama das montanhas pode ocupar-se de meu sexo. Se ela se ocupar dele, ele irá se acalmar.' " (*Shiva Purâna, Kothi Rudra Samhitâ*, cap. 12, 22-46)

O HERMAFRODITA (ARDHANARÎSHVARA)

Um dos principais aspectos de Shiva é o Ardhanarîshvara, o hermafrodita. No processo da criação, "o poder de conceber (*vimarsha*) e o poder de realizar (*prakâsha*), quando estão reunidos, manifestam-se em primeiro lugar num ponto limite (*bindu*), uma localização que é o ponto de partida do espaço-tempo. De lá surgiu a vibração ou som (*nâda*), que é a substância do universo. O espaço é um princípio feminino, um receptáculo, o tempo é um princípio ativo masculino. Sua unidade, simbolizada pelo hermafrodita divino, representa o Eros (*Kâma*), o impulso criador." (Karpâtrî, *Shri Shiva tattva*, citado por Alain Daniélou, *Le polythéisme hindou*, p. 312)

A divindade primordial é essencialmente bissexual. A divisão do princípio em dois pólos opostos que dão origem ao mundo é apenas aparente. O divino é definido nos Upanixades como "aquilo em que os contrários coexistem". "Quando Shiva e Shakti estão unidos, sua unidade é volúpia. A volúpia é sua realidade; sua existência separada é apenas ficção." (Karpâtrî, *Lingopasanâ rahasya*, citado em *Le polythéisme hindou*, p. 312)

A realidade do mundo, portanto, é essencialmente a volúpia, a centelha produzida pela união dos contrários. O hermafrodita, imagem da não-divisão dos contrários, representa a volúpia pura, permanente, absoluta, que é a natureza divina. "A bissexualidade divina é uma das múltiplas fórmulas da totalidade-unidade que a união dos pares de opostos significa: masculino-feminino, visível-invisível, céu-terra, luz-escuridão, mas também bondade-maldade, criação-destruição, etc." (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 178)

"A primeira criação consistia em espíritos, gênios, demônios, oriundos da boca do ser incriado, como uma materialização de seu sopro vital (*prâna*). Rudra apareceu em primeiro lugar, luminoso como o sol nascente. Era andrógino... A imensidão, ao ver esse hermafrodita divino, lhe diz: 'Divida-se.' Foi assim que, com o lado esquerdo do

deus, foi criada uma deusa que se tornou sua companheira. É ela quem mais tarde encarnar-se na filha do rei-sacerdote Daksha. Recebe o nome de Sati (Fidelidade) e torna-se a amante de Rudra." (*Linga Purâna*, cap. 41, 41-42, e cap. 99, 15-19)

Para procriar um mundo exterior a si mesma, a divindade divide-se, os dois pólos afastam-se. O estado de felicidade absoluta desaparece e só se recria pela união dos contrários, pelo amor. O hermafrodita divino "dividiu seu corpo em duas metades, uma masculina, a outra feminina, o masculino procriou nesse feminino o universo" (*Manu Smriti*, I, 32).

Pode-se conceber o princípio inicial como masculino ou feminino, como um deus ou uma deusa, mas, em ambos os casos, trata-se de um ser andrógino ou transexual.

De acordo com a tradição frígia, contada por Pausânias (VII, cap. 17, 10-12), Papas (Zeus) fertilizou um falo de pedra chamado Agdos, e este engendrou um ser hermafrodita, Agditis. Os deuses castraram Agditis, e transformaram-no na deusa Cibele. Cibele é o equivalente de Pârvatî, a Dama das montanhas, o lado feminino de Shiva. Entre os cananeus, em Ugarit, Anat, como as outras deusas do amor e da guerra, é provida de atributos masculinos e é considerada bissexual. O mesmo ocorre com a deusa etrusca. O deus hurrita Kumarbi é bissexual, assim como os deuses acadianos Tiamat e Zarvan. O Teshub hitita é o filho do deus celeste Anu e de uma divindade andrógina. As imagens de divindades hermafroditas e itifálicas encontram-se por toda parte a partir do neolítico. A de madeira esculpida, encontrada no Somerset, na Inglaterra, é um exemplo típico.

Todos os graus de bissexualidade aparecem nos aspectos do deus, viril em suas formas terríveis, efeminado em seus aspectos felizes e benévolos. Da mesma forma, a deusa aparecerá viril e agressiva como Bhairavî ou Kâlî, a potência destruidora. Ela representa nesse caso o papel ativo em sua relação com Shiva, com quem pratica o *Viparita maithuna*, a cópula invertida. Ao contrário, a deusa é feminina, modesta e suave na qualidade de Dama das montanhas (Pârvatî) ou Sati (Fidelidade).

O mesmo acontece em relação a Dioniso, ora representado como um macho barbudo, adulto, ora como um adolescente efeminado. "No momento oportuno, Zeus desfez a costura de sua coxa e fez nascer Dioniso, que confiou a Hermes, e o enviou à presença de Ino e de Athanas, recomendando-lhes que o educassem como uma filha." (Apolodoro, *Bibliothèque*, III, IV, 3) Capturado por um rei bárbaro, Dioniso é ridicularizado por ele devido a seu aspecto feminino. Segundo Nicandro, foi sob a aparência de uma jovem que Dioniso advertiu as miniides, extremamente trabalhadoras e virtuosas, para que não negligenciassem seus ritos de iniciação.

Num texto de Ésquilo (fragmento 61), o rei exclama ao vê-lo: " 'De onde vens, homem-mulher, e qual é a tua pátria? Que roupa é essa?'

Retira-lhe as roupas que eram o símbolo de sua dupla natureza: o véu açafroado, o cinto, o *mitré* de ouro. Ele o deixa nu, não despojado de sua virilidade, mas demasiado frágil para defendê-la." Heracles, o mais viril dos heróis, troca suas roupas pelas de Ônfale. Arjuna, o valoroso príncipe de *Maabárata*, durante seu exílio, disfarça-se de eunuco e ensina música e dança à filha do rei Virata.

No mito mencionado por Aristófanes e retomado por Platão em *O Banquete*, os primeiros homens eram andróginos. Para puni-los por terem se revoltado, Zeus dividiu-os em dois. Do mesmo modo, segundo os Puranas, os primeiros homens eram sábios, ainda próximos do divino, que engendravam filhos por uma espécie de projeção mental. Foi para destruir seu poder, que ameaçava o dos seres celestes, que Deus criou a mulher e a reprodução pela união dos sexos. Na Gênese, a criação da mulher a partir de uma costela retirada de Adão implica a androginia do homem original, criado à imagem do hermafrodita divino.

Como Shiva, o primeiro homem (Adão) era homem do lado direito e mulher do lado esquerdo. Todos os ritos tântricos dos quais a mulher participa são chamados ritos da Mão esquerda. O lado esquerdo é o lado fraco do homem, reservado para as tarefas humildes ou impuras. É por isso que nunca se estende a mão esquerda. Oferecer um objeto com a mão esquerda é considerado um sinal de desprezo. A circumambulação da imagem de um deus deve ser feita mantendo-a à sua direita, ou seja, no sentido dos ponteiros do relógio. Na magia tântrica, em que o aspecto feminino da divindade é invocado, é feita no sentido contrário. Todo ser bissexual pode ser considerado como uma emanação do aspecto transcendente do deus. O andrógino, o homossexual, o travesti têm um valor simbólico e são considerados seres privilegiados, imagens do *Ardhanarîshvara*. Representam, por isso, um papel especial nos ritos mágicos e tântricos, como no xamanismo. "O objetivo final do tantrismo é reunir os dois princípios polares, Shiva e Shakti, em seu próprio corpo... A androginia iniciatória nem sempre exprime-se através de uma operação, como entre os australianos. Em muitos casos, é sugerida pelo travestir-se dos rapazes em mulheres e das jovens em homens... As práticas homossexuais, comprovadas em diversas iniciações, explicam-se provavelmente por uma crença similar, ou seja, que os neófitos, durante sua instrução iniciatória, acumulem os dois sexos." (M. Eliade, *Méphistophélès et l'Androgyne*, pp. 139 e 149)

O poder divinatório está ligado, entre os xamãs, à bissexualidade. No gesto ritual do *Anasyrma*, o mágico, disfarçado de mulher, levanta suas vestes para mostrar o sexo, aparecendo assim como um andrógino. A profetisa etrusca trazia um falo preso à cintura. Nos mistérios de Hércules Victor, na Itália, tanto o deus quanto os iniciados estavam vestidos de mulher. O transvestimento no culto romano era tido como sendo capaz de promover a saúde, a juventude, o vigor, a duração da vida.

"No xamanismo siberiano, o xamã acumula simbolicamente os dois sexos... o xamã comporta-se como uma mulher, veste-se com roupas femininas; às vezes, até tem um marido. Essa bissexualidade — ou assexualidade — ritual é tida como sendo, ao mesmo tempo, um sinal de espiritualidade, de comércio com os deuses e os espíritos, e uma fonte de potência sagrada... O xamã restaura simbolicamente a unidade do céu e da Terra, e assegura, conseqüentemente, a comunicação entre os deuses e os homens. Essa bissexualidade é vivida ritual e extaticamente; é assumida como condição indispensável para a superação da condição de homem profano... Os xamãs siberianos e indonésios invertem seu comportamento sexual a fim de viver *in concreto* a androginia ritual." (M. Eliade, *Méphistophélès et l'Androgyne*, pp. 144-145)

Na Grécia, num rito extremo, os servidores de Átis e de Réia mutilavam-se e colocavam seus órgãos viris diante do altar dos deuses. "Não é possível ser um macho sexualmente adulto, sem se ter conhecido a coexistência dos dois sexos, a androginia; ou seja, não se pode chegar a um modo de ser particular e bem determinado, antes de se ter conhecido um modo de ser total." (M. Eliade, *ibid.*, p. 138)

O ponto para o qual deve tender a espécie humana é o da reintegração progressiva dos sexos até a obtenção da androginia. O ser evoluído tende para a bissexualidade. Segundo trabalhos recentes sobre o cérebro, demonstra-se que o elemento intuitivo, sensível, receptivo, no homem, está ligado ao lado esquerdo (o lado feminino, que corresponde à metade direita do cérebro); o elemento lógico, ativo, agressivo, macho, está ligado ao lado direito (lado esquerdo do cérebro). No ser bissexual, a comunicação entre os dois lados do cérebro é particularmente desenvolvida. Essa é a razão de muitas vezes o artista criativo ser bissexual, como também o mago, o médium, daí o papel dos chamados "investidos" nos ritos mágicos e a importância dispensada aos ritos "da Mão esquerda" nas práticas tântricas.

O mito do andrógino divino é representado simbolicamente pela Fênix, que é engendrada por si mesma e representa, portanto, a Imortalidade. Quando o cristianismo implantou-se em Roma, a Fênix foi associada à imagem de Cristo. Quando o Universo for reabsorvido, os dois princípios opostos serão apenas um; o hermafrodita irá se reconstituir, primeiro nas criaturas, depois na própria divindidade.

VISHNU E APOLO

Na cosmologia indiana, a força centrífuga de explosão que deu origem ao universo é chamada Shiva; a força contrária de coesão, força centrípeta, que permite a formação dos sistemas solares e dos astros, é chamada Shakti (Energia). Encontraremos essa oposição em todos os aspectos da existência, da matéria ou da vida. No shivaísmo ariani-

zado indiano ou micênico, Vishnu-Apolo substitui gradualmente a deusa, numa época relativamente antiga. Ele é uma representação masculina do princípio que a cosmologia shivaísta considera como feminino. Freqüentemente representado sob uma forma graciosa e juvenil, às vezes ele se transforma em mulher; mas também pode, como a deusa, ter aspectos terríveis, tais como o do homem-leão. É ele que se encarna para proteger o mundo e a cidade da destruição. É o princípio conservador, inseparável e, no entanto, oposto a Shiva. Seu culto convém facilmente à concepção religiosa da cidade que procura dissimular suas malversações sob pretexto de uma piedade sentimental. É o culto preferido das mulheres e dos comerciantes ligados aos bens materiais.

No mundo grego, Apolo aparece como o irmão e a contrapartida de Dioniso. "Dioniso, que concentra em si mesmo todas as contradições, é a mesma coisa que Apolo, que é seu contrário." (Giorgio Colli, *La sapienza greca*, p. 25) Os contrastes e as relações de Apolo com Dioniso lembram as relações de Vishnu com Shiva. Apolo substitui a deusa nos ritos. A serpente Píton, que tomava conta do santuário de Delfos, foi morta por Apolo, que se apropriou do oráculo da deusa-Terra ligada à deusa minoense. Esse mito simboliza a passagem de uma representação feminina a uma representação masculina do princípio de proteção e de coesão na religião micênica em que predominam os deuses machos.

A oposição e a complementaridade dos cultos de Shiva e de Vishnu, assim como a possibilidade de intercâmbio da deusa e de Vishnu, aparece bem cedo no shivaísmo arianizado como na religião creto-micênica. O templo de Apolo Pitiano, em Gortina, Creta, é extremamente antigo. O culto de Apolo teria chegado a Creta da Ásia Menor. No mundo grego, atribuía-se ao deus uma origem lídia.

Na ausência de Dioniso, quem reinará em Delfos como senhor do oráculo será Apolo. Vemos, na Grécia, o deus macho Apolo substituir a deusa em muitos santuários.

Orfeu é o ministro de Apolo, diz-se até que é seu filho. Participa da ambigüidade apolínea. Às vezes, é considerado um homossexual. Num texto neoplatônico, citado por Colli (*La sapienza greca*, p. 233): "Orfeu morreu despedaçado pelas mulheres da Trácia e da Macedônia, porque havia proibido que participassem dos ritos secretos, mas também por uma outra razão. Dizem... que detestava todo o gênero feminino... As mulheres, levadas pela cólera, devido ao desprezo que demonstrava ter por elas, mataram todos os que tentaram mantê-las à distância e cortaram Orfeu em pedaços, jogando os pedaços de seu corpo no mar." Phanes, invenção da poesia órfica, também é um deus ao mesmo tempo macho e fêmea. Segundo Nonno Abate (citado por Colli, *ibid.* p. 257), Phanes tinha os órgãos sexuais do lado do ânus.

Sob a forma da Encantadora (Mohini), Vishnu retoma seu aspecto feminino para seduzir Shiva. "Um dia, Shiva, com jogos maravilhosos,

percebeu Vishnu, que tomara a forma de Mohini, a encantadora, deslumbrante de beleza. Atingido pelas flechas de Eros, Shiva deixou jorrar seu esperma... Os sete sábios recolheram esse sêmem sobre uma folha e o despejaram na orelha de Anjani, a filha de Gautama. Ela ficou grávida, e foi assim que Shiva se encarnou sob a forma do macaco Hanuman, célebre por sua força e façanhas." (*Shiva Purâna, Shatarudra Samhitâ*, cap. 20, 3-7) Foi também sob uma forma feminina que Vishnu seduziu os titãs, os asuras, e roubou-lhes o néctar, do qual se tinham apoderado, privando-os, desse modo, da Imortalidade.

Segundo o *Kanda purânam* tâmul:

"Os eremitas da floresta de Târuka, que eram hostis ao senhor, praticavam austeridades e sacrifícios, visando a conquista do céu. Shiva foi a Târuka acompanhado de Vishnu, a quem ordenou que tomasse a forma de uma cortesã, o que já fizera antes, a fim de seduzi-lo. Ele mesmo tomou a forma de um soberbo rapaz nu. Levava nas mãos um tridente e uma tigela de mendigo. Quando chegou à floresta, disse a Mâl (Vishnu) para se aproximar dos eremitas, seduzi-los e desviá-los de suas austeridades. Ao verem a cortesã, os eremitas apaixonaram-se. Abandonaram suas práticas ascéticas e seguiram-na por todos os lugares onde ia. O ardor do desejo fez com que perdessem toda dignidade. Enquanto isso, Shiva, sob o aspecto de um mendigo, foi até a frente das moradas das esposas, cantando hinos. As mulheres saíram excitadas ao vê-lo. Fora de si, deixaram cair suas roupas; os braceletes deslizavam dos braços. O mendigo errava de uma casa à outra. Elas o seguiram e perderam a castidade... A cortesã seguida pelos eremitas e o mendigo por suas mulheres encontraram-se na floresta. Os eremitas, ao verem suas esposas seminuas acompanhando sem nenhuma vergonha um mendigo, ficaram estupefatos. Indagaram-se e acabaram descobrindo que o mendigo e a cortesã, que nesse entretempo tinham desaparecido, eram Shiva e Vishnu, e que Shiva era o motivo de sua desventura. Depois de repreender suas mulheres, enviaram-nas ao ermitério... Contudo, os eremitas ficaram furiosos com Shiva e buscaram um meio de fazê-lo morrer. Ofereceram um grande sacrifício. Do centro do sacrifício, surgiu um tigre furioso ao qual ordenaram que fosse matar o senhor. O tigre, com rugidos ferozes, lançou-se sobre o deus que o pegou e o matou, rasgando sua pele para fazer uma roupa. Do fogo, saíram em seguida um tridente, do qual o deus apoderou-se, depois um antílope, que ele pegou com a mão esquerda, e serpentes, com as quais se enfeitou. Uma horda de demônios surgiu logo depois. Atiraram-se sobre 'Aquele que proporciona a paz' (Shankara). Com um gesto, acalmou sua fúria e ordenou-lhes que formassem um exército para servir-lhe. Obedeceram. Em seguida, apareceu o crânio de uma caveira que os eremitas lançaram contra Shiva. Ele o pegou e colocou-a nos cabelos. Os ascetas da floresta de Târuka, indignados com seus fracassos, tentaram usar suas fórmulas mágicas. Estas se agruparam e ganha-

ram a forma de um som terrificante que saía de uma trombeta. O deus apoderou-se da trombeta e a conservou na mão. Os ascetas ofereceram um novo sacrifício, do qual saiu um poderoso gênio denominado Muyalakan (Epilepsia). Ordenaram-lhe, assim como ao fogo, que matasse o deus. Este pegou o fogo com a mão, derrubou o gênio e ficou em pé sobre suas costas.

"Os eremitas lançaram maldições contra Shiva. Nenhuma foi eficaz. Muyalakan, esmagado pelos pés do mestre, debatia-se e virava a cabeça de um lado para o outro. O deus começou a dançar sobre ele. Todo o universo tremeu. Quando a dança parou, os eremitas de Târuka prosternaram-se aos pés do deus e cantaram seus panegíricos. Ordenou-lhes que, daquele momento em diante, observassem os ritos de seu culto e continuassem sua vida austera. Depois disso, voltou para sua montanha branca coberta de neve." (*Kanda purânam* II, cap. 13, 30-127)

Em outra passagem (II, cap. 32) do *Kanda purânam*, "Vishnu, sob a forma da Encantadora (Mohini), tinha ido descansar junto do oceano de leite. Shiva quis mostrar ao mundo que Vishnu não era senão uma de suas quatro esposas. Aproximou-se e manifestou seu desejo de unir-se a ele. Essa mulher ilusória tentou recusar, dizendo que uma união entre pessoas do mesmo sexo era infecunda. O senhor fez com que Vishnu percebesse que ele era apenas a encarnação de um de seus poderes, e que, por essa razão, já pudera conceber Brama (o deus do Espaço) e ganhar a forma de mulher na floresta de Târuka.

"Como Vishnu estava obstinado, o senhor tomou-o nos braços e conduziu-o para a sombra de uma árvore de *châlam* à beira-mar, ao Norte do continente da Macieira rosa. Ali, uniu-se a ele, que ainda tinha a forma da Encantadora. A seiva que espalharam transformou-se num rio que recebeu o nome de Ganges... Da união do senhor com o deus de pele escura nasceu uma criança de corpo negro, cabelos ruivos, trazendo um buquê na mão. O deus de três olhos deu-lhe o nome de Filho de Shiva-Vishnu (Arikaraputtiran). Concedeu-lhe vários dons... Também concedeu-lhe a soberania de um dos mundo... Quando Arikaraputtiran apareceu diante do rei do Céu (Indra), montado num elefante branco e rodeado pelos Diabretes de Shiva, Indra se prosternou diante dele." (*Kanda purânam*, II, cap. 32, 27-60)

No fim do mundo, Vishnu adormece. A força de coesão pára de agir, e o universo, do átomo às galáxias, se dissolve.

O DEUS DOS HUMILDES

Shiva, deus das populações pré-arianas, continuará sendo a divindade preferida por elas, mesmo depois de sua sujeição e rebaixamento à condição de castas de artesãos, num mundo dominado pelos invasores

arianos. O *Hino aos cem rudras* da *Vâjaseneyî Sambitâ* (*Yajur Veda*, cap. 16, 1) invoca-o como patrono dos artesãos, carreteiros, carpinteiros, forjadores, oleiros, caçadores, carregadores de água e monteiros. É o deus dos soldados, dos mercenários e dos intrépidos condutores de carro. É o chefe dos ladrões, mencionado em *A pequena carreta de terracota* do poeta Shudraka. Um tratado sobre a arte de roubar, o *Sanmukhakalpa* ("Manual do deus de seis faces"), é atribuído a Skanda. Shiva também é o deus dos *vrãtyas*, os ascetas mendigos e errantes. (ver P. Banerjee, *Early Indian Religions*, p. 41)

"No shivaísmo, a transcendência em relação às normas da vida ordinária traduz-se no plano popular pelo fato de que Shiva, entre outras coisas, é representado como o deus ou 'patrono' daqueles que não levam uma vida normal e até dos fora-da-lei." (Julius Evola, *Le yoga tantrique*, p. 91)

Pelo fato de Shiva ser o deus dos humildes, seus ensinamentos dirigem-se a todos os homens. Os textos bramanistas censuram-no por ele ter ensinado às classes populares os segredos da mitologia, os ritos, os conhecimentos mais elevados, e por lhes ter aberto os caminhos da iniciação. O *Shatapatha Brâhmana* (V, cap. 3, 2) menciona os *shudras*, os artesãos, como participantes dos sacrifícios de Shiva e dos do *soma*, o licor sagrado identificado com o esperma do deus. Ainda hoje, nos santuários shivaístas mais importantes, o culto é praticado alternativamente por sacerdotes arianos brâmanes e sacerdotes-trabalhadores *shudras*. Um sacerdócio não-ariano sobreviveu, portanto, através dos séculos, apesar de quatro milênios de dominação ariana. "No país marata, onde os shivaístas predominam, os brâmanes não oficiam nos templos. Essa função é reservada a uma casta especial, denominada Gurava, que é de origem *shudra*, não-ariana." (P. Banerjee, *Early Indian Religions*, p. 41.) As tradições desses sacerdotes não-arianos são pouco conhecidas no mundo hindu dominado pelas altas castas arianas ou arianizadas. Não existe nenhum estudo moderno a esse respeito.

As festas de Shiva são as festas dos humildes. Por ocasião do Holi, a festa da primavera que corresponde às festas dionisíacas, cujos remanescentes são os carnavais, os artesãos e os serviçais têm o direito de insultar e de maltratar os patrões, os nobres, os sacerdotes, o que fazem com uma grande dose de injúrias e de obscenidades, como fazem os ganas, os diabretes de Shiva, em relação aos deuses, aos sábios e aos brâmanes. Mais adiante veremos esse aspecto ao abordarmos as festas shivaístas.

O CURANDEIRO

Rudra-Shiva, deus do mundo vegetal, conhece todos os remédios. É descrito como o maior dos médicos. (*Rig-Veda*, I, 43, 4; I, 114.5;

II, 33, 2, 4, 7, 12, 13, etc.) Possui venenos, mas ele próprio não os teme. Quando deuses e titãs deram origem ao mundo pela agitação do oceano cósmico, dali saiu o néctar, mas também o veneno. Shiva bebeu esse veneno para proteger o mundo. O veneno ficou bloqueado no pescoço do deus, que tornou-se azul. Por isso Shiva também é chamado "o deus do pescoço azul" (*nîlakanta*). A medicina cura pelo uso prudente dos venenos. A serpente é quem possui os venenos mais violentos, ela forma o colar de Shiva, sempre associado às serpentes. Esse aspecto do deus encontra-se em Asclépio. "O culto de Asclépio é importante entre os cultos históricos de Creta. A serpente é a companheira constante de Asclépio e representa um elemento familiar de continuidade com uma fase muito mais antiga da religião cretense, se nos lembrarmos da importância do culto minoense das serpentes... O respeito pelo culto de Asclépio e suas curas milagrosas e medicinais... fizeram com que, no último período pagão, ele fosse considerado o principal adversário de Cristo." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 224) Mais adiante examinaremos o culto da deusa-serpente. O caduceu de Mercúrio, rodeado por duas serpentes, é o atributo das profissões ligadas à saúde.

O SOBERANO DAS DIREÇÕES DO ESPAÇO

Shiva é o soberano do universo. Seus diferentes aspectos estão ligados às divindades que regem as direções do espaço e às quais se atribui um simbolismo importante e uma ação direta sobre a vida. Encontramos o simbolismo das direções do espaço em Creta, no Egito, nas culturas megalíticas, nas religiões grega e romana, e até na Idade Média cristã. Ele representa um papel essencial na orientação dos santuários, nas posturas da ioga e na posição dos participantes nas cerimônias rituais.

O *Atharva-Veda* e os *Brâhmanas* mencionam os aspectos do deus que regem as direções do espaço (ver P. Banerjee, *Early Indian Religions*, p. 30).

Na qualidade de Bhava (a origem das coisas), Shiva reina sobre o Leste, o caminho da beleza e do sol. Protege os *vrâtyas* (os humildes, os errantes, os excomungados, os excluídos).

Como Sharva (o Arqueiro), reina sobre o Sul, o caminho da morte e dos antepassados. É o soberano dos fantasmas, o rei dos mundos infernais.

Como Pashupati (senhor dos animais), reina sobre o Oeste, direção da noite, da magia, das águas celestes. É o deus das Florestas.

Como Ugra (o Terrível), reina sobre o Norte, o caminho lunar onde se encontra a taça embriagante do *soma*. É o deus da Embriaguez e do Vinho.

Como Rudra (senhor das lágrimas) ou Agni, o Fogo, reina sobre o mundo inferior, o mundo dos titãs e dos demônios.

Como Ishâna (o soberano supremo), reina sobre a abóbada celeste e sobre os deuses. É o deus do Amor.

Rudra (o Berrador), Sharva (o Arqueiro), Ugra (o Terrível) e Asani (o Raio) são os aspectos destruidores de Shiva. Bhava (o Príncipe), Pashupati (o senhor dos animais), Mahâdeva (o Grande Deus) e Ishna (o soberano) são seus aspectos benévolos.

Ao abordarmos os ritos, veremos a importância do respeito da orientação dos participantes. Na arquitetura, quer se trate de santuários, templos, casas particulares ou do plano das cidades, a orientação deve ser estritamente observada. Os templos dedicados aos aspectos benéficos dos deuses abrem-se sempre para o Leste. O caminho do Oeste é o dos ritos mágicos. O do Sul é o caminho dos mortos, dos túmulos (a via Ápia, em Roma). Mesmo no interior das casas, a destinação das peças é determinada por sua orientação: peças que convêm à cozinha, às refeições, às reuniões, ao sono, ao banho. O quarto do amor, sob o signo de Ishâna (o Zênite), é construído na parte de cima da casa, nos terraços [3].

Para a prática da ioga e dos ritos benéficos, é preciso ficar sempre de frente para o Leste. As regras de orientação foram observadas pelos santuários cristãos até o fim da Idade Média. A inversão recente da posição do padre durante a missa deveria, em princípio, tornar o rito maléfico.

O DEUS DA MORTE

Tudo o que nasce deve morrer. O princípio da vida é, portanto, associado ao tempo, isto é, ao princípio da morte. O deus criador também é o deus destruidor. A vida alimenta-se da morte. Nada vive, a não ser destruindo, devorando outras vidas. Portanto, Shiva tem também um aspecto terrificante (Bhairava). É chamado de Kâla ou Cronos (o Tempo), ou Rudra, o senhor das lágrimas. Para agradá-lo, chamam-no, por eufemismo, de Aghora (Não-Terrível). Sob esse aspecto: "Tem três olhos. Sua coroa é formada por uma serpente. É coberto por ricas jóias. Seu rosto é envolvido pela cinza das fogueiras fúnebres. É cercado por fantasmas, gnomos, espíritos malignos, feiticeiras e demônios. Veste-se com uma pele de elefante. Serpentes e escorpiões servem-lhe de ornamento. Sua voz ressoa como o trovão em dia de tempestade. Parece com uma montanha de colírio azul. Tem uma pele de leão no ombro.

---

3. Para uma explicação mais detalhada sobre a significação das direções do espaço, ver *Le temple hindou*, de A. Daniélou.

É terrificante. Sua imagem é instalada perto das fogueiras fúnebres ou nos cemitérios." (*Linga Purâna*, II, cap. 50, 23-26)

Os membros de algumas seitas de monges errantes shivaístas, imitando o deus, vivem nus, com cinza espalhada pelo corpo, os cabelos longos e duros, descoloridos com cal. Praticam a meditação nos locais de cremação. "Shiva é um destruidor, gosta dos locais de cremação, mas o que ele destrói? Não apenas os céus e a Terra no final do ciclo, mas os elos que ligam cada alma individual. O que é o local de cremação? Não é o lugar onde são queimados os restos mortais, mas o coração de seus fiéis, reduzidos a um deserto. O lugar onde o ego é destruído representa o estado em que a ilusão e as ações são reduzidas a cinzas. É ali que dança o Natarâja." (A. Coomaraswany, *The Dance of Shiva*, p. 75)

Shiva é chamado de Mahâkâla, o Tempo do tempo, o Grande Destruidor. É venerado sobretudo sob o aspecto de sua energia manifestada, Kâlî, a "Potência do tempo", a deusa terrível. Shiva está sempre presente junto das fogueiras fúnebres. Rege o mundo subterrâneo dos mortos. Como ele, "Dioniso é uma divindade ctoniana..., deus subterrâneo que se manifesta no período invernal ou talvez no momento em que as almas dos mortos retornam... Era a esse deus que convinha o sepulcro cuja presença constatamos nos santuários de um deus que tinha horror do contato com a morte... Rege a noite, pois, durante o dia, o sol é chamado de Apolo, durante a noite, Dioniso." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 195-6) Osíris, do mesmo modo, rege o mundo dos mortos.

Dioniso é *nyktipolos*, "o que ronda a noite". Shiva também é chamado de *Nishichâra* (O que ronda à noite). Traz na mão uma cabeça cortada. Usa um colar de crânios.

AS CINZAS E A ROUPA AÇAFROADA

As cinzas representam o que subsiste de um mundo destruído, principalmente a cinzas das fogueiras fúnebres. Somente Shiva existe além da morte. Ele "veste-se com cinzas", seu corpo é envolvido por cinzas. É das cinzas que renascerá um mundo novo. Toda vida nova nasce de uma vida destruída. Shiva diz: "Meu sêmem, minha força criadora é alimentada por cinzas [de morte]. É por isso que as cinzas protegem. Nas horas de perigo, até mesmo quando dormimos, a salvo, numa casa, as cinzas nos protegem. Aquele que se purificou, friccionando-se cinzas, que dominou sua violência e os impulsos de seus sentidos, não volta mais atrás depois de ter-se aproximado de mim." (*Linga Purâna*, cap. 34, 8-10)

Os fiéis do deus passam cinzas no corpo, sinal de desprendimento, pois para eles o mundo ilusório das aparências já está destruído. Às

vezes, utilizam uma massa branca, simbolizando a cinza. "A purificação, *Catharmos*, consistia em friccionar o corpo do fiel com uma massa de argila e de farinha, substâncias a que se atribuía, talvez devido à sua brancura, um certo valor simbólico. O período de iniciação, que, em Aristófanes, é a recepção por Sócrates de um novo discípulo, confirma esse gênero de ablução." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 96) Na Índia, os atores que representam o deus nas procissões shivaístas passam no corpo gesso ou cinzas. Apenas as seitas extremistas, de origem relativamente recente, utilizam as cinzas das fogueiras fúnebres. Antigamente, os shivaístas não cremavam seus mortos.

Tanto na Índia quanto no mundo céltico, o luto é representado pela cor-de-açafrão. Quando não estão nus, a roupa dos monges shivaístas é cor-de-açafrão. Essa prática será retomada pelos monges budistas. Também dessa cor é a veste atribuída a Dioniso. Quando o preto passou a ser a cor do luto entre os cristãos, os padres vestiram-se de preto, pois do ponto de vista do mundo, são mortos-vivos.

A cor-de-açafrão ou ocra é a cor sagrada de Shiva. "A prática bastante difundida de friccionar ocra vermelha nos adeptos é um símbolo de renovação da vida. As ossadas dos mortos eram envolvidas com ocra vermelha nos túmulos do alto paleolítico." (F. C. Hawkes, *The Prehistoric Foundations of Europe*, p. 38)

3

A deusa: potência, amante e mãe

A DEUSA

Shiva é o idealizador do mundo. Para realizar seu plano, necessita de um poder executivo, de uma força material, de uma "energia". A energia (Shakti) é, portanto, sua primeira manifestação, seu complemento, oriundo de si mesmo. A cosmologia (sânkhya) representa esse poder de materialização, seja como força de coesão, a força centrípeta, que permite a organização da matéria e que é chamada Vishnu (o Imanente), seja como contrapartida feminina do deus. A deusa é o "receptáculo", a matéria-prima, formada por elementos energéticos, sustentáculo indispensável de toda manifestação aparente.

Sem a energia criadora representada pela deusa, Shiva é como um "corpo sem vida" (*shava*), incapaz de agir, de se manifestar, de realizar sua ideação do mundo. Representar o princípio do mundo como masculino e feminino é puramente uma questão de abordagem, de aspecto considerado. O tantrismo considera o princípio feminino como o aspecto eficaz, real da divindade em relação ao homem. Por isso, a deusa é o objeto central do culto. Às vezes, é substituída por Vishnu-Apolo.

A manifestação de um mundo cuja natureza é energia exige dois pólos opostos. A substância, a matéria do mundo, é a corrente que une esses dois pólos. A matéria não é algo estável, mas pura energia organizada no espaço-tempo. Na Trindade primordial, não é nem Shiva nem Shakti a substância da criação; é a centelha que jorra entre eles, a atração (râga), o gozo (ânanda), o prazer (kâma), o amor. O três é o primeiro dos números. Encontramos o eco dessa concepção em Hesíodo, quando diz: "Primeiro foi o abismo (o não-manifestado), depois a Terra (a matéria), em seguida o amor." Uma imagem grosseira mas exata do processo da criação é a união dos sexos, que é percebida

essencialmente como um prazer. A substância do mundo é o gozo. É o que nos aproxima do estado divino. A reprodução e a fecundidade são apenas acidentes ocasionais da união dos sexos, uma utilização do prazer que visa à multiplicação das espécies vivas, e é um erro dos modernos interpretar os mitos e os símbolos da união sexual em termos de fecundidade. O mundo é a centelha do prazer. Não é um dos princípios que fecunda o outro. "Afrodite nunca se tornará a deusa, por excelência, da fertilidade. É o amor físico, a união carnal, o que ela inspira, exalta e protege... Sob a aparência de uma divindade frívola dissimula-se uma das fontes mais profundas da experiência religiosa: a revelação da sexualidade como transcendência e mistério." (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 296)

Nas mais antigas teogonias gregas, os seres divinos masculinos, neutros ou femininos, engendram por partenogênese. A união do deus com a deusa é estéril. Cada um procria de seu lado, independentemente do outro. Shiva é representado em coito permanente com a deusa durante milênios, mas só gera um filho, Skanda, quando o coito é interrompido e o esperma divino cai na boca do fogo sacrificatório. A deusa, igualmente, engendra por si mesma, independente do deus. "Hera pariu o ilustre Hefaístos sem união de amor, por ira e desacato a seu esposo." (Hesíodo, *La théogonie*, p. 927)

A união de Zeus com Hera, patronos do casamento, é infértil. Zeus é pai de muitos filhos, cuja mãe não é Hera. Também ela tem alguns filhos, cujo pai não é Zeus. Encontraremos no mundo cristão o mito da Virgem que engendrou o deus sem a intervenção de um personagem masculino.

A preferência dispensada ao culto da deusa, ao shaktismo, é de origem extremamente antiga e não é particular à Índia. Está ligada às relações afetivas do ser vivo com a mãe, a vagina, a caverna de onde ele saiu. "O shaktismo remete a um fundo de espiritualidade que oferece analogias visíveis com a do mundo mediterrânico proto-histórico, pelásgico e pré-helênico. As 'deusas negras' hindus (como Kâli e Durgâ) e as deusas paleo-mediterrânicas (Deméter, Melaina, Cibele, a Diana de Éfeso e a de Táurida, e até as 'virgens negras' cristãs) remetem a um protótipo único. Precisamente nesse substrato que pertence a populações dravídicas da Índia e, em parte, a camadas e ciclos de civilizações ainda mais antigos, como os que foram encontrados através das pesquisas de Mohenjo-Dâro e de Harapa, o culto de uma Grande Deusa ou Mãe universal (a *Magna Mater*) formou um tema central e revestiu uma importância que ignora completamente a tradição ária-védica e sua espiritualidade de tendência essencialmente viril e patriarcal. Foi seu culto que, após ter ficado subjacente durante o período da conquista e da colonização arianas (indo-européias), emergiu novamente no tantrismo." (Julius Evola, *Le yoga tantrique*, p. 17)

OS MÚLTIPLOS ASPECTOS DA DEUSA

Como fonte de todos os aspectos da manifestação, a deusa é una e múltipla. Qualquer que seja o aspecto do mundo que examinemos, encontramos em sua base uma energia, uma *shakti*, que é um dos aspectos da Shakti universal. É por isso que a deusa tem múltiplos nomes, múltiplas formas que, de um ponto de vista ritual, podem aparecer como princípios diferentes, até contrários.

Ela é, portanto, virgem e mãe, benévola e terrível, exterior a nós ou presente em nós mesmos. Percebemos várias *shaktis*, e ao mesmo tempo sua unidade. Isso não é uma particularidade do shivaísmo. As deusas gregas também são intercambiáveis. "As deusas célticas podem ser consideradas como 'funções' da deusa mãe. Assim são Macha, a deusa da fertilidade, em cuja honra se praticavam orgias e que se tornou deusa da Guerra, depois Anu, cujos seios são as colinas do condado de Kerry (na Irlanda), e Brigitt, deusa da Abundância e do Casamento, que se tornou a santa Brígida cristã." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 44)

Encontramos uma longa pré-história para cada aspecto da deusa. "O nome Atena é pré-grego... Ela é associada às serpentes, à oliva e ao mocho, como a deusa minoense, e ao culto da árvore e dos pássaros da religião minoense." (R. F. Willets, *Cretan Cults and Festivals*, p. 278) Sarasvatî, como Atena, é a protetora das ciências e das artes. É, portanto, a inspiradora dos artesãos e, como tal, venerada por eles. No Sarasvatî Pûjâ, a festa da Deusa, todas as ferramentas ou instrumentos de trabalho, os livros, os instrumentos musicais são colocados num altar e venerados como símbolos da deusa.

Em todos os ritos que visam a realizações imediatas, o culto popular dirige-se de preferência à deusa, à mãe, à amante: é o ponto de vista tântrico. É o elemento feminino, presente em todo ser, que nos liga ao mundo material; através dele é possível desfazer os laços que nos prendem ao mundo. Os ritos orgiásticos do tantrismo e a exaltação das mênades evocam o papel do elemento feminino na mística dionisíaca ou shivaísta.

É a deusa quem permite a realização da obra criadora. Também é ela quem controla a imaginação do deus, sua loucura criadora ou destruidora. Ela é o intercessor. Devemos nos dirigir a ela. Encontramos esse papel de intercessão em todas as deusas e até na Virgem Maria. O culto de uma deusa mãe aparece como predominante nas religiões da pré-história. Com a extensão do shivaísmo e do tantrismo, aos poucos foi substituído pelo culto da deusa amante. A deusa também se manifesta sob formas masculinas. Segundo o *Bhaghavatî Tattva*[4], Vishnu, Krishna, Rama, Ganesha e o Sol são manifestações do princípio feminino, da deusa. Isso explica muitos aspectos de seus cultos.

---

4. Traduzido por A. Daniélou no *Journal of the Indian Society of Oriental Art*, Calcutá, 1945.

A DAMA DA MONTANHA

O nome principal da deusa é Pârvatî (a da montanha), pois pensa-se que a energia terrestre sobe ao céu através dos cumes das montanhas. É ali que o céu e a Terra se unem. A união da abóbada celeste, associada ao *Linga* de Shiva, com a energia terrestre, que jorra das montanhas, liga, de certo modo, o deus com o mundo dos seres vivos. Segundo Heródoto (7, III), o oráculo de Dioniso encontra-se nas montanhas mais altas. Em todas as regiões, a deusa é associada a uma montanha sagrada. "As altas montanhas são a morada aprazível das deusas." (Hesíodo, *La théogonie*, 128) Na tradição lendária, Pârvatî é filha do rei das montanhas, Himâvat (o Nervoso), senhor do Himalaia. Na Suméria, o deus Bel e a deusa Nin-har-sag residiam na "montanha do Leste"; a deusa era a "Dama das montanhas". No mundo cretense grego, como no oriente Médio, encontramos a imagem de Párvatî, que Eurípides chama de a "Mãe da montanha". Réia, em Creta, é a deusa das Montanhas. Os nomes de Dictina e de Ártemis evocam a noção de uma Mãe-montanha e de uma caçadora. Dictina é a deusa das Montanhas, guardiã dos iniciados. Seu nome está ligado ao monte Dicte. O nome Dictinaios foi dado às montanhas do Noroeste, na região de Kidonia. O santuário mais antigo de Dictina chamava-se Tityros (Sátiro). Segundo Estrabão, os *tityroi*, servidores da deusa e do deus, assemelhavam-se aos coribantes. Correspondem aos ganas de Shiva. Faziam parte do ciclo da tradição greco-frígia ligada ao culto do menino Zeus em Creta e da mãe dos deuses na Frígia e na região da Ida troiana.

Um sinete de Cnossos mostra a Dama da montanha inclinando seu espectro na direção de um adorador macho. Vê-se a deusa, precedida por um leão, que é o veículo de Pârvatî. Em Éfeso, numa gruta de Cibele, a Mãe dos montes, vê-se a deusa entre dois leões, tendo junto dela um jovem companheiro equivalente a Ganesha, o filho e guardião de Pârvatî.

A POTÊNCIA DO TEMPO

A deusa, por sua relação com Shiva, permite a manifestação do eros divino. No entanto, em relação ao homem, pode aparecer como a mãe da qual tudo surgiu e para a qual, no fim, tudo retorna. É, então, associada a Kâtî, a "Potência do tempo", da morte.

Shiva, sob seu aspecto terrível, é associado a Kâla, o tempo, o Cronos dos gregos. Kâlî, a potência do tempo, da morte, também chamada de Durgâ, a Inacessível, representa o aspecto terrível da deusa. Ela aparece dançando sobre um mundo em ruínas, com os atributos de Shiva destruidor, um colar de crânios e serpentes. É rodeada de demônios. Mata tudo que dela se aproxima. É ela que é preciso invocar

para obter um sursis. Seu culto, ligado ao tantrismo, é muito difundido. É uma ramificação importante da tradição shivaísta, retomada no budismo do Mâhâyana. O erotismo e os sacrifícios sangrentos têm um grande papel no culto da deusa terrível, que é a principal divindade venerada atualmente em algumas regiões da Índia, Bengala em particular. "Dagda, o Grande Deus que engendrou os antepassados mitológicos dos celtas da Irlanda, denominados Tuatha De Danann, 'o povo da deusa Danu', copulava com a sinistra deusa-corvo Morrigan, cujo frenesi sexual era tão forte quanto seu desejo de sangue e de carnificina." (A. Ross, em *Primitive Erotic Art*, p. 82)

A ela eram oferecidas as cabeças dos guerreiros inimigos mortos na batalha. Reconhecemos a imagem de Kâlî, representada com colares de crânios, em união erótica com Shiva. Há paralelos no Egito.

A carnificina e o canibalismo são os traços característicos das deusas arcaicas. No mito ugarítico (cananeu) do terceiro milênio, Anat, em sua raiva homicida, mata os guardas, os soldados e os velhos. O sangue sobe-lhe até os joelhos. Como Kâlî, ela possui colares e cintos feitos com as cabeças e as mãos das vítimas.

A morte é um retorno ao seio da mãe, à terra de onde viemos. Kâlî é a única deusa invocada por seus fiéis como "Mãe", como protetora. A quem mais se pode implorar clemência, senão à toda-potência do Tempo?

A DAMA BRANCA

Gauri, a Deusa branca, é o aspecto benéfico da deusa. É a protetora, a amiga dos homens, a boa fada. Entre os gregos, a Dama branca (Leucotéia) era a protetora dos navegantes. "Ino lançou-se no mar com o filho Melicerta morto. É chamada de Leucotéia (a Dama branca), e o menino, de Palemão. Ao menos é assim que lhes chamam os marinheiros, pois prestam-lhes ajuda durante as tempestades." (Apolodoro, III, 4, 3) Segundo Jean Lydus (o Lídio, século VI), Leucotéia, a Dama branca, substitui Prosérpina como mãe de Dioniso. O culto do Dioniso arcaico e cretense parece ter-se mantido por muito tempo nas ilhas, e a Dama branca do mar tinha ali um culto importante.

SATI (FIDELIDADE)

Ísis, na mitologia egípcia, é o símbolo da fidelidade. Sati (Fidelidade) é a amante de Shiva. Sua lenda é diferente da lenda de Pârvatî, a Dama da montanha. Sati é a filha do rei-sacerdote ariano Daksha. Sua lenda evoca o fracasso da fusão dos panteões dravídico e ariano,

e também um aspecto do papel da mulher que deve fidelidade a seu esposo e abandona qualquer laço com sua família e seu clã de origem.

Após o suicídio de Sati, Shiva transporta seu corpo nos ombros e deixa cair pedaços dele em vários lugares da terra. No mito de Osíris, ao contrário, é Ísis quem recolhe as diferentes partes do corpo do deus e as enterra em diversos locais, que se tornam lugares santos. No mito dos cananeus, adoradores do touro, o filho de Baal Aliyan, o equivalente de Pashupati, deus das Fontes e das Florestas, casa-se com sua irmã Anat. Quando Aliyan morre, Anat vai procurá-lo no país dos mortos, carrega-o nos ombros e o enterra no cume do monte Saphon.

A SENHORA DOS ANIMAIS

Contrapartida de Pashupati, o senhor dos animais, Pârvatî, a Dama da montanha, aparece também como senhora dos animais. Ártemis, a antiga Dama das montanhas, é do mesmo modo, em toda a pré-história mediterrânica, inclusive na Creta minoense, a senhora dos animais selvagens.

Ártemis é a patrona dos caçadores, das feras e das jovens. É ela quem governa o caráter sagrado da vida selvagem. Deusa das Florestas, ela conhece a sexualidade e o parto, mas rejeita os laços sociais do casamento.

Na religião cretense, "as divindades femininas — e, portanto, por natureza, 'terrestres' e 'secretas' — tinham um papel predominante. Entre elas, a mais conhecida, pelos monumentos, é uma deusa senhora dos animais ferozes, Potnia thêrôn, representada no ato de matar ou de subjugar animais selvagens, ou então armada para a caça" (Paolo Santarcangeli, *Le livre des labyrinthes*, p. 101).

Ela corresponde à antiga mãe dos animais pré-céltica, cuja imagem encontramos na caverna de Pech-Merle, no sudoeste da França. "Fergus, o Grande Deus céltico, tem por esposa Flidais, a deusa das Florestas e do Mundo selvagem. Ela é a soberana dos animais... Assemelha-se à Diana clássica e sua origem remonta a protótipos paleolíticos." (A. Ross, em *Primive Erotic Art*, p. 83)

Afrodite, deusa considerada de origem oriental, oriunda do sêmen dos órgãos sexuais de Uranos lançados no mar, segundo um mito paralelo ao da castração de Shiva, é também a senhora das feras, como Pârvatî e Ártemis. Ela espalha o desejo entre as feras, os homens e os deuses. "A deusa é representada sob formas variadas, cercada de animais, pássaros, serpentes, com o pilar betílico ou a árvore sagrada, com a papoula ou o lírio, com a espada e o duplo machado. É caçadora e deusa dos esportes; armada, preside à dança ritual. Rege a montanha, a terra, o céu, o mar, a vida e a morte. Mãe e Virgem..., ela é una e múltipla." (R.F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 75)

O CASAMENTO DE SHIVA COM PÂRVATÎ

Quando os sábios quiseram persuadir o deus vagabundo a casar-se, Shiva disse-lhes: "A mulher que posso aceitar deve ser bela, praticar ioga e ser capaz de suportar o ardor de meu esperma. Deve ser uma iogue quando eu praticar a ioga e uma mulher amorosa quando eu praticar o amor. Há uma outra condição. Se ela não tiver confiança absoluta em mim e em minhas palavras, abandoná-la-ei..." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. 17, 38-44)

"Shiva, benévolo com seus fiéis, gosta de se divertir através de encantamentos. Para se aproximar de Menâ, a esposa do rei das montanhas, tomou a forma de um dançarino. Levava uma trompa em sua mão direita, um tambor na esquerda. Tinha uma roupa vermelha e uma bolsa nas costas. Dançava maravilhosamente e cantava com uma voz muito doce. Soprava sua trompa e batia no tambor com um som melodioso. Era um espetáculo maravilhoso. Todos os habitantes do lugar, homens, mulheres, crianças, reuniram-se para vê-lo, estavam em êxtase.

"Pârvatî, a filha do rei das montanhas, percebeu a forma harmoniosa de Shiva, portador do tridente e outros atributos. Seu corpo estava revestido de cinzas. Um colar de crânios envolvia seu pescoço. Seu rosto estava sorridente, os três olhos brilhavam. Uma serpente servia-lhe como cordão sagrado. De uma brancura brilhante, o belo Shiva, o amigo dos humildes, o oceano de bondade, repetia: 'Faça um pedido.' Ela inclinou-se diante dele e disse: 'Seja meu esposo.'

"Shiva concordou com o pedido e continuou sua dança. Menâ quis oferecer-lhe jóias e ouro. Mas o dançarino recusou qualquer presente. Pediu a mão de Pârvatî e continuou a dançar e a cantar. Menâ, indignada, quis expulsá-lo com o auxílio de sua gente: mas ninguém podia botá-lo para fora. Ao ser tocado, queimava como o fogo mais ardente. Iluminava tudo a sua volta. Finalmente, o mendigo desapareceu.

"O chefe dos brâmanes dirigiu-se ao rei das montanhas: Ouvi dizer que você quer conceder em casamento a Shiva sua filha, delicada como uma flor de lótus, divinamente bela, em tudo perfeita. Porém, esse Shiva não tem domicílio, não tem relações. É mal constituído, sem nenhum mérito. Vive nos locais de cremação. Parece um encantador de serpentes. É apenas um iogue que vive nu. Seus membros são disformes. Seus únicos ornamentos são serpentes. Não conhecemos seu nome de família, sua casta e suas origens. É um rapaz de má conduta, sem profissão. Seu corpo é revestido de cinzas. É irascível e sem juízo. Ninguém sabe a sua idade. Seus cabelos hirsutos são emaranhados. É companheiro de todos os velhacos. É apenas um mendigo que segue um mau caminho e que se opõe sistematicamente aos mandamentos dos Vedas." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. 30, 26-52, e cap. 31, 43-47)

Segundo o *Shiva Purâna (Rudra Samhitâ*, caps. 37-51, resumidos):

"Incitado por sua mulher e pelos filhos, o rei das montanhas mandou que seu escriba escrevesse um pedido de noivado e enviou a Shiva mensageiros, portadores do pedido e de presentes. Ao chegarem a Kailâsa, o paraíso do deus, entregaram-lhe a mensagem e fizeram a marca sagrada em sua testa. Shiva tratou-os com honra, e eles voltaram encantados. O rei das montanhas, então, fez convites e começou a armazenar provisões e tudo o que era necessário para as celebrações. Grandes quantidades de arroz, sal e açúcar foram amontoadas. Construíram-se reservatórios para o leite, o óleo, o leite coalhado, os bolos de cevada, os doces; outros para o vinho, o caldo-de-cana, as tortas e outras guloseimas, e também para a manteiga as bebidas inebriantes, os sucos de frutas e diversos outros produtos. Prepararam-se pratos picantes e outros aperitivos para satisfazer os ganas de Shiva. Prepararam-se belas roupas purificadas pelo fogo, jóias, pedras preciosas, objetos de ouro e de prata. Os ritos começaram num dia favorável. As mulheres das montanhas realizaram as cerimônias de purificação de Pârvatî.

"Todas as montanhas reuniram-se para as festas: chegaram os montes Mandara e os montes do Oeste e do Leste, os montes Malaya, Dardura, Vishâda, Gandhamadana, Karvira, Mahendra, Pâriyâtra, Krauncha, Purushottama, Nîla, Vindhyâ, Kalanjara, Kailâsa, assim como todas as montanhas dos outros continentes que se reuniram na morada de Himâvat (o monte nevoso).

"Todos os rios também se juntaram, cobertos de jóias. Chegaram Godâvari, Yamunâ, Brahmastrî, Venôkâ, Ganges e Narmadâ.

"A cidade inteira estava em festa, estandartes, bandeiras, guirlandas brilhavam por toda parte. Uma imensa sala mobiliada com esplendor foi construída por Vishvakarma, o arquiteto dos deuses. Ali estavam esculpidos leões, cegonhas, pavões, maravilhosamente reais. Também havia mulheres artificiais que dançavam e falsos homens que lhes lançavam olhadelas. Guardas soberbos, com arcos esticados, pareciam homens reais a ponto de confundirem as pessoas. Elefantes, carros, soldados pareciam tão naturais que acreditar-se-ia que estivessem vivos. A estátua da deusa estava em frente à entrada. Parecia sair do oceano de leite. Um magnífico apartamento foi preparado para Shiva.

"Quando recebera o convite, Shiva tinha se posto a rir. Mandou que o lessem em voz alta e aceitou a proposta. Ele disse: 'Estou sempre às ordens de meus admiradores. Por sua devoção, Pârvatí obteve a honra de ter-me como esposo. Dentro de sete dias, acontecerão as núpcias.'

"Shiva chamou seu touro e todos os seus ganas para acompanharem-no, e também a horda dos espíritos malignos (Bhûtas). Foram ao país das Montanhas nevosas para as festas do casamento.

"A terrível Chandi, irmã de Shiva, também foi, espalhando por toda parte o terror. Cavalgava um fantasma, estava coberta de serpen-

tes. Carregava uma urna de ouro na cabeça. Milhares de gnomos acompanhavam-na. O som dos tambores era ensurdecedor, destruindo tudo que não fosse de bom augúrio.

"O rei das montanhas, acompanhado por todas as montanhas, prosternou-se ante Shiva que se aproximava. Shiva, sorridente, estava sentado em seu touro coberto de jóias. Sua beleza iluminava os quatro cantos do espaço, sua coroa resplandecia. As serpentes tinham-se transformado em preciosas guirlandas. De seu corpo emanava uma divina luz. Estava cercado pelos deuses que o abanavam. Foi recebido pelo rei das montanhas com grandes honras e muita cerimônia.

"Menâ, a esposa do rei das montanhas, pediu então para ver Shiva sob seu aspecto habitual, que destrói a vaidade e o orgulho. De sua sacada, viu chegar o imenso cortejo dos gandharvas, os músicos do céu, magnificamente vestidos, montados em seus carros, tocando diversos instrumentos musicais, acompanhados por ninfas. Ao ver chegar o chefe dos deuses das Esferas (Vasu) ela exclamou: 'Aí está Shiva!' Mas lhe disseram: 'Não, é só um de seus ministros.' Do mesmo modo, ao ver cada um dos recém-chegados, que pareciam cada vez mais esplêndidos, Menâ exclamava: 'Aí está Shiva!' E era preciso que lhe dissessem: 'Não! É apenas um comparsa.' Ela estava deslumbrada.

"Quando Shiva apareceu, sentado em seu touro, coberto de cinzas, os cabelos hirsutos, o crescente na testa, um crânio na mão, uma pele de tigre nos ombros, trazendo um arco e um tridente, os olhos estranhos, sujo e malvestido, cercado por seus diabretes, diabos, fantasmas de formas assustadoras, Menâ, apavorada, desmaiou. Quando voltou a si, na sua fúria não teve limites: 'O que fazer? Estou desonrada. Vocês me enganaram. Maldita seja a minha filha que quer trocar uma jóia por um pedaço de vidro, que prefere um chacal a um leão. Malditos sejam todos. Maldito seja o dia em que concebi essa criança. Vocês todos conspiraram contra mim. Minha filha jamais esposará essa criatura. Preferiria matá-la.' Ela ordenou a Himâvat: 'Pegue a sua filha, amarrea-a e jogue-a num abismo ou no mar profundo. Se você conceder sua filha a esse ser, renunciarei à vida. Preferiria envenenar minha filha, cortá-la em pedaços, afogá-la no mar, a dá-la a Shiva. Fomos todos ridicularizados. Esse personagem não tem nem pai, nem mãe, nem irmão, nem parentes. Não tem beleza nem profissão, sequer uma casa que lhe pertença, nada de roupas e de jóias, não é rico e sequer é jovem. É sujo, ignorante e desagradável. Que razão tenho para lhe dar a minha filha?'

"Repreendida pelos deuses, Menâ acabou por se acalmar: 'Se aparecer sob uma forma agradável, minha filha pode ser entregue a ele. De outro modo, não!' Então Shiva mostrou-se para Menâ sob seu aspecto encantador. Cada parte de seu corpo brilhava de beleza. Suas roupas eram multicores. Ostentava jóias preciosas. Sua pele era clara e brilhante. O crescente dava-lhe ainda mais beleza.

"Menâ, deslumbrada, pediu perdão pelas injúrias que havia dirigido ao deus. Todas as mulheres abandonaram seus afazeres e precipitaram-se para vê-lo, umas meio vestidas, outras arrancando o filho do seio, ou deixando o marido à mesa, sem servi-lo. Os homens, como as mulheres, estavam encantados pela beleza do deus e felicitaram Menâ. Ela desceu então para receber o noivo.

"O rei das montanhas e Menâ, após os ritos do banho, ornaram Pârvatî com os adornos trazidos por Shiva. Ele realizou as abluções cerimoniais e colocou roupas esplêndidas.

"Uma grande festa foi dada. Soprou-se nas conchas, bateu-se nos tambores tais como o *pataha* (timbales) e o *anaka* (tambor duplo). Fizeram-se soar as conchas marinhas (*gomukha*). Cantaram-se cantos de bom augúrio para acompanhar as dançarinas.

"Um sacerdote começou a celebrar os ritos num cercado onde um altar fora construído. Pârvati estava sentada numa plataforma sobrelevada. Grãos de arroz foram lançados sobre os esposos. O sacerdote, conforme as regras, para poder realizar os ritos, pediu a Shiva: 'Diga-nos agora sua genealogia, sua casta, sua família, seus antepassados védicos e os Vedas que recita.' Houve um momento de embaraço. Shiva virou a cabeça. O sábio Nârada começou a tocar o *vînâ*. Ele disse: 'Shiva é o Ser supremo, não tem antepassados nem família, sua única família é a palavra divina. Ele é o Som primordial (Nâda).'

"O rei das montanhas, então, pronunciou ele mesmo as palavras rituais: 'Dou-lhe minha filha como esposa. Digne-se a aceitá-la', e colocou a mão de Pârvatî na mão de Shiva. Depois ofereceu-lhe como dote: jóias e vasos preciosos, cem mil vacas, cem cavalos selados, cem mil servas, jovens e ternas, carros e elefantes.

"Pârvatî, a filha das montanhas, era tão bela que o deus Brama, ao olhar as unhas de seus pés, foi atingido por Eros. Ele conta: 'Perturbado por Eros, eu olhava muitas vezes seus membros e, imediatamente, meu esperma escorreu pelo chão. Eu, que já sou velho, senti-me envergonhado com essa ejaculação e apertava meu sexo entre os pés.' Mas Shiva, tendo notado isso, ficou furioso e quis matar Brama. No entanto, os deuses elogiaram-no tanto que ele se acalmou. O sêmen de Brama, em seguida a pressões repetidas, espalhou-se em vários jatos fulgurantes. Inúmeros sábios nasceram desse sêmen. Esses sábios são chamados de *Vâlakhilya*.

"Foram exilados na Montanha dos perfumes (Gandhamâdana) e tornaram-se fiéis de Shiva. O casal foi, em seguida, conduzido ao quarto nupcial. As mulheres da cidade das neves efetuaram os ritos de bom augúrio. As deusas vieram então conceder-lhes favores... Na companhia da esposa, Shiva mascava bétele e cânfora."

Encontramos no mundo grego a noção do deus cujo esperma gera seres vivos. Erictônios nasceu do sêmen que Hefaístos espalhou no chão quando o deus perseguia Atena. Também, Zeus espalha seu sêmen

ao ver Perséfone. "Ele ainda não tivera paixão tão violenta quando apaixonou-se pela deusa nascida em Chipre, quando, em seu impossível desejo de possuí-la, espalhava seu sêmen sobre a terra, dardejando a espuma ardente de seus amores, jorrada espontaneamente. Foi daí que floresceu em Chipre a Cornuda, sua nutriz, a raça de corpo duplo, dos Centauros cornudos." (Nonos, *Dionysiaques*, canto V, 610-615, trad. Pierre Chuvin)

4

Os filhos da deusa e do deus

GANESHA, CORIBAS OU HERMES, SENHOR DOS OBSTÁCULOS, GUARDIÃO DAS PORTAS E DOS MISTÉRIOS

"As companheiras de Pârvatî queixavam-se a ela, dizendo: 'Os servidores de Shiva não se recusam a executar as nossas ordens, porém não estão realmente a nosso serviço. Obedecem a Shiva e vigiam nossa porta. Não podemos confiar neles. Precisamos de alguém que seja realmente dos nossos...' Quando a deusa tomava seu banho, Shiva, empurrando Nandi, o Minotauro que vigiava a entrada, entrou sorrateiramente no aposento. A deusa ficou muito constrangida... Decidiu criar para si um servidor e, com as raspas de sua pele, fez um rapaz.

"Era um belo adolescente, bem proporcionado, grande, vigoroso e bravo. Ela disse-lhe: 'Você é meu filho e só pertence a mim.' Ele prometeu obedecer-lhe em todas as coisas. A deusa, encantada, cobriu-o de carícias e o abraçou. Colocou-o, armado com uma clava, diante de sua porta. Quando Shiva quis entrar, o rapaz impediu-o e, apesar das injunções do deus, não o deixou passar. Shiva, furioso, enviou então seus ganas para livrá-lo do importuno. Longas parlamentações e intermináveis brigas seguiram-se. O fiel guardião foi vitorioso... Quando viu o exército dos deuses juntar-se aos ganas para atacar o valente rapaz, a Mãe do mundo delegou dois de seus poderes, dois *shaktis*, sob forma de diabas, para ajudar o seu filho. Uma dessas diabas, que tinha um aspecto terrificante, mantinha-se de pé. Sua boca aberta era grande como a caverna da Montanha negra. A outra tinha a aparência do raio e inúmeros braços. Era enorme e terrível, pronta para golpear todos os que se aproximassem. Na batalha, as duas *shaktis* pegavam com a boca os projéteis lançados pelos deuses e os ganas, e lançavam-nos novamente sobre eles... Quando Vishnu quis atacar o filho da deusa, as duas *shaktis* integraram-se ao corpo do rapaz e deram-lhe, desse

modo, uma força maior. Mesmo o exército dos deuses foi derrotado pelo corajoso rapaz. Finalmente, quando ele estava ocupado no combate a Vishnu, o próprio Shiva, traiçoeiramente, cortou-lhe a cabeça com o tridente. Ao ver o desgosto da deusa e para acalmá-la, Shiva ordenou imediatamente que fosse substituída a cabeça do jovem pela do primeiro ser vivo encontrado... Foi um elefante, cuja cabeça foi unida ao corpo ressuscitado e, para consolar a deusa, Shiva o nomeou Ganesha, chefe dos ganas." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, caps. 13-18, resumidos)

Numa outra versão, foi o olhar maléfico de Saturno que decapitou o rapaz. Convidado com os outros planetas ao batismo de Ganesha, Saturno, que traz infelicidade, não pôde resistir ao desejo de olhar furtivamente o rapaz, cuja cabeça imediatamente explodiu.

Ganesha é, portanto, o filho da deusa. Como Hefaístos, o mágico, filho de Hera, foi engendrado apenas pela deusa, sem a intervenção de um personagem masculino. Ganesha é o chefe dos ganas, os "diabretes do céu", jovens que pertencem ao mundo dos gênios e são os companheiros de Shiva. Entre eles, os vighnaganas, os "obstrutores", que impedem todas as realizações e provocam os erros que tornam os sacrifícios ineficazes, as virtudes inúteis. Ganesha, portanto, equivale ao Coribas cretense, epônimo dos coribantes, o grupo de adolescentes celestes que formam a escolta de Dioniso; Coribas é o filho de Cibele, a deusa das Montanhas, como Ganesha é o filho de Pârvatî, a Dama das montanhas.

Ganesha é chamado Vighneshvara, o senhor dos obstáculos. É quem cria dificuldades em todas as realizações humanas ou espirituais. Só a sua benevolência permite superá-las. É, portanto, o mestre da iniciação, dos mistérios, dos ritos pelos quais os obstáculos podem ser contornados ou evitados. "Aqueles que não veneram o senhor dos obstáculos, mesmo sendo deuses, nunca obtêm os resultados desejados. Se alguém efetua ritos sem antes ter prestado homenagem ao chefe dos ganas, esses ritos não surtirão efeito. Ganesha deve ser honrado por todos, sacerdotes, guerreiros, agricultores ou artesãos, que lhe oferecerão alimentos refinados para obter a realização de seus desejos." (*Linga Purâna*, I, cap. 105, 23-28)

Ganesha é invocado antes de qualquer empreendimento, para evitar que os ganas impeçam a sua realização. Coloca-se também a imagem de Ganesha em cima da porta de entrada da casa para proteger, como, de certa forma, às vezes, emprega-se, como guardião, alguém da casta dos ladrões.

Simbolicamente, Ganesha representa a unidade fundamental do macrocosmo e do microcosmo, do ser imenso (o elefante) e do ser individual (o homem). Essa identidade, que parece impossível, é, no entanto, uma realidade fundamental e a chave de toda experiência mística ou ritual, assim como das possibilidades da ioga. Sem consciência

disso, sem venerar Ganesha, nenhuma realização é possível. Ele é o guardião das portas e dos mistérios. No Egito, é Osíris quem aparece como o guardião da porta de sua mãe. Guardião das portas, Ganesha vigia a entrada do labirinto, desses misteriosos caminhos no interior do corpo humano que partem da energia enrolada na base da coluna vertebral. Na prática da ioga, o centro de Ganesha situa-se na região do reto.

Os símbolos mais antigos do labirinto cretense são o duplo machado (*labrys*) e a cruz gamada (a suástica indiana). Ganesha segura um duplo machado e seu símbolo é a cruz gamada. É preciso notar que a representação gráfica do tambor de Shiva, em forma de ampulheta, é idêntica à do duplo machado. É possível que exista uma relação entre os dois. Ganesha é conhecido por sua astúcia e seus embustes, que lhe permitem levar vantagem sobre seu meio irmão, Skanda, o filho de Shiva. Algumas dessas características são relatadas pelos gregos quanto a Hermes, irmão de Apolo, o doador de bens. Hermes encarna os caminhos fora da norma e secretos, tudo o que envolve a astúcia e o embuste. É o companheiro e protetor dos ladrões, mas também é o protetor dos rebanhos e dos viajantes perdidos nas estradas. Seu mundo, como o mundo de Ganesha, é glutão, dissimulado, astucioso e mentiroso. É através da astúcia e dos ritos irracionais, perversos, dos mistérios que se pode conquistar o mundo e o céu.

Ganesha, como Hermes, é o deus da Sorte e do Jogo. "Entre os gregos, as consultas oraculares por meio de dados, denominados *thriaï*, eram favorecidas, principalmente entre os pastores, que lhe creditam o sucesso sob a invocação de Hermes, deus da Sorte." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 190)

É preciso lembrar, quando o comparamos a Hermes, que Ganesha não é um deus monstruoso. É um deus jovem e de grande beleza. Sua cabeça de elefante é apenas um símbolo de sua grandeza e mistério.

O veículo de Ganesha é o rato (*mousa*), o animal que penetra no interior das coisas, desvenda os mistérios. Entre os gregos, Apolo, irmão de Hermes, é denominado Smintheus ("de rato"), da palavra cretense *sminthoï*, que significa "rato" e não é uma palavra grega.

Hermes é associado ao Thot egípcio, conservador e transmissor da tradição.

CUMÂRA OU KOUROS, O RAPAZ

O culto de Cumâra (o Rapaz), o menino-deus alimentado pelas ninfas, remonta a uma longínqua pré-história. Seus mitos estão inextricavelmente misturados com os de Shiva-Dioniso, quer seja ele o filho do deus, o próprio deus ou um novo Dioniso. Na antiga religião dravídica, ele aparece, na origem, como uma divindade independente; no

shivaísmo, é o filho de Shiva; no mundo mediterrânico, é o novo Dioniso, filho do antigo deus. Sua lenda e atribuições são sensivelmente as mesmas em todos os lugares.

No sul da Índia e no Ceilão, a tradição tâmul, que remonta a antes do neolítico, mostra o culto de um jovem deus chamado Murugan (o Rapaz) e venerado pelas tribos primitivas, os Vädäs. Seus atributos são o galo e o venábulo. Foram encontradas representações de Murugan nos sítios pré-históricos de Adiccanallûr, no sul da Índia. Sacrifícios de animais eram oferecidos a ele. Originalmente é associado ao culto de serpentes. Até hoje seus sacerdotes são não-brâmanes. No shivaísmo, esse jovem deus nasceu do esperma de Shiva. É chamado Cumâra (o Rapaz) ou Skanda (o Jato de Esperma). Também possui outros nomes que se referem às peripécias de sua lenda.

Segundo o *Shiva Purâna*:

"Durante mais de mil anos celestes, Shiva ficara em perpétua copulação com Pârvatî, indiferente aos problemas do mundo. Atormentada pelo titã Târaka, a Terra tremia em suas bases e perdia o fôlego. Os deuses inquietos aproximaram-se da morada de Shiva para pedir-lhe ajuda.

"Shiva veio à porta sem ter ejaculado. Disse aos deuses: Aquilo que deve acontecer acontecerá. Ninguém pode impedi-lo. Aquilo que aconteceu já aconteceu. Dêem atenção apenas ao que concerne à questão que os conduz. Sua solução dependerá daquele que se apossar de meu esperma. Ao acabar de dizer isso, deixou cair seu sêmen no chão. Agni, o deus do Fogo, tomou a forma de uma pomba e o engoliu com seu bico.

"Nesse entretempo, descontente por ter sido perturbada em seu prazer, Pârvatî aproximou-se. Amaldiçoou os deuses e, em particular, Agni, dizendo: Você não devia ter engolido o esperma de meu senhor. Você é um miserável, um criminoso.

"Todos os deuses recebem uma parte de toda oferenda lançada no fogo do sacrifício. Todos os deuses foram, portanto, impregnados pelo sêmen ardente de Shiva, engolido por Agni, o que lhes provocou horríveis dores. Por piedade deles, Shiva permitiu que vomitassem seu esperma. Os deuses repeliram esse sêmen brilhante e dourado que, ao cair no chão, parecia atingir o céu como uma montanha de fogo. O esperma então penetrou, pelos poros da pele, nos corpos das esposas dos sete sábios celestes que tomavam seu banho ritual. Ficaram grávidas e passaram a sofrer terríveis queimaduras. Seus esposos irritaram-se ao vê-las em tal estado e repudiaram-nas. Então, elas repeliram o esperma no cume nevoso do monte Himâvat. Incapaz de suportar esse esperma incendiário, Himâvat, o rei das montanhas, repeliu-o, e o esperma caiu no Ganges. Foi lá que, numa moita de juncos, o esperma de Shiva foi depositado nas águas sagradas do rio.

"Logo, esse sêmen transformou-se numa soberba criança, radiante de esplendor e de glória. Foi assim que, no sexto dia da lua do mês

de Mârgashirsha (novembro-dezembro), nasceu o filho de Shiva. As seis Plêiades vieram por acaso banhar-se no rio sagrado. Encontraram a criança e disputaram o prazer de tomar conta dela. Para que se entendessem, ele fez-se com seis cabeças para beber o leite de seus seios. Foi chamado então de Shanmukha "de seis rostos". As Plêiades levaram-no a sua morada e dispensaram-lhe as maiores atenções... Shiva procurou saber o que acontecera com seu infalível sêmen e, ao tomar conhecimento de que havia uma criança na floresta com as Plêiades, enviou seus guardas para procurá-la... Shiva não se cansava de beber o néctar da beleza do rosto de Skanda... Abraçando-o e beijando sua cabeça, era feliz." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, IV, cap. 3, 1, 7)

Skanda, o deus da Beleza, que se tornou o chefe do exército dos deuses, nasceu, portanto, sem a intervenção de um ser feminino. Ele é a expressão da própria natureza do deus, sua manifestação mais direta. Skanda é, de fato, um clone, uma espécie de cópia de Shiva, e seus cultos são freqüentemente confundidos, tanto na Índia como em outros lugares. "A deusa perguntou quais eram as virtudes da criança. Shiva respondeu... Eu possuo seis aspectos. São esses aspectos que estão reunidos nesse menino de seis rostos. Ele nada mais é do que a expressão de minha potência. Quanto às qualidades, não há nenhuma diferença entre nós... Esse portador de venábulo (Cervvêl) assumirá as funções de Criador do mundo." (*Kanda purânam* tâmul, I, cap. 14, 13-21)

No mundo mediterrânico, Skanda aparece como um novo Dioniso e sua lenda confunde-se com a de Dioniso, o antigo. Iaco, desde o século V, é considerado um filho de Dioniso. É ele quem dirige os mistérios de Eleusis. Apresenta todas as características de Baco e guia o séquito de Dioniso. "A natividade de Dioniso... recobre um núcleo mítico..., pré-dionisíaco..., herança da divindade frígia ou asiática, da qual surgiu nosso deus." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 331)

A confusão no culto de Dioniso dos mitos de Shiva e de Skanda, somada ao fato de que esse culto encontrava-se de maneira mais ou menos adaptada no Egito, no Oriente Médio, em Creta e nos países mediterrânicos, deu origem, no mundo grego, a diferentes genealogias do deus, as quais refletem os diversos aspectos dos cultos de Shiva e de Skanda.

O primeiro e mais antigo Dioniso é o filho de Zeus e de Proserpina, que é também sua filha (a deusa é oriunda de Shiva). É a ele que se atribui a invenção do vinho e da agricultura. Proserpina será substituída por Leucotéia, a Dama branca (a Gauri indiana). Esse Dioniso cretense é aquele cujo culto arcaico tinha-se conservado nas ilhas em que a Dama branca do mar era venerada.

Um segundo Dioniso corresponde à forma egípcia do deus, nascido do deus Nilo, isto é, Hapi ou Serapis (Osíris-Ápis), um deus em forma de touro, ligado ao deus Priapo, ao culto do *Linga*. Osíris-Dioniso é o deus das Falofórias. Sua mãe chama-se Flora, nome que pode convir a uma deusa da Natureza.

Um terceiro Dioniso, de origem asiática, que rege a Ásia, não possui mãe. Como Shiva, nasceu de si mesmo (*Svayambhu*). Em outros lugares Dioniso aparece como o filho de Zeus e de Sêmele. É esse Baco tebano que se relaciona aos mistérios de Orfeu. Concebido por Sêmele (a Terra) e Zeus, é dissimulado na coxa de Zeus, para evitar a cólera de Hera, irmã e esposa de Zeus. É da coxa de Zeus que nasce uma segunda vez, sem mãe. Confiado a Hermes, é entregue a Ino e Athamas para ser educado como uma moça. Salvo mais uma vez da cólera de Hera, Hermes confia-o às Ninfas de Nisa, na Ásia. Trata-se do mito de Skanda. Também Dioniso é tido como descendente de um certo Nisos, explicando-se assim a origem de seu nome.

Diodoro distingue o "Baco, filho de Sêmele" que é Skanda, de um Dioniso mais antigo (Shiva), nascido de Zeus e de Perséfone. Este último era representado com cornos. Esse deus barbudo, que corresponde ao primeiro Dioniso, era o inventor da agricultura e tinha ensinado a se atrelarem bois à carroça. O jovem e belo deus, cujo tipo prevaleceu a partir do século IV, aproximadamente, era o filho de Sêmele. Sabazios, o deus frígio do vinho, era um dos aspectos de Dioniso, o antigo. O reconhecimento das formas que o deus tomava em outras nações fazia com que se distinguissem diferentes Bacos, como, por exemplo, o Baco indiano.

"Após ter descoberto o vinho e ensinado a cultura da vinha, Dioniso percorreu toda a terra, civilizou vários países... Fez uma expedição de dois anos às Índias: na volta... celebrou, montado num elefante indiano, o primeiro 'triunfo'. O deus também foi acompanhado por sátiros, que o divertiam com suas danças e suas tragédias." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 364) Sátiros e coribantes são os ganas de Shiva.

"Zeus Kretagenes (o Zeus cretense) recebia o epíteto de *Diktaios*, do nome da caverna do monte Dicte, onde tinha nascido. Foi educado e alimentado pelas ninfas com o mel das abelhas e o leite da cabra Amaltéia. Foi confiado aos curetos (ou aos coribantes, com os quais os curetos mais tarde são identificados). Eles dançavam à sua volta, batendo tambores e chocando as espadas contra os escudos para que seus gritos não fossem ouvidos por Cronos." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 216)

Os hinos homéricos evocam o nascimento do deus: "Canto o barulhento Dioniso de cabelos cingidos de hera, o nobre filho de Zeus e da gloriosa Sêmele, aquele que as ninfas de bela cabeleira receberam como crianças de peito das mãos do Senhor, seu pai, depois alimentaram-se e educaram-no primorosamente nos vales de Nisa... Ele cresceu numa gruta perfumada... depois passou a andar pelos bosques, vestido com heras e louros, seguido por ninfas. Um rumor dominava a floresta imensa." (*Hymne a Dionysos*, II)

Skanda é conhecido por muitos nomes que se referem a sua lenda. É Cumâra (o Adolescente), Guha (o Misterioso), Senâpati (Chefe dos

exércitos), Gangeia (Filho do Ganges), Subrâhmania (Querido dos brâmanes). É o "Filho do fogo" (Agnibhu ou Pâvaki) como Dioniso, que é chamado de Pirigenes ou Pirisporos (Nascido ou Concebido do fogo). Também é o "Filho das Plêiades" (Kârttikeya) que se tornaram estrelas. Zeus, do mesmo modo, metamorfoseou as ninfas de Nisa em Plêiades, as estrelas da constelação do Touro. A constelação das Plêiades possui apenas seis estrelas, mas os gregos acrescentaram um sétimo astro invisível.

Electra, nas *Dionisyaques*, diz: "Também fui, outrora, uma das ilustres Plêiades." (Nonos, *Dionisyaques*, canto II, 3-31) Foi sugerido que o fato de que o esperma de Shiva tenha estado na montanha nervosa Himâvat, assimilada ao monte Meru, o eixo do mundo, não seja estranho à lenda da estada de Dioniso na coxa (*meros*) de Júpiter. O deus Brama também nasceu do esperma de Shiva colocado no ventre de Vishnu, assim como Dioniso foi dissimulado na coxa de Zeus. Skanda é Sharadhâmaja (Nascido num pântano de caniços), Dioniso é Limnaios ("do pântano"). Dioniso, para o mundo jônico, tinha sido trazido pelas águas ou tinha sido evocado no pântano perto do qual se encontrava seu santuário. No Egito, é Horus, a criança divina vinda ao mundo nos pântanos do delta do Nilo.

Vêl, nas línguas dravídicas, significa venábulo. Skanda é chamado Cevvêl ou Vêlavan. É difícil não comparar esse nome com o cretense Velcanos. Segundo Hesychius, Velcanos é o "Zeus dos cretenses". Nas moedas de Faístos, Velcanos está representado como um jovem nu, sentado numa árvore, com a mão direita sobre um galo. O galo é o animal sagrado de Skanda-Murugan. No verso dessas moedas aparece um touro.

O DEUS DOS EXÉRCITOS

"O sábio Vishvamitra, que pertencia à casta dos guerreiros, foi visitar Skanda, que o tomou como preceptor e disse-lhe: 'Graças a mim, doravante, você será aceito entre os sábios védicos como um brâmane...' [Alusão ao reconhecimento dos sábios pré-arianos no mundo védico.] Depois que o adolescente (Cumâra) encontrou seus pais, os deuses deram-lhe armas e carroças. Agni deu-lhe uma espada. Cumâra assumiu o comando do exército dos deuses. Massacrou hordas de titãs e matou o potente gênio Târaka." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, IV, cap. 3)

Como deus dos Exércitos, Skanda é chamado Senânî (Chefe dos exércitos) ou Senâpati. É Mahâsena (Possuidor de um vasto exército). É Shaktidhara (Armado de um venábulo). Entre os cretenses, o jovem deus aparece armado com um arco, um venábulo e um escudo, empregados para a caça e a guerra.

O CASAMENTO DE GANESHA

"Quando os dois rapazes tornaram-se núbeis, Shiva e Pârvatî não sabiam qual dos dois devia se casar primeiro. Propuseram-lhes uma competição: 'Celebraremos em primeiro lugar o casamento daquele que voltar antes, depois de ter dado a volta ao mundo.' O hábil Ganesha deu a volta ao redor de seus pais e disse: 'Vocês são o universo.' Foi considerado o vencedor e celebrou-se o seu casamento com as duas filhas do Senhor do mundo, Vishvarûpa, que se chamavam Siddhi (Êxito) e Buddhi (Inteligência).

"Após longos meses, Skanda voltou, tendo dado a volta à vasta Terra, com suas florestas e oceanos. Indignado com a decisão de seu pai e sua mãe adotiva, retirou-se para a montanha do Heron (Krauncha), onde reside. Nunca se casou." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, IV, caps. 19-20, resumidos)

É chamado Cumâra, o Rapaz. Diz-se que sua única esposa é o exército (*sena*). Seu culto é estritamente proibido às mulheres. É a divindade preferida pelos homossexuais. Na tradição tardia do sul da Índia e do Ceilão, foram-lhe atribuídas duas esposas: Sena (o exército) e Valli, filha dos caçadores primitivos das montanhas, os Väddäs. Isso é provavelmente uma alusão à origem pré-histórica de seu culto entre os primeiros habitantes da Índia.

Só a grande deusa Pârvatî, a Dama da montanha, tem acesso ao lugar de retiro de Skanda, assim como a deusa (hoje, a Virgem Maria) é a única mulher que reside no monte Atos. O monte Atos, onde ainda subsiste, junto do monastério da Grande-Lavra, um altar destinado ao sacrifício do touro, é um antigo local sagrado dionisíaco. Seu acesso ainda é proibido às mulheres. Também na Frígia, Dioniso vai a uma montanha em que a deusa, chamada a Mãe dos deuses ou a Dama das montanhas, purifica-o.

"Durante o mês de Kârttika (outubro-novembro, quando a lua cheia encontra-se perto da constelação das Plêiades), o qual lhe é dedicado, os deuses visitam Skanda. Shiva quis permanecer perto de seu filho sob a forma do *Linga*, chamado Mallikârjuna, mas o filho das Plêiades recusou-se a ver seus pais e foi instalar-se mais longe." (*Shiva Purâna, Rudra Smahitâ,* IV, cap. 19)

"Na direção noroeste do *yantra*, o diagrama que serve como plano do templo, o fiel deve venerar o jovem deus, brilhante como o sol nascente, sentado num pavão, com quatro braços e membros soberbos, usando uma coroa e mostrando os gestos de dar e de proteger. Segura um venábulo e está acompanhado por um galo." (*Shiva Purâna, Kailâsa Samhitâ*, cap. 7, 20-21)

"Tem um galo em seu estandarte, um pavão como montaria. Está acompanhado por um carneiro." (*Kanda purânam* tâmul, VI, cap. 24)

Segundo o *Kanda purânam* (IV, cap. 390), seria o rei do céu, Indra, quem teria tomado a forma de um pavão para se tornar a montaria de Skanda.

GUHA, O MISTERIOSO

"O sábio Vâmadeva, errando pelo mundo, chegou um dia à montanha do Rapaz (Cumâra shikhara), no sul do Meru, onde reside alegremente o filho de Shiva, o menino das Plêiades, cuja montaria é um pavão. O sábio não possuía nem apego nem morada e estava nu. Perto dali, encontra-se o lago de Skanda (Skandasaras), tão vasto quanto um oceano. O sábio tomou um banho com seus discípulos e viu Skanda sentado, brilhante sobre a montanha. Tinha quatro braços, um corpo magnífico. Trazia uma arma mágica (shakti); um galo empoleirava-se em sua mão. Fazia gestos de quem protege e de quem dá. O sábio inclinou-se diante dele, dizendo: Inclino-me diante do Misterioso (Guha), o deus secreto, detentor das ciências secretas, que conhece o sentido oculto dos textos sagrados. Inclino-me diante daquele que conhece os seis caminhos e as seis significações dos textos. Skanda falou então com uma voz tão majestosa quanto a das nuvens." (*Shiva Purâna, Kailâsa Samhitâ*, cap. II, 10-43)

Skanda é o deus dos Conhecimentos transcendentes, conhece a natureza secreta das coisas. Chamam-no, portanto, de Guha (o Misterioso) ou Naigamesha (Mestre das tradições sagradas). "Skanda conhece o sentido oculto dos ensinamentos dos Vedas e dos outros textos sagrados: conhece a significação de todo ato ritual. Possui todos os dons. É o primogênito, o mestre do mundo. É gracioso. Seu corpo é delicado como o de Vishnu. É o nobre chefe dos exércitos, o misterioso destruidor dos sacrifícios. Cavalga o elefante celeste Airâvata, tem cabelos negros e cacheados, sua pele é morena, os olhos vermelhos, os ornamentos são a lua e a serpente. É cercado por gênios, fantasmas, espíritos malignos e gênios-mágicos (*Kûshmândas*). Ele venera Shiva." (*Linga* Purâna, cap. 82, 92-95)

O MENINO-DEUS

Venera-se Skanda sob a forma de uma criança amamentada pelas Plêiades ou sob sua forma de adolescente, naturalmente efeminado. Dioniso tinha sido entregue por Hermes a ninfas para ser educado como uma moça. Esse culto do deus-menino será freqüentemente relacionado a Krishna na Índia vishnuísta. Seus jogos e suas más ações são um interminável tema de delícias na religião popular.

No culto de Dioniso, "os episódios de infância em relação a velhas práticas do culto de um *bambino* e um velho ciclo das provas de um adolescente, de um *Kouros*, deixaram marcas profundas. O deus que conduzia a bacanal das mulheres será sempre a criança de peito das ninfas e das Nereidas. O pequeno deus das natividades era Dioniso, até o dia em que esse *bambino* das natividades será o Cristo". (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 413)

"Minos era, por uma ficção régia, sempre jovem. Homero chama-o de um rei de nove anos, amigo íntimo de Zeus... Uma vez que Minos também era deus, era identificado com o jovem deus de Creta que renovava sua juventude todos os anos." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 87)

5

Os companheiros do deus

GANAS E CORIBANTES, OS DELINQÜENTES DO CÉU

No *Rig-Veda*, os companheiros de Rudra-Shiva são os maruts, deuses das tempestades. "São furiosos como animais selvagens, mas brincam inocentemente como crianças ou bezerros." Os gregos falam da "corte demoníaca que é o séquito de Dioniso".

Na tradição shivaísta, representam-se os companheiros do deus como um grupo de jovens fantasistas, aventurosos, delinqüentes e desenfreados que vagueiam à noite, gritam na tempestade, cantam, dançam e fazem sem parar brincadeiras de mau gosto com os sábios e os deuses. São chamados ganas, os "diabretes". Correspondem aos coribantes cretenses, aos corriganos (filhos das fadas) célticos. Como os silenos e os sátiros, alguns têm pés de bode ou de pássaro. Os ganas zombam das regras morais e da ordem social. Encarnam a alegria de viver, a coragem, a fantasia, que são os valores da juventude. Vivem em harmonia com a natureza e opõem-se à ambição destruidora da cidade e ao moralismo enganador que a dissimula e a exprime. Esses delinqüentes do céu estão sempre ali para restabelecer os verdadeiros valores, para socorrer os loucos perseguidos de deus e zombar dos poderosos. Encarnam tudo o que desagrada e causa medo à sociedade burguesa, que é contrário aos bons costumes de uma cidade bem policiada e a suas concepções lenientes.

No mundo cretense, os coribantes, oriundos de Cibele, a Dama das montanhas, são seres sobrenaturais, companheiros de Dioniso. Os gregos identificam-nos com os dáctilos do monte Ida. Os curetos (de Kouros, rapaz), servidores da deusa-mãe, são, ao contrário, jovens iniciados nos ritos do deus, participando de seu culto orgiástico. Ainda eram venerados em Creta durante o período grego. Hesíodo relaciona os sátiros aos curetos. Segundo ele, são dançarinos, músicos, acrobatas,

brincalhões e preguiçosos. Pisoteiam as uvas e embriagam-se. São pândegos perpetuamente excitados em busca de aventuras amorosas. São demônios do êxtase, cujo erotismo é uma expressão.

Foram os curetos que, em Creta, sua pátria, alimentaram o menino-deus. Dioniso é invocado como o Grande Kouros, o Murugan ou Kumâra (o Rapaz) da mitologia shivaísta. Segundo Nonos (*Dionysiaques*, 13, 137 e seguintes), teriam sido os coribantes e os curetos a fundarem Cnossos e instituírem o culto de Cibele. Demétrios de Skepsis não diferenciava entre curetos e coribantes, ou seja, jovens (Kuroï) solteiros escolhidos para a dança de guerra e para os rituais da Mãe dos deuses. Seriam chamados coribantes, pois praticavam a dança extática, movimentando a cabeça para a frente, como touros. "Na prática ritual, chamavam-se curetos os jovens iniciados que deviam iniciar outros, instruí-los quanto aos deveres da tribo, tirá-los de suas mães, escondê-los, inflingir-lhes uma pretensa morte e finalmente trazê-los de volta, renascidos, como homens, membros da tribo, com plenos direitos." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 213)

"Os coribantes, os curetos, os pãs, os silenos, e outros espíritos elementares são gênios particularmente capazes de produzir desordens mentais nos que caem em seu domínio... Na mitologia tardia, o círculo masculino de silenos e de sátiros, dançarinos e músicos, não é menos essencial à idéia que se tem do *thiase* dionisíaco do que as ninfas e as mênades... Heráclito..., falando dos inspirados de Dioniso, qualifica-os de *nyktipoloï*, perambulantes da noite..., designação que se aplica-va aos espectros e fantasmas de todo tipo que, com o cair da noite..., em enxames, ameaçavam com suas agressões o viajante retardatário." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 132, 271, 276) *Nishâchâra*, "perambulante da noite", é o nome dado aos espíritos demoníacos que são os fiéis de Shiva, assim como ao próprio deus.

OS *BHAKTAS* OU BACANTES (PARTICIPANTES)

Os fiéis do deus tendem a identificarem-se com seus companheiros celestes, a imitarem seu comportamento. É por isso que, às vezes, se confundem coribantes e curetos ou, no shivaísmo indiano, os ganas e os *bhaktas*, ou bacantes.

Os adeptos dos ritos extáticos ou de devoção, que caracterizam o culto de Shiva, são chamados *bhaktas*, palavra que às vezes traduzimos por "devotos", mas que, na verdade, significa "participantes". Esse nome aplica-se tanto ao deus quanto a seus fiéis. Baco é um dos nomes de Dioniso e seria, na origem, o equivalente lídio de Dioniso. Parece muito provável que as palavras gregas *Bacchos* e *bacchaï* (bacantes), que são de origem estrangeira, sejam uma transposição da palavra *bhakta*. "A palavra *Bacchos* não se liga a nenhuma raiz conhecida da

língua grega... A designação de *Bacchos* é comum ao deus e a seus fiéis, o deus ganhou o nome de seus sectários." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 58)

Na Índia, os *bhaktas* são os sectários do deus, dentre os quais alguns praticam as formas mais extremas de devoção, abandonam suas posses e sua família, erram pelas estradas, praticam danças extáticas e cantam hinos apaixonados em que o amor humano e o amor divino confundem-se. Os grandes poetas místicos da Índia muitas vezes foram *bhaktas*. No estado de êxtase, o espírito do *bhakta* abandona seu corpo. Ele adivinha o pensamento dos seres semidivinos e dos animais selvagens. Não há nenhuma diferença nas concepções nem nas práticas dos *bhaktas* shivaístas e dos bacantes dionisíacos.

Já, no *Rig-Veda* (XI, cap. 2, 18), encontramos o tipo do fiel, ou companheiro, de Shiva-Rudra "com cabelos longos, vestido com vento [ou seja, nu] ou com roupas sujas. Possuído pelos deuses, segue os rastos das ninfas (npsaras), dos gênios celestes (gandharvas), assim como dos animais selvagens e compreende seus pensamentos. O veneno (*visha*) [isto é, a droga], que ele bebeu na taça de Rudra, proporciona-lhe a força de romper o que a ele resiste" (*Rig-Veda*, X, 136, 1-7). [Ver Narayana Ayyar, *Origins and Early History of Saivism in South India*, pp. 15-19]

"Os sábios com cabelos desgrenhados (*keshin*) são mencionados no *Atharva-Veda* (XI, cap. 2). Esses ascetas errantes eram adoradores de Shiva, e não de outros deuses. Só Shiva é mencionado na literatura ulterior como um deus asceta e mendicante (*kapâlin*)... Os fiéis do deus imitam seus companheiros celestes e praticam ritos extáticos... Seus méritos, na época do *Atharva-Veda*, eram reconhecidos por todos. No entanto, ao abandonarem os ritos védicos eram desaprovados pelos ortodoxos que os chamavam de *vrâtyas* (hereges). A fim de fazer com que as pessoas atentassem para a grandeza dos verdadeiros *vrâtyas*, lhes é dedicado todo um capítulo do *Atharva-Veda* (XV, 5, 1). As seitas shivaístas opuseram-se, às vezes com violência, às normas védicas. Por outro lado, alguns meios shivaístas mais ou menos assimilados juntaram-se aos meios védicos na condenação das seitas shivaístas extremistas, seus ritos sangrentos e licenciosos, o sacrifício animal ou humano, a representação de Shiva como um ser violento e terrificante que freqüenta os cemitérios. Algumas dessas seitas, atestadas na literatura, atualmente não têm mais representantes. As seitas shivaístas aceitavam pessoas de todas as castas. Essa rejeição da divisão em castas é uma das características dos *bhaktas* até os nossos dias." (C. V. Narayana Ayyar, *Origins and Early History of Shivaism in South India*, 16-19)

Esses ascetas, assim como alguns laicos que praticavam ritos extáticos, viviam à margem da sociedade ariana. Eram, às vezes, denominados "estrangeiros". Esse também era o caso dos bacantes.

O *Vaikhânasa-smartasûtra* menciona diversas seitas de ascetas e de eremitas, reconhecidos por sua cabeleira desgrenhada e suas roupas raspadas. Alguns usam tangas de casca de árvore, outros vivem nus. Consomem pequenas quantidades de urina de vaca e de esterco, como ainda hoje se pratica. Alguns vivem junto das piras ou nos cemitérios. Praticam ioga e ritos mágicos. "Os *kapâlikas* (portadores de guirlandas de crânios) são representados levando uma vida dissoluta, zombando dos textos sagrados, embriagando-se, freqüentando as prostitutas e não praticando os ritos." (C. P. Banerjee, *Early Indian Religions*, p. 59)

No *Maabárata*, os *vrâtyas* são chamados de "a escória da sociedade, incendiários, envenenadores, alcoviteiros, adúlteros, abortadores, drogados, etc." (*Maabárata*, V, 35, 46, 1227). Tito Lívio empregará praticamente as mesmas palavras para descrever os membros das seitas dionisíacas: incesto, estupro de rapazes, roubo, falsos testemunhos, embriaguez, etc. Esse gênero de argumentos foi empregado em todas as épocas pela sociedade conservadora contra os *bhaktas*. Serviram de pretexto, na Grécia, para a perseguição dos grupos de bacantes e, mais tarde, para a perseguição das seitas místicas, que são suas herdeiras no mundo cristão e islâmico.

Baco, como Shiva, é o deus da Embriaguez, do Vinho e dos Êxtases orgiásticos. *Baccheïa*, "o estado de bacante", equivale a *Bhakti*. O caminho da devoção, o *Bhakti mârga*, extático e místico, é essencialmente de origem shivaísta.

Bacchos e *Baccheïa* são empregados quando se fala de personagens possuídos pelos curetos, contrapartida masculina das ninfas, ao mesmo tempo que protótipos de adeptos de confrarias dionisíacas. Praticam ritos que os aproximam dos coribantes, os alegres diabretes celestes que formam o séquito da deusa das Montanhas. A noção de "loucura frenética" (*mania*) é inseparável do estado no qual se lança e se cultiva o bacante. Os fiéis do deus, mênades, bacantes, membros de *thiases*, buscam "sair de si mesmos" (*ekstasis*), ser possuídos pela divindade num furioso delírio.

A existência dos *Iobacchoï*, confrarias báquicas, é comprovada entre os jônicos desde o século VII a.C. "Os *Iobacchoï*, isto é, bacantes, lançavam, durante seus exercícios, a velha aclamação ritual que é o iu-iu. Sobreviveram muito tempo em Atenas sob a forma de uma confraria que, no século II d.C., era um *baccheion*, um *thiase* (associação) composto principal ou unicamente por homens." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 236) Faziam suas reuniões mensais num local próximo ao velho templo de Dioniso, no pântano. Em Roma, os lupercos eram jovens que corriam nus pela cidade, batendo nos transeuntes com uma correia de pele de cabra, a fim de torná-los férteis.

No *Linga Purâna*, Shiva toma a defesa dos *bhaktas*: "Ninguém deve condenar o asceta nu que é meu fiel, que exprime o princípio das coisas, mas age como uma criança ou um louco. Ninguém zombará

deles nem lhes dirá palavras desagradáveis, se deseja seu bem agora e mais tarde. O homem estúpido que os condena, condena o próprio Senhor." (*Linga Purâna*, I, cap. 33. 3-10)

"Shiva fala: Eu, que sou a alma da ioga, pelo poder mágico da ioga, adotarei a forma de um asceta e inspirarei o medo entre os homens. Entrarei no corpo de um morto abandonado num cemitério... e viverei sob o nome de Lakulisha (o Homem da clava). O lugar dessa encarnação irá se tornar sagrado... Ali nascerão meus filhos, os ascetas Kushika, Garga, Mitra e Kaurushya. Adoradores do falo, seus corpos cobertos de cinzas, praticarão os ritos de *Pashupâta* (a amizade dos animais). Após realizarem o *Mahéshvara Yoga*, partirão para o céu de Rudra, do qual não há retorno." (*Linga Purâna*, I, cap. 24, 126-136)

"Segundo Bhandarkar (*Epigraphia indica*, XXI), Lakulisha, fundador da seita dos *pashupâtas*, teria vivido entre 105 e 130 d.C., mas, ao que parece, a seita é muito mais antiga." (P. Banerjee, *Early Indian Religions*, p. 59)

Nos sacrifícios dos *vrâtyas*, um *mâgadha* (bardo) fazia o papel de *chantre*. Por ocasião de um rito solsticial (*mahâvrata*), uma prostituta acasalava-se de modo ritual com o bardo ou com um monge errante (*Atrarva-Veda*, XV, cap. 21). A presença de uma prostituta ainda hoje é necessária para a realização de certos ritos, em particular dos casamentos. "Convém distinguir a união conjugal considerada como hierogamia, da união sexual do tipo orgiástico, que tem como objetivo ou a fecundidade universal, ou a criação de uma 'defesa mágica'... o tantrismo elaborará toda uma técnica visando à transmutação sacramental da sexualidade". (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 250)

Os orientalistas ocidentais, mesmo os mais abertos, cujos trabalhos baseiam-se quase exclusivamente nos textos do shivaísmo arianizado, adaptado à tradição védica, e nos ensinamentos dos brâmanes arianos, parece terem tido pouco contato com o shivaísmo popular fiel à antiga tradição e nunca terem assistido nem aos imensos sacrifícios sangrentos de bodes, de búfalos ou de touros, que ainda hoje são praticados em diversas regiões da Índia, nem às danças extáticas e orgiásticas com consumo de vinho de palma e de *bhang* (haxixe), que lembram as orgias dionisíacas, a omofagia, os sacrifícios animais e humanos. Eu mesmo assisti a sacrifícios na província do Bihar, em que milhares de bodes eram mortos, a sacrifícios de búfalos nas vilas do Himalaia, e a danças extáticas com bebedeiras orgiásticas entre as castas populares shivaístas do sul da Índia.

Titãs, demônios e gênios

TITÃS E ASURAS

Os rakshasas (demônios), os asuras (titãs) e os pretas (espíritos das trevas) fazem parte do séquito de Shiva. São as potências dominantes das primeiras idades do mundo. O próprio Shiva, em seguida

à decadência desses antigos deuses, teve de cooperar para a sua destruição ou tolerá-la no combate perpétuo que doravante opõe os titãs e os deuses.

Segundo a concepção shivaísta da unidade fundamental do mundo, todas as formas de existência são ligadas umas às outras. O que acontece num domínio acontece também nos outros. É por isso que os conflitos dos homens também são os conflitos dos deuses. Na história lendária, não se pode distinguir as guerras celestes das guerras terrestres, pois estas são o reflexo das primeiras. No curso da evolução do mundo, as primeiras espécies são derrotadas por espécies novas. As imensas florestas a que se refere o *Rig-Veda*, quando fala do "céu mais alto que a copa das árvores", hoje praticamente desapareceram. Do mesmo modo, desapareceram os animais gigantes dos primeiros tempos e, entre os homens, os gigantes deram lugar a raças humanas mais modestas. No mundo celeste, os titãs e os asuras, que são os antigos deuses, perderam a guerra contra os "novos deuses". Não significa que os novos homens ou os novos deuses sejam melhores. Muito pelo contrário. Mas essa evolução segue a da transformação dos seres no decorrer do ciclo das idades.

Os asuras são as potências sagradas de uma época feliz anterior ao mundo atual. Eram fiéis de Shiva. A guerra que opõe os devas, os novos deuses, aos asuras, reflete-se na guerra que opõe os povos shivaístas aos invasores arianos. A derrota dos antigos dravidianos deve-se, segundo o *Shiva Purâna*, à influência do jainismo, essa curiosa religião atéia que prometia ao individualismo humano uma espécie de imortalidade através da transmigração e substituía os ritos que asseguram a comunicação entre os homens e os deuses por práticas negativas, um moralismo puritano que liga o progresso do indivíduo, sua sobrevivência, sua imortalidade a formas de abstinência, concepção que se encontra, sob uma forma ou outra, em todas as religiões ulteriores, o budismo e o cristianismo, em particular.

Uma grande parte dos Puranas descreve-nos a história do mundo celeste e humano sob a forma do conflito dos asuras contra os devas, que é, ao mesmo tempo, a história dos homens e dos deuses. Existem conflitos paralelos entre as espécies animais, mas não temos narração explícita disso nos textos existentes.

As guerras de Dioniso são igualmente apresentadas como o castigo dos titãs. Dioniso, como Shiva, participa da destruição de seus fiéis desencaminhados. Dioniso, após tê-los vencido, contenta-se em assustá-los, admoestá-los, mas perdoa-os e deixa-os livres para partir ou servir em seu exército. Trata-se, como para os asuras, da "raça anterior... cuja tradição mitológica faz dos gigantes os inimigos por excelência dos deuses olímpicos e da ordem nova que eles instauraram para a camada provavelmente mais antiga das tradições, os titãs, na versão que prevalecerá entre os órficos". (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 404)

Como os Puranas, os textos védicos fazem alusão ao conflito que opunha os jovens deuses (devas) aos asuraṣ, que eram a família divina mais antiga (*Atharva-Veda*, VI, cap. 100, 3) e são representados como mágicos. Esse conflito será amplamente relatado e comentado, na época pós-védica, nos Bramanas (primeiro milênio a.C.), tratados consagrados principalmente aos mistérios e aos ritos dos sacrifícios.

A vitória dos devas sobre os asuras foi apresentada como o triunfo de Indra, o rei dos deuses védicos, sobre os dasyus, contrapartida celeste dos antigos habitantes da Índia, que foram jogados nas trevas mais profundas (*Atharva-Veda*, IX, cap. 2, 17; *Rig-Veda*, VII, cap. 99, 4). Os jovens deuses apropriaram-se dos poderes sagrados, dos poderes mágicos dos asuras.

Segundo a versão védica, a vitória dos deuses torna-se inevitável a partir do momento em que Agni, por cuja boca os deuses são alimentados, abandona os asuras que já não praticavam os ritos sacrificatórios (*Rig-Veda*, X, cap. 124; V, cap. 5); depois disso, os devas furtam-lhe sutilmente a palavra mágica (*Vâc*), e Indra, o "rei do céu" ariano, convida Varuna (o deus do céu dos asuras) a passar para o seu reino (*Rig-Veda*, V, cap. 5). O poder de Indra é fruto de uma usurpação: o deus-filho destronou seu pai (Varuna). Zeus, do mesmo modo, assegurou seu poder combatendo os titãs e seu próprio pai.

Segundo o *Rig-Veda* (X, cap. 99, 3), Indra, o rei dos deuses arianos, matou os adoradores do falo e conquistou pela astúcia as riquezas de suas cidades de cem portas.

De acordo com uma tradição líbia, relatada por Diodoro, Réia, esposa de Zeus-Amon e irmã do titã Crono, com quem também se casou, provocou a guerra entre Zeus-Amon e Crono, que, apoiado pelo exército dos titãs, expulsou Amon, o qual pôde refugiar-se em Creta entre os curetos. Dioniso-Baco veio em socorro a Zeus, seu pai, com um exército de silenos. Abateu Crono e os titãs e, após ter matado um monstro nascido da Terra que devorava todos os seres vivos, empreendeu a conquista do Egito, civilizando-o. Ali instala como rei um filho de Crono e Réia. Isso significa que, apesar da derrota aparente dos titãs, é novamente a tradição titânica, portanto shivaístas, que assegurará a supremacia da civilização egípcia. De fato, até a conquista romana, o Egito nunca se submeteu à dominação dos arianos.

O INCÊNDIO DE TRIPURA

O deus Shiva teve que cooperar para a destruição das prestigiosas cidades dos asuras, dos titãs, apesar de serem seus adoradores, pois a moral do shivaísmo não pode admitir compromisso. Sua destruição pelos bárbaros arianos foi atribuída à influência do jainismo nas cidades dravídicas. Do mesmo modo, o raio de Zeus reduz a cinzas os titãs culpados.

A pedido dos deuses, Skanda matara o cruel asura Taraka que espalhava o terror por toda parte. Dioniso também matara o monstro. No entanto os asuras são geralmente descritos como "mestres de si mesmos, educados, disciplinados, honestos, sinceros, fiéis, corajosos e inimigos dos devas".

"Os três filhos de Taraka, a fim de reconquistarem a soberania do mundo, tinham praticado durante séculos as mais duras mortificações, até que o deus Brama, que é o antepassado dos devas e dos asuras, apareceu-lhes e concedeu-lhes os dons que mereciam suas austeridades. Os asuras pediram para ficarem livres da doença, da velhice e da morte. Depois de invocar Shiva, o Senhor supremo, Brama diz: A imortalidade é inacessível tanto para os deuses como para os asuras. Tudo o que nasceu deve morrer. Os asuras então fizeram um outro pedido: Faça com que se construam para nós três cidades voadoras, maravilhosas, cheias de riquezas, inatacáveis até mesmo pelos deuses. Faça com que essas cidades só se encontrem alinhadas uma vez a cada mil anos e que só Shiva tenha o poder de destruí-las então. Respeitamos e veneramos Shiva. Ele não tem inimizade por nós e não tememos nada." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, V, Yuddha Khanda, cap. I, 7-53)

"Maya [5], o arquiteto dos asuras, construiu três cidades: uma de ouro, outra de prata e a terceira de ferro. Situavam-se uma no céu, outra na atmosfera e a terceira na terra. Nessas cidades havia muitos palácios ornados de jóias. Carros voadores, brilhantes como o sol, deslocavam-se em todos os sentidos.

"Havia torres, templos de Rudra-Shiva. Todos os sacerdotes eram devotos de Shiva. Havia acampamentos, belos cavalos e elefantes. Haviam máquinas para indicar o tempo, campos de jogos, lugares de estudo.

"A cidade era cheia de corajosos asuras muito afortunados. Tinham peitos amplos, ombros de touro. Alguns eram calmos, outros agressivos. Seus cabelos eram negros e cacheados. Muitos eram heróis nos combates. Sem se interessarem pelo resto do mundo, viviam em suas cidades, governadas segundo os preceitos de Shiva. Graças à proteção do deus, seus desejos realizavam-se. Gozavam de todos os prazeres. Esses asuras, devotos do culto do falo, tiravam proveito das alegrias da vida e obtinham a seguir o paraíso." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, V, cap. I, 55-78, e cap. 3, 44)

Após numerosas batalhas, nas quais os deuses sofreram derrotas vergonhosas, estes receberam a ajuda de Shiva para a destruição das três cidades maravilhosas e corrompidas. Shiva devia destruí-las com uma única flecha quando se encontrassem alinhadas. Quando chegou

---

5. Maya é o equivalente de Dédalo, o arquiteto divino que construiu o labirinto de Minos.

esse momento: "Shiva lançou contra elas uma flecha que brilhava como inúmeros sóis. Essa flecha, formada por energia explosiva e fogo, incendiou todos os asuras que habitavam a cidade. Os asuras, devotos de Shiva, lamentavam-se e pediam-lhe ajuda, mas, com a conivência do deus, foram reduzidos a cinzas no exato momento em que o invocavam. Assim como o universo arde no final dos tempos, todas as coisas e todos os seres vivos, mulheres, homens ou carroças, foram transformados em cinzas pelo fogo. Mulheres foram arrancadas das carícias de seus amantes e queimadas. Outras, que dormiam, embriagadas ou esgotadas pelo amor, também foram queimadas. Algumas, cercadas por chamas, corriam de um lado para o outro e caíam desmaiadas. Nem a menor coisa, móvel ou imóvel, escapou do terrível incêndio de Tripura." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, V, cap. 10, 27-39)

Hesíodo relata, igualmente, a destruição dos titãs por Zeus-Shiva: "Zeus... lançava sem descanso o raio de sua mão vigorosa, os dardos do relâmpago voavam, acompanhados por trovões, fazendo rodopiar a chama divina, precipitando os golpes. Ao redor, o sol, fonte de vida, crepitava em fogo; e, sujeitos às chamas, os imensos bosques gritavam bem alto. A terra toda fervia, e as ondas do oceano, e o mar estéril. Um vento ardente envolvia os titãs, filhos do sol, enquanto a chama subia, imensa, em direção à nuvem divina, e, apesar de sua força, eles sentiam seus olhos cegos, quando chamejava o clarão do relâmpago. Um prodigioso ardor penetrava o abismo. O espetáculo que se apresentava aos olhos, o som que chegava aos ouvidos eram semelhantes aos que fariam, ao se encontrarem, a terra e o céu." (Hesíodo, *La théogonie*, pp. 690-700)

Encontraremos até no mundo céltico, nos três reinos de Merlin, a lembrança das três cidades dos asuras.

RAKSHASAS, DEMÔNIOS E FANTASMAS

Além dos ganas e dos asuras, o séquito de Shiva comporta todos os tipos de gênios, demônios, diabretes, ninfas, ogres, fantasmas, serpentes, todos os espíritos que reinam sobre o mundo aéreo ou terrestre, sobre as florestas, as fontes, as tempestades e também sobre o misterioso mundo infernal. Também Dioniso é cercado por pãs, silenos, ninfas e espíritos diversos, além dos coribantes. Do mesmo modo que se dá em relação aos coribantes e aos curetos, nem sempre os seres sobrenaturais distinguem-se facilmente dos seus equivalentes humanos. Alguns desses espíritos, provenientes do mundo misterioso da floresta pré-histórica, têm pés de pássaro ou de cervo, rabos de cavalo, corpos de serpente.

Os fantasmas (pretas) também são servidores de Shiva, deus da Morte. São espíritos de homens que tiveram morte violenta, cujos ele-

mentos do corpo sutil permanecem associados por um tempo mais ou menos longo.

Os rakshasas representam um papel importante. Pertencem à família dos asuras, porém são cruéis e ferozes. São anjos decaídos que se tornaram cruéis. São chamados de escaldadores, devoradores, incendiários. Seus longos caninos lembram os vampiros. Originalmente, a palavra *rakshasa* significa "guardião". Serão os demônios da tradição cristã. São eles que presidem às torturas do Inferno.

HERÓIS E SEMIDEUSES

No tantrismo shivaísta, denominam-se "heróis" (*vîra*) os iniciados que, pela prática da ioga, adquiriram o poder de dominar o mundo físico, mas também o mundo sutil dos espíritos, de vencer os deuses, de conquistar o céu. São homens que se tornaram semideuses. No shivaísmo arianizado, hindu ou aqueu, freqüentemente irá se atribuir uma origem divina aos heróis, aos super-homens que realizam feitos prodigiosos e são, finalmente, acolhidos entre os deuses. Após sua morte, tornam-se objeto de um culto. Krishna e Rama são considerados encarnações parciais, *avatâras* de Vishnu, o deus que tem a função de proteger o mundo. Em grego, a palavra herói significa "protetor". Hércules e Aquiles têm um antepassado divino. Encontramos a mesma concepção no Gilgamesh semita ou no Cuchulain céltico, filho do deus Lug e autor de milhares de façanhas.

"A deificação de certos mortos em Creta preparou o desenvolvimento das religiões de mistérios, explicando também as tradições relativas aos heróis privilegiados da época grega, sobreviventes de uma civilização pré-helênica. A divinização de Heracles organizada na célebre pira de Oeta, e a de Aquiles na ilha de Leucê, a versão dada na *Odisséia* sobre o transporte de Menelau às ilhas dos bem-aventurados, a imortalização de Peleo, resquícios de uma crença acabada." (Charles *Picard, Les religions préhelléniques*, pp. 172-173)

Mulheres também podem, por suas virtudes, atingir a categoria de herói, como Arundhati, que vemos no céu sob a forma da estrela polar, ou as Plêiades, nutrizes de Skanda-Dioniso, que se tornaram estrelas. Platão menciona Alceste que, transformada pelo amor, não teme morrer e volta vitoriosamente do Hades. Ele aproxima, por outro lado, as palavras *êros* (heróis) e *Éros* (amor), pois é a generosidade, o desprendimento e o amor que caracterizam o herói, mais do que a coragem.

Rama e Krishna, príncipes não-arianos, de tez escura, são as divindades favoritas da religião popular da Índia. Rama (encantador), que se tornará o Príncipe encantado de nossos contos de fada, realizou feitos prodigiosos para encontrar sua bem-amada. Krishna, transferido do

ventre de sua mãe para o de uma pastora, a fim de evitar o massacre de todos os recém-nascidos ordenado por Kamsa o cruel rei asura, é venerado como o deus-menino, o *bambino*, e muitas vezes substituirá o menino Skanda, assim como o culto do menino Jesus substituirá o do Dioniso-menino. Krishna irá se tornar o amante das dezesseis mil pastoras da floresta de Vrinda, e especialmente de sua irmã Râdhâ. Mais tarde, após ter realizado numerosos atos heróicos e matado o cruel Kamsa, restabelecerá a paz na terra. Irá se tornar o condutor do carro de Arjuna na "Grande Guerra" do *Maabárata*, que lembra o conflito dos arianos com os dravidianos.

Animais ou seres metade homens, metade animais também podem se tornar heróis. É o caso do Minotauro e também das encarnações de Vishnu, tais como o homem-leão que mata e devora o demônio Hiranya-Kashipu para salvar o piedoso Prahlade, do javali que ergue a terra submersa pelas águas ou do peixe que guia a arca até um lugar seguro.

No *Ramaiana*, Shiva, encarnado sob a forma do macaco Hanuman, participa da destruição do poderoso rakshasa Râvana, embora ele fosse um dos seus fiéis. O *Shiva Purâna*, que resume concisamente as fontes em que se inspira o longo poema do *Ramaiana*, conta que:

"Em seu tempo, Shiva encarnou-se sob a forma de um macaco chamado Hanuman, célebre por sua força e suas proezas. Desde muito jovem, Hanuman, o mais poderoso dos macacos, tinha uma audácia extrema. Numa manhã, confundiu o sol com uma fruta e quis devorá-lo, mas renunciou a pedido dos deuses... Foi para perto de Sugrîva, o irmão de Bali, rei dos macacos, que este tinha exilado na floresta. Foi ali que ele se aliou com Rama, que também vivia no exílio com seu irmão Lakshamana e que se lamentava porque [o demônio] Râvana havia raptado Sîtâ, sua esposa. Rama matou o poderoso rei dos macacos, Bali, que era mau. A pedido de Rama, Hanuman, robusto e maligno, partiu à procura de Sîtâ com um exército de macacos. Quando soube que ela se encontrava na cidade de Lanka (Ceilão), atravessou com um pulo o mar, o que ninguém fizera antes, e chegou a Lanka. Lá, depois de muitas proezas, deu a Sîtâ o sinal de reconhecimento que Rama lhe havia fornecido... e consolou Sîtâ. No caminho, destruiu os jardins de Râvana e matou vários rakshasas. Matou até o filho de Râvana... Esse macaco heróico espalhou o desastre por onde passou. Foi afinal capturado. Râvana mandou que envolvessem seu rabo com tecidos embebidos em óleo e ateou fogo nele. Hanuman aproveitou para incendiar a cidade toda..., depois disso, pulou no mar, apagando assim o fogo de sua caudá, e alcançou a outra margem. Sem nenhum sinal de cansaço ou de sofrimento, entregou a Rama a jóia que Sîtâ usava na testa. Com a ajuda do exército dos macacos, transportou pedaços de montanhas e construiu uma ponte sobre o mar.

"Rama instalou um emblema fálico de Shiva e o venerou para conseguir a vitória, depois, atravessou o mar e sitiou Lanka com o

exército dos macacos. O herói Hanuman comandou o exército de Rama, matou muitos rakshasas. Curou Lakshmana, ferido por uma azagaia com esperma de touro.

"Destruiu Râvana, sua família e seus servos, depois, acompanhou novamente Rama e Lakshmana a seu ermitério... Obrigou todos os rakshasas a submeterem-se a Rama e realizou inúmeros grandes feitos. Estabeleceu o culto de Rama no mundo. Era a encarnação de Shiva, a quem recorriam todos os seus fiéis. Tinha salvo a vida de Lakshamana e humilhado os titãs. Chamam-no o Mensageiro de Rama no mundo. Protege aqueles que o veneram." (*Shiva Purâna, Shatarudra Samhitâ*, cap. 20)

6

As formas animais e vegetais do deus e da deusa

O ZOOMORFISMO DO DEUS E DA DEUSA

No universo cósmico, os princípios que se manifestam nos deuses, nos gênios e nos homens também aparecem no mundo animal, vegetal e mineral. Existe uma hierarquia entre os animais e as plantas, diferenças de natureza e de nível. É por isso que há animais impuros, plantas nefastas e venenosas, e animais e plantas benéficos e sagrados. Alguns animais, por sua natureza e pelos símbolos que representam, são sempre associados a certos deuses. Cada aspecto do divino está ligado a uma espécie animal, como o elefante de Indra (o rei do céu), o carneiro de Agni (deus do Fogo), o rato de Ganesha, o abutre de Vishnu, etc.

Os princípios representados por Shiva e a deusa correspondem à natureza do touro, da serpente, da pantera (às vezes substituída pelo tigre ou pelo leão) e, no caso, venerados em Creta. Acrescentam-se a esses, na Índia como no mundo minoense, híbridos fantásticos, tais como o grifo. "Dioniso não é homem: é um animal e ao mesmo tempo um deus, manifestando assim os pontos terminais das oposições que o homem carrega em si mesmo." (Giorgio Colli, *La sapienza greca*, p. 15) Os diferentes tipos de homens são igualmente aparentados a certos animais.

O TOURO

"Gênios malfazejos, nascidos de Vishnu e das filhas dos titãs, espalhavam o terror nos céus e na terra... Shiva tomou a forma de um touro e os exterminou." (*Shiva Purâna, Shatarudra Samhitâ*, cap. 23) No momento do perigo, Baal recupera sua forma primitiva de touro cósmico.

O touro é o veículo de Shiva. O touro é Shiva. É a manifestação no reino animal do princípio representado por Shiva-Dioniso. Ápis, o touro, é identificado com Osíris. O touro é o animal sagrado da época minoense, o antigo deus cretense venerado desde a mais alta antigüidade. "Filho da terra, expressão das forças ctonianas acolhedoras, passivas e ao mesmo tempo... símbolo do princípio ativo produtor de sêmen, o touro foi um animal sagrado em todas as civilizações que domesticaram o bovino." (Paolo Santarcangeli, *Le livre des labyrinthes*, p. 234) O touro é associado à própria idéia de divindade suprema, de grande divindade. Segundo Jean-Clarence Lambert (*Labyrinthes et dédales du monde*, p. 10), a palavra sânscrita *Go* (touro) seria uma das etimologias da palavra que significa "deus", que teria dado *Gud* em escandinavo, *Gott* em alemão, *God* em inglês. Na anatólia do sétimo milênio, assim como na Creta minoense, o deus macho tem a forma de um touro ou é associado ao touro. Na época indicada pelos Puranas para a difusão do shivaísmo (sétimo milênio a.C.), encontramos na Anatólia, em Catal Höyük, as primeiras representações do deus sob a forma de um rapaz ou adolescente ou então de um adulto barbudo montado num animal sagrado, o touro. Cabeças de touros eram fixadas na parede.

Numa imagem de Shiva proveniente de Mohenjo-Dâro (segundo milênio a.C.), vemos o deus itifálico (*urdhvamedhra*) sentado em postura de ioga. Sua cabeça é coroada com chifres de touro. Encontram-se também ali várias máscaras cornudas e representações de touro com corcova. O touro unicorne também é representado em Mohenjo-Dâro. Ctésias e Aristóteles atribuíam à Índia a origem do unicorne. "Veneramos aquele que unifica o forte e o fraco, aquele que perturba e não é perturbado, o touro Nandi, com sua ampla corcova e seu chifre único que resplandece." (*Linga Purâna*, I, 21, 25)

"Não há verdadeira solução de continuidade entre as estatuetas informes de uma divindade masculina montada num touro, cujos exemplares foram encontrados em Catal Höyük, e as representações do deus da tempestade da época hitita e as estátuas de Júpiter Doliqueno que eram adoradas pelos soldados das legiões romanas; nem entre a deusa de leopardos de Çatal Höyük, a deusa Hepat hitita e a Cibele da época clássica." (Maurice Vieyra, *Les religions de l'Anatolie antique*, p. 258) Em Creta, em moedas encontradas em Gortina, a deusa também aparece montada num touro. Em peças de Faístos, vê-se a deusa sob o aspecto de Europa que acolhe o touro. Perto da aldeia de Doliqueu, no cume de uma montanha, venerava-se uma divindade que, após ter passado por várias encarnações, acabou se tornando um Júpiter protetor dos exércitos romanos. Era representado em pé sobre um touro, segurando com sua mão um duplo machado.

Touros com corcova e outros emblemas de Shiva do período calcolítico foram encontrados por sir A. Stein, em Gedrósia (região de Quetta, no atual Paquistão). Por outro lado, no tesouro de Kazbek, nas

montanhas do Cáucaso, encontraram-se imagens de Shiva itifálico em pé sobre os chifres de um touro. Segura um duplo machado, símbolo do labirinto.

"Entre os cananeus, em Ugarit, as principais divindades eram o touro El e Baal. Baal, que pode ser identificado como o Hadad fenício, com o Theshub sírio-hitita, com o Seth egípcio, é o deus dos Cimos, das Tempestades, da Chuva. Sua voz ressoa nas nuvens. Segura em sua mão o raio. Tem a força de um touro, chifres saem de seu capacete. Baal combate monstros com um corpo homem e uma cabeça de touro." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 162). A luta do novo monoteísmo hebreu contra o culto de Baal reflete a profunda penetração das concepções shivaístas no mundo semítico. A persistência das danças extáticas está atestada na época de Samuel (1020 a.C.).

Os touros Ápis e Mnévis, encarnações vivas de Osíris, representam um papel fundamental na religião dos egípcios, os quais, pelo menos quanto à língua, também eram semitas. Segundo Cícero e João Lidus, um segundo Dioniso (que corresponde a Skanda, o filho de Shiva) nascera do deus do Nilo (do Ganges, entre os hindus), isto é, de Hapi ou de Serápis, um deus em forma de touro. O faraó era chamado de "o Touro que torna fértil a mãe".

A figura mítica de Minos está sempre associada à presença do touro. Segundo a lenda transmitida pelos gregos, Zeus, sob a forma de um touro, tinha aparecido para Europa, a filha de Agenor, na margem do Tyr. Ele a levou a nado para Creta, e lá uniu-se a ela. Geraram três filhos: Minos, Sarpeão e Radamanto. Adotado pelo rei do país, Minos sucede-lhe. Pasífae, filha do sol e esposa de Minos, dá-lhe vários filhos. Depois, tendo-se apaixonado por um touro, dá à luz a Asterios (a estrela), chamado Minotauro (Minos-touro). Tem a cabeça de um touro e o corpo de um homem. Minos prende-o, sob boa guarda, no labirinto construído por Dédalo. Peças de Gortina mostram o casamento de Zagreu com Europa e também as aproximações de Europa e o touro. Encontramos na Índia a descrição de Shiva tomando a forma de um touro para fecundar a deusa. Em Çatal Höyök, há imagens da deusa parindo um touro. A imagem do Minotauro é idêntica à de Nandi (alegre), o touro de Shiva. Há representações do homem-touro Nandi em vários sinetes de Mohenjo-Dâro semelhantes às que se encontram na Suméria e que representam Eabani, ou Enkidu, criado pela deusa Aruru para combater Gilgamesh. Nandi é representado sob a forma do Minotauro em todos os templos shivaístas até os nossos dias.

Em Élide, invocava-se Dioniso-touro. Era visto saindo do mar, com a forma de um touro dançante. Segundo o mito shivaísta, foi Nandi, o touro, quem ensinou aos homens a dança e a música. Como observa Atheneu (XI, parágrafo 5, 476a), Dioniso é muitas vezes chamado de touro pelos poetas, e, se ele não foi unicamente um deus-touro, pelo menos manifesta-se de bom grado sob essa aparência. Em Creta, como

no Egito, a vaca era o símbolo da Lua, o touro, o do Sol, o fecundador. Em Olímpia, Dioniso, assimilado ao Zeus cretense, era venerado sob a forma de um touro ou de uma serpente. Nos vasos gregos, encontramos representações de Dioniso e de Posêidon montados em dois touros, um branco e o outro negro. "Entre os celtas, o touro representa o princípio macho da fertilidade e distribui suas graças sexuais a seus devotos femininos e aos iniciados... Um exemplo disso é o deus cornudo céltico Cernunnos." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 54)

Foram criadas lendas populares relativas ao nascimento do touro. No *Kanda purânam* (VI, cap. 13, 303), foi a deusa da Fortuna, Lakshmî, que, com medo de ser afogada quando ocorreu o dilúvio, teria tomado a forma de um touro e teria se tornado a montaria de Shiva.

Shiva é sempre representado montado num touro ou acompanhado por um touro. No templo de Shiva, onde é venerado o *Linga*, o touro é representado em pé ou deitado de frente para o santuário. Os fiéis tocam em seus testículos para obter a força viril e a proteção divina. O touro, que erra em busca de aventura, personifica a força erótica. Shiva, que domina Eros, é o único que pode cavalgar o touro. Liberta-se um touro para obter as graças do deus. Na Índia, toda a espécie bovina é sagrada. Na Frígia, como em outros lugares, na Antigüidade, era uma ofensa criminosa matar um boi... A vaca e o boi eram sagrados. As festas do touro, o culto do touro, assim como seu sacrifício são por toda parte vestígios de ritos shivaístas.

Na Creta minoense, os jogos tauromáquicos faziam parte do culto. As corridas sagradas eram celebradas nas áreas com arquibancadas do palácio. As pinturas de Cnossos mostram-nos acrobatas saltando sobre o touro. O touro personifica a retidão, a justiça, as virtudes dos fortes. No mundo helênico, as crianças eram, de certo modo, dedicadas ao touro. As crianças espartanas, de idades diferentes, comiam e dormiam juntas, formando uma comunidade denominada "rebanho" (*agela*), sob a vigilância de um jovem, o "chefe touro" (*buagoi*). Durante o festival das Thiodéias, associado à saída dos jovens da *agela* e a seu casamento coletivo (segundo Estrabão), o deus venerado era o deus-touro minoense, chamado mais tarde de Zeus cretense (Kretagenes). Nas *thiases*, associações dionisíacas tais como as de Torre Nova (século II), os papéis do *bukolos* (vaqueiro) e do *archibukolos* manifestam um retorno ao culto de Dioniso-touro. Do mesmo modo que o Minotauro foi sacrificado por Teseu o touro divino era, por fim, sacrificado — o deus era morto para a redenção dos homens. Seu sangue era cuidadosamente recolhido num vaso.

O hino dos curetos em honra de Zeus-Dictaios é dirigido ao touro que devia ser sacrificado e que é identificado com Dioniso. Reveremos, a respeito dos sacrifícios, a significação da morte do deus. Na Índia shivaísta, o sacrifício do touro raramente é praticado hoje, mas era uma parte essencial do antigo ritual.

OS CORNOS E A REALEZA DIVINA

Em Mohenjo-Dâro, Shiva aparece em postura de ioga, com cornos de touro. Em Ugarit, numa estrela que data do século XIV a.C., o deus, chamado de Misericordioso, o poderoso Touro, está representado sentado num trono, com uma longa veste e uma tiara coroada por cornos. O símbolo dos cornos exprimia por toda parte o poder do deus. Os retratos dos reis foram ornados com cornos a fim de demonstrar que deviam seus poderes ao céu. O touro, assim como a serpente, e suas ligações com a realeza de ordem divina, proveniente da Mesopotâmia, chegaram à Grécia por Creta na época minoense. A família real cretense tinha como antepassado um deus-touro. O touro tornou-se o símbolo da realeza minoense.

Talvez o Minotauro, originalmente, seja o próprio Minos, a principal figura mítica da Creta antiga, concebida sob a forma do touro. Os reis macedônicos também usavam cornos para assinalar sua origem divina e, quando Moisés desceu da montanha com o espírito de Deus sobre si, sua cabeça apareceu ornada de cornos (Ex. C. XXXIV, V, 35). Na epopéia babilônica, Gilgamesh guerreia contra Khumbaba, um gigante cuja cabeça é ornada de cornos. O touro Ápis representava, no Egito, o rei-deus. Reshep, o deus guerreiro de origem asiática, identificado com Seth, o irmão de Osíris, usa a coroa do Alto Egito ornada com dois cornos.

Dioniso é representado como um deus cornudo: "Zeus... prepara-lhe um abrigo de onde ele nascerá. Dissimula-o em sua coxa e tranca-o ali com grampos de ouro... Quando o prazo fixado pelo Destino chega ao fim, fez sair o deus de cornos de touro e uma coroa de serpentes." (Eurípides, *Les bacchantes*, 95-102)

Nos "ossuários" reais etruscos, em forma de cabanas, os cornos são empregados como decoração na linha mediana do teto. Em Delos, existia, além da pedra cúbica, um altar denominado *Le Keraton*, que era formado por cornos de bois e de cabras e dedicado ao culto de Apolo Karneios, o protetor dos animais de chifre. Na Bretanha, encontra-se o culto de São Cornélio. "Esse mesmo nome corno está claramente ligado à raiz KRN e à de *couronne*, outra expressão simbólica da mesma idéia... Ambas representam 'cume' e são colocadas na cabeça... De modo semelhante, a palavra grega *Keraunos*, raio, que habitualmente atinge os cumes, os lugares e objetos altos, parece derivar da mesma raiz." (René Guénon, *Symboles fondamentaux de la science sacrée*, p. 204) O nome Carnac, centro de templos megalíticos, evoca também a raiz KRN, como também o Karnak egípcio, o Konarak indiano, etc.

A significação dos cornos estendeu-se por todo o mundo pré-céltico, céltico e germânico até a Alemanha central. "Kernunnos ou Cornely, patrono dos animais de chifre, é fundador de monumentos megalí-

ticos, junto aos quais se encontram os *mein gurun*, "pedras de raio", como são chamados, popularmente, os machados pré-históricos. O culto de São Cornélio, sacrificado pela fé, evoca a imagem do touro sagrado de Minos e seus atributos, os cornos e o duplo machado." (Gwenc'hlan Le Scouëzec, *La Bretagne mystérieuse*, p. 170)

O demônio cornudo das narrações populares com seus cascos bifurcados, brandindo um tridente, tem, sem dúvida, a mesma origem.

O LEOPARDO, O LEÃO, A PANTERA

Em Hacilar, Anatólia, desde o sexto milênio (5700), encontram-se imagens da deusa montada num leopardo. O leopardo, o leão e a pantera são os veículos, os símbolos e as encarnações da deusa. Pârvatî é representada montada num felino, que simboliza o caráter sedutor e cruel do princípio feminino. Na tradição dionisíaca, o leopardo é consagrado a Dioniso e as mênades são assimiladas a panteras. Em Antoninus Liberalis (que tem como fonte Nicandro), Dioniso adverte as filhas de Mínias para não negligenciarem seus *teletaï* (ritos de iniciação). Faz isso sob a aparência de uma moça, depois reitera suas aparições, tomando sucessivamente a forma de um touro, de um leão, de um leopardo. O carro sobre o qual se representa Dioniso é, às vezes, puxado por panteras. As mênades brincam com panteras. Algumas mênades identificam-se com carniceiros. Usam pele de leopardo. "Hoje, as panteras são feras. No entanto, na origem, não eram animais selvagens, mas belas mulheres, ornadas de pâmpano ..., nutrizes dançantes de Baco em seus passeios errantes." (Oppien, V, 230)

No Egito, sob o Novo Império, novamente Shiva e Pârvatî aparecem, sob a forma de Reshep e sua companheira Kadesh, considerados como divindades "asiáticas". A deusa é representada em pé sobre um leão, o deus com uma coroa e cornos. São assimilados às antigas formas do casal divino: Seth, o deus violento, e Hathor, a deusa-vaca.

AS SERPENTES

As serpentes são habitantes do mundo subterrâneo. Vivem nas entranhas da terra e conhecem seus segredos. São detentoras do veneno e, conseqüentemente, a antítese dos deuses celestes que detêm a ambrósia, o elixir da imortalidade. Os antigos dravidianos veneravam as serpentes. Os asuras são muitas vezes representados como deuses-serpentes. Relegados ao mundo subterrâneo, formam o grande povo dos nâgas ou serpentes, representadas por toda parte com um corpo de homem e uma cauda de serpente. Suas imagens são muito numerosas nos templos e têm um papel importane nas lendas shivaístas. O culto das serpen-

tes também é um aspecto de peso da religião cretense. Às vezes as serpentes misturam-se com o mundo dos homens. No *Nâgânanda*, "A Felicidade da Serpente [6]", o poeta Harsha relata as aventuras de um jovem nâga salvo do cruel abutre de Vishnu, por um príncipe heróico, graças à intervenção da Deusa branca, Gauri.

Os nâgas preservam as ciências prestigiosas dos antigos sábios e os segredos dos poderes mágicos. O *Shatapatha Brâhmana* (XIII, 4, 3, 9) (1000 a.C.) reconhece que o verdadeiro conhecimento, "o Veda, é de fato o saber das serpentes". Os âdityas, os doze sóis, eram originalmente serpentes. As serpentes são sobreviventes dos deuses mais antigos.

O culto das serpentes, dos nâgas, foi incorporado à religião ariana durante o período dos sutras (600 a 400 a.C.). "Quando Alexandre atacou e capturou diversas cidades da Índia, descobriu em algumas delas, junto com outros animais, uma serpente considerada sagrada pelos indianos. Guardavam-na num lugar subterrâneo e veneravam-na com devoção. Os indianos suplicaram a Alexandre para não deixar ninguém molestar esses répteis, e ele o consentiu." (Aelian, *Variae historiae*, cap. 21)

"O culto das serpentes é associado... ao das potências subterrâneas, ora fecundadoras e, portanto, benéficas, ora temíveis, pois, segundo sua vontade, asseguram ou destroem a estabilidade do mundo." (Paolo Santarcangeli, *Le livre des labyrinthes*, p. 112) Uma serpente envolve o bastão de Hermes. Duas serpentes enlaçam-se no caduceu de Mercúrio e no bastão curador de Esculápio. Asclépio é acompanhado por uma serpente, o que indica seu poder mágico e lembra que a ciência de curar provém, originalmente, dos antigos deuses-serpentes.

Ureus, a serpente que o soberano usa como diadema nas representações egípcias, simboliza o poder de curar associado, muitas vezes, à realeza. Os soberanos dos asuras portam um diadema idêntico na iconografia do templo hindu.

"Certas congregações dionisíacas tinham conservado e renovado a tradição de familiaridade com os répteis e do manejo das serpentes, prática cuja antigüidade e caráter religioso no mundo egeu são comprovados por monumentos desde o segundo milênio minoense." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 403) Ainda hoje, na Índia, são muitos os "encantadores de serpentes". Não são apenas atrações para os turistas, mas formam confrarias, às quais se atribuem poderes mágicos.

O culto das serpentes é praticado, ainda em nossos dias, na Itália. Por ocasião da festa de São Domingos, nos Abruzos, são enroladas serpentes em volta da estátua do santo. Os fiéis manipulam serpentes enquanto seguem em procissão a estátua, costume claramente herdado de um rito dionisíaco.

---

6. Ver: *Le Théâtre de Harsha*, trad. A. Daniélou.

O mais importante dos cultos domésticos minoenses é o da serpente, especialmente sob a forma da deusa-serpente, senhora dos animais. A velha deusa-serpente surge ao lado de Zeus na pessoa de Hera. Na Grécia ulterior, a serpente torna-se uma divindade masculina, mas permanece como o centro do culto doméstico. O Zeus cretense, sob a forma de uma serpente, é chamado de Meilikhios, o Benévolo. Imagem do princípio feminino, a serpente representa o apego às coisas da terra, além de destilar o veneno — contrapartida do elixir da imortalidade, o *amrita* — que impede ao ser humano libertar-se.

No mito grego narrado por Atenágoras (XX, cap. 292), Zeus persegue sua mãe Réia, que toma a forma de uma serpente. Ele, Zeus faz o mesmo e, atando-a com o "nó de Heracles", a possui. Na Ásia ocidental, Astartéia é representada com serpentes em torno das mãos e dos braços. Na Índia, Kâlî aparece coberta de serpentes. Uma serpente envolve o *Linga* de Shiva e com sua língua pontuda toca na abertura. O próprio Shiva tem serpentes como ornamentos em volta do pescoço e dos braços.

A Energia primordial, a Shakti, é a potência de realização de Shiva. É o princípio do desenvolvimento da manifestação. Como origem dos ciclos do tempo, é representada sob a forma de uma serpente. Quando o universo estende-se, a serpente desenrola-se, quando este se recolhe, ela se enrola novamente e serve como cama para Vishnu (a força de coesão) adormecido, segundo um mito cosmológico oriundo da experiência da ioga.

O MISTÉRIO DO LABIRINTO

Quando surgem em Creta os símbolos e os ritos aparentemente derivados do shivaísmo, este já existe há, pelo menos, dois mil anos, o que representa uma quantidade considerável de experiência religiosa e explica a variedade dos relatos lendários de que puderam se revestir concepções fundamentais comuns. O shivaísmo, desde as mais remotas origens, é inseparável da ioga e, se tomarmos como base para o estudo dos símbolos, dos ritos, dos mistérios, não vagas semelhanças exteriores, mas o conhecimento profundo e inigualável do ser humano, que a ioga representa, e as concepções do mundo terrestre e do cosmos estabelecidas por analogia com as estruturas do ser humano, muitos aspectos do simbolismo das religiões antigas irão se tornar claros e compreensíveis. É preciso apenas que nos habituemos à idéia de que esses símbolos representam, e com freqüência dissimulam, um nível muito alto de conhecimento em períodos muito antigos e que não se trata de superstições infantis e chamadas de primitivas como muitas vezes tendemos a imaginar ao interpretar os mitos. Se, para compreender o sistema do labirinto, o consideramos como uma representação simbólica e ritual da experiência da ioga, sua significação torna-se evidente.

Toda a técnica da ioga tem por objetivo o despertar do princípio feminino, da deusa serpente, a Shakti, enrolada "em forma de espiral" (*Kundalini*) no "centro de base", o *Mûlâdhara*, no nascimento da coluna vertebral. Convém observar desde já que a deusa, no ser humano, é considerada como um princípio energético que reside no centro de base e não no órgão feminino, e que isso nada tem a ver com a fertilidade ou com a procriação.

O *Mûlâdhara* corresponde ao princípio terra, esfera do olfato, o mais material dos cinco elementos. As funções alimentares e excretoras são o ponto de partida da manifestação da vida em suas formas mais rudimentares, e, a partir daí, o sustentáculo de toda atividade, logo, de todo pensamento, de toda realização superior. A deusa-serpente reside na terra, a matriz de onde se originam os seres vivos. A deusa é, portanto, associada às funções do corpo consideradas como as mais fundamentais, ao contrário das divagações ilusórias do cérebro.

Entre os órgãos de ação dos sentidos, em relação com os cinco elementos ou estados da matéria, o ânus é associado ao princípio terra, o pênis ao princípio água, os pés ao princípio fogo, a mão ao princípio ar, a boca, como órgão da palavra, ao princípio éter. Os órgãos de percepção correspondentes são: o olfato (terra), o gosto (água), a vista (fogo), a pele (tocar, ar), o ouvido (éter). Ao utilizarmos o corpo por inteiro, tomando como ponto de partida as funções mais fundamentais, podemos entender nossa própria natureza e buscar uma compreensão dos aspectos mais evoluídos para chegarmos à inteligência e, mais além da inteligência, à realidade divina e profunda das coisas, que é incognoscível pelo pensamento lógico. Esse é o ensinamento essencial da doutrina tântrica.

A energia básica está, portanto, alojada na "terra", no centro de base. É o princípio que podemos considerar como a deusa Terra da qual tudo procede. De sua espiral, *kundalini*, a energia enrolada, cerca o princípio procriador, representado como um falo de Shiva, um *Linga* nascido de si mesmo (*svayambhu*). O Princípio masculino está igualmente representado no centro de base como um touro. A segunda função vital essencial é a reprodução ligada à união dos princípios masculino e feminino. A imagem de *Kundalini* é, portanto, uma espiral rodeando um falo ou um touro.

Não agrada aos deuses que o homem chegue ao conhecimento, liberte-se da ilusão do mundo das formas. Tudo está previsto para despistá-lo. É por isso que o caminho do conhecimento é torto (*vakra*). Todas as vezes que julgamos estar próximos da verdade, perdemo-nos. Precisamos voltar atrás, mudar de caminho. O espírito humano não pode alcançar diretamente a realidade divina. Para consegui-lo, é necessário seguir caminhos tortuosos, vias subterrâneas, inesperadas, misteriosas.

A cruz representa a extensão do mundo a partir de um centro, de um princípio único. A dificuldade de voltar ao princípio é simbolizada

pela cruz "torta" ou gamada. O não-iniciado que segue uma de suas ramificações perde-se no espaço, nunca chega ao centro, à verdade. É preciso saber, num dado momento, mudar de via para atingir o princípio. O símbolo de Ganesha, o deus dos Mistérios, é a cruz gamada. Ganesha é o guardião da porta que conduz à deusa-serpente enrolada e do touro ou do falo que ela envolve. No corpo humano, a porta estreita que conduz ao centro-terra, à deusa-serpente, é o ânus. Ali encontra-se o centro de Ganesha, o guardião das portas e dos mistérios, servidor da deusa. Mais além, encontra-se o labirinto de entranhas, caminhos tortuosos que levam a todos os órgãos vitais e que áugures vão consultar durante o sacrifício. O iogue que consegue despertar a energia enrolada e, com sua ajuda, atinge, um a um, todos os centros onde residem as formas superiores da vida e os poderes sutis que farão dele um "herói" (*vîra*), senhor de todas as energias latentes em si mesmo e fora de si, e que lhe permitirão dominar as forças obscuras da natureza elementar, para atingir a inteligência e a luz divina, deve atravessar o labirinto interior, cuja forma física é o dédalo intestinal em que se dissimulam os diferentes centros sutis.

De que outro modo podemos exprimir simbólica e ritualmente essa viagem interior, imagem da evolução da criação e da vida, assim como do processo da iniciação e da iluminação, senão pela representação justaposta da espiral-serpente (imagem da deusa) e do labirinto (morada secreta do princípio macho, do touro ou falo)? De maneira semelhante, na Terra mãe, serão os caminhos sinuosos das cavernas penetrando nas entranhas da terra, onde reside a serpente, que conduzirão ao centro misterioso onde é venerado o deus-touro. A cruz gamada, símbolo do guardião dos mistérios, Ganesha, o senhor dos ganas ou dos coribantes, vigiará a porta. Há também uma serpente e um touro celestes escondidos nas profundezas dos labirintos misteriosos da esfera celeste.

O labirinto sempre evoca os mistérios iniciatórios, os caminhos desviantes que conduzem à iluminação. "O ser que percorre o labirinto... chega finalmente a encontrar o 'lugar central', ou seja, do ponto de vista da realização iniciatória, seu próprio centro... Se consideramos o caso em que o labirinto está em conexão com a caverna, esta, que ele cerca com suas sinuosidades e à qual por fim, chega, ocupa pela mesma razão, no conjunto assim constituído, o ponto mais interior e central, o que corresponde à idéia do centro espiritual e que concorda igualmente com o simbolismo equivalente do coração." (René Guénon, *Symboles fondamentaux de la science sacrée*, pp. 216 e 392)

A entrada na caverna corresponde a um retorno às entranhas da terra, ao seio maternal. Essa viagem subterrânea evoca, sob forma de mistério, o grande ventre maternal e o labirinto no qual o homem ganhou consciência antes de se engajar na vida. O mito da descida aos Infernos evoca também um retorno ao "ventre da Terra mãe".

É interessante notar que Freud chegara por outras vias a uma intuição desse aspecto da estrutura sutil do ser humano. "A história do labirinto revela-se como uma representação do nascimento anal; os caminhos sinuosos são os intestinos, o fio de Ariadne, o cordão umbilical." (S. Freud, *New Introductory Lectures*)

Há todo um ritual ligado à penetração anal. O ânus é porta estreita que abre para o labirinto (no homem, o intestino). Na ioga tântrica, o centro de Ganesha, o guardião das portas, encontra-se na região do reto. Se o órgão masculino penetrar diretamente na zona da energia enrolada (*Kundalini*), pode permitir despertar brutalmente e provocar estados de iluminação e de súbita percepção de realidades de ordem transcendente, razão pela qual esse ato pode representar um papel importante na iniciação. "Isso explica um rito de iniciação masculina, muito difundido entre os povos primitivos, embora raramente relatado pelos observadores ocidentais..., no qual os iniciados adultos machos mantêm relações anais com os noviços... Um costume desse gênero pode estar na base do erotismo homossexual encorajado tão fortemente entre os gregos na época clássica." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 48) As acusações lançadas contra as organizações dionisíacas, por seus detratores, e contra certos grupos iniciatórios no mundo cristão e islâmico englobam, inclusive, essa prática.

Trata-se de um procedimento técnico, análogo, por outro lado, ao uso de certas drogas, que, por uma ação direta, agem em certos órgãos interiores ligados aos centros sutis.

A energia enrolada é o princípio, o motor de todas as realizações humanas. Todas as tendências do ser humano, todas as suas possibilidades aparecem como impulsos provenientes da energia enrolada, aspectos da deusa-serpente. A concupiscência, o ódio, o medo, a ira, a tristeza, etc., são as manifestações da Shakti, são de fato *shaktis*, forças com caráter transubjetivo. Não se deveria dizer "Amo, odeio, tenho medo", etc., mas, antes, "uma força manifesta-se em mim sob a forma de amor, de ira, de ódio", etc. Essa concepção da ioga explica a existência dos impulsos impensados do ser humano. Essas diferentes *shaktis* fazem parte do ser vivo e o governam. O homem, como o mundo, é habitado por espíritos, poderes que fazem pouco dele. Apenas o *siddha*, o ser realizado, pode controlá-los. Então, o homem sai do mundo da ação (*Karma*) e não mais necessita dos ritos nem das virtudes. Torna-se, em seu próprio corpo, o senhor da criação. Domina o poder da serpente. Podemos observar a força dessas pulsões interiores em pessoas que apresentam dupla personalidade. Referem-se a si mesmos, dizendo: "Ele quer isto ou aquilo. Não posso fazer nada. Não se deve contrariá-lo", etc.

As representações da deusa-serpente enrolada, ou do labirinto que conduz ao deus que ela rodeia, são numerosas e encontram-se por toda parte onde a doutrina shivaísta e seus símbolos difundiram-se. É por

isso que encontramos em todo o mundo indo-ocidental, a partir do sexto milênio, representações da espiral ou dos labirintos mais ou menos complicados. As lendas como a do Minotauro são mitos populares inventados para explicar ou, antes, para dissimular um mistério que só é revelado ao iniciado, ao *vîra* ou "herói", conquistador do labirinto.

"O labirinto... é um dos temas mais constantes da arte rupestre européia do Mediterrâneo até o Mar do Norte. Aparece gravado na pedra, na Europa, por volta do segundo milênio a.C., e espalhando-se por todo o continente... Está inscrito nas figuras funerárias dos povos pré-indo-germânicos." (P. Santarcangeli, *Le livre des labyrinthes*, pp. 160, 168)

Há "representações mesopotâmicas e babilônicas labirínticas muito semelhantes, pelo desenho, àquelas, bem posteriores, encontradas nas moedas cretenses... Segundo as descrições cuneiformes, esses desenhos representam as vísceras de animais sacrificados... O conjunto espiralado era o 'palácio das vísceras'... Todos os labirintos nórdicos repetem a mesma forma de estilo cretense ou em 'rolos de vísceras'." (P. Santarcangeli, *op. cit.*, pp. 156 e 205)

O labirinto cretense foi, na Antigüidade, considerado uma imitação do labirinto egípcio. Seu arquiteto, Dédalo (o experiente artesão) — que corresponde a Maya, o arquiteto dos asuras —, foi emparedado nele por Minos, mas conseguiu escapar com seu companheiro Ícaro. Foi no labirinto que Minos prendeu o Minotauro que Teseu teria matado. A conquista pelo "herói", com a ajuda das técnicas da ioga, do mundo espiritual e mágico, tornou-se a vitória do herói ariano sobre o antigo deus dos Mistérios. Sugeriu-se, entre outras etimologias, que a palavra labirinto tenha origem no grego *labrys*, o "duplo machado" sagrado, representado por toda parte nas pedras, nos estuques, nas cerâmicas, nos sinetes e no altar de Cnossos. *Labra*, por outro lado, indica uma caverna, *labirion*, uma galeria de toupeiras. A palavra cretense para "machado" era *pe-le-ky*. O simbolismo do duplo machado e o da suástica são semelhantes. O traçado do duplo machado também representa um caminho sem saída. Encontra-se o símbolo do duplo machado em todo o norte da Europa pré-céltica. "Os gregos chamavam de labirinto o palácio de Minos, em ruínas, mas ainda não desaparecido... Ainda podemos nos perder no embaralhamento de seus corredores. Já Estrabão situa o labirinto numa gruta... A conhecida versão *ab antiquo*... situava o labirinto na caverna de Gortina... Claudiano (século III) identifica-o com a gruta situada ao pé do monte Ida. Trata-se de um outro, rico em passagens sinuosas e em cavidades, que penetra na montanha por quilômetros... com bifurcações repetidas... No fundo, encontra-se uma fonte viva que jorra da rocha." (P. Santarcangeli, *op. cit.*, pp. 32 e 114)

Em outras regiões, foram utilizadas cavernas como labirintos para a realização dos mistérios. Os vestígios do shivaísmo em Malta são mais

antigos do que os de Creta. "Em Malta, há uma gruta, o complexo subterrâneo de Hal Saflieni... Três andares, que se escalonam em profundidade, a mais de dez metros, uma série de salas, de cavernas, de nichos, que se comunicam entre si, um inextricável embaralhamento de percursos que se desenvolve em uma dupla espiral, virando, primeiro à esquerda, depois à direita... Os tetos são decorados com espirais vermelhas... Machados sagrados, cerâmicas, estatuetas de mulheres e de animais... e várias ossadas humanas foram encontrados ali, assim como uma estátua de 'adormecida', representando provavelmente uma sacerdotisa em estado de incubação antes de emitir o oráculo, e vestida com uma roupa idêntica à das sacerdotisas cretenses." (P. Santarcangeli, *op. cit.*, p. 120)

Encontramos na tradição shivaísta indiana representações de labirintos análogos ao labirinto cretense e relatos que se referem a caminhos de difícil acesso. Segundo o *Kanda Purânam* Tâmul: "Um mágico asura denominado Krauncha (o Héron) tomou a forma de uma montanha que possuía em seu interior uma espécie de passagem, cuja entrada dava para o lado de onde vinha um sábio que se chamava Akattiyan. Este espantou-se com a súbita presença dessa montanha e, decidindo-se a penetrar nela, seguiu o caminho que viu aberto diante de si. Mal percorrera uma pequena distância quando o caminho desapareceu. Um outro abriu-se numa direção diferente. O sábio seguiu por ele, mas esse caminho também desapareceu em muito pouco tempo. Deparou-se, então, com um novo caminho. De repente, percebeu uma grande chama à sua volta. Passados alguns instantes depois que a chama apagou-se, surgiu um raio e todo o lugar ficou coberto de trevas." (*Kanda Purânam* tâmul, II, cap. 24, 5-8)

O antro de Amnisos, em Creta, é uma caverna sagrada. Ali encontram-se estalagmites de aspecto fálico, perto dos quais se colocavam oferendas. Trata-se de um local santo muito antigo, centro do culto do Zeus cretense, que foi venerado ali até a época romana.

As cavernas são a residência favorita de Shiva e da deusa. A caverna de Amarnâtha em Cachemir, com seu *Linga* de gelo, é um dos principais lugares sagrados do deus.

No *Shiva Purâna* (*Rudra Samhitâ*, cap. 44-45), é dito que Shiva habita uma caverna. Ele diz: "É numa caverna que realizo os ritos dos Amigos dos animais (*Pashupâtas*)." Quando Shiva parte para a floresta, Pârvatî fica sozinha, assustada na caverna. Os deuses Brama, Vishnu, Indra, os sábios, os adeptos, as serpentes transformam-se em mulheres para ter o direito de entrar ali (cap. 45, 1-3). Um titã vigia o acesso da caverna guardada por Ganesha, o corajoso servidor da deusa. "No fundo de uma gruta, nasceu a divina Equidna com a alma violenta. Seu corpo é constituído uma metade por uma jovem com belas faces e olhos ardentes, e a outra por uma enorme serpente, tão terrível quanto grande, mosqueada, cruel, que se entoca nas profundezas secre-

tas da Terra divina... Foi a enorme terra que recebeu a criança para alimentá-la e cuidar dela nessa imensa Creta... Ela... a escondeu no fundo de um antro inacessível, nas profundezas secretas da Terra, nos flancos do monte Egeon." (Hesíodo, *La théogonie*, 295-300 e 478-484)

As cavernas, que nos permitem penetrar no seio da mãe Terra, sempre foram lugares sagrados para os homens. Jamais foram local de moradia, embora anfractuosidades possam ter servido como abrigos ou refúgios temporários. O homem das cavernas é ficção. Nunca houve macaco das cavernas.

No tantrismo, as cavernas são consideradas como espécies de vaginas no corpo da mãe Terra. São veneradas como o órgão feminino. São refúgios que permitem um retorno ao seio da mãe e são lugares propícios aos ritos mais sagrados. "Na Grécia pré-helênica, as grutas votivas, freqüentadas, em Creta notadamente, desde o segundo ou terceiro milênio, situam-se a uma certa distância das aglomerações, em locais afastados." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 180)

"Embora os laços entre as tradições dos mais antigos habitantes de Creta e as dos caçadores do paleolítico, tão intimamente associados ao culto das cavernas, continuem conjeturais, as cavernas de Creta revelaram várias provas de seu caráter sagrado desde o neolítico até o período histórico, a ponto de se deduzir que a associação das divindades minoenses ao culto das cavernas era a principal característica da religião popular... As cavernas de Creta confirmam a tradição grega, segundo a qual as cavernas eram os mais antigos santuários." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 141)

Dioniso havia nascido numa gruta. Esse símbolo foi incorporado à lenda de Jesus. O proto-Evangelho de Tiago (XVIII, 1 sg), Justino mártir e Orígenes foram os primeiros a situar a natividade numa caverna. No fim de cada período de oito anos, Minos retirava-se para uma caverna do Oráculo do monte Ida. Era lá que ele se comunicava com seu pai Zagreu.

O templo hindu é concebido como a representação de uma montanha. O santuário obscuro representa uma caverna, antro dos mistérios. O estreito caminho existente no interior do santuário é associado ao labirinto.

PLANTAS E ÁRVORES SAGRADAS

Os princípios cósmicos que se manifestam no mundo mineral, no mundo animal ou no mundo dos deuses exprimem-se também no mundo vegetal. Existem correspondências sutis, analogias entre certas plantas ou árvores, certos deuses, certos animais, certos aspectos do ser humano. Há plantas nobres e plantas vis, árvores benéficas e árvores nocivas, plantas amigas do homem e plantas inimigas. Algumas plantas fornecem

ao homem seu alimento, transmitem-lhe a força vital ou intelectual. Outras provocam estados de embriaguez ou de êxtase, outras, à morte. Quase todos os remédios e venenos vêm das plantas. Há uma ligação essencial na harmonia do mundo entre as espécies vegetais e todos os aspectos da vida. É das plantas que assimilamos os princípios vitais que correspondem às três tendências fundamentais da natureza: a força de concentração e de desenvolvimento intelectual (*sattva*), a força de organização e de ação (*rajas*), a força de explosão, que é a das paixões, do erotismo, do nascimento e da morte (*tamas*). O homem vive em simbiose com algumas plantas (o trigo, o arroz), assim como com certos animais (a vaca, a cabra). É segundo o princípio de inversão aparente dos valores particulares ao tantrismo que são utilizadas as forças de *tamas*, os peixes, as drogas, as paixões, como meios de conquista do mundo sobrenatural, uma vez que é dominando o que normalmente nos destrói que podemos vencer a morte e alcançar a imortalidade. Shiva é a encarnação de *tamas*, o princípio de explosão destruidora e procriadora, pois é da destruição que nasce e subsiste a vida.

Existem plantas e árvores ligadas, pela natureza, ao que chamamos de espíritos ou deuses. Encarnam certos aspectos do divino. Há, portanto, árvores e plantas sagradas, benéficas, que podem nos servir como meio de contato com os seres invisíveis, pois a eficácia das plantas não se assimila apenas pelos alimentos, drogas ou beberagens que delas se obtêm.

As plantas estão em contato direto não-intelectualizado com a vida que as cerca e o mundo dos espíritos que as anima. Podem servir como intermediárias na comunicação com eles. Percebem imediatamente os nossos sentimentos, as nossas atitudes profundas, e as transmitem às potências sutis que encarnam, e cuja benevolência ou hostilidade representa um papel importante no desenvolvimento de nossa vida.

"A árvore sagrada, como sede de potências naturais, fonte de bênçãos e objeto de um culto que lhe é dedicado por grupos muito diversos, é comum a quase todas as raças; ela conservou seu valor mágico ou simbólico nos sistemas religiosos das sociedades mais diversas... Se não era sob a forma de um deus-árvore ou de um gênio da árvore, pelo menos era sob a de um *daimon*, cuja vitalidade era ligada de algum modo à das espécies vegetais, que, entre os atenienses, julgava-se ser Dioniso, em cuja honra as mulheres celebravam ritos... O complexo de representações e de emoções religiosas que se concentrou em Dioniso manifesta-se profundamente impregnado pelo sentimento persistente de uma equivalência ou até mesmo de uma identidade entre o potencial de vida, de exaltação e de renovação que a presença desse *daimon* significa para os adeptos de seu culto e as virtudes que emanam das essências do mundo vegetal." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 12-15)

"No início do período minoense..., as árvores representavam um papel central. Os documentos iconográficos mostram diversos persona-

gens tocando as folhas, adorando a deusa da vegetação, ou executando danças rituais. Algumas cenas sublinham o caráter extravagante, até mesmo extático do rito..., solidariedade mística entre o homem e a planta." (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 146)

Ainda hoje, podem-se ver por toda parte, na Índia, as árvores sagradas, às quais os fiéis prendem pedacinhos de tecido como ex-voto. Imagens do deus em pedra ou em bronze são colocadas perto das raízes e veneradas todos os dias. Certas flores, tais como o cravo da Índia, de cor vermelha, servem para fazer guirlandas com as quais se envolve o *Linga* durante as cerimônias. Essas flores são colhidas com grande cuidado, pois não se podem oferecer aos deuses flores cujo perfume foi aspirado por alguém.

"Ariadne, deusa da Vegetação e da Árvore, tinha seu túmulo em Argos, no templo de Dioniso... Encontram-se também vestígios dos velhos ritos minoenses na Grécia sob a equivalência Zeus-Jacinto, pai das virgens que morrem para assegurar a vida. É preciso notar a importância do culto das plantas bolbosas, cuja ressurreição anual se havia observado." (Charles Picard, *Les religions préhelléniques*, pp. 147, 188)

"Na Grécia dos tempos posteriores, são divindades menores dos cultos locais, as ninfas em particular, cuja vida se identifica com a das árvores ou das fontes." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 19)

As plantas sagradas de Shiva são principalmente o pipal (*ficus religiosa*), chamado o "senhor das árvores" (*Vriksha-nâtha*), a erva *dharba* ou *kusha*, a planta denominada *rudraksha* ("olho de Rudra"), cujos grãos servem para fazer terços shivaístas, a vinha, o haxixe, etc. O loureiro, a hera e a vinha eram as plantas sagradas de Dioniso. O pinheiro de Átis era objeto das devoções romanas, o carvalho, a árvore sagrada dos celtas. "Carvalho é meu nome", disse Taliesino, o bardo druídico, que também fala dos "três fins do homem e do carvalho". A colheita do visco era ocasião de ritos importantes.

"A veneração pela árvore sagrada dirige-se também a seus rebentos ou a seus equivalentes, ao tronco jovem que se desenraíza para se fazer a *árvore de maio*, às ramificações verdejantes, com as quais se fazem objetos votivos... Ramos verdes e arbúsculos representavam um papel importante, entre os gregos, num grande número de cerimônias, especialmente naquelas das quais participavam rapazes e moças. Em Atenas, os rapazes ou meninos conduziam em diversas circunstâncias a *árvore de maio*, feita de ramos de louro e de oliveira... Em Esparta e na Sicília, o ramo de louro chamava-se Corythalie, e esse emblema figurava nos cortejos que ocorriam durante os ritos de puberdade dos jovens ou dos casamentos... Nos cortejos religiosos, havia geralmente talóforos, portadores de ramos... Era imprescindível um tapete de palmas para a perpetração de certos ritos." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 13-14) A festa cristã de Ramos e os tapetes de palmas do *Corpus Christi* são uma sobrevivência disso.

Em Tebas, Dioniso era representado sob a forma de um mastro coroado de louros cuja parte inferior era envolvida com uma veste de cor açafroada. Na Índia, por ocasião de determinadas festas, planta-se uma árvore sagrada nos cruzamentos dos caminhos ou nas praças. A árvore é venerada com danças, ritos, oferendas. O tirso que os bacantes e as bacantes seguram e agitam enquanto dançam é um caniço, em cuja extremidade é preso um ramalhete de folhas de hera ou de vinha, às vezes, uma pinha.

7

Os lugares sagrados

OS LUGARES SAGRADOS

Há lugares em que os mundos visíveis e invisíveis aproximam-se um do outro. Esses pontos da esfera terrestre correspondem de uma certa maneira aos *chakras*, os centros sutis do corpo humano. Todo ser atento ao mistério do mundo pode perceber o caráter insólito desses lugares em que se sentem presenças invisíveis. São espécies de portas pelas quais pode-se passar um pouco mais facilmente de um mundo para outro, vias pelas quais é possível, para o vidente, oscilar subtamente num outro mundo, e, para todas as pessoas, sentirem-se mais próximos daquilo que é denominado sobrenatural, o mundo misterioso dos deuses e dos espíritos. Todas as religiões reconhecem esses locais onde o milagre torna-se possível. Nada de aparente designa, às vezes, essas regiões mais próximas do céu, porém, seu caráter mágico foi sentido pelos homens desde as épocas mais remotas. É a geografia sagrada a ciência que se ocupa desses lugares. Às vezes, descobrem-se novos, encontram-se alguns esquecidos. Quer se trate de Kâshî (Benares), de Meca ou de Lurdes, as características e o magnetismo desses locais são sempre semelhantes. Podem-se descobrir neles certos elementos orgânicos do corpo da Terra. Em Benares, a cidade santa de Shiva, cruzam-se num mesmo eixo os rios dos três mundos, que são a Via Láctea, o Ganges e um enorme rio subterrâneo que desce do Himalaia para o Sul.

Em Meca, o Makeshvara dos antigos geógrafos da Índia, ainda se venera a pedra negra, emblema de Shiva, mencionada nos Puranas. Os celtas herdaram antigos lugares sagrados das populações anteriores. A origem do oráculo perto da fonte de Castólia, em Delfos, remonta a bem antes da época micênica. Além de Creta, havia muitos lugares sagrados no mundo mediterrânico. Naxos é denominada Dionísia ou Dia, a Divina. Era particularmente consagrada a Dioniso. Os vinhos de Naxos eram célebres.

Muitas vezes, os lugares sagrados são indicados pela existência de antigos santuários: Amarnâtha, Gangotri, Jageshvara, Mathura, Hardwar, Kanchipuram, Konarak, como também Delfos, Malta, Filitosa (Córsega), Carnac, Nice, Stonehenge, Gortina, o Olimpo, o Atos, o Ida, o Kailâsa, Meca, o Sinai, etc., lugares privilegiados cuja atmosfera particular, fora do tempo, em outra dimensão do espaço, não pode deixar de ser sentida. Nesses lugares, que de certo modo são as portas do céu, atribui-se um grande valor aos sacramentos, à morte.

Muitas igrejas cristãs e mesquitas são construídas no local de antigos santuários. O fato de que se procure explicar seu caráter sagrado com a ajuda de novos mitos não é importante.

FLORESTAS, RIOS, LAGOS E FONTES

Junto com os grandes sítios mágicos que são os pontos nevrálgicos da Terra, cuja pesquisa é o objetivo da geografia sagrada, as montanhas, os lagos, as grutas, as fontes, as florestas são os lugares preferidos por Shiva, onde quer que a natureza não tenha sido aviltada pelo homem, a terra ferida pela agricultura ou maculada pelos habitantes.

Onde encontrarmos montanhas, grutas, bosques, fontes sagradas, geralmente podemos evocar uma origem dionisíaca. A natureza é o templo de Shiva. É por essa razão que os ritos de iniciação shivaístas são realizados na floresta, na margem dos rios ou das lagoas sagradas.

As fontes são habitadas por ninfas e gênios, os rios são deusas, o Ganges tem a sua fonte na cabeleira de Shiva.

Essas histórias podem ser consideradas disparates. No entanto, basta que alguém se sente a beira de uma fonte e invoque o gênio para sentir sua influência benéfica e apaziguadora.

As cerimônias da Grande Troménie, em Locronan, na Bretanha, que são finalizadas por um sacrifício (uma missa) num santuário no alto da montanha, depois de ter sido feita a circum-ambulação, consistem indubitavelmente num rito dionisíaco. Ao longo do percurso foram construídos altares em honra a todos os santos (os deuses) da região.

KAILÂSA, O PARAÍSO DE SHIVA

O templo hindu representa uma montanha, e o aspecto fálico das montanhas é evocado nos campanários e nos minaretes dos santuários.

As montanhas são lugares mágicos cuja aproximação é feita temerariamente. Ali residem os deuses, é para lá que se retiram os sábios a fim de receber a inspiração divina. É numa montanha que Moisés conversa com Deus. Shiva reside numa montanha. Sua esposa é a Dama

das montanhas. Do mesmo modo, Dioniso é venerado no monte Ida. Dictina é a deusa do monte Dicte. O monte Olimpo torna-se, para os gregos, a morada dos deuses. Anteriormente, habitavam o monte Atos, o antigo Aktê. Atos, filho de Posêidon, havia arrancado esse bloco montanhoso da Trácia, onde ele se encontrava, e o lançara ao seu lugar atual. Atos passou a ser a montanha sagrada de Dioniso. Ainda se pode ver, perto do monastério da Grande-Lavra, local de uma antiga cidade mencionada por Heródoto, um altar para o sacrifício do touro.

Skanda, cujo culto é proibido às mulheres, tinha se retirado para uma montanha. Essa tradição foi preservada no monte Atos, antigo local de retiro de eremitas dionisíacos. Segundo a lenda, transposta em termos cristãos, foi a virgem quem abençoou a montanha, destruiu as imagens dos antigos deuses, declarou-a seu jardim e a interditou às outras mulheres. Os essênios tinham herdado, entre outros, esse aspecto do culto de Skanda e recusavam-se a qualquer contato com as mulheres.

Vimos, em relação à deusa, o poder magnético dos cumes. As montanhas são as moradas dos deuses. Ali podem-se construir santuários, mas as casas dos homens nunca devem estar próximas do cume, uma vez que seu aspecto árido é enganador. O Kailâsa, no Tibet, assim como o Olimpo, o Ida ou o Atos, parece ser apenas um pico nevoso onde sopram as tempestades. No entanto, para o "Vidente", ele tem um aspecto totalmente diferente.

"O Kailâsa, montanha onde se encontra o paraíso de Shiva, é coberto de jardins maravilhosos. Todos os animais, as ninfas, os gênios, os companheiros do deus formam sua corte. É um lugar de delícias em que se encontra tudo o que conduz à felicidade. É ali que Shiva vive, sob o aspecto de um iogue nu." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. 18, 44)

"O Kailâsa é a feliz e esplêndida montanha onde reside Shiva. Lá vivem os kinnaras (com pés de bode), os apsaras (ninfas), os siddhas (eleitos) e outros espíritos celestes. É uma montanha bem alta, com cumes resplandecentes salpicados de pedras preciosas multicores e de outros minerais. Encontram-se ali todas as espécies de árvores e de lianas, corças, gamos, gazelas e milhares de pássaros. As ninfas brincam com seus amantes nas fontes e nos lagos, nas grutas e nos cumes. As árvores têm reflexos prateados. Há inúmeros animais, tigres e outros, mas não são ferozes. A natureza é resplandecente e inspira a surpresa e a admiração. O Ganges, que nasce na montanha, santifica e purifica tudo... Não longe, encontra-se Alakâ, a cidade de Kubera (o guardião dos tesouros) e o 'jardim dos perfumes' (*Saugandhika*) com todas as variedades de árvores. Os murmúrios que saem dali constituem uma música divina. Em torno da montanha circulam os rios Nandâ e Alakanandâ, cuja simples visão apaga todas as faltas. As ninfas descem até

eles para beber água. Esgotadas dos jogos amorosos, vêm refrescar-se ali. Mais longe está o pipal, a figueira sob a qual Shiva pratica a ioga. Não se encontram ninhos ali. Essa árvore propicia uma sombra espessa. É magnífica e sagrada." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. 40, 22-36)

Shiva, no mundo dos homens, aparece como um mendigo meio louco, mas, quando os deuses visitam o Kailâsa, ele se mostra sob seu aspecto glorioso.

"A lua toma o lugar de sua coroa, seu terceiro olho torna-se o ornamento de sua fronte, as serpentes tornam-se as argolas enriquecidas de suas orelhas. As serpentes que envolvem as outras partes de seu corpo tornam-se ornamentos incrustados de jóias. A cinza de que seu corpo é coberto torna-se um precioso unguento. A pele de elefante parece uma delicada fazenda de seda. Sua beleza é indescritível. Parece possuir todas as riquezas." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. 39, 38-42)

Encontramos descrições análogas no paraíso de Dioniso. "O filho de Sêmela tinha membros delicados e voluptuosos, sua beleza fazia com que se distinguisse entre todos. Era muito dedicado aos prazeres de Afrodite. Uma multidão de mulheres armadas de lanças acompanhavam-no..., vestia peles de pantera... Efebo seminu [está] sentado numa pose abandonada. Os membros de seu *thiase*, sátiros e mênades misturados, espalham-se no campo..., alguns dançam e rodopiam violentamente..., no frenesi de seus saltos, enquanto outros... desfrutam o repouso e tocam diversos instrumentos de música." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 365, 277) Segundo os Hinos homéricos: "Os sátiros atraem as ninfas para fazer amor nos abrigos das grutas. Pã persegue as ninfas e os jovens pastores. Ele ensina como tocar siringe ao belo Daphnis." O Zagreu cretense foi venerado no monte Ida durante mais de quatro mil anos, até a chegada dos romanos. A palavra Ida significa floresta, como é o caso para outros nomes de montanhas. Encontramos entre os gregos a montanha-paraíso shivaísta. "Olimpo deve ser considerado como um nome genérico para 'montanha'... O Olimpo celeste descrito na *Odisséia* parece mais com os 'campos dos bem-aventurados' minoenses do que com um lugar exposto às tempestades, às chuvas e aos ventos." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 118)

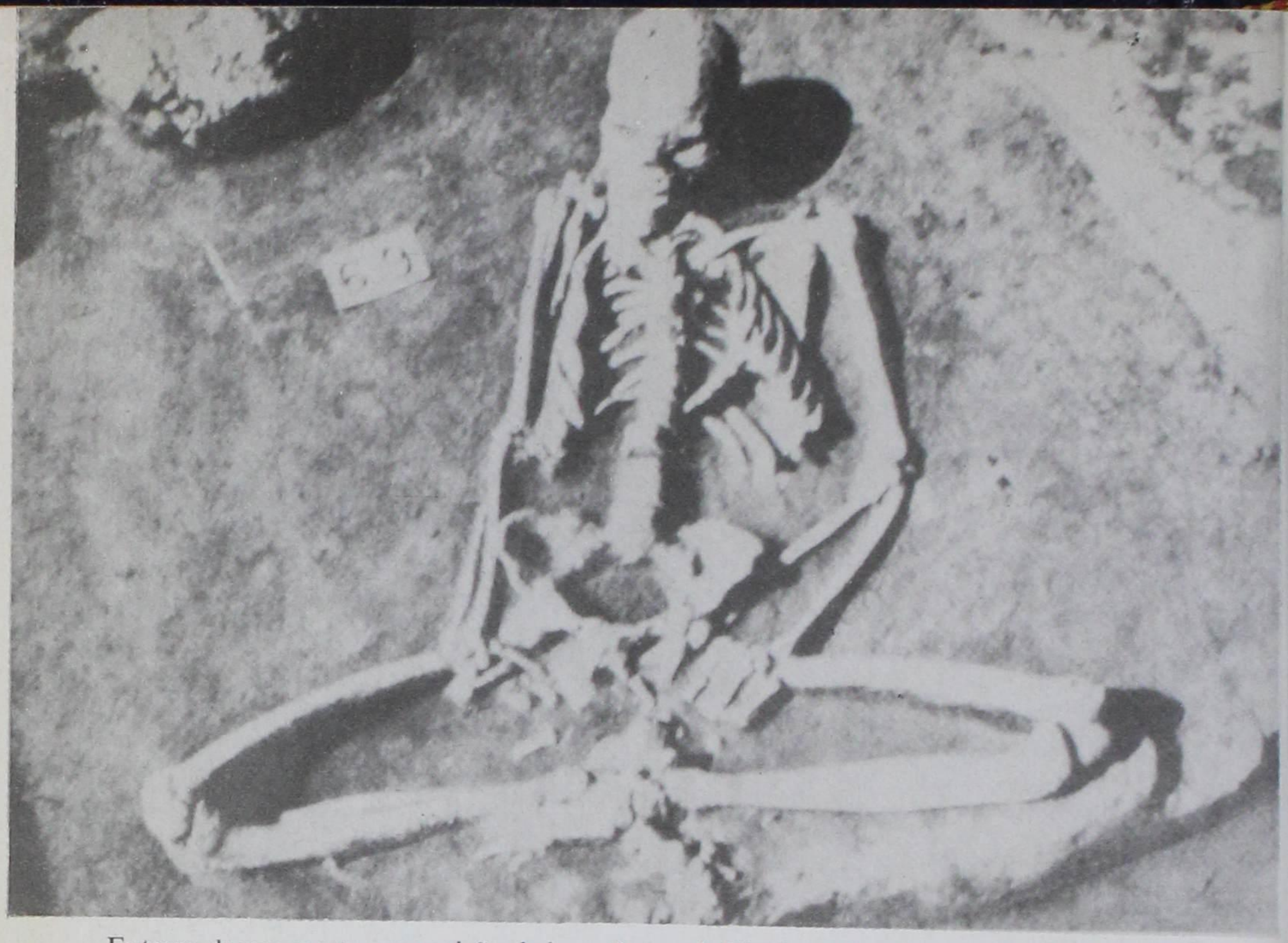
Às vezes, identifica-se o Kailâsa com o monte Meru, a montanha axial que é o centro do mundo e que está situada na região do "teto do mundo", o Tibet. Dessa montanha, escorrem os quatro rios (Sîtâ para o Leste, Alakanandâ para o Sul, Vannu para o Oeste, Bhâddha para o Norte) que irrigam as quatro regiões da terra: os continentes do Jambeiro (Jambu) no Sul, o do Jasmim (Kadamba) no Oeste, da Figueira (Vâta) no Norte, da Mangueira (Amra) no Leste.

"No Gênese, o jardim do Éden, com seu rio que se dividia em quatro canais e levava a vida às quatro regiões da terra..., lembra o imaginário mesopotâmico... Como todos os paraísos, o Éden encon-

O *Linga* de gelo. Caverna de Amarnâtha, Cachemir. (Foto Yves Barbeau)

Gigante de Cerne Abbas. Dorset, Inglaterra.
(Ed. Rawson. Weidenfeld e Nicolson)

Imagem gigante de Shiva, talhada na pedra. Kalinjar, Índia Central, século X.
(Com a autorização do Museu Nacional de Nova Delhi)

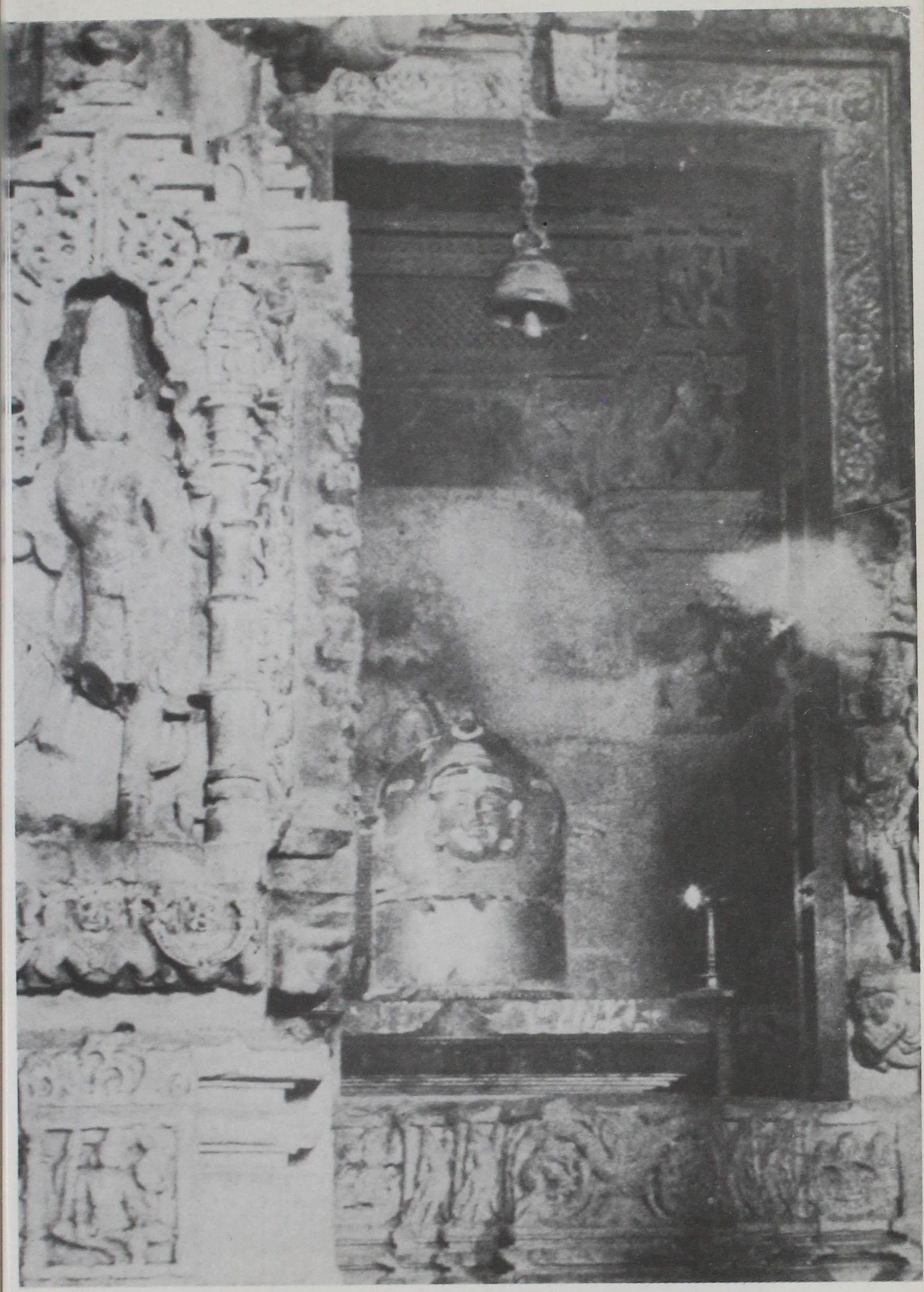


Enterro de um morto em posição de ioga, Lepensk Vir, Iugoslávia, entre 6500 e 5500 a.C.
(Coleção do autor)

Cernunos, senhor dos animais, Chaudron de Gundertrup, Jutlândia, século I a.C.
(Foto Museu Nacional, Copenhague)

Pashupati, senhor dos animais, selo de Mohenjo-Dâro, 2500 a.C., aproximadamente.
(Com a autorização do Museu Nacional de Nova Delhi)

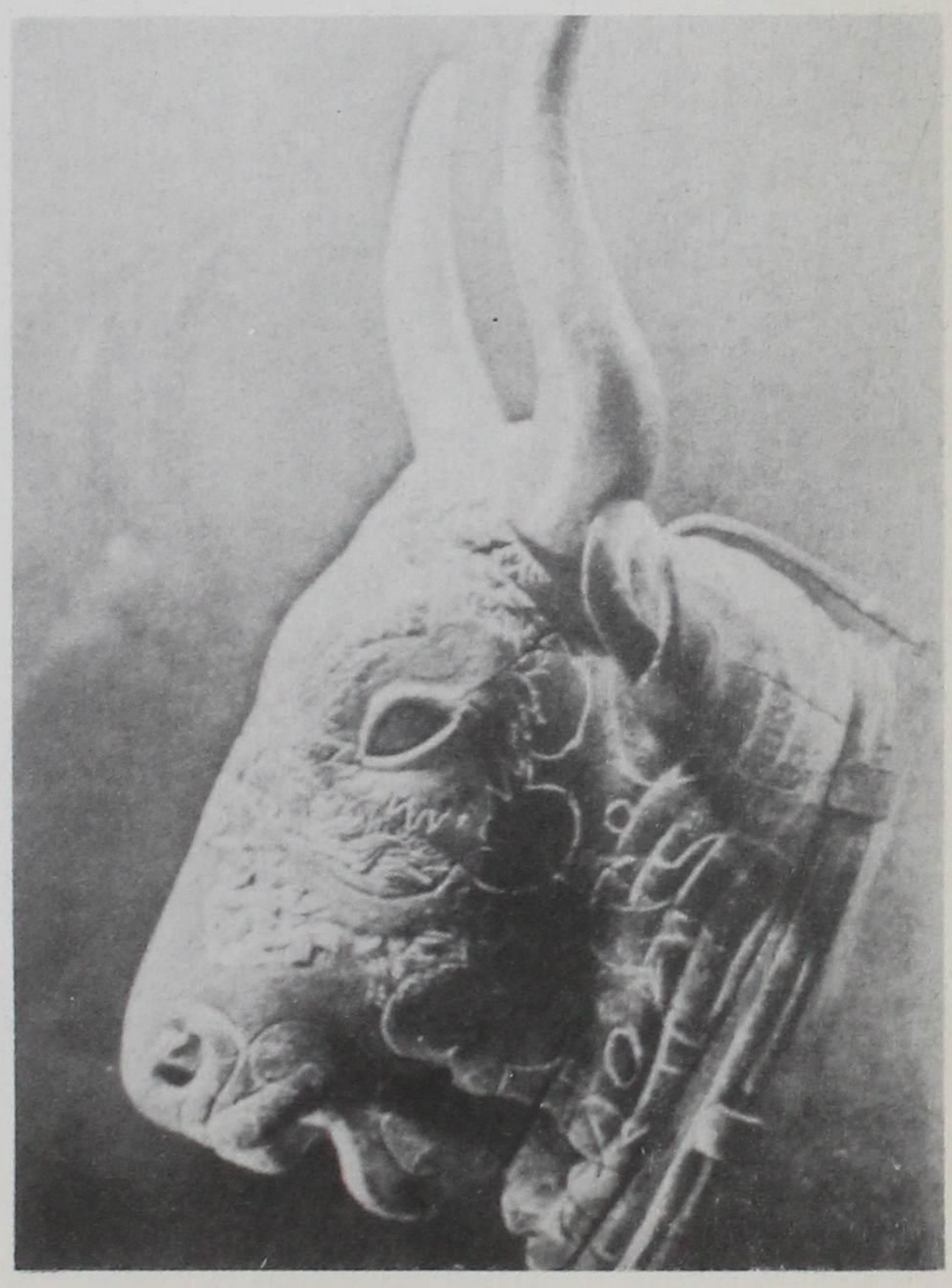
Shiva em postura de ioga. Templo de Vaital Deul, Bruvaneshwar, Orissa, século IX.
(Coleção do autor)



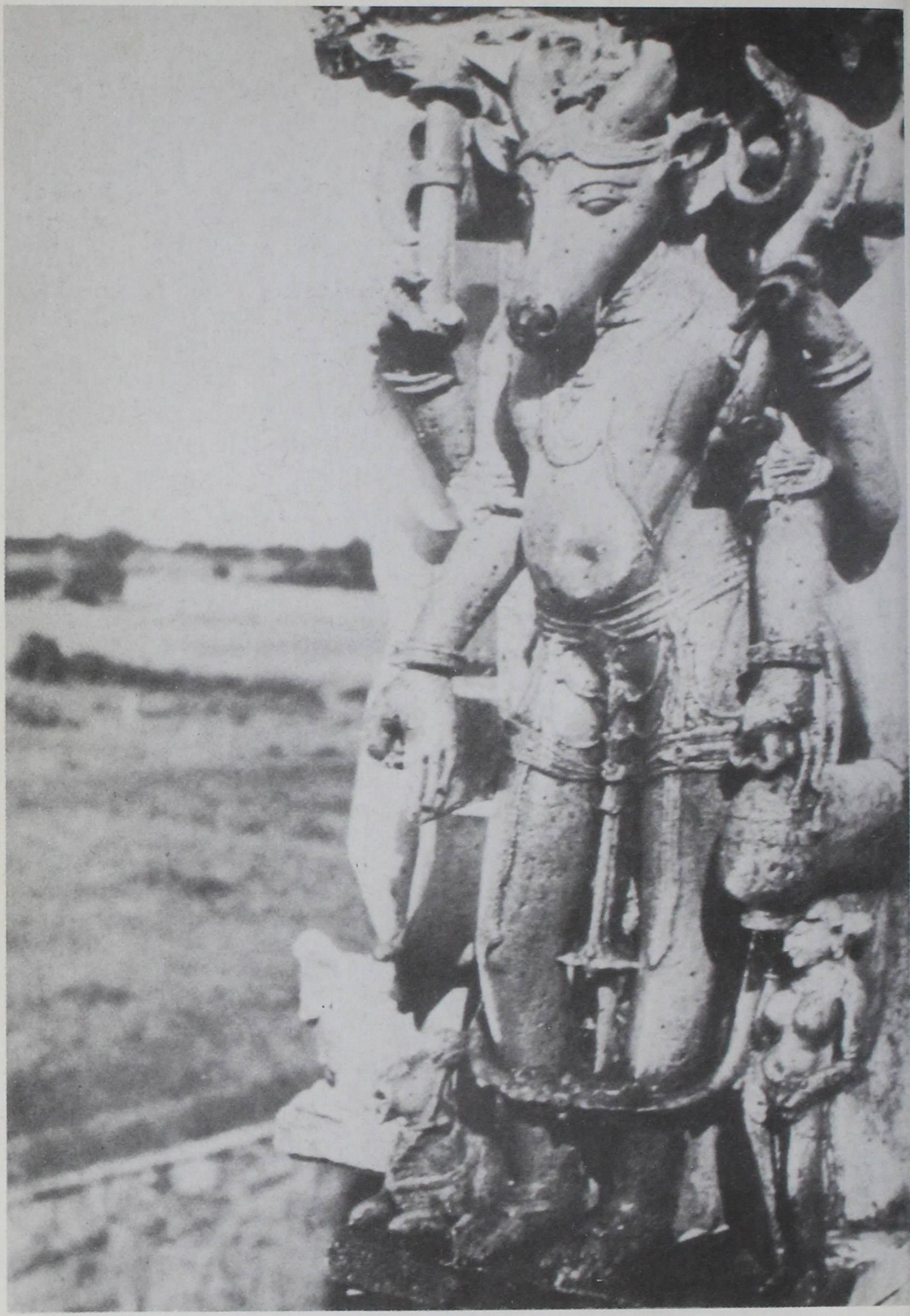
Linga com rosto, no santuário de Udayapur, século XI, Índia Central.
(Coleção do autor)

Falo com rosto e serpente de Maryport, Cumberland, Inglaterra.
(Foto C. M. Dixon, ed. Rawson; *Primitive Erotic Art*, Weidenfeld e Nicolson)

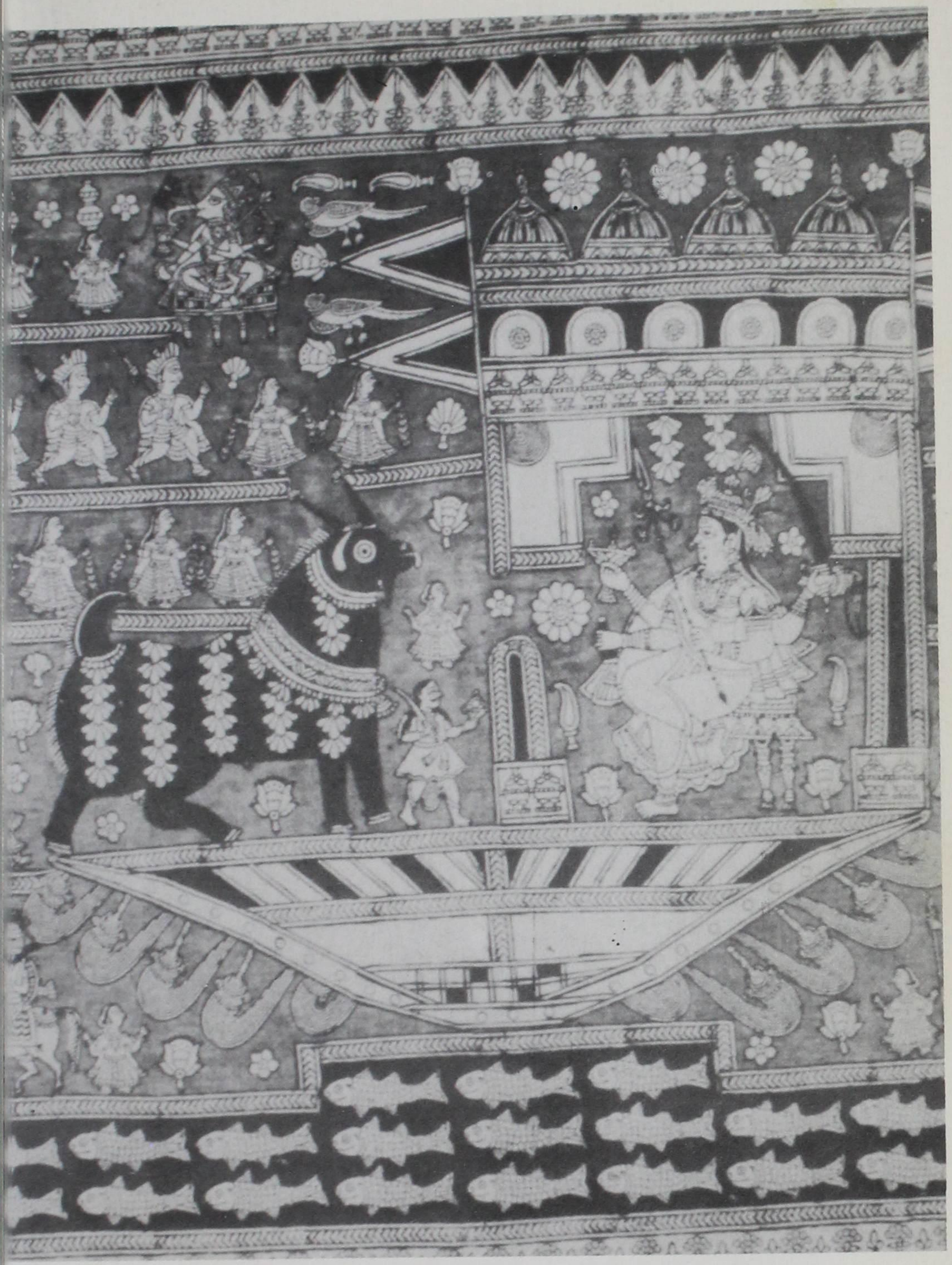
Acima: Falo com rosto, Filitosa
Corse, Segundo milênio a.C.
(Foto Louis Trémollat, Marselha)



Ao lado: Cabeça de touro, Kato
Zabros, Creta Oriental, 1450 a.C.
Museu de Candie/Heraklion.
(Foto Léonard von Watt)



Nandikeshvara, o Minotauro indiano, templo de Khandariya, Khajuraho, século X.
(Coleção do autor)



A Deusa, venerando o *Linga*, recebe Shiva e o touro. Tela impressa, Índia do Sul.
(Coleção do autor)

Labirinto, Templo de Halebid. Estado de Mysore, século XV.
(Coleção do autor)

tra-se no centro do mundo, onde emerge o rio com quatro canais." (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 179)

NISA, A MONTANHA SAGRADA

Na tradição dionisíaca, o lugar da infância do deus e de sua educação é chamado de Nisa. *Nisah* é um epíteto de Shiva que significa supremo. *Nisam* é a beatitude, *nisâ* a alegria. Nisa, a Montanha feliz, é um equivalente do Kailâsa, do Paraíso terrestre.

O deus-menino é Skanda, o segundo Dioniso. É à sua lenda que se refere a maioria das descrições de Nisa. O próprio nome de Dioniso significa provavelmente o deus de Nisa ou das ninfas Nisai (ver A. J. Festugière, *Études de religion grecque et hellénistique*, p. 14). "Nisa é muito conhecida como nutriz (e também como pátria) de Dioniso... Nisa é com toda certeza, a forma feminina da palavra *nysos*, que entra na composição do nome do deus, inexplicável pelo grego... Nysos pode ser equivalente, num dialeto trácio ou frígio, do grego *kouros* (rapaz)." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 7) Se essa etimologia for exata, trata-se de uma tradução direta do nome de Murugan ou Kumâra (Skanda), o Rapaz.

Os gregos acreditavam encontrar por toda parte a montanha de Nisa. Os compiladores poderão enumerar até dez Nisas, que se distribuem do Cáucaso à Arábia, da Índia ao Ocidente líbio. "Há uma Nisa, alta montanha, onde florescem as florestas muito além da Fenícia." (Hinos homéricos.) Também se referem a uma gruta de Nisa.

Diodoro de Sicília (I, 27), que, como Heródoto, identifica o Osíris egípcio ao Dioniso grego, situa os túmulos de Ísis e de Osíris em Nisa, na Arábia. Dioniso teria sido educado em Nisa, cidade da Arábia venturosa. Foi lá que ele descobriu a vinha. Mas Diodoro cita também uma tradição líbia referindo-se a uma Nisa ocidental. Por outro lado, Heródoto localiza "Nisa, a santa", no país da canela, na Etiópia perfumada.

"Nisa está situada numa ilha envolvida pelo rio Triton, escarpada de todos os lados, e que só oferece um acesso muito estreito de um único lado. Essa abertura é denominada portas nicenas. Mais além, encontra-se um local encantador onde se estendem suaves campinas, jardins magnificamente irrigados. Há árvores frutíferas de todos os tipos, a vinha selvagem cresce em abundância e muitas vezes sobe nas árvores. Todo o lugar é bem arejado e extremamente saudável." (Dioniso, o líbio, citado por Diodoro, III, 68)

Não longe do atual Peshawar, junto do Indo, os soldados de Alexandre descobriram a colina de Nisa e lançaram-se em sua direção para abraçar seus irmãos em Dioniso.

Segundo Diodoro, Baco constituíra um exército formado pelos nobres habitantes de Nisa, que são chamados de silenos, pois são os des-

cendentes de Silennis, primeiro rei de Nisa, "que tinha uma cauda, razão pela qual seus descendentes continuaram a usar essa insígnia postiça". As danças dos nisianos eram consagradas a Baco. Filostrato, na vida de Apolônio de Tiana, conta que haviam capturado, em Panfília, uma pantera que trazia no pescoço um colar de ouro com uma inscrição em língua armênia: "Do rei Arsace ao deus de Nisa."

Segundo Diodoro: "Como o deus deixou em vários lugares do universo provas de seus benefícios e de suas manifestações, não há nada de surpreendente no fato de que cada um acredite numa familiaridade particular com sua cidade ou seu país." De fato, encontramos a palavra Nisa na formação do nome de diversos lugares que mantiveram tradições dionisíacas, carnavais, festas da primavera.

Dioniso foi o fundador mítico da cidade de Nicéia, a moderna Iznik, que era uma cidade florescente onde se celebravam, a cada cinco anos, festas suntuosas em honra a Dioniso. Devastada por um terremoto em 123, ela foi reconstruída pelo imperador Adriano. O imperador Juliano, em 362, restabeleceu ali o culto dionisíaco.

A cidade de Nice parece ter sido um lugar santo dionisíaco. O culto de Dictina (a Mãe montanha) havia sido levado a Marselha pelos gregos. Nice, segundo Estrabão e Plínio, Estéfano de Bizâncio, pertencia aos marselheses. A capital dos Ligures Vediantii encontrava-se em Cemelenum (moderna Cimiez), três quilômetros ao Norte da acrópole de Nikaia (hoje, Coline du Château). Esse lugar foi santo desde a pré-história.

"Nice não pode ter sido uma colônia de povoamento, nem um ponto de partida do comércio. Qual foi então a finalidade de sua fundação?" pergunta-se o autor da *Histoire de Nice et du pays niçois*.

O nome Nikaia, antigo nome de Nice, aparentemente é grego. Fizeram-no derivar de Nikê, a Vitória, embora Nice nunca tenha sido um lugar de conflito. Todavia, "é impossível achar uma verdadeira explicação do nome Nikaia apenas pelo grego... N. Lamboglia observara que se encontram nomes semelhantes na Itália, em lugares que nada têm de grego, como Nizza, no Montferrat, Val de Nizza, perto de Voghe-rese. F. Benoit acrescenta topônimos languedocianos como Nissan e Nissargue. É provável que se encontrassem diante de uma raiz comum indígena, um nome de lugar que os gregos teriam retomado, renovando-o". (*Histoire de Nice et du pays niçois*, pp. 12-13) É preciso citar também Nissa (moderna Nish), na Iugoslávia, e muitos outros lugares. Antibes (Antipolis), "A Cidade da frente", que, do outro lado do golfo, fica de frente para a acrópole de Nice, data do século V a.C. O culto da deusa do Ida propagara-se na região, como o demonstram várias inscrições romanas. Muitos detalhes do carnaval de Nice (os *carnevale*, "dias de carne", evocam os sacrifícios): o asno que é levado na procissão, o lançamento de "feijões" nos assistentes, a liberdade dos costumes, os carros, são vestígios evidentes de festas dionisíacas. Os "abades"

do festival lembram os *thiases*. Eram escolhidos onze para organizar as festas entre as quatro castas representadas na cidade. Dois eram eleitos pelos nobres e cada um dos outros grupos elegiam três abades: negociantes, artesãos e trabalhadores pescadores. Eram denominados "abades dos loucos" (*abbates stultorum*). A mistura das castas é uma das características do culto de Shiva-Dioniso. Nos tempos modernos, o carnaval só é mencionado oficialmente a partir de 1294, quando Carlos II de Anjou honrou-o com sua presença.

O CRUZAMENTO DOS CAMINHOS

Rudra erra de lugar em lugar, devem ser colocadas oferendas para ele nos caminhos, e, particularmente, no cruzamento dos caminhos, pois sabe-se que "ele freqüenta de muito bom grado o cruzamento dos caminhos". (*Shatapatha Brâhmana*, II, 6, 2, 7)

Platão, em *Górgias* e *Fédon*, faz alusão à encruzilhada.O "y" pitagórico relaciona-se com o mesmo simbolismo. Hermes significa o "deus do Monte de pedra". É o deus das pedras e pilares que servem como fronteiras, como indicadores do caminho. Os celtas edificavam montes de pedras ou santuários no cruzamento dos caminhos em que residem espíritos. Por ocasião de certas festas, fazia-se fogo ali, como ainda hoje se faz na Índia. Os negros que levaram ao Brasil ritos de origem dionisíaca ainda escolhem as encruzilhadas para praticar os ritos da macumba.

O *Hatha Yoga Pradîpikâ* (III, 109) fala de uma viúva sentada na confluência de dois rios e que deve ser despida e possuída à força, pois ela conduz ao lugar supremo. A viúva é a energia enrolada (*Kundalini*), a Shakti, que deve ser dominada pelo iogue, os rios são Ida e Pingala, as duas artérias do corpo sutil, que conduzem até o lótus de mil pétalas no alto do crânio. Shiva reside sob a forma do falo nascido de si mesmo no centro da energia enrolada, na encruzilhada.

8

O homem no mundo

As vias do conhecimento

Toda civilização, toda cultura é o resultado da acumulação dos conhecimentos e da experiência dos homens transmitidas de geração em geração. O shivaísmo, cujas fontes remontam à mais antiga pré-história, representa uma imensa soma de experiência. As descrições das estruturas sutis do ser humano, que são a base das técnicas da ioga, revelam um nível de conhecimentos perto do qual os balbucios da psicofisiologia moderna mostram-se rudimentares.

Nenhuma das concepções da natureza do mundo nem os métodos de realização do ser humano, tais como são exprimidos no shivaísmo, pertencem originalmente ao mundo bárbaro dos arianos, que só aos poucos assimilou alguns aspectos dos conhecimentos dos povos vencidos no mundo indiano e no mundo helênico. Além das partes mais antigas dos Vedas, todos os textos ulteriores do hinduísmo trazem a marca das idéias filosóficas e das técnicas rituais do antigo shivaísmo mais ou menos adaptadas, para poder integrá-las num mundo teoricamente védico. Acontece o mesmo com o pensamento grego em relação à herança minoense ou pelásgica.

O ensinamento filosófico e moral do shivaísmo é atribuído, nos Puranas, a Skanda. Corresponde, portanto, àquilo que os gregos chamaram de Segundo Dioniso, não porque se trate de uma doutrina menos antiga, mas devido à época de sua aceitação no mundo grego ou indiano.

Quando, segundo a evolução dos ciclos, o orgulho do homem se dirige contra seu instinto, ou seja, quando construções mentais artificiais opõem-se à percepção do mundo sutil e a grandeza nefasta da espécie humana, instrumento potencial da destruição e da morte do mundo terrestre, desenvolve-se no plano material, Shiva, o Princípio, que é a fonte da vida, aparece e ensina aos homens as três vias do conheci-

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

mento e da realização, que são o Sânkhya (a cosmologia), a Ioga (o domínio do homem sutil) e o Tantra (ritos e práticas iniciatórias e mágicas). O Sânkhya explica a estrutura do mundo e o sistema da criação, o paralelismo e a interdependência dos diferentes aspectos da matéria, da vida, das espécies, a unidade fundamental do macrocosmo e do microcosmo, do universo e do ser vivo. O Sânkhya shivaísta é o antigo Sânkhya, muito mais vasto do que o sistema que recebe o mesmo nome na filosofia hindu clássica. A Ioga é a técnica pela qual, através da introspecção, o homem aprende a conhecer a si mesmo, a reduzir ao silêncio as divagações do seu pensamento, a ultrapassar os limites dos seus sentidos, a remontar às fontes profundas da vida e a estabelecer contato com as forças invisíveis que se dissimulam nele como em todos os aspectos da criação, e que constituem a natureza profunda do ser vivo. O corpo, inclusive as faculdades mentais e intelectuais, é apenas o suporte, uma espécie de revestimento. O Tantra é a ligação entre o Sânkhya e a Ioga. Ensina os métodos iniciatórios e mágicos pelos quais o homem pode entrar em contato direto com a natureza secreta das coisas, com o invisível, com o mundo misterioso dos espíritos e dos deuses. Entre esses métodos, a embriaguez, o erotismo, a música e a dança extática constituem meios fáceis para abalar o império do mental, do "racional", para sair de si mesmo e ultrapassar as barreiras da vontade consciente, permitindo uma primeira percepção direta das forças sutis que nos cercam.

As técnicas dos jogos de amor e a veneração do princípio da vida vão permitir aos homens compreender a natureza verdadeira do prazer, perceber no ser vivo um estado de tensão que é o próprio princípio da criação, a natureza do ser divino. O ato de amor pode então ser utilizado como meio de aperfeiçoamento e de conhecimento sutil, de retorno ao princípio, de contato direto com Deus.

A embriaguez física, devida ao vinho ou a outras drogas, também pode facilitar e preparar a embriaguez mística ao liberar momentaneamente o homem de suas inibições, de suas preocupações materiais, de seus apegos, de seus laços.

O que o dionisismo denominava orgiasmo corresponde exatamente ao Tantra. Pelo poder da iniciação, o homem poderá tomar plena consciência e dominar a realidade daquilo que percebeu intuitivamente no organismo. Isso constitui a iluminação. O homem deve, portanto, em primeiro lugar, através do orgiasmo, sentir a realidade de certas forças em si mesmo e fora de si mesmo, e só então poderá apreender os princípios, compreender a natureza do mundo e do divino.

A NATUREZA DO MUNDO

A cosmologia shivaísta considera vinte e quatro elementos fundamentais ou "princípios autônomos" (*tattvas*) que tornam possível a apa-

rição e o desenvolvimento do mundo. Trata-se, em primeiro lugar, de cinco condições ou preliminares que determinam a possibilidade de uma criação, e que são: 1) uma causa primeira denominada Shiva. A palavra Shiva é, nesse caso, derivada da raiz *shi*, sono. Shiva é "aquele em que tudo dorme", sendo o sono a imagem do estado latente da criação; 2) uma energia ou poder de se manifestar denominada Shakti; 3) uma possibilidade de localização ou de extensão, princípio do tempo e do espaço; 4) a soberania absoluta, ou seja, a não-existência de qualquer coisa diferente; 5) uma consciência ou faculdade de conceber e de conhecer. Desses cinco princípios, decorrem os primeiros constituintes da manifestação que se chamam: 1) Mâyâ, a aparência ou perceptibilidade; 2) Kâla, a "dimensão" ou unidade de medida, ou de ritmo, determinando o tempo e o espaço relativos; 3) a causalidade ou ligação pela qual uma ação (*karma*) tem um resultado; 4) a divisibilidade (*kalâ*), elemento essencial de toda multiplicação ou reprodução; 5) a memória ou acumulação de experiência ou saber (*vidyâ*); 6) a atração (*râga*); 7) o plano (*avyakta*) que é o estado ainda não manifestado da manifestação; e 8, 9 e 10) as três tendências (*gunas*) centrífuga, centrípeta e orbitante (*tamas*, *sattva*, *rajas*) que vão determinar as estruturas da matéria, assim como todos os impulsos dos seres sutis ou vivos. Essas três tendências, simbolizadas por três cores, representam os três aspectos da divindade manifestada no mundo: Shiva, a tendência centrífuga ou criadora, é negro; Vishnu, a tendência centrípeta ou conservadora, é branco; Brama, a tendência orbitante ou ativa, é vermelho. O conjunto das três tendências forma a Natureza (Prakriti), descrita como uma cabra tricolor (Ajâ, não-nascida). "Uma cabra vermelha, branca e negra dá à luz muitas crias que se parecem com ela." (*Taittiriya Upanishad*, 10, 10, 1)

O oráculo de Minos menciona um bezerro que mudava de cor de quatro em quatro horas, primeiro branco, depois vermelho e depois negro. Essas também são as cores de Io, enquanto vaca, e dos touros sagrados de Augias. É evidente que lidamos com o mesmo simbolismo das cores, que, aliás, tem múltiplas aplicações — nos desenhos rituais, em particular. Numa sociedade tradicional, o significado dessas cores é evidente a todos.

A seguir aparecem os constituintes do ser vivo, ser cósmico (macrocosmo) ou ser humano (microcosmo), que são: 11) *manas*, o "pensamento" que discute; 12) *buddhi*, o intelecto que escolhe; 13) *chit*, a "consciência" que grava; e 14) *ahamkara*, a noção de individualidade, o sentido do eu, a sensação de ser um centro autônomo. O conjunto dessas quatro faculdades constitui o ser interno ou transmigrante (*antahkarana*), ao qual se somam: 15) a 19) os cinco elementos (éter, ar, fogo, água e terra) que são as esferas da percepção dos cinco sentidos; e 20) a 24) os próprios sentidos (audição, tato, visão, paladar, olfato) com os cinco órgãos de percepção e os cinco órgãos de ação correspondentes.

Do ponto de vista do princípio criador, o mundo pode ser encarado como ilusório, uma espécie de ectoplasma energético que pode ser reabsorvido em seu princípio. "Assim como a aranha segrega e reabsorve seu fio, da terra brotam as plantas, do homem nascem cabelos na cabeça e pêlos no corpo, assim é o Imutável do qual emana o universo onde estamos... Do Imutável provêm as diversas espécies de criaturas que voltam a se perder nele." (*Mundaka Upanishad*, I, 1, 7, e II, I, I)

O universo é nesse sentido denominado Mâyâ, ilusão ou aparência. No entanto, "do ponto de vista de uma consciência refinada, logo, do homem..., o mundo é uma indiscutível realidade da qual não pode fazer abstração de maneira alguma. O homem faz parte da criação. Ele não existe sob nenhum aspecto, físico, mental, espiritual, fora dela" (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 36).

Do ponto de vista do homem, a Mâyâ, matéria-prima do universo, é, portanto, considerada como real e eterna. Só é efêmera do ponto de vista de Shiva. A mesma ambigüidade existe quanto a todos os aspectos da criação. As questões que o homem se coloca sobre a natureza do mundo, na realidade, não têm resposta. O shivaísmo recomenda a experiência de preferência às especulações intelectuais.

No *Shiva Purâna*, o sábio Sûta pergunta a Skanda: "A causa primeira do universo é masculina. feminina ou um ser intermediário, ou uma mistura dos dois, ou algo de diferente? A alma, o *atman*, tem uma forma? É identificável com o corpo, ou com os sentidos, com a mente, com o intelecto, e com o ego? Skanda responde: As especulações dos filósofos, a começar pelas histórias referentes ao resultado das ações, o *karma*, e os princípios da existência, deram margem a intermináveis controvérsias. O homem sábio as considera com prudência. Aí está o início da sabedoria. Uma parte do corpo provém do pai, uma parte da mãe. Da mesma forma, em todo ser há um elemento de Shiva e um elemento de Shakti." (*Shiva Purâna*, *Kailâsa Samhitâ*, cap. 16, 8-33)

Após expor os princípios da cosmologia shivaísta e os ritos de iniciação, Skanda explica as regras de conduta que levam à sabedoria.

OS CINCO ASPECTOS DE SHIVA

O número "5" é um símbolo de Shiva, pois representa um papel essencial em todas as manifestações da vida. (Ver comentário do *Shiva Purâna*, *Vidyeshvara Samhitâ*, cap. 1.)

Shiva é, portanto, representado com cinco faces que correspondem aos cinco aspectos principais do mundo perceptível de onde procedem os cinco elementos, nome que se dá aos cinco aspectos da criação tais como são percebidos pelos nossos cinco sentidos. Todas as estruturas do mundo são construídas através desses cinco estados da matéria. O ser vivo dispõe de cinco sentidos para perceber essas estruturas que

são a expressão da própria natureza do Criador. O número "5" tem um papel fundamental no código genético de tudo o que vive. É por isso que temos cinco dedos, cinco sentidos, e as folhas das árvores cinco ramagens.

O primeiro aspecto é chamado de Ishâna (o Senhor). Corresponde ao elemento "éter", cuja característica é o espaço, e que permite a manifestação do princípio vibratório que determina a medida do tempo. O éter é considerado como sendo a esfera do sentido da audição. O estado de ser correspondente é o conhecimento sutil (Kshetrajña).

O segundo aspecto é Tat-purusha (o Ser identificável). Corresponde ao elemento "ar", ao princípio gasoso, esfera do sentido do tato. O estado de ser correspondente é a Natureza fundamental (Prakriti), primeiro estado da matéria.

O terceiro aspecto é chamado de Aghora (Não-Terrível) ou Agni (o Fogo). Corresponde ao elemento masculino, ao fogo. O calor é o princípio da organização da matéria. É a esfera do sentido da visão. O estado de ser correspondente é o intelecto (*buddhi*).

O quarto aspecto chama-se Vâmadeva (deus da Esquerda). Corresponde ao elemento feminino, "a água", esfera do sentido do paladar. O estado de ser correspondente é a "noção do eu" (*ahamkara*). Da união do fogo (vertical) e da água (horizontal), representados simbolicamente pela cruz ou pelos triângulos imbricados do "signo-de-Salomão", nasce o quinto aspecto denominado Sadyojata (Nascido espontaneamente). Corresponde ao elemento "terra", o elemento que aparenta ser sólido e de que são formados os astros e os corpos dos seres vivos. É a esfera do sentido do olfato. O estado de ser correspondente é a mente (*manas*), órgão do pensamento. As agitações do cérebro são, portanto, consideradas como espécies de reações químicas de ordem material. Constituem um obstáculo para o conhecimento verdadeiro que é imediato e intuitivo. O primeiro objetivo das técnicas da ioga é reduzir ao silêncio as divagações do pensamento, para permitir uma abertura em direção aos aspectos superiores do ser.

O número "5" encontra-se em todos os aspectos do mundo e da vida, nas estruturas da matéria. O pentágono é o símbolo de Shiva. Esse número tinha também um caráter sagrado no Egito e, mais tarde, em todas as organizações iniciatórias, daí a importância da escala pentatônica na música ou do "segmento áureo" na arquitetura, fundado nas propriedades do pentágono e que permite criar proporções "vivas". O crescente, tal como é representado até no islamismo, é a lua do quinto dia que Shiva traz na testa e que representa a taça de *soma*, o elixir de vida.

Os diferentes aspectos do deus vão desempenhar um papel notável nos ritos, nas formas do culto e na prática do shivaísmo. Por ocasião da veneração da imagem do deus, invoca-se Ishâna (o éter) em sua coroa, Tatpurusha (o ar) em seu rosto, Aghora (o fogo) em seu coração,

Vâmadeva (a água) em seu sexo, Sadyojata (a terra) em seus pés. Esse simbolismo é importante, pois permite compreender os ritos e os mitos onde quer que o shivaísmo tenha tido alguma influência. É o caso, por exemplo, da associação da coroa com a soberania, das representações dos espíritos do ar como rostos alados, dos gênios masculinos do fogo, das ninfas das águas, etc.

Shiva é venerado no quinto dia do mês lunar (Shiva-panchami). É um dia de prece e também de regozijo. Mas, devido ao fato de Shiva ser também o princípio destruidor, esse dia não é conveniente aos empreendimentos humanos. Nenhum trabalho deve ser iniciado no quinto dia da lua. "Evitai [o trabalho] nos quintos dias do mês. Eles são penosos e nefastos." (Hesíodo, *Les travaux et les jours*, 807)

O SENHOR DA IOGA

Os métodos da ioga provêm do shivaísmo pré-histórico. Shiva é o senhor da ioga. Os métodos da ioga implicam um conhecimento até hoje não-igualado das estruturas do ser humano, dos laços que unem o físico e a mente, dos poderes latentes do homem e das técnicas que permitem desenvolvê-los e utilizá-los para fins de conhecimento, que vão do mundo físico ao mundo supranatural. Foi através dos métodos da ioga que os sábios da Índia antiga aprenderam a ultrapassar os limites dos sentidos, a sair das dimensões do espaço e a perceber as estruturas do infinitamente pequeno, como também do infinitamente grande, a descrever objetos e continentes longínquos, a estabelecer contato com os mundos invisíveis, a desenvolver as aptidões do homem, a controlar seus mecanismos vitais e a utilizar suas energias vitais para obter realizações tanto materiais como espirituais, a superação das barreiras da vida, para chegar, finalmente, à identificação com o divino. "A ioga tem como fundamento as correspondências analógico-mágicas entre macrocosmo e microcosmo. No corpo estão presentes e agem todos os poderes que se manifestam e operam no mundo." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 215) "Mais longe que o mais longínquo, ele está bem perto no corpo. Para os seres iluminados, ele está na cavidade do coração." (*Mundaka Upanishad*, III, 1, 7)

Pela introspecção, o iogue descobre, em seu próprio corpo, a existência de certos centros ligados às faculdades sutis. Esses centros são chamados de engrenagens (*chakras*) ou lótus (*padma*). Desses centros partem artérias sutis (nâdis) que os ligam aos centros da percepção, do pensamento e da consciência, que se encontram eventualmente no cérebro.

O conjunto das *nâdis* parte de um centro, o *Mûlâdhara* (a raiz), que corresponde ao aspecto material da criação, ao princípio terra (*prithivî tattva*), princípio feminino, que é o último do ponto de vista da

manifestação do divino, e, portanto, de certo modo, seu resultado, e que será o primeiro, o ponto de partida na trajetória do retorno ao princípio. Daí decorre a noção da deusa Terra, mãe dos deuses, que encontraremos nas formas de shivaísmo mesopotâmico ou minoense. O corpo sutil é invertido em relação ao corpo físico.

A experiência da ioga parte, portanto, do nível aparentemente mais material do ser para remontar gradualmente aos níveis mais sutis, até o princípio das coisas e dos seres. A ioga é sempre um processo ascendente. Se não se parte do nível de base, a experiência não dispõe de fundamento e o iogue está seguro de que irá parar no caminho e recair. Qualquer experiência de ioga deve começar então pela tomada de consciência do centro de base do *Mûlâdhara*. É lá que permanece adormecida a energia enrolada em forma de serpente que, se se consegue despertá-la e controlá-la, será o instrumento de todas as realizações. A serpente é, portanto, o símbolo das potencialidades de realização.

O essencial do método da ioga consiste em acalmar as agitações da mente, que afastam da realidade física, e em utilizar os automatismos vitais e as forças instintivas do homem para integrá-lo no meio natural, na criação em seu conjunto. Os métodos que libertam as forças instintivas são os únicos que permitem estabelecer um contato com o mundo vegetal, animal e supranatural.

OS *CHAKRAS*

Os centros energéticos do corpo humano são percebidos na introspecção do iogue como estruturas precisas em regiões bem definidas do corpo.

"Entre o ânus e o órgão viril, encontra-se o centro de base, o *Mûlâdhara*, que é como uma matriz, um *yoni* (órgão feminino). Ele se abre para o Oeste (o traseiro). Ali está a 'raiz' em forma de bulbo e é ali que se encontra a energia fundamental *Kundalini* enrolada três vezes e meia sobre si mesma. Como uma serpente, ela envolve o ponto de partida das três artérias principais, mantendo a cauda na boca exatamente diante da abertura da artéria central (*sushumna*)." (*Shiva Samhitâ*, cap. 5, 75-76)

O *Mûlâdhara* é amarelo. No seu centro, encontra-se um quadrado, símbolo do elemento terra, que é a esfera de percepção do olfato e que é ligado a um órgão de ação, o ânus, e a um órgão de percepção, o nariz. Esse centro controla a energia excretora (*apâna*). Ali se encontra o falo primordial nascido de si mesmo, o *Svayambhu linga*, fonte do poder gerador, representado pela sílaba LAM, e o desejo de criar representado pela sílaba KLIM, o *mantra* do desejo. As tendências associadas a esse centro são o desejo de possuir e o sono.

O segundo centro é o *Svâdhishthâna* (suporte de si mesmo). Corresponde ao plexo prostático situado na raiz dos órgãos genitais. De cor branca, em seu centro encontra-se uma meia-lua, que é a taça de néctar ou de esperma, símbolo do elemento água, que corresponde à esfera de percepção do gosto, tendo como órgão de percepção a língua e como órgão de ação o sexo. Esse centro controla a tendência à dispersão da força vital, a procriação. Ali se encontra o centro da força de concentração, de conservação, de perpetuação, chamada Vishnu, representada pela sílaba VAM. As tendências associadas a esse centro são o desejo, o cansaço, a aversão e a sede.

O terceiro centro é denominado *Manipura* (a cidade-jóia). Corresponde ao plexo epigástrico situado perto do umbigo. De cor vermelha, em seu centro encontra-se um triângulo à maneira de uma cruz gamada, imagem do labirinto, que é o símbolo do elemento fogo e corresponde à esfera da visão, cujo órgão de percepção é o olho e o órgão de ação, o pé. Esse centro controla as funções de assimilação e a região das nádegas. A força de assimilação é representada pelo *mantra* do fogo RAM. As tendências associadas a esse centro são a cólera, o medo, o espanto, a violência, o orgulho e a fome.

O quarto centro é o *Anâhata* (o som espontâneo), que corresponde ao plexo cardíaco situado na região dorsal ao nível do coração. De cor cinza, em seu centro encontra-se o hexágono estrelado (signo-de-Salomão), símbolo do elemento ar, esfera da percepção do tato, cujo órgão de percepção é a pele e o órgão de ação, a mão. Esse centro controla o sistema sangüíneo. Ali se encontra o princípio do movimento representado pelo *mantra* YAM.

O quinto centro é o *Vishuddha* (purificado), que corresponde ao plexo da laringe, situado na espinha dorsal ao nível da garganta. De cor branca viva, em seu centro encontra-se um círculo, símbolo do elemento éter, cuja característica é o espaço. Corresponde à esfera de percepção da audição e tem como órgão de percepção o ouvido e como órgão de ação, a boca. A noção de espaço é representada pelo *mantra* HAM. Ali reside o Hermafrodita (Ardhanarîshvara), cujo veículo é meio leão, meio touro. As tendências associadas a esse centro são o afeto, a tristeza, o respeito, a devoção, o contentamento e o arrependimento.

O sexto centro é o *Ajñâ chakra* (centro de comando), que corresponde ao plexo cavernoso e ao terceiro olho situado no arco orbital. Cor de fogo, em seu centro encontra-se um triângulo feminino (ponta para baixo) e o falo, símbolo do além (*itara-linga*). Ali se encontram reunidas as faculdades intelectuais e mentais (*antahkarana*). Esse centro controla o cerebelo e a medula. As percepções extra-sensoriais são a sua esfera de ação O *mantra* AUM é o símbolo da potência do raio pela qual Shiva destrói os mundos com o olhar de seu terceiro olho. No alto do crânio, está a abertura primordial, o lótus de mil

pétalas, o alto caminho pelo qual o iogue realizado deixa o mundo das aparências.

O corpo físico forma um triângulo de fogo (ponta para cima) no qual a boca mata (devora), o ânus libera (rejeita), o sexo cria.

A importância do *Mûlâdhara*, do centro de base, é conhecida por todas as tradições. Esse centro é muitas vezes associado ao cóccix. *Luz*, em aramaico, é o nome do cóccix. Agripa, em seu *De occulta philosophia* I, 20, relata que existe "um osso minúsculo denominado *Luz* pelos hebreus que não é sujeito a nenhuma corrupção, não é vencido pelo fogo e permanece sempre incólume, e de onde, diz-se, nosso corpo humano rebrota como uma planta de sua semente por ocasião de sua ressurreição entre os mortos... Suas virtudes não se sentem pelo raciocínio, mas pela experiência".

"A razão da incompreensão dos princípios do tantrismo (*Tantrashâstra*) reside no fato de que eles só se tornam inteligíveis através da experiência, do *Sâdhana*... Só se pode adorar um deus, 'tornando-se' esse deus." (Woodroffe, *Shakti and Shakta*, 2ª ed., pp. 14, 19)

Tantrismo ou Orgiasmo

Os métodos práticos, os ritos, as técnicas que permitem ligar a experiência da ioga com os princípios universais expressos na cosmologia do Sânkhya recebem o nome de tantrismo. Trata-se de técnicas realistas, baseadas na experiência. O tantrismo desenvolve e utiliza as possibilidades físicas, sutis e espirituais do ser humano, tendo em conta a interdependência de todos os aspectos do ser vivo e sua correspondência com os diversos aspectos do ser cósmico. O corpo é a base, o instrumento de toda realização. Não há vida, pensamento, espiritualidade independentes de um corpo vivo. Do mesmo modo, podemos conceber um pensamento cósmico, uma existência cósmica, na medida em que o universo é um corpo divino. Não há "pessoa" divina independente de um universo material, não há pessoa humana que não reflita em todas as suas funções um aspecto da natureza divina.

Para o homem, o método tântrico tem por objetivo despertar, utilizar, controlar, partindo da energia enrolada no centro de base, as energias potenciais que se acham ligadas a todas as funções do corpo, digestivas, excretoras, reprodutoras do animal humano, que são a própria base da vida, mas também aos poderes latentes, percepções sutis não-condicionadas pelo espaço e o tempo, poderes mágicos supra-intelectuais, espirituais, que não estão diretamente sob o controle do pensamento e da vontade.

O método tântrico reproduz no homem a própria história da evolução. Parte dos mecanismos fundamentais do ser vivo para ascender

às funções superiores, aos mecanismos mentais, intelectuais, e às aberturas espirituais do ser humano, a fim de controlá-los e ultrapassá-los. Toda tentativa de experiência que não leva em conta a natureza do ser vivo em sua totalidade é ilusória, particularmente no final do ciclo da evolução, o Kali Yuga, em que um aparente desenvolvimento de certas faculdades mentais corresponde, na realidade, a uma diminuição global das percepções intuitivas, da força vital, e é, de fato, uma decadência que anuncia a morte da espécie.

O divino encontra-se fora dos limites aparentes do ser vivo, tanto aquém como além da criação. Para ultrapassarmos as barreiras que nos aprisionam, libertarmo-nos, aproximarmo-nos do divino, podemos seguir uma ou outra via. A via shivaísta é a via tântrica, tamásica, que utiliza as funções físicas e os aspectos aparentemente negativos, destruidores, sensuais do animal humano como ponto de partida, enquanto a via do *sattva* emprega como instrumentos o ascetismo, a virtude, o intelecto. A via do *sattva* é considerada ineficaz no Kali Yuga. De qualquer modo, como está associada ao princípio de concentração, ao aspecto Vishnu, apolíneo, só pode conduzir à realização a divindade encarnada no mundo. A via última da libertação é sempre shivaísta. É o caso de todos os graus superiores da iniciação. Isto tem implicações importantes naquilo que podemos chamar de o aspecto moral das virtudes, das ações e dos ritos.

"Os textos do Vajrayâna (a via do tantrismo shivaísta) assinalam a relatividade dos valores morais, proclamam justamente que as paixões perdem seu caráter de impureza (*klishta*) quando se tornam absolutas, isto é, forças elementares como o fogo, a água, a terra, o vento, etc. Elas 'lavam queimando' e, desse modo, permitem aberturas além da consciência condicionada." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 99)

As técnicas utilizadas pelo tantrismo têm como efeito primeiro, antes de considerar uma libertação além do mundo, a realização da liberdade no mundo. Asseguram ao "herói", ao super-homem, poderes e uma invulnerabilidade que lhe permitem dominar os elementos e, por exemplo, transmutar os venenos em medicamentos, transformar a água em vinho, transportar-se de um lugar para outro.

O tantrismo opõe-se ao vedanta, pois rejeita, do ponto de vista do homem, a concepção do mundo como ilusão, como Mâyâ. Reconhece, pelo contrário, sua realidade sob forma de potência, de Shakti.

"Ao examinarmos a ética da via da Mão esquerda e as disciplinas que tendem a destruir as ligações, os *pâshas*, encontramos as formas de uma anomia, de um "além do bem e do mal" tão avançadas que os ocidentais, que propagaram a teoria do super-homem, parecem diletantes... O tantrismo previu uma problemática que se adequa perfeitamente à nossa época. Prognosticou a fase da última era, do Kali Yuga, cujos traços essenciais, como época de dissolução, são indubitavelmente reconhecíveis em vários fenômenos atuais... Procurou quais eram as

novas formas e as novas vias que, mesmo na 'idade sombria', podiam ser eficazes para a realização do ideal dos tempos passados, para que o homem desperte para a dimensão da transcendência." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, pp. 287-288)

Encontramos as concepções e as práticas do tantrismo no dionisismo. Essas concepções e práticas na maior parte das vezes foram mal compreendidas num mundo impregnado pelas teorias morais estritamente negativas do cristianismo. De acordo com Détienne: "A passagem do sacrifício é realizada pelos órficos e pelos pitagóricos de maneira elevada, ao contrário do dionisismo... Os fiéis de Dioniso... tornam-se selvagens e comportam-se como feras. O dionisismo permite que se escape à condição humana, evadindo-se na bestialidade, do lado dos animais, enquanto o orfismo propõe a mesma evasão do lado dos deuses." (*Dionysos mis à mort*, pp. 149, 198.)

No mundo dionisíaco, dá-se o nome de orgiasmo às práticas correspondentes às do tantrismo. Trata-se, em geral, de cerimônias de grupo, em que se praticam sacrifícios sangrentos, danças extáticas e proféticas, e ritos eróticos. Como Shiva, na Índia, Dioniso apresenta-se, na Grécia, sob o duplo aspecto de um deus da Natureza e de um deus das práticas orgíacas, presidindo ao delírio dos *bhaktas*, dos bacantes e das bacantes, que os gregos chamavam de *mania*.

Dioniso-Baccheios é o inspirador da *mania* que se manifesta no estado de transe das mênades e dos fiéis do deus, o qual participa, ele próprio, do orgiasmo, pois ele é essencialmente o bacante, o *bhakta*, o participante. Shiva é chamado de lúbrico e Louco, do mesmo modo que, para Homero, Dioniso é *mainomenos*, o louco, rejeitado pelos "conservadores" da cidade. Encontraremos mais tarde na balada céltica de Merlin: "Chamam-me Merlin, o Louco, e expulsam-me a pedradas."

O dionisismo lança-se impetuosamente à selvageria, busca a possessão, o contato com o sobrenatural. Uma importância considerável é atribuída por Platão à loucura orgiástica, à *mania*, considerada fonte de inspiração divina ou, mais exatamente, expressão da "participação" do divino no mundo dos homens. Segundo Fílon: "Aqueles que são possuídos pelo frenesi dionisíaco e coribântico conseguem, no êxtase, ver o objeto cobiçado." (*De vita contemplativa*, 12) Em *Fedro*, Platão desenvolve uma teoria do conhecimento baseada nessa participação (*bhakti*) e na *mania* amorosa como fonte desse conhecimento. Considera quatro espécies de *mania* que, simbolicamente, relaciona com Afrodite (e Eros), com as Musas (e a dança), com Apolo (Vishnu) e com Dioniso. Distingue a *mania* erótica, ligada ao amor, da que tem relação com a embriaguez e a dança extática, que ligam-se mais diretamente a Dioniso. Existem distinções semelhantes na Índia entre as práticas extáticas colocadas sob a égide de Shiva, de Skanda ou de Ganesha (Hermes), e aquelas relacionadas com a deusa ou com Krishna, isto é, com Vishnu-Apolo.

Na Índia, as danças coletivas que conduzem à *mania*, ao orgiasmo, recebem o nome de *kîrtana* (canto de glória) e, entre os gregos, de ditirambo. Muitas vezes os etnólogos e os historiadores das religiões quiseram dar uma interpretação agrária, de estação, ou outra, às cerimônias orgiásticas coletivas. Na verdade, trata-se de um dos aspectos do descondicionamento do ser, que retorna por um instante a sua natureza mais profunda e mais recalcada, que é, de fato, sua natureza verdadeira ainda próxima do divino. Esse retorno aos instintos vitais elementares constitui uma parte essencial do método tântrico.

"O desejo reprimido engendra a pestilência", escreveu Ananda Coomaraswany em *A dança de Shiva*. A promiscuidade, o desaparecimento momentâneo de qualquer limite, a evocação e a reativação orgiástica do caos primordial favorecem certas formas de êxtase, um retorno à origem da vida, ao princípio criador, ao divino.

"A sagração e a ritualização da vida eram características da civilização hindu em geral, assim como de todas as outras civilizações tradicionais. No cristianismo pôde-se dizer: 'Comei e bebei à glória de Deus', enquanto o Ocidente pré-cristão conhecia refeições sagradas e as próprias *epulae* romanas tiveram um elemento religioso e simbólico até uma época relativamente tardia... É apenas quando, além dos alimentos, abre-se espaço para a mulher e para as bebidas embriagantes que pode haver dificuldade — mas só do ponto de vista da religião que prevaleceu no Ocidente, em que predomina um complexo sexófobo e o ato sexual é tido como sendo impuro e não-suscetível de ser sagrado. Mas essa atitude pode ser considerada anormal, pois a sagração do sexo, a noção do *sacrum* sexual, deu-se em várias civilizações tradicionais." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 179)

As refeições-orgias alcançaram um grande desenvolvimento na opulenta sociedade grega e romana. Uma refeição de festa acompanhava as grandes Olimpíadas de Dafne. "Para essa refeição de homens, convidavam-se os menores de vinte anos. Homens e adolescentes deitavam-se na mesma cama, o mais jovem à frente, perto da mesa. O homem forçava-o a beber, acariciava-o e fazia dele, se posso dizer assim, *sua amante*." (A.-J. Festugière, *Études de religion grecque et hellénistique*, nota, p. 246) Em Roma, buscavam-se todas as formas do prazer durante essas orgias noturnas em que os adolescentes eram iniciados.

Uma das características das reuniões de caráter orgiástico é a abolição de todas as barreiras sociais, como, aliás, ocorria, em princípio, em todos os ritos shivaístas. Os grupos que praticam as danças e os ritos de caráter orgiástico são abertos a todos. De fato, são essencialmente associações populares às quais se misturam pessoas da alta casta em busca de uma experiência que rompa tanto os tabus sociais quanto os morais. Segundo Tito Lívio, nada considerar como ilícito era, para os bacantes, a própria expressão da devoção. No mundo grego, os *thiases*, organizações culturais que tinham por objetivo regularizar as orgias

dionisíacas, eram compostos principalmente por pessoas menos favorecidas, mulheres, pobres. A sociedade burguesa e puritana via com grande desconfiança essas associações, acusadas .dos crimes mais diversos. As práticas do culto de Osíris, no Egito, eram semelhantes às do culto do Dioniso grego. "Cadmo... tinha apreṇdido, em sua pátria, os mistérios de uma ciência divina, a sabedoria egípcia... E, quando ressoava o evoé, mostrava os mistérios do Dioniso do Egito, do Osíris Errante, cujos culto noturno e ritos de iniciação aprendera e, em segredo, cantava um hino mágico com o tom de um delírio sagrado." (Nonos, *Dionysiaques*, IV, 270-273, trad. Pierre Chuvin)

O orgiasmo shivaísta foi amplamente praticado no budismo tibetano, e também, mais remotamente, nos cultos do Oriente Médio, em particular entre os cananeus, os babilônios e os hebreus. Algumas passagens do Antigo Testamento referem-se a personagens, acontecimentos, conceitos conhecidos pelos Puranas; a tradição dos *bhaktas* também encontra-se ali. "A coexistência dos 'atributos' contraditórios, a irracionalidade de alguns de seus atos, distinguem Yahvé de todo 'ideal de perfeição' na escala humana. Desse ponto de vista, Yahvé assemelha-se a certas divindades do hinduísmo, a Shiva, por exemplo, ou a Kâlî-Durgâ, mas com uma diferença considerável: essas divindades indianas encontram-se além da moral e, como seu modo de ser constitui um modelo exemplar, seus fiéis não hesitam em imitá-las... No século VII a.C., os israelitas começaram a praticar o holocausto (*'Olah*), que interpretam como uma oblação oferecida a Yahvé. Tomaram de empréstimo, além disso, inúmeras práticas dos cananeus em relação à agricultura e mesmo a certos ritos orgiásticos. O processo de assimilação intensifica-se ulteriormente sob a monarquia, quando se ouve falar de prostituição sagrada dos dois sexos." (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, pp. 194, 197)

Segundo os estudos de G. Hoelscher (*Die Propheten*) sobre as tradições bíblicas (citadas por Jeanmaire): "As tradições relacionadas com os *Nebî' îm* (profetas) apresentam-nos esses personagens, e as companhias de 'filhos de profetas' que parecem ter formado, como grupos de energúmenos entregues aos exercícios e à espécie de ginástica religiosa capaz de provocar, pelos métodos usuais, o êxtase coletivo e as manifestações estranhas que acompanham a entrada em transe... O hebraico possui uma palavra cujo significado é 'fazer o *nabi*' e que corresponde ao grego que traduzimos como 'fazer o bacante'." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 102)

Samuel enviou seu jovem filho Saul para informar-se com o adivinho sobre a sorte das jumentas. "Quando chegares a Gabaa-Floim encontrarás um grupo de *Nebî'îm* descendo do lugar alto, levando à frente uma lira (*nebel*) e um tambor (*toph*), uma flauta (*halil*) e uma harpa (*kinnor*), e fazendo *nabi*. E sobre ti virá o Espírito de Yahvé e farás *nabi* com eles e te tornarás um outro homem... Ao chegarem a Gabaa,

encontraram um rupo de *Nebî'îm* e dele apoderou-se o Espírito de Deus e ele fez *nabi* entre eles..." (I Samuel, 10, 5)

Samuel tornou-se xeique dos *Nebî'îm* e instrutor de seus exercícios. Davi refugiou-se nas "lojas" de Ramá, perto de Samuel. Saul enviou emissários para prendê-lo. "Viram a *lahgah* (sessão) dos *Nebî'îm* fazendo *nabi* com Samuel à frente, em pé, e sobre os emissários de Saul veio o Espírito de Deus e também eles fizeram *nabi*." Saul enviou outros emissários, e mais outros, os quais também foram tomados pelo contágio frenético. Então o rei compareceu em pessoa a Ramá. "E sobre ele veio o Espírito de Deus; e ele tomou seu caminho e fez *nabi*, tanto que também entrou nas 'lojas' de Ramá, tirou a roupa, fez *nabi* diante de Samuel e permaneceu deitado nu todo o dia e toda a noite. É por isso que se diz: Saul também está entre os profetas." (I Samuel, 19, 18-24)

A expressão "Fazer *nabi*" exprime de maneira tão completa a idéia de delírio frenético e de possessão que, na mesma história, Saul quer matar Davi num acesso de loucura. "Um espírito maligno de Deus apoderou-se dele e ele fez *nabi*." (I Samuel, 18, 10.)

Alguns aspectos dos cultos extáticos de Shiva-Dioniso perpetuaram-se sob formas mais ou menos secretas nas religiões ulteriores: "No mundo islâmico..., na dança extática..., o possuído e o espírito possuidor podem ser do mesmo sexo ou de sexos diferentes... Aquele ou aquela que dança é sempre o espírito possuidor e fala-se dele ou dela segundo o gênero que corresponde ao sexo do espírito possuidor. Os espíritos são designados pelos termos *Bori* (da língua sudanesa) ou *Zar* (*Sar*) no Egito e na Abissínia." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 120-121) No Egito, até pouco tempo atrás, podiam-se ver cerimônias de *Bori* femininas com sacrifício sangrento de um carneiro.

Le roman de l'Anneau, antigo poema épico tâmul do século III, descreve uma cena de possessão idêntica àquelas que podemos observar hoje. "Devandi pareceu entrar em transe — as flores de seus cabelos soltaram-se sozinhas; seus lábios cerraram-se contra seus dentes brancos num ricto estranho. Sua voz mudou de timbre e seu belo rosto cobriu-se de gotas de suor. Seus grandes olhos ficaram vermelhos, e ela agitava os braços num gesto carregado de ameaças. De repente, suas pernas agitaram-se e ela levantou-se. Ninguém seria capaz de reconhecê-la. Parecia num estado de completo estupor. Sua língua seca pronunciou palavras inspiradas... Sou o mágico que se manifesta através do corpo desta brâmane." (*Le roman de l'Anneau*, trad. A. Daniélou, p. 237)

DIONISO-BACO, O DEUS DA EMBRIAGUEZ E DO VINHO

Todas as religiões em que o misticismo e os contatos com o sobrenatural representam um papel importante atribuem um caráter sagrado

a uma bebida embriagante ou a outra substância intoxicante. A tradição das bebidas sagradas e libações rituais está comprovada em todas as antigas civilizações. O vinho, hoje, ainda faz parte do ritual cristão. Dioniso tinha o poder de transformar a água em vinho. Esse poder milagroso passava, segundo Platão, por uma prática corrente nos exercícios rituais que levavam os bacantes e mênades a estados de transe. Também é atribuído a Jesus, como acontece com muitos dos milagres de Dioniso.

A embriaguez do vinho e das bebidas alucinógenas faz parte das técnicas do êxtase. Ajudam o homem a libertar-se de suas preocupações materiais e são uma preparação para a percepção de realidades superiores. "Bebendo e bebendo mais ainda, caindo no chão e levantando-se para beber. É assim que se atinge a libertação." (*Kûlârnava Tantra*, VII, 99) Segundo o *Tantra Râja* (VIII): "Aqueles que conheceram a libertação suprema e aqueles que se tornaram adeptos ou se esforçam para o ser sempre fazem uso do vinho." O *Mahânirvâna Tantra* (XI, 105-108) explica que absorvemos bebidas embriagadoras para nos libertar e que aqueles que as usam, dominando suas faculdades mentais e seguindo a lei de Shiva, parecem imortais na Terra.

A invenção do vinho e sua difusão entre os homens constituem um tema essencial da lenda dionisíaca. Parece que a videira é uma planta de origem indiana importada com o culto de Baco, através do Mediterrâneo, bem antes das invasões arianas. Megástenes menciona a importância dos vinhedos indianos. O vinho tornou-se a bebida sagrada dos povos mediterrânicos. Os agricultores cretenses cultivavam a videira.

"A videira era cultivada na região egéia desde os tempos minoenses... É atestada no Egito num período muito antigo... Skylax (no século IV a.C.) menciona os vinhos famosos que o comércio fenício vinha comprar na costa africana, particularmente na Líbia e na Tunísia (região de Susa)." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 23, 351)

Segundo Apolodoro (III, V, 1), foi Dioniso quem descobriu o vinho. Deus do êxtase e da libertação, é o deus do vinho. Seu culto é associado à vinha. É sob esse aspecto que em geral é chamado de Baco. "Líber, o Dioniso latino, está presente na maioria das operações da viticultura, patrocinando-as na qualidade de técnico... É invocado na companhia de Libera..., devido ao simbolismo sexual associado no Latium a esse casal divino e que a operação da lagaragem evoca facilmente." (G. Dumezil, *Fêtes romaines d'été et d'automne*, p. 107) Segundo Diodoro de Sicília, a lenda de Dioniso esquartejado e fervido pelos titãs seria um símbolo na produção do vinho. Os vinhateiros debulham e esmagam a uva e "fervem" o vinho. A vinha, como Dioniso, renasce todos os anos.

O licor de mel é também um intoxicante que desempenha um papel importante nos rituais dos hindus, dos minoenses e dos gregos. Parece,

todavia, que, na Índia, a bebida embriagadora e sagrada, o *soma*, era muitas vezes fabricada com outras plantas além da videira. Alguns autores modernos sugeriram que se tratava de um cogumelo. No entanto, a antiga bebida sagrada era, muito provavelmente, uma bebida hoje denominada *bhang*, feita com folhas esmagadas do haxixe. Todo shivaísta deve tomar *bhang* ao menos uma vez por ano. Essa bebida, que intensifica as percepções, provoca visões e permite sobretudo uma extrema concentração mental. É muito empregada pelos iogues. Possuímos detalhes sobre sua preparação desde a época védica. A descrição da maneira como o *soma* é preparado e sua utilização imediata, sem fermentação, só pode aplicar-se ao *bhang* e, de fato, é idêntica ao método empregado hoje.

Além do *bhang*, recomendado de preferência para fins de experiência parapsicológica, o vinho de uva, o vinho de palma e os licores de figo têm um papel considerável na vida do povo indiano e nos ritos shivaístas. Dioniso-Baco aparece como a própria encarnação da embriaguez.

O clima da vida shivaísta e dionisíaca não é apenas ritual. É uma procura da alegria, do prazer, da realização do indivíduo. O vinho e outros licores intoxicantes fazem parte dessa alegria de viver que é um dos objetivos fundamentais de toda existência, pois a felicidade (*ânanda*) é a própria natureza do estado divino. Tudo o que é prazer e alegria nos aproxima de Deus. Todas as festas dionisíacas ou shivaístas são explosões de felicidade. A embriaguez física, como o erotismo, é uma imagem e muitas vezes uma preparação para a embriaguez mística. "Minha vida é um sucesso quando tenho perto de mim uma bela mulher, na boca um vinho perfumado... Todos os Mensageiros da Sabedoria estão ocupados em embriagar-se no jardim das flores em companhia de suas amantes." (Harsha, *Le bonheur du serpent*, ato III) O mesmo acontece nas festas de Baco.

"Há sistemas rituais que foram associados ao sacrifício do *soma*, por exemplo, o *Mahâvrata* (Grande Observância), que compõe-se de música, dança, gestos dramáticos, diálogos e cenas obscenas (um dos sacerdotes senta-se num balanço, acontece uma união sexual, etc.)... A revelação de uma existência plena e beatífica em comunhão com os deuses continuou a fazer parte da espiritualidade indiana muito tempo depois do desaparecimento da beberagem original. Buscou-se, então, atingir uma tal existência com a ajuda de outros meios: a ascese ou os excessos orgiásticos, a meditação, as técnicas de ioga, a devoção mística." (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, pp. 225-230)

"Aqueles que não conheceram as orgias sagradas e aqueles que delas participaram não têm, depois da morte, o mesmo destino nas moradas de trevas." (*Hymnes Homériques, Hymnes a Déméter*, 480-483)

"No tantrismo, o vinho é chamado de 'água causal' (*Kâranavâri*) ou 'elixir de sapiência' (*Jñânâmrita*). A forma do brâmane é murada

no corpo (Kulârnava Tantra). O vinho pode revelá-la, eis por que os iogues o tomam... No dionisismo, o vinho teve o mesmo sentido, de modo que a expressão 'orgia sagrada' é um termo técnico corrente na antiga literatura dos mistérios. Também na mística persa o vinho e a embriaguez possuíam um sentido ao mesmo tempo ritual e simbólico, e podemos por essa via chegar à própria tradição dos templários... 'Boire comme un Templier' (beber como um templário) pode ter um significado secreto operatório diferente do sentido grosseiro que prevaleceu." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 184)

O erotismo, a sagração dos atos sexuais

O EROTISMO

"Chega-se ao amor divino pelo amor carnal." (São Bernardo) Shiva é o princípio do prazer erótico, não da fecundidade. Errando na floresta, espalha seu esperma através de práticas masturbatórias. Inspira o desejo, a loucura erótica. Seu filho Skanda nasceu sem a intervenção de um elemento feminino. Toda a beleza, toda a alegria do mundo manifesta-se por uma explosão erótica. As flores lançam seu pólen ao vento. A fecundação é apenas um acidente de percurso numa manifestação de alegria erótica. O eros não conhece diferença de sexos, de objetos. É um impulso interior que se lança para a beleza, para a harmonia. A criação do mundo é um ato erótico, um ato de amor, e tudo o que existe leva a sua marca, sua mensagem. Tudo está organizado nos seres vivos em função dessa expressão de prazer, de alegria, de beleza, de felicidade, que é a natureza divina e secreta de tudo o que existe.

O erotismo é o laço de atração que une dois pólos opostos e complementares. Quando orientado para a procriação, para a produção de filhos, de bens materiais, é o eros inferior. O erotismo gratuito, puro, orientado para a beleza universal sob todas as suas formas, é o reflexo do divino, o caminho que leva a Deus. É o eros superior e sublime. Só o amor "daquela que não lhe pertence" (*parakîya*) é o amor verdadeiro. As relações com "aquela que lhe pertence" (*svakîya*) fazem parte dos deveres sociais, não têm valor ritual. Nos ritos tântricos, a regra que permite servir-se da própria esposa só vale para os graus inferiores, preparatórios. É posta de lado para o *vîra* ou "herói". "A geração animal, física, não é, metafisicamente, mais que um vão sucedâneo da geração espiritual. A continuação da espécie, assegurada pelo emprego do sexo como poder gerador, representa uma espécie de efêmera eternidade terrestre, um fac-símile de continuidade." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 222)

"Uma experiência de luz absoluta..., quando é obtida pelo *maithuna*, a união sexual, pode penetrar até no âmago da vida orgânica, e

descobrir ali também, na própria essência do *sêmen viril*, a luz divina, a explosão primordial que criou o mundo... A luz que se experimenta no *Maithuna* é a Clara Luz da Gnose, da consciência nirvânica." (M. Eliade, *Méphistophélès et l'Androgyne*, pp. 46-49)

"O ato sexual pode ser um procedimento de identificação mística do mesmo modo que outros meios primitivos que provocam o êxtase: seu emprego é, portanto, normal desde que um grupo social deseje aliar-se com as forças naturais... representadas por protagonistas sagrados. Tal seria o sentido do casamento divino (*Hieros gamos*) celebrado publicamente no curso de várias cerimônias pagãs." (André Varagnac, *Civilisation traditionnelle*, p. 241)

A união sexual de um monge com uma prostituta acontece em certos ritos tântricos, mas também a oferenda de esperma associada, como vimos antes, ao homem-peixe, ou a penetração anal associada ao homem-pássaro. As cópulas de homens ou mulheres com animais têm também um significado simbólico e ritual. Podemos ver várias representações delas nos templos hindus. Os amores de Pasífae com o touro, que deu origem ao Minotauro, assim como todas as representações de seres metade homens, metade animais no Egito, na Índia e no mundo mediterrânico referem-se à mesma concepção.

"O hino homérico identifica no impulso sexual o elemento de unidade dos três modos de existência: animal, humano e divino... Justificação religiosa da sexualidade... Incitados por Afrodite, mesmo os excessos e os ultrajes sexuais devem ser reconhecidos como sendo de origem divina." (M. Eliade, *Histoire des croyances et des idées religieuses*, p. 206)

"A respiração e o sexo são considerados as duas únicas vias ainda abertas para o homem do Kali Yuga. É a elas que se referirá o *sadhana* (o método). Na ioga..., apoiamo-nos no *prânâyâma*, a respiração. A utilização da mulher, do sexo e da magia sexual, tem um papel importante num outro setor do tantrismo, onde práticas obscuras do antigo substrato pré-indo-europeu são recuperadas, transformadas, completadas e mantidas no plano iniciatório... No *Siddhântâchâra* (comportamento de acordo com os princípios esotéricos) e no *Kaulâchâra* (regras de comportamento dos 'companheiros')..., que de maneira essencial fazem parte da via da Mão esquerda, a ênfase se desloca; passa da liberação à liberdade do homem-deus, daquele que ultrapassou a função humana e se situa além de qualquer lei." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 21)

O *samarasa* (a identificação na sensação), isto é, a identificação com o ser divino no prazer, realiza-se através dos ritos sexuais. Todo ato sexual pode se tornar um sacramento. É o que se chama de *vajra-padma-samskara*, o "sacramento do raio e do lótus". *Vajra* (raio) e *padma* (lótus) representam, respectivamente, o órgão masculino e o receptáculo (*arghya*) ou órgão feminino na linguagem secreta dos Tan-

tras. Do mesmo modo, o *hindu*, o ponto limite do não-manifestado e do manifestado, representa o esperma, e o *mudrâ* (selo) a secreção feminina.

"No rito, o homem identifica-se com o primeiro princípio e a mulher com o outro. Sua união reproduz a do casal divino; os dois princípios, shivaísta e masculino, por um lado, shaktista e feminino, por outro, que, no mundo manifestado e condicionado, aparecem como separados numa dualidade, na qual a dos sexos do homem e da mulher é apenas uma expressão particular, vão se reunir por um instante — o do orgasmo sexual —, evocando 'Shiva andrógino', o *Ardhanarîshvara*, e a unidade do Princípio... A união sexual, compreendida dessa maneira..., suspenderia a lei da dualidade, provocaria uma abertura extática... A lei da dualidade estando suspensa... na simultaneidade da embriaguez, do orgasmo e do arrebatamento que une dois seres, pode-se provocar... o estado de identidade... que prefigura... a iluminação absoluta..., o incondicionado... O *Kûlârnava Tantra* chega a dizer que a união suprema só pode ser obtida através da união sexual." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, pp. 191-192)

Nos rituais tântricos, é o órgão sexual de uma mulher muito jovem que é venerado. Segundo o *Mahâmudrâtilaka*: "As jovens de mais de vinte anos não têm poder oculto." Para experimentar a iluminação interior através da união sexual cerimonial com uma jovem que encarna a Shakti, deve-se imitar o jogo divino, isto é, a união não deve atingir uma emissão seminal. A mulher tem uma dupla personalidade. A virgem e a mãe são seres diferentes, tendo um papel distinto no simbolismo e nos ritos.

Também na ioga da Mão direita, o desenvolvimento do poder sexual é essencial, mas procura-se utilizá-lo sobretudo para despertar a energia enrolada, e fazendo-a subir através dos diferentes centros até o cérebro, evitando qualquer ejaculação. "O *bindu* [aqui no sentido de esperma] derramado traz a morte, o *bindu* retido traz a vida." (*Hatha Yoga Pradîpikâ*, III, 85, 90)

O adepto "próximo do divino" (*divya*), em quem predomina a força ascendente (*sattva*), já não pratica então os ritos sexuais do *vîra*, do "herói" que se une com uma *shakti* (uma energia realizadora) na pessoa de uma mulher, mas esforça-se para despertar em seu próprio corpo a Shakti com a qual ele deve se unir para alcançar seu objetivo. O homem realizado (*divya*) pode dizer: "Para que preciso de uma mulher exterior? Tenho uma mulher em mim (*Kundalini*)."

Os ritos de caráter sexual são denominados as "núpcias de Shiva", qualquer que seja a sua forma, pois o deus toma sob sua proteção tudo o que sai da regra. Todas as variantes eróticas são descritas e processos de tipo iogue são utilizados para intensificar e desenvolver o prazer sensual. Num rito especial, o orgasmo prostático, ligado à penetração anal, tem um papel importante ligado ao culto de Ganesha, o filho

da deusa, o guardião das portas, cujo centro, segundo a ioga, encontra-se, como já vimos, no plexo prostático.

"Parece que foi reconhecida uma relação entre a *Kundalini* e o sexo... As práticas sexuais secretas comportam provavelmente um despertar momentâneo dessa força... Pode-se dizer que... o simbolismo tântrico que representa Shakti no homem ao nível da 'terra' no *Mûlâdhara*, sob a forma de uma serpente enrolada em volta do falo de Shiva e que fecha o orifício, tem significados profundos." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 222)

Há somente alusões aos ritos eróticos praticados nos agrupamentos dionisíacos ou nas organizações iniciatórias ocidentais. Essas alusões são, entretanto, suficientes para podermos conceber que eles correspondem, exatamente, tanto na teoria como na prática, àqueles que se encontram detalhadamente nos Puranas e nos Tantras.

O NASCIMENTO DE EROS (KÂMA)

A descrição que segue ilustra muito bem a transposição de uma abstração cosmológica, o nascimento de um mundo, num imaginário popular, que se refere a uma manifestação subsidiária do mesmo princípio na ordem da criação. Isso é característico de qualquer mitologia. "Quando, por ocasião da criação, o deus Brama [que representa a força criadora, nascido da união de Shiva com Shakti] fez surgir o mundo, gerou, em primeiro lugar, a Aurora (Sandhyâ), que apareceu sob a forma de uma jovem de surpreendente beleza."

Brama fala: "Ao vê-la, tive uma ereção involuntária. Desejos contraditórios agitavam-se no meu coração. Todos os meus filhos encontravam-se no mesmo estado. Um ser maravilhoso chamado Eros (Kâma) acabava de nascer em meu pensamento. Sua pele era dourada, seu peito robusto e firme, o nariz bem feito, suas coxas, suas nádegas e suas panturrilhas redondas e bem cheias. Seu rosto assemelhava-se à lua cheia. Seu peito veloso era largo como uma porta. Envolvido numa veste azul, parecia tão majestoso quanto o elefante celeste Airâvata. Suas mãos, seus olhos, seu rosto, pernas e dedos eram vermelhos. Sua cintura era fina e seus dentes perfeitos. Emitia um cheiro de um elefante no cio. Seus olhos pareciam pétalas do lótus, era perfumado como seus estames. Seu pescoço era uma concha marinha. Seu emblema, um peixe. Era grande, montado num crocodilo, armado com um arco e cinco flechas de flores. Seus olhares amorosos seduziam todos os seres. Piscava os olhos para todos os lados. Seu hálito era uma brisa perfumada. O sentimento do amor emanava de toda a sua pessoa. Ao vê-lo, meus filhos foram tomados pelo estupor. Ficaram agitados e inquietos, com o espírito confuso. Perturbados pelo ardor do amor, perderam a força mental." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. I, 20-32)

Brama disse então a Kâma: "Sob essa forma e com suas cinco flechas de flores, você pode inspirar o desejo, tornar-se mestre dos homens e das mulheres, e perpetuar desse modo a obra de criação." (*Shiva Purâna, ibid.*, cap. II, 37)

"Cada uma das cinco flechas de Kâma tem uma ação particular. É por isso que são chamadas de Alegria de viver (Harshana), Atração (Rocana), Ilusão (Mohana), Langor (Shoshana) e Destruidora (Mârana)... Após haver encantado todos nós, Eros continuou a brincar conosco, até que todos tivéssemos perdido o controle dos sentidos. Foi assim que nos deixamos ir ver a Aurora com olhos lúbricos... Todos os sábios encontravam-se num estado de excitação erótica. Implorado pela Virtude (Dharma), Shiva começou a rir, zombando deles e fazendo com que ficassem vermelhos de vergonha. Diz-lhes: Em verdade, Brama, como você se permite abandonar-se a tais sentimentos em relação a sua própria filha? Isso não é conveniente... Como é que seus filhos ficaram todos apaixonados por uma mesma mulher que, além de tudo, é sua irmã? Esse Eros deve ser um tolo, inconsciente das conviniências, para ter atacado vocês com tanta violência." (*Shiva Purâna, ibid.*, cap. III, 2-44)

"Os deuses, vencidos pelos titãs, imploraram a Kâma para ajudá-los a tirar Shiva de sua meditação a fim de que pudesse ajudá-los a vencer seus inimigos. Kâma diz a Brama: Se devo causar perturbação no coração do próprio Shiva, só tenho como arma uma graciosa filha. Mostre-me um outro meio de vencê-lo. Ao pedido do deus do Amor, Brama respondeu com um profundo suspiro do qual nasceu Primavera (Vasanta), coberta de flores. Parecia com um lótus vermelho, seus olhos, com lótus abertos, seu rosto brilhava como a lua quando aparece no crepúsculo. Seu nariz era graciosamente formado. Suas pernas eram curvas como um arco. Seus cabelos, negros e frisados. Usava brincos e brilhava como um sol nascente. Seu andar era majestoso como o de um elefante no cio. Seus braços eram longos e robustos, seus ombros altos, o pescoço roliço como uma concha marinha. Seu peito era largo, seu rosto redondo e fino. Sua aparência era atraente, sua pele, escura. Era de uma estranha beleza, capaz de encantar todos os seres e estimular o sentimento do amor.

"Assim que Primavera apareceu, uma brisa perfumada começou a soprar. As árvores cobriram-se de flores. Os cucos cantaram, os lótus abriram-se nos lagos. Brama disse então a Kâma: Você tem agora um fiel companheiro. Parece com você e lhe prestará grandes serviços." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ, Sati Khanda*, cap. 8, 34-41)

"O sensato Brihaspati persuadiu Kâma e seu companheiro, a Primavera, a irem encontrar-se com Shiva, perdido na meditação da ioga, para persuadi-lo a unir-se com a Dama das montanhas (Pârvatî). O Senhor olhou-o com escárnio e desprezo e, com um raio que surgiu de seu terceiro olho, reduziu Kâma a cinzas. Emocionado pelas queixas

de Desejo (Rati), esposa de Eros, o Senhor diz-lhe: Seu esposo perdeu o corpo visível, mas, no momento do prazer, fará tudo o que deve fazer." (*Linga Purâna*, 101, 39-46)

"Se a deusa das Montanhas, a mais bela das criaturas, for aceita por mim como amante, Eros ressuscitará... Todos os deuses, os sábios e os ascetas entregar-se-ão sem vergonha aos prazeres dos sentidos e abandonarão a via do ascetismo e da ioga... O desejo leva à cólera, a cólera ao erro, o erro destrói os frutos da austeridade." (*Shiva Purâna, Rudreshvara Samhitâ, Pârvatî Khanda*, cap. 24, 18-28)

O mundo, entretanto, privado dos encantos de Eros, não teria podido sobreviver. "Shiva, o deus portador do tridente, olhou com compaixão as filhas do céu que lhe imploravam. Com um só de seus olhares mais eficazes que a ambrosia, levantou Kâma das cinzas com seu corpo encantador coberto de roupas esplêndidas." (*Shiva Purâna, ibid.*, cap. 51, 13-14)

Na cosmogonia órfica, Eros, como Kâma, não tem mãe, já que é anterior à união sexual. Representa a unidade original a que aspira tudo o que é "separado". O mundo aparente é o resultado da separação de dois princípios contrários que só existem um pelo outro, um para o outro, e aspiram a se reencontrar. Eros é, portanto, ao mesmo tempo, o princípio da existência e o da aniquilação, da morte. Sem ele, nada existe, por ele, tudo deixa de existir. Representa a própria natureza de Shiva, princípio da vida e da morte.

Em Creta, e mais tarde na sociedade dórica de Esparta, o desejo erótico desempenha um papel importante na organização da sociedade. Apresenta-se sobretudo sob a forma do amor pederástico, expressão do desejo sem segunda intenção procriadora. Essa forma do eros é a fonte das virtudes cívicas. Com efeito, é pelo apego erótico que o irmão mais velho pode conduzir o mais novo no caminho da sabedoria, da virtude, da coragem. A "delinqüência juvenil" não existe onde o amor pederástico é a regra. Os gregos tinham compreendido perfeitamente o papel social e educativo desse aspecto do eros. Tebas obterá suas mais belas vitórias graças ao "batalhão sagrado" formado por casais de amantes e de amados.

"Os amores dos jovens cretenses incluíam 'o casamento', por captura, de um rapaz mais jovem com um mais velho... Os amigos do sedutor tomavam o mais jovem e o entregavam ao amante eleito. Levava-se o rapaz para os campos, onde caçadas e festas ocorriam durante dois meses... O mais jovem oferecia então um boi em sacrifício a Zeus... Não encontrar amante era considerado uma desonra. Os amados eram honrados nas corridas e nas danças, vestidos com as melhores roupas dadas por seus amantes." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 116)

Os jovens, após esse episódio de "casamento", eram integrados ao grupo dos guerreiros. O irmão mais velho oferecia então ao mais

jovem os três presentes rituais que são: as armas do guerreiro, uma taça para beber e um touro destinado ao sacrifício. Segundo Platão, foi na corte de Minos... que o mito de Ganimedes teve sua origem. Minos, e não Zeus, foi o raptor. Na literatura tardia, Eros torna-se um *enfant terrible* encarregado da organização de aventuras galantes.

Há, provavelmente, uma relação entre as lendas de Kâma e Vasanta e a de Hyacinthos (Jacinto). "O personagem Hyacinthos é de origem pré-histórica. Apolo, que o amava, matou-o acidentalmente com um disco. O fato de que os cretenses praticavam o culto de Hyacinthos está confirmado pelo seu nome que denota também o jacinto selvagem ou Íris. É o deus da Vegetação que renasce anualmente... É próximo de Adônis, de Átis, de Osíris, como também de Zeus Kretagenes. Como o Zeus cretense, não foi criado por sua mãe... Sua nutriz foi a senhora dos animais, a Ártemis pré-helênica." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 222)

Na Índia, onde a homossexualidade foi, como por toda parte, e ainda é, muito propagada, parece que insistiu-se em seu papel ritual mais do que em seu papel sentimental e social. A condenação das práticas homossexuais pelo governo britânico prejudicou nesse domínio, como nos outros, a harmonia da vida.

O sacrifício, a sagração da função alimentar

O SACRIFÍCIO

O Criador é um deus cruel que quis um mundo onde ninguém pode viver senão destruindo a vida, senão matando outros seres vivos. Nenhum ser pode subsistir sem devorar outras formas de vida, vegetal ou animal. Isso é um aspecto fundamental da natureza da criação. Toda a vida do mundo, animal ou humana, é apenas uma interminável matança. Existir significa comer e ser comido. O homem é aquilo que ele come. Todo ser vivo alimenta-se de outros seres e irá se tornar o alimento de outros seres num ciclo interminável. É por isso que o Criador define, ele próprio, sua natureza como devorador e devorado. "Eu sou o alimento, alimento, alimento, e sou o comedor, comedor, comedor... Do alimento nascem os seres vivos. Aqueles que se encontram na Terra vivem apenas de comida e se tornam comida no final." (*Taittirîya Upanishad*, III, 2 e 10, 6)

"Todo o universo não é, na verdade, mais que comida e comedor." (*Brihat Aranyaka Upanishad*, 14, 6) "O ser vivo alimenta-se de seres vivos [*Jîva jîvasya bhakshaka*]", dizem os Puranas. Em *Anushâsana Parva* do *Maabárata* (cap. 213), Shiva explica a sua companheira: "Não há ninguém no mundo que não mate. Aquele que caminha mata com seus pés inúmeros insetos. Mesmo dormindo, podem-se destruir vidas.

Todas as criaturas matam-se entre si... Não é possível para ninguém viver sem matar... Só morrem aqueles que estão destinados a morrer. Todo ser vivo é morto por seu Destino, a morte só vem depois. Ninguém escapa do Destino."

O princípio fundamental do shivaísmo é aceitar o mundo tal como ele é, e não como desejaríamos que fosse. É só quando aceitamos a realidade do mundo que podemos tentar compreender a natureza dele, aproximarmo-nos do Criador, tomarmos nosso lugar na harmonia da criação. Já que ninguém pode existir sem se alimentar da vida de outros seres, deve-se assumir a responsabilidade perante a si mesmo e perante aos deuses que o quiseram assim. Para associar os deuses aos nossos atos, é necessário ultrapassarmos a fase instintiva, ritualizarmos o ato de matar como o ato de amor. Para partilhar com os deuses as responsabilidades do ato fratricida pelo qual somos obrigados, para sobreviver, a devorar outros seres vivos, devemos oferecer-lhes vítimas em sacrifício. É aos deuses que devemos oferecer as primícias das colheitas, o primeiro bocado de todo alimento. É diante deles que devemos matar o animal que devoraremos.

Somente se nos conscientizarmos do valor de nossos atos, realizando conscientemente a vontade do deus que quis que a vida só subsistisse pela morte, pelo assassinato, é que poderemos limitar os seus efeitos, representar a parte que nos cabe na harmonia do mundo. Só então poderemos evitar ultrapassarmos nosso papel e evitar as hecatombes que sobrevêm quando se pretende ignorar a verdadeira natureza do homem e do divino.

Em certas seitas shivaístas populares — existentes ainda hoje —, o homem só come a carne de animais que ele próprio ritualmente sacrificou, tomando os deuses como testemunhas da crueldade de um mundo onde a vida é possível apenas destruindo-se a vida e representando assim honestamente seu papel na harmonia do mundo, sem falsa sensibilidade nem hipocrisia. Não se deveria consumir a carne dos seres vivos sem que fosse o próprio consumidor que os matasse ou então participasse, conscientemente, de seu massacre e associasse a isso os deuses, já que o mundo que eles criaram e mantêm é um perpétuo sacrifício. Aí está o sentido dos ritos do sacrifício. Ao dizer-se que os deuses têm sede do sangue das vítimas, o que se faz é identificá-los com um mundo que é a expressão de sua natureza. Aproximamo-nos deles santificando o ato de matar. Toda religião baseia-se na noção de sacrifício e consumo da vítima sacrificada. Seja a vítima animal, vegetal ou humana, nosso corpo é apenas um cemitério e servirá em sua totalidade, material ou mental, de alimento a outros seres vivos.

O sacrifício tem pouca relação com os massacres discretos de animais domésticos que se praticam na cidade. O sacrifício deve ser público, consciente de seu valor e de sua crueldade. A matança, a perseguição do animal para ser devorado é um instinto fundamental do homem,

seu meio de sobrevivência e, como tal, pode provocar uma exaltação, uma espécie de transe, que é também uma via mística de integração ao aspecto destruidor da divindade. A corrida desenfreada das mênades e a fúria com que elas destroçam e devoram vivas as vítimas é uma das formas da embriaguez mística.

Encontramos essa exaltação nos grandes sacrifícios shivaístas, praticados ainda hoje, em que milhares de cabritos ou de búfalos são sacrificados, a terra e os participantes banhados de sangue, numa atmosfera de exaltação religiosa. Matar é um ato sagrado, como o de dar a vida. O assassínio inútil desregula o equilíbrio da natureza, cujo protetor é Shiva. "A violência deve ser evitada sempre e por toda parte. Os violentos não atacam aquele que se abstém de violência em pensamento, em palavra e em ação. Perseguem aqueles que se empenham contra os outros... Aqueles que se preocupam com o bem dos seres vivos em pensamento, em palavra e em ação, e que seguem o caminho da benevolência para com as criaturas são admitidos no paraíso de Rudra... No entanto, deve-se usar a violência com as flores para oferecê-las a Shiva, violência com os animais para sacrificá-los." (*Linga Purâna*, I, cap. 78, 8-16)

Segundo as fontes mais antigas, parece que era a Skanda, o jovem deus guerreiro, que se ofereciam sacrifícios e não ao próprio Shiva, protetor dos animais.

Segundo Shrîdayânanda (*Balidâna Pûjâkâ pradhâna Anka, Kalyâna, Shakti Anka*, p. 161): "Há quatro espécies de sacrifícios: o primeiro é o de si mesmo; quando se dá sua vida, a oferenda chega ao deus. O sacrificado une-se àquele a quem o sacrifício é oferecido. O segundo é o sacrifício das paixões. Entre estas, o desejo corresponde ao cabrito, a cólera, ao carneiro, a ilusão, ao búfalo. O terceiro sacrifício é a oferenda aos deuses das primícias de tudo o que compõe nossos alimentos: grãos, doces, raízes, vinho, etc. O quarto é o sacrifício de seres vivos."

AGNI, O DEUS DO FOGO

"O fogo só existe ao destruir o combustível que o faz viver, consumindo a oblação. Todo o universo, consciente ou inconsciente, não é senão fogo e oblação." (*Maabárata, Shanti Parva*, 338, 52) O sol só ilumina, destruindo sua própria substância. O fogo é o símbolo do sacrifício universal, da destruição no estado puro. Representa uma espécie de limite entre dois estados de ser, o da criação e o dos deuses. Os deuses estão além do fogo e alimentam-se da fumaça das oblações. Toda oferenda aos deuses é lançada na boca de Agni, deus do Fogo. É Agni quem recebe a oferenda do esperma de Shiva que fará nascer Skanda, quando o deus oferece em sacrifício sua própria substância.

Os ácidos que queimam e transformam a alimentação no estômago são considerados um aspecto do fogo. Agni, sob essa forma, está presente no corpo do homem. O consumo da carne da vítima é equivalente ao rito de oferenda no fogo, contanto que o comedor seja consciente da presença dos deuses em si mesmo e que o ato de comer seja um rito. A omofagia, o ato de se devorar crua a vítima, só tem valor de sacrifício nos estados de transe, quando o comedor está possuído, habitado por um deus.

A natureza do fogo difere de acordo com a maneira como nasce. O fogo de sacrifício deve ser produzido com sílex, "pedra-de-fogo", ou atritando-se dois pedaços de madeira consagrada. É o *need-fire* dos países célticos. Na Índia, o fogo de todos os *yajñas* (sacrifícios) deve ser produzido dessa maneira. A tradição indiana conserva a lembrança dos Ribhus, os sábios que primeiro souberam domesticar o fogo e, portanto, criar o "lar", símbolo da civilização sedentária. A manutenção do fogo aceso por ocasião do casamento permanece um rito essencial da vida doméstica. Se o fogo se apaga, o elemento de estabilidade abandonou a casa. Se o fogo do sacrifício se apaga, os deuses recusaram a oblação. É evidente que, no mundo antigo, a produção do fogo era problemática. Os nômades, ainda hoje, transportam preciosamente o fogo de um acampamento a outro.

A VÍTIMA

Não se oferece aos deuses senão o melhor de todas as coisas. É o animal mais nobre, o mais próximo do deus, que deve ser sacrificado. É com freqüência a imagem do próprio deus, e a sua morte evoca o sacrifício divino. Todo animal ou vegetal oferecido em sacrifício é identificado ao deus em nome de quem o sacrifício é realizado. É o próprio deus que é imolado através de seu aspecto manifestado. "O espírito da vegetação no momento da colheita encarna-se no corpo de um animal..., seu refúgio. O animal sacrificado nos ritos de Dioniso é um animal desse gênero..., dizendo de outro modo, é o próprio deus." (James Frazer, *The Golden Bow*, pp. 160-168)

Os animais sacrificados são, habitualmente, o touro (veículo de Shiva-Dioniso) ou o búfalo (montaria do deus da morte), o bode ou o carneiro (veículo do deus do fogo), às vezes, o galo (o animal sagrado de Skanda). Nas bufônias sacrificava-se um boi a Dioniso; em outras cerimônias, um bode. Na Índia, os animais sacrificados são em geral o búfalo e o bode. A morte do touro é raramente praticada hoje. Os *Grihya-sûtras* mencionam um sacrifício denominado *shûla-gava* (touro no espeto), em que um touro é sacrificado para apaziguar Rudra (*Ashvalâyana Grihya-Sûtra*, IV, 9).

Num ritual atestado por Pausânias, a vítima era um touro do qual se apoderavam homens que tinham o corpo coberto de gordura e de óleo. Tratava-se de uma espécie de tourada, de rito de caça, que precede a morte, herança dos "jogos" minoenses. A tradição da tourada se perpetuou até os nossos dias, mesmo se seu sentido ritual já não é aparente.

Num ataúde de barro de Haghi Triada encontra-se representado o sacrifício de um touro por degolação. Este está deitado numa mesa, imobilizado por uma corda vermelha cruzada em torno dele. O sangue que escorre da garganta aberta é recolhido num recipiente. O touro era um animal sagrado dos celtas e sua morte, um símbolo do fim do mundo. O sacrifício do touro e a adivinhação pelas entranhas eram praticados pelos etruscos.

O rito real do sacrifício do cavalo (*ashvamedha*), praticado pelos nômades arianos, representou um papel importante na Índia, mas não é de origem shivaísta. Encontramos vestígios dele misturados com os ritos dionisíacos em diversas partes do mundo. Os gregos praticavam o sacrifício do cavalo, mas não consumiam a carne da vítima. Encontramos a influência dionisíaca sobre o mundo ariano até entre os cumandins, populações siberianas em que o sacrifício de um cavalo era acompanhado de danças realizadas por homens mascarados, carregando grandes falos de madeira. Há uma analogia e um parentesco evidente entre os ritos irlandeses de inauguração (implicavam a união sexual com uma égua que, em seguida, era sacrificada) e o antigo sacrifício do cavalo dos arianos da India.

O SACRIFÍCIO HUMANO

O sacrifício humano é a mais alta forma do sacrifício. Foi praticado em todas as partes do mundo. Skanda, deus da Guerra, exige sacrifícios humanos, e Dioniso entrega Penteu ao furor das mênades. Os deuses queriam que o homem fosse caçador e guerreiro. É imolando vítimas aos deuses que se pode evitar as hecatombes que eles suscitam para limitar o avanço dos homens sobre as outras espécies.

O sacrifício do homem (*purushamedha*) é mencionado nos textos rituais ligados aos Vedas, tais como o *Shatapatha Brâhmana* (13, 6, 1-2) e em muitos outros. Em um sinete de Harappa, vê-se um homem com uma faca curva aproximar-se de uma vítima sentada, com os cabelos em desordem e os braços levantados.

No tesouro Kazbek, descoberto no Cáucaso, encontra-se uma representação de dois homens nus, itifálicos, em que um está decapitando o outro, enquanto um outro personagem, cujo pênis também está ereto, toca a lira.

O Minotauro, senhor do labirinto, exigia sacrifícios humanos. Os atenienses deviam enviar todos os anos um tributo de sete rapazes e sete moças a Minos. Só se libertaram disso, quando Teseu matou o Minotauro. Os etruscos praticavam o sacrifício humano. Entre os fenícios, é à deusa Anat que cabe reviver os deuses pelo sacrifício do sangue humano. Na Grécia, em Quios, em Tênedo, em Lesbos, Dioniso aparece faminto de carne humana: a vítima retalhada em sua honra é um homem. O sacrifício de um animal é, freqüentemente, apenas um substituto do sacrifício do homem. "Onde o mito antigo fala do sacrifício de uma criança, o rito corresponde muitas vezes à morte de um jovem touro. Trata-se, simbolicamente, do sacrifício do deus, cuja manifestação é o touro, como podia ser a criança a representação do *bambino*, o Dioniso-menino no sacrifício humano." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 386)

Não se pode oferecer aos deuses senão o melhor, o mais belo macho do rebanho. A vítima deve ser perfeita e inocente, de outra forma o sacrifício não é válido. A vítima não pode, portanto, ser um inimigo ou um criminoso.

Matar por vingança é um ato odioso, maléfico. O sacrifício não poderia ser uma punição ou uma vingança. Não deve possibilitar a ninguém livrar-se de uma pessoa que incomoda. Deve ser revoltante para ser eficaz. A condenação à morte oriunda das leis sociais da cidade, da proteção dos bens materiais, não é um sacrifício, e os deuses afastam-se daqueles que a praticam.

"Os iogues nunca devem ser mortos, nem as mulheres, mesmo as mais culpadas, sejam elas sujas ou mal vestidas, belas ou feias... A imolação das mulheres nos sacrifícios é proibida, a vítima deve ser macho. No sacrifício humano (*naravali*), a vítima é sempre um rapaz." (*Linga Purâna*, I, cap. 78, 8-19) Um sacrifício como o de Ifigênia é, portanto, extremamente contrário à tradição dionisíaca. No entanto, o *Shiva Toshini* (comentário do *Linga Purâna* I, 78, 15) considera que a proibição de se sacrificarem mulheres não se aplica aos animais fêmeas. Na Índia, os sacrifícios humanos, severamente proibidos pelas leis modernas, hoje são muito raros e muito secretos. Houve dois ou três na cidade de Benares, a cidade santa de Shiva, durante o período em que lá residi. Ainda são ocasionalmente praticados em Querala, em Bengala e em algumas regiões do Himalaia.

A OMOFAGIA, O CONSUMO DE CARNE CRUA

Os participantes devem consumir a carne do animal sacrificado. O ritual antigo, shivaísta ou dionisíaco, não admitia o cozimento da carne da vítima animal, que devia ser capturada depois de uma perseguição, despedaçada e ingerida crua. Perseguir e devorar a vítima viva

são condições essenciais para provocar a loucura extática que faz do sacrifício uma experiência mística e não apenas um rito. Lê-se no fragmento dos *Cretenses* de Eurípides, citado por Porfírio:

"Filho do poderoso Zan
e de Europa, a fenícia,
tu reinas sobre Creta de cem cidades...
Levei uma vida pura e sem mancha
desde que fui iniciado ao Zeus do monte Ida,
e que, santificado, recebi o título de bacante.
Como companheiro de Zagreu que erra à noite,
participei dos festins de carne crua
e carreguei as tochas da Mãe das montanhas,
as tochas do curetos."

Segundo o autor latino Firmicus, era para comemorar a morte e os sofrimentos do filho de um rei assassinado por traição que, entre os cretenses, um touro era despedaçado vivo com os dentes, em memória dos titãs devorando a carne do menino.

Os antigos deuses, os asuras e os rakshasas, são comedores de carne crua. Pertencem ao mundo natural no qual animais, homens e deuses se confundem e são intercambiáveis, onde o homem é ao mesmo tempo animal e deus. O rito dionisíaco conduz os fiéis a um estágio primitivo que se opõe aos cultos da cidade nos quais a vítima é comida cozida. Encontramos aí uma oposição muito antiga entre as duas concepções de alimento e ritos associados. Quando o próprio Dioniso é a vítima dos titãs que o designam para a morte e mandam que seja fervido e assado, esse cozimento implica que o deus da Natureza, representado por Dioniso, é a vítima dos deuses da cidade.

ANTROPOFAGIA

O sacrifício está estritamente ligado à sagração da função alimentar, ao fato de que a vida alimenta-se da vida. Seja a oferenda vegetal, animal, humana ou divina, ela deve ser consumida. É nessa comunhão que reside a identificação com o ser divino. O Ocidente pré-cristão, assim como a Índia, conheceu as refeições sagradas. Era durante essas refeições que se consumia a vítima animal, humana ou divina. O sacrifício faz parte das ligações que unem o homem às outras espécies, aos outros seres vivos e aos deuses.

Finalmente, é sempre o deus quem devora a si mesmo, quando um dos seus aspectos manifestados devora um outro. No shivaísmo, o sacrifício humano, culminação do sacrifício animal, foi praticado nos ritos de Skanda e nos da deusa. Hoje, é raro. Implica inevitavelmente

o consumo de um fragmento da carne da vítima. No mundo dionisíaco, a *mania*, a exaltação das mênades, leva-as a devorar a vítima animal ou humana após uma corrida desenfreada. "Penteu caiu no chão lançando muitos gritos lamuriantes... Sua mãe, como sacrificadora, foi a que primeiro preludiou o assassinato e atirou-se sobre ele..., com a boca espumando e os olhos agitados, tendo perdido a razão, possuída por Baco. Agave... arrancou-lhe o ombro, é claro que não apenas com suas próprias forças, mas com aquelas que o deus lhe dava. Ino, no outro flanco, agia simultaneamente, e rasgava-lhe a carne, enquanto Antonoé vinha ajudá-la com todo o grupo de mulheres. Eram só confusos clamores..., uma levando um braço, outra um pé..., e os flancos rasgados eram despojados da carne." (Eurípedes, *Les bacchantes*, 1100-1136, trad. Henri Grégoire)

Encontramos em todas as religiões ulteriores remanescentes do sacrifício dionisíaco, ainda que apenas sob uma forma simbólica. São animais considerados como as manifestações particulares do deus, tais como o cordeiro, o cabrito, o carneiro ou o touro, que podem substituí-lo como vítima. Na Santa Ceia cristã, são elementos vegetais (pão e vinho) que substituem o consumo da vítima divina e humana. "Aquele que come minha carne e bebe meu sangue está em mim e eu nele." (Jn 6,57) Esse banquete é simbolicamente repetido pelos cristãos por ocasião do sacrifício da missa.

A noção de que nos tornamos o que comemos está na base dos regimes alimentares que se diferenciam na Índia conforme a profissão de fé. Assimilam-se as qualidades dos seres vivos ingeridos. Daí a concepção antropófaga, muito difundida em várias partes do mundo antigo e até nossos dias, em algumas regiões africanas. Escolhem-se como alimento homens considerados possuidores das qualidades que se querem obter.

Segundo Heródoto (IV, 64), os citas decapitavam os inimigos e bebiam o sangue do primeiro homem que matavam. Os masságetas, tribo cita no norte da Pérsia, comiam seus parentes mortos. "Tornar-se o objeto de um banquete" era considerado um bom destino para aqueles que deviam morrer, e até mesmo o melhor dos destinos. "O canibalismo patrófago era amplamente praticado em todas as regiões tropicais do globo, tanto na Índia como na Pérsia. Heródoto (I, 216; IV, 26; IV, 34), Plínio (*Histoire naturelle*, VII, II, 1), Estrabão (IV, 5, 4, e IV, 1, 5) se referem aos masságetas, carmanos, issedonianos, derbiscis, causasianos e caspianos, às populações persas e também padei e kalati da Índia; informações mais recentes referem-se à Birmânia e ao Tibet. Em todos esses países, mandava o costume que se preferisse o túmulo dos corpos vivos ao da terra obscura. O destino do ser devorado por seus amigos amados e pela nova geração era considerado, sem dúvida alguma, desejável." (Guilio Cogni, em *Indologica taurinesia*, vol. III-IV, p. 156)

A alternativa do sacrifício humano é o sacrifício de sêmen. Em certos ritos tântricos, bebidas contendo o esperma de um mestre respeitado são tomadas pelos discípulos. O esperma representa a herança genética transmitida de geração a geração, portanto, os antepassados. "O líquido seminal é identificado entre vários povos do neolítico com a energia dos antepassados... Em certos povos (como é o caso no Tibet), bebidas contendo o sêmen dos anciãos são tomadas pelos noviços." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 48) "Os gnósticos administravam o *sêmen viril* como seu sacramento." (Payne Knight, *Culte de Priape*, p. 162) No rito grego da *panspermia*, sêmens diversos, vegetais, animais ou humanos, eram colocados nas cúpulas rochosas em torno do altar.

O SACRIFÍCIO DIVINO

O shivaísmo considera o mundo, em seu conjunto, como a expressão da natureza divina, como, de certo modo, o corpo de deus. O fato de que a vida só existe pela morte implica que o próprio deus se devora, que ele morre e ressuscita de suas cinzas. É a vítima sacrificada e o beneficiário do sacrifício.

Esse aspecto da natureza do mundo é representado de diversas maneiras nos mitos do sacrifício divino e da ressurreição. Aparece na morte simulada pela qual deve passar o inciado. A iniciação implica uma morte ritual, seguida de um despertar para uma vida mais realizada. Trata-se de uma união ao mesmo tempo corporal e mística do iniciado com a divindade, de quem o animal sacrificado é uma encarnação.

O mito órfico da morte de Dioniso não faz parte, diretamente, da tradição shivaísta ou dionisíaca. Análogo à lenda de Osíris, ele provavelmente inspirou-se nela. Representa uma ilustração tardia da noção do sacrifício divino.

O mito da morte e da ressurreição de Dioniso preocupou os cristãos, quer tenham servido de base a seu próprio mito ou tenham sido consideradas como uma premonição. "Justino, em meados do século II, fala em duas ocasiões de Dioniso, que foi desmembrado antes de subir ao céu, e vê nessa história, assim como na introdução do vinho no ritual dionisíaco, a obra de demônios que quiseram enganar sobre o sentido das profecias que anunciavam o cristianismo... Os autores cristãos abstêm-se de dizer que a morte do menino Dioniso não foi definitiva e que ele reviveu." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 381)

A CAÇA

Shiva é o deus da Caça, Dioniso-Zagreu é "o Grande Caçador". A caça é indispensável à sobrevivência do homem primitivo. Faz parte de sua natureza como todos os atos essenciais da vida. Elemento da

harmonia universal, pode ser ritualizada e tornar-se um meio de realização da ordem divina. Os ritos e os símbolos que se referem à caça estão indicados nas mais antigas representações da pré-história.

O território de caça, tanto entre os animais, como entre os homens, é a primeira manifestação da propriedade, um elemento fundamental de qualquer sociedade. Os ritos de caça e os ritos sexuais estão estreitamente ligados. "Interditado às mulheres e atravessado pelos homens antes de terem alcançado a posição de guerreiros e de adultos, o *território de caça* não só é a negação das terras de cultura e do espaço fechado da casa, como também exerce o papel de espaço exterior ao casamento; acolhendo formas de sexualidade desviantes ou simplesmente estranhas para a cidade... Por ódio às mulheres, o jovem vai procurar a lebre nas montanhas e não volta mais; para escapar do casamento que a aguarda, a jovem decide guerrear contra as feras nos altos cumes das montanhas. Nos amores masculinos, os presentes de erasto a eromeno são... os produtos da caça... É durante uma temporada de caça... que o adolescente raptado segundo o costume divide a intimidade com seu amante antes de ser integrado na comunidade dos guerreiros." (Marcel Detienne, *Dionysos mis à mort*, p. 76)

O SACRIFÍCIO GUERREIRO E O GENOCÍDIO

O homem não é apenas caçador, é guerreiro. Animal social, organizado em bando ou em grupo, ele defende, como os outros animais, seu espaço vital contra outros grupos, outras tribos, outros povos. Na mitologia, os próprios deuses são em sua maioria deuses guerreiros em luta constante com os titãs, para a ocupação dos mundos celestes. O ato guerreiro faz parte da natureza do homem, do plano da criação. Combater e matar tornam-se, às vezes, um dever inelutável, um ato sagrado, como o exprime o deus-herói Krishna na *Bagavad-Gita*, quando Arjuna hesita em combater e massacrar seus próprios primos.

O homem é um matador de homens, e Shiva é representado usando um colar de crânios, uma cabeça decepada na mão. É a ele que nos dirigimos para exterminar os inimigos dos deuses e os do grupo humano ao qual pertencemos. Os mitos de Shiva e de Dioniso são repletos de episódios guerreiros em que o deus destrói as hordas dos titãs e dirige o combate contra as forças malévolas ou os inimigos dos seus fiéis. Os heróis são divinizados. Erguem-se-lhes monumentos, templos. Têm direito a um culto, quer se trate de Aquiles ou de Alexandre, de Napoleão ou do Soldado desconhecido. Não se ergue templo aos soberanos pacíficos. Rudra-Shiva aparece no *Rig-Veda* armado com o raio e o trovão (*Rig-Veda*, II, 3, 3). "Sua voz ressoa no fragor dos tambores no meio do combate." (*Rig-Veda*, II, 33, II) Traz um arco e flechas (*Rig-Veda*, II, 10, 14, 42). Seus fiéis imploraram-lhe para que os pou-

passe junto com seu gado, e para que dirigisse sua cólera sobre outros. O machado de guerra é um dos símbolos de Shiva. O labirinto é o palácio do duplo machado, emblema dos minoenses. Skanda é o deus da Guerra, chefe do exército dos deuses. As primícias da guerra, do empreendimento no qual o homem deve matar o homem devem ser oferecidas ao deus. É uma das bases do sacrifício humano. Transferimos para Deus a responsabilidade do ato de matar. Oferecemo-lhe a primeira vítima. Não procuramos nos iludir sobre o valor dos nossos atos.

A cabeça cortada é a marca do conquistador. Ao apropriar-se da cabeça de um inimigo, o vencedor toma-lhe ao mesmo tempo seus poderes físicos e sexuais. Nas tribos de "caçadores de cabeças" do leste da Índia, que são remanescentes de antigas populações pré-históricas, o casamento só é possível se o guerreiro trouxer consigo algumas cabeças cortadas. Do mesmo modo, sabemos que as cabeças humanas cortadas, universalmente veneradas pelos celtas, eram símbolos de divindade, de saber, de fertilidade. Os celtas eram caçadores de cabeças; expunham-nas no alto de varas erguidas em volta de suas casas e de suas fortalezas, ou as instalavam sobre pilares em seus bosques sagrados e templos.

O instinto guerreiro pode exprimir-se entre povos ou nações, como também no interior de uma sociedade, entre grupos diversos.

A crueldade, por ser um dos elementos constituintes fundamentais do mundo, faz parte da natureza de todo ser vivo, de todo homem, de modo mais ou menos secreto. Além das necessidades alimentares, ela se exprime sob a forma da defesa de um território vital, tanto entre os animais, como entre os humanos; também permite assegurar a supremacia e a "pureza" de uma espécie, de uma raça, de uma religião, de uma cultura. É uma das causas dos genocídios.

Cada grupo humano procura instintivamente afirmar-se às custas de outros grupos, quer se trate de "estrangeiros" ou de elementos considerados como "diferentes" ou marginais. Basta designar um grupo qualquer para que um instinto de crueldade coletivo se manifeste e procure exterminá-lo. Pode tratar-se dos homens de um país vizinho ou de uma raça estrangeira (os negros, os índios), de uma classe social, de uma convicção religiosa ou política (os não-muçulmanos entre os árabes, os protestantes por ocasião da noite de São Bartolomeu, os ciganos, os judeus, os comunistas, os burgueses, os aristocratas, etc.). O gosto pela violência, pela morte, está sempre latente em todas as sociedades. É um instinto que não se pode pretender ignorar, sob nenhuma de suas formas. O anti-semitismo não é mais que um acidente de nossa época. Escolheram-se os judeus como MacArthy escolhia os comunistas e os homossexuais. Muitas pessoas que protestam contra o anti-semitismo são mais que tolerantes em relação aos grupos de delinqüentes virtuais e perseguem os homossexuais, batem-lhes, os despojam e os assassinam. Os juízes são, em relação a eles, de uma notável indulgên-

cia. Assistimos às perseguições, às torturas, aos assassinatos dos nobres ou dos proprietários nos países ditos socialistas, ou socialistas nos países de regime autoritário. Essas "depurações" são muitas vezes consideradas legítimas pelos partidários de um ou outro regime. "Dê a seu cão um nome desprezível e o enforque", diz o provérbio inglês (*Give your dog a bad name and hang it*).

Não podemos lutar com eficácia contra uma dessas formas do instinto, da necessidade de crueldade, e aceitar outras. O que constitui a fraqueza da luta contra o anti-semitismo, que é apenas a fixação desse instinto numa época e região particulares, é essa discriminação.

Um dos objetivos dos sacrifícios sangrentos é canalizar esse instinto, enfrentá-lo, invocar dos deuses o testemunho da sua e da nossa crueldade, vacinarmo-nos contra suas formas perversas.

Os sacrifícios, que satisfazem nossa necessidade subconsciente de crueldade, juntamente com o estabelecimento de um sistema social que dá lugar a todas as raças, crenças, sistemas sociais, desvios e evita a dominação ou a perseguição de um grupo em relação aos outros, são talvez as únicas maneiras de estabelecer o equilíbrio e o desenvolvimento de uma sociedade justa e humana.

O VEGETARISMO

O vegetarismo não tem lugar no shivaísmo antigo, já que vai de encontro à ordem natural e que a violência feita ao reino vegetal não é essencialmente diferente da feita ao reino animal. A destruição das espécies vegetais e das florestas pode ter conseqüências muito mais graves para a vida terrestre do que a das espécies animais. O vegetarismo é, no entanto, praticado por algumas seitas shivaístas relativamente modernas.

Provém do jainismo e foi tardiamente incorporado ao vedismo e ao shivaísmo, em seguida à reforma budista, que se inspirou no jainismo para se opor aos ritos dos sacrifícios. O budismo não sobreviveu na Índia, mas provocou uma espécie de sincretismo que resultou no hinduísmo moderno tal como ele é praticado pelas classes dirigentes. No entanto, isso não influenciou profundamente o jainismo tradicional nem o shivaísmo sob suas formas populares ou as praticadas pelos iniciados.

Entre os sábios indianos que se estabeleceram na Grécia ou no Egito, alguns eram hindus, mas muitos eram jainistas que, segundo as seitas, vivem nus ou utilizam roupas brancas. A influência jainista é muito evidente no desenvolvimento do orfismo. Sem serem vegetarianos, os pitagóricos, como certos hindus, recusavam-se a tocar na carne de boi e de carneiro.

No hinduísmo, o vegetarismo só é exigido aos brâmanes e negociantes, isto é, uma minoria. É em princípio contrário às regras de vida

dos guerreiros, dos príncipes e dos artesãos. Para banquetes dos quais participam pessoas de diferentes castas, empregam-se cozinheiros brâmanes e a comida é vegetariana.

SOBREVIDA E REENCARNAÇÃO

Os deuses morrem e renascem, mas o shivaísmo antigo só crê numa sobrevida relativa e temporária do ser individual, e, de qualquer modo, não acredita na transmigração. A concepção de um progresso do ser humano através das existências múltiplas é oriunda do jainismo.

"Metafisicamente, a doutrina da reencarnação é inconsistente. É uma simples maneira de indicar a necessidade de uma qualificação privilegiada e natural." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 110) Trata-se de uma tentativa para explicar a injustiça fundamental que faz com que certos homens tenham nascido vigorosos, bonitos, inteligentes, ricos, e outros doentes, deformados, estúpidos, miseráveis. Atribuem-se, portanto, essas diferenças a ações cometidas nas vidas passadas, o que é a doutrina jainista. O shivaísmo não dá a mesma importância ao indivíduo e não crê em sua sobrevida senão sob uma forma temporária e coletiva. A individualidade humana como a de todo ser é formada por um nó, um ponto onde estão ligados diversos elementos tomados da matéria universal, da consciência universal, do intelecto universal, que cercam um fragmento da alma universal indivisível, como o espaço fechado na urna que não é distinto do espaço universal. Na morte, o vaso rompe-se, o nó desfaz-se e cada um dos elementos que constituem o ser humano retorna ao fundo comum, para novamente ser utilizado em outros seres. "À sua fonte retornam os quinze constituintes do corpo e aos seus respectivos deuses todas as divindades dos sentidos. As ações, assim como a alma feita de inteligência, tudo se unifica com o Imortal supremo. Como os rios que correm perdem-se no mar, abandonando nomes e formas, do mesmo modo a alma iluminada, livre de seu nome e de sua forma, funde-se no Homem universal feito de luz, que é mais alto que o mais alto." (*Mundaka Upanishad*, III, 2, 7-8) Pode acontecer que o nó demore a se desfazer completamente. Há, nesse caso, uma sobrevida temporária, estado particularmente penoso que dá origem aos fantasmas. A sobrevida temporária eventual de uma individualidade depois da morte explica por que se constroem para os defuntos túmulos contendo tudo o que é necessário para um período mais ou menos longo. Certos ritos podem tender a prolongar esse estado intermediário a fim de permitir aos vivos que se beneficiem por mais tempo da presença oculta e da influência do defunto. Todavia, isso pode ser um ato cruel em relação à morte.

O paraíso de Shiva não é povoado de sombras, mas unicamente de espíritos celestes. O ensinamento dos Tantras tende a fazer do adepto

um super-homem, um *vîra* (herói) ou um *siddha* (um ser realizado) na vida, de preferência a uma sombra a mais num paraíso superpovoado. Ninguém pensa numa sobrevida para cada flor, mas numa continuidade para cada espécie de flores, tornando-se sempre mais perfeitas. O mesmo acontece em relação a todas as raças humanas. O indivíduo é o resultado da linhagem de seus antepassados e continua em sua descendência. É por isso que é um dever de cada um gerar um filho, a não ser no caso em que, pela prática do tantrismo, procura-se a libertação dos laços do mundo. "Os sábios, que, uma vez libertados dos desejos, adoram esse ser, já não têm que passar pelo sêmen humano." (*Mundaka Upanishad*, III, 2, 1) Toda raça, toda espécie animal ou humana funciona como uma entidade que se perpetua através dos tempos e cujas qualidades e virtudes se transmitem e se acumulam. A mistura das raças e o abastardamento que dela resulta constituem sempre uma regressão, uma dissipação da herança dos antepassados e um risco de diminuição para os descendentes, que nenhum homem responsável tem o direito de assumir.

As alusões a um acesso ao paraíso de Shiva referem-se a homens que dominaram totalmente as ligações do mundo natural, transgrediram todas as barreiras, deixaram de fato de ser homens, mas se tornaram espíritos ou deuses que comandam as forças da natureza, podem alterar o curso dos astros. O céu não pode ser conquistado só pela força, não é ganho pelas virtudes. Raros são os eleitos.

De qualquer modo, os mundos celestes, mesmo se sua duração é imensa em relação à vida terrestre, são mortais. Os céus e os deuses deixarão de existir quando o universo for reabsorvido, quando a matéria, o tempo e o espaço forem anulados. A noção de duração do tempo é apenas relativa, determinada por nossos ritmos vitais. Ela deixa de existir com a vida, e o tempo já não tem então medida. Funde-se numa eternidade intemporal em que falar de sobrevida não tem sentido. Quando o tempo já não tem medida, não há mais diferença entre a duração de uma vida e a de um universo. É durante essa vida mesma que devemos realizar nossa eternidade. Não há razão para supor o tédio de uma sobrevida interminável na qual já não é possível nenhum progresso.

9

Ritos e práticas

OS RITOS

A comunicação entre os diferentes estados de ser, entre os homens, os espíritos e os deuses, pode se dar somente através de técnicas especializadas denominadas ritos, que utilizam as falhas, os pontos de juntura invisíveis onde a comunicação entre diversos mundos é possível. Esses pontos são indicados por sinais, formas, certas disposições de elementos a que podemos chamar símbolos.

Ao dispormos de uma certa maneira os diversos elementos (transistores, circuitos impressos, elementos energéticos), tomamos consciência das mensagens transmitidas pelas ondas hertzianas, presentes por toda parte à nossa volta e, no entanto, não percebidas. É segundo um princípio análogo, que a utilização de um conjunto de elementos de forma, som e energia vai nos permitir comunicar com os estados de ser normalmente imperceptíveis aos nossos sentidos. A isso poderíamos chamar veiculação dos ritos.

Os ritos utilizam, em geral, três componentes principais que são elementos geométricos ou numéricos denominados *yantras*, elementos sonoros e rítmicos denominados *mantras*, e atos simbólicos denominados *tantras*, que incluem certos gestos (*mudras*). Os *yantras* são diagramas dotados de um poder oculto. Baseiam-se em combinações de números e de traçados geométricos que formam harmonias nas quais alguns números primos desempenham um papel essencial. Os números primos e alguns números incomensuráveis, com efeito, têm um papel particular em todas as estruturas do universo, das quais são, de certo modo, os materiais de base. Os *tantras* são práticas de caráter ritual, que comportam atos aparentemente gratuitos, eventualmente certos atos sexuais, permitindo o estabelecimento de contatos entre mundos ou estados de ser diferentes, e também realizar e transmitir poderes mágicos.

Os *mudras* são sinais, gestos e posturas de caráter simbólico, que colocam o ser humano em estado de receptividade.

Os *mantras* são fórmulas sonoras de caráter mágico repetidas segundo ciclos rítmicos. (Ver comentário do *Shiva Purâna*, *Vidyeshvara Samhitâ*, cap. 10, 47)

O adepto deve descobrir no mundo onde vive e em si mesmo os pontos de contato ou de ligação com outros mundos. Deve saber reconhecer no mundo mineral, vegetal, animal, na superfície da terra e em seu próprio corpo, essas formas, esses pontos por onde penetram nele e no mundo as energias fundamentais nas quais se revela o pensamento, a natureza e a ação do Criador. Uma vez determinados esses pontos nevrálgicos, espécies de portas estreitas entre dois mundos, o mecanismo dos diagramas, dos sons, das fórmulas, dos ritmos, das ações e dos gestos permite forçar a entrada e estabelecer a comunicação.

Na descrição dos ritos, deveremos nos limitar aos ritos shivaístas indianos, já que são os únicos cuja tradição viva se manteve e sobre os quais possuímos elementos de experiência e documentos escritos. É sobre essa base que podemos compreender e interpretar os ritos dos mistérios dionisíacos, órficos ou druídicos, cuja tradição não se conservou.

VENERAÇÃO A SHIVA

Antes de tudo: "O fiel deve venerar o Senhor (Ishâna) nas dez direções do espaço, nos oito corpos cósmicos e nos dez órgãos dos sentidos." (*Linga Purâna*, I, cap. 76, 67-73)

O fiel deve, portanto, desde o começo tomar consciência em seu próprio corpo das energias universais que se manifestam nos dez órgãos que são as orelhas, os olhos, o nariz, a pele, por um lado; os pés, as mãos, a boca, o sexo e o ânus, por outro.

Os ritos shivaístas são fundamentalmente ligados ao culto do falo, a imagem mais evidente do princípio criador. Entretanto, para o "herói", o *vîra*, o adepto realizado, é o corpo inteiro cujas diversas partes são a expressão, os símbolos, dos diversos aspectos do divino. O corpo humano aparece, então, como um "sinal", um *Linga*. Torna-se, de certo modo, sexualizado, impregnado pela presença do princípio da vida, que é Shiva.

A parte inferior do corpo é assimilada a Brama (a tendência à orbitação), a parte mediana a Vishnu (a tendência ascendente e centrípeta), os ombros e o rosto, a Shiva (a tendência descendente e centrífuga). Essas três tendências correspondem às três cores: vermelho (Brama), azul-escuro (Vishnu) e branco (Shiva), que vão igualmente desempenhar um papel nos ritos. "No corpo de um fiel de Shiva, a parte abaixo do umbigo é Brama, a parte do umbigo à axila é Vishnu, a

cabeça corresponde ao falo de Shiva." (*Shiva Purâna*, *Vidyeshvara Samhitâ*, cap. 17, 143-146) Encontraremos, com freqüência, no mundo indiano, assim como no mundo grego ou céltico, imagens do deus sob a forma de um falo ereto com um rosto.

No *Linga* de pedra, a base quadrada é assimilada a Brama; a parte mediana octogonal, cercada pela *arghia*, o receptáculo ou emblema feminino, é assimilada à deusa ou a Vishnu; a parte visível do falo ereto é Shiva.

"No Kali Yuga, a veneração ao falo é o que existe de mais eficaz no mundo. Não há símbolo que se lhe compare. O sexo proporciona prazeres neste mundo e a libertação no outro. Afasta de nós os acidentes. Ao venerar o falo, identificamo-nos com Shiva. Nada nos quatro Vedas é tão sagrado quanto a veneração do *Linga*. Esta é a conclusão de todas as tradições." (*Shiva Purâna*, *Videyeshvara Samhitâ*, cap. 21, 25-32)

"O fiel pode realizar os dezesseis ritos [de veneração] do *Linga* sobre o sexo ereto de um homem, de um santo ou a imagem de um deus, sobre um objeto que tomou naturalmente essa forma (*svayambhu*) ou tenha sido modelado na pedra ou no metal e devidamente consagrado." (*Shiva Purâna*, *Vidyeshvara Samhitâ*, cap. II, 30)

Alguns iogues veneram seu próprio sexo, a presença do deus em si mesmos. "O rito de *Nârâchâstra Prayoga* (lançamento do dardo) [isto é, o fazer com que seu próprio sexo fique ereto] é realizado utilizando-se o polegar e o indicador. O fiel repete ritmicamente (*japa*) o *mantra Namas Shivâya* e cobre seu sexo com a mão, repetindo o *tatpurusha mantra*, isto é, a quarta 'fórmula de base' (*bîja mantra*). Isso é chamado de a 'Mão de Shiva' (*Shiva-hasta*)." (*Linga Purâna*, II, cap. 24, 2)

"Os homens que veneram seu próprio falo deverão, em seguida, dar como oferenda a comida com que eles próprios se alimentam." (*Shiva Purâna*, *Vidyeshvara Samhitâ*, cap. 18, 55) Pode-se, igualmente, venerar seu próprio polegar como imagem do *Linga*. No entanto, é sob a forma de uma pedra erguida que o deus é, em geral, mais representado.

INSTALAÇÃO DE UM *LINGA*

Nos santuários de Dioniso eram instalados falos de metal, de madeira ou de pedra, geralmente de grande dimensão. Os Puranas explicam os ritos que acompanham a instalação de um emblema fálico, menir ou outro. Conforme o *Linga Purâna* (II, cap. 47):

"Eis a maneira de instalar o deus sob a forma do *Linga*, para obter a virtude, o prazer, a riqueza e a libertação.

"O *Linga* deve ser feito de pedra. Pode-se também fazê-lo de ouro incrustado de pedras preciosas, de prata ou de cobre. Deve ter um

pedestal com escoamento para água. O alto do *Linga* deve ser suficientemente amplo. O fiel deve limpar bem o *Linga* antes de pô-lo no local. O pedestal representa a deusa; o *Linga*, o Grande Deus em pessoa. Brama reside na base. Vishnu (o princípio feminino), no centro. Rudra, o protetor dos animais, o senhor do mundo, está no topo. Esse senhor dos ganas é venerado por todos os deuses. De preferência, o *Linga* deve ser grande e instalado no meio de um terreno consagrado. É necessário envolvê-lo com um pano e a erva sagrada *dharba*.

"Oito urnas, dedicadas aos guardiãos das direções do espaço, serão colocadas em volta do *Linga*, com um feixe de erva sagrada inserido em cada uma delas. Grãos não-adulterados serão colocados nas urnas decoradas com fitas de diversas cores. Suásticas e outros símbolos de bom augúrio serão traçados sobre essas urnas. O raio (as cópulas eróticas) e outros símbolos estarão ali representados. As urnas cobertas de pano serão dispostas em torno do *Linga*, repetindo-se o *mantra* de Ishâna (o aspecto benévolo do deus). Um dossel disposto acima da imagem será enfumaçado pelo incenso e pela fumaça das luzes. Tapeçarias com os emblemas dos guardiãos das direções do espaço e de seus veículos, tais como o elefante, o búfalo, etc., serão exibidas. Em toda a volta serão presas guirlandas feitas com a erva *dharba* trançada em formas decorativas.

"O fiel banhará o *Linga* com água e o cercará de luzes e incensos durante cinco ou três dias, ou mesmo uma única noite. Durante esse período, passará seu tempo lendo os livros santos, dançando, cantando, tocando *vînâ* e outros instrumentos, acompanhados dos tinidos de guizos. Transportará em seguida o *Linga*, meditando sobre a suástica, colocando-o no local consagrado, onde terá sido instalado o pedestal em forma de vulva ornado de ouro. Um castiçal de cinco chamas será posto ao lado. O pedestal será coberto com um tecido branco. A imagem do deus será fixada no centro. O *Linga* deve ficar de frente para o Leste; uma urna furada, deixando escorrer um delicado fio d'água, será suspensa acima dele para refrescá-lo. [Em Delos, podia-se ver, assim mesmo, um falo erguido sobre um pedestal em forma de receptáculo.]

"O deus será instalado sobre seu pedestal, pronunciando-se os *mantras Namah Shivâya* e *Namohamsa Shivâya*, e recitando-se o hino a Rudra, o *Rudrâdhyaya*, depois de o *Linga* ter sido bem lavado. A oferenda não deve ultrapassar mil moedas de ouro." (*Linga Purâna*, I, cap. 47, 6-45)

A INICIAÇÃO

Certas técnicas rituais vão nos permitir agir sobre as energias latentes presentes no ser humano e, desse modo, transformá-lo, fazer dele o veículo da transmissão de certos poderes, elevá-lo a um plano superior

na hierarquia dos seres, torná-lo uma espécie de semideus ou de super-homem mais próximo do mundo invisível dos espíritos. É esse o papel da iniciação. Tal processo de transformação do ser humano é longo e difícil, é por isso que a iniciação só pode se fazer por graus.

O *pashu* (o homem animal) irá se tornar primeiro um *sâdhaka* (aprendiz), depois um *vîra* (herói) ou adepto, ou seja, um ser que pode dominar e ultrapassar as aparências do mundo material. O grau seguinte é o de *siddha* (realizado), chamado também, entre os tantrikas, de o estágio de *kaula* (membro do grupo), palavra que corresponde ao título de "companheiro" na iniciação maçônica, onde também se encontra o grau de aprendiz. O *kaula* atingiu o "estado de verdade". É só então que se desfazem as barreiras entre o humano e o divino e que o adepto pode ser considerado *divya* (divinizado). Na linguagem dos mistérios greco-romanos, chamava-se de "herói" o adepto, o iniciado. Os graus superiores provavelmente eram mantidos secretos. Essa transformação concerne ao ser humano inteiro. É o próprio corpo que é transfigurado com todas as suas energias funcionais, assim como na concepção cristã é o homem inteiro, físico e mental, que deve ressuscitar, transfigurado, dentre os mortos.

A iniciação é a passagem de um estado de ser para um outro estado de ser. É uma espécie de morte, uma "morte ativa", da qual nasce uma pessoa diferente. Há sempre, portanto, um rito funerário nos ritos de iniciação. Esse rito sobreviveu nas cerimônias de ordenação dos padres católicos.

As representações de cenas de iniciação dionisíaca são freqüentes na decoração das vilas romanas e pompeanas no século I d.C. Não temos descrição dos ritos. Estes são, no entanto, detalhados nos textos shivaístas que podem ser úteis para interpretar as alusões que são feitas aos ritos iniciatórios dionisíacos, órficos, mitráicos, como também os das diversas tradições ulteriores, os gnósticos ou os templários, por exemplo.

Apenas um iniciado pode transmitir poderes a um novo iniciado. Isso é essencial para que a transmissão iniciatória seja válida. É por essa razão que não se pode restabelecer uma tradição interrompida. A iniciação é a transmissão real de uma *shakti*, de um poder, transmissão que toma a forma de uma iluminação. A continuidade da transmissão de um iniciado a um outro é comparável à transmissão de uma chama que acende uma outra. Os iniciados formam grupos de homens diferentes dos outros. Esses grupos são denominados *kula* (famílias) no tantrismo, daí o nome *kaula* (membros da família ou "companheiros") dado a seus adeptos. O *kula* corresponde ao *thiase* dionisíaco.

"O corpo físico do iniciador é uma imagem de Shiva; os serviços que lhe são prestados são equivalentes à veneração ao deus. Serviço significa submissão corporal, mental e verbal..., a oferta de tudo o que se possui, até de seu corpo, ao preceptor. O discípulo deve servir-lhe

a comida, só pegando a sua depois, com a permissão dele... A língua do preceptor é como um sexo que derrama o suco vital dos *mantras* no receptáculo que são as orelhas do aprendiz. Cada membro do preceptor, dos pés à cabeça, é, com efeito, como um sexo, um *Linga*. Para satisfazê-lo, o discípulo deve massagear seus pés, levar-lhe as sandálias, lavá-lo, oferecer-lhe alimento e dinheiro, e todas as outras práticas que podem satisfazê-lo." (*Shiva Purâna, Vidyeshvara Samhitâ*, cap. 18, 86-94)

RITOS DE INICIAÇÃO

Os ritos de iniciação são explicados, minuciosamente, nos Puranas shivaístas e nos Tantras.

"O discípulo deverá venerar seu preceptor sem reticência. Segundo seus meios, pode oferecer a seu mestre elefantes, cavalos, carros, jóias, terras, casas, ornamentos, roupas, grãos diversos...

"O preceptor fará o discípulo tomar um banho após ter verificado suas aptidões. O discípulo ficará com ele e irá servi-lo por um primeiro período de experiência que durará um ano. Depois de escolher um dia favorável, de acordo com os astros, o preceptor conduzirá então o discípulo a um lugar sagrado para praticar os primeiros ritos de iniciação. O lugar pode ser a praia, a margem de um rio, um estábulo, um templo ou um lugar purificado na própria casa do mestre." (*Linga Purâna*, I, caps. 85-86)

O templo de Shiva é sempre o mundo natural, a floresta, a montanha. Os santuários são apenas monumentos em honra do deus. Não são lugares onde se reúnem os fiéis nem onde se praticam os ritos que concernem à vida ordinária dos homens: iniciações, casamentos, funerais, etc. Os ritos iniciatórios realizam-se de preferência na floresta ou à margem dos rios e dos lagos.

"O odor, a cor e o gosto do chão do lugar escolhido devem ser cuidadosamente examinados. Deve-se construir ali um dossel, no centro do qual será traçado com pós coloridos, vermelho e branco, e cinco diamantes, um diagrama em forma de lótus. O iniciado deverá venerar esse diagrama com assiduidade, conforme as fórmulas que recebeu... e instalar ali um *Linga*. Invocará as diversas divindades e os diferentes aspectos de Shiva, depois ordenará ao aprendiz que medite sobre o deus... O iniciador conduzirá em seguida o aprendiz para um local ao Sul do diagrama, onde este deverá dormir numa cama de erva *dharba*. De manhã, um rito de oferenda (*homa*) deve ser realizado com manteiga purificada, repetindo-se cento e oito vezes o mantra de Aghora (*AUM Hamsah...*) que afasta o medo e pelo qual se pode ser purificado dos sonhos nefastos." (*Linga Purâna*, II, cap. 21, 1-58)

Em seguida ocorre o banho ritual.

O banho ritual precedia, para os mistérios de Elêusis, a fase considerada como a mais misteriosa das iniciações. Segundo Plutarco, antes

de sua realização, havia uma abstinência durante dez dias de qualquer relação sexual. A mesma regra é aplicada na Índia.

"Quando o discípulo toma um banho ritual em jejum, deve preparar-se com cuidado e vestir-se com um tecido adequado (sem costura) enrolado na parte inferior do corpo e um xale sobre os ombros." (*Linga Purâna*, II, cap. 21, 39) "Não longe do altar onde foi consagrado o *yantra*, o preceptor vem sentar-se numa almofada de ervas *dharba*. O discípulo deverá estar sentado de frente para o Norte, o preceptor para o Leste... O preceptor tocará levemente nos olhos do noviço, depois irá fechá-los com uma tira de seda repetindo certas fórmulas." (*Shiva Purâna, Vâyavîya Samhitâ*, II, cap. 16, 31-32)

"O noviço é então conduzido ao interior da área de iniciação, cuidadosamente marcada no chão. A entrada situada a Oeste é a melhor para os discípulos de todas as castas, mas em particular para os da casta real, os kshatriyas... O noviço deve dar três voltas em torno da imagem fálica e, segundo seus meios, oferecer ao Deus uma porção de flores misturadas com ouro, ou apenas ouro na falta de flores, recitando o hino a Rudra (*Rudrâidnyaya*). Depois meditará sobre Shiva, repetindo apenas o *prânava*, a sílaba AUM." (*Linga Purâna*, II, cap. 21, 40-42)

Do mesmo modo, no rito dionisíaco, "o iniciado tem a cabeça encoberta e deixa-se guiar pelo oficiante... Uma cesta cheia de frutas e de objetos simbólicos, entre os quais um em forma de falo, é colocada na cabeça do iniciado. O quadro... é um jardim onde se ergue uma árvore: há um ídolo de Dioniso. Mas é um Dioniso que tem caracteres de Priapo e em primeiro lugar o itifalismo" (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 459).

"A venda que cegava o discípulo é tirada em seguida e lhe é mostrado o *yantra*. Fazem então que se acomode num assento de ervas *dharba*, com o rosto voltado para o Sul... Após o quê, acontece o rito de consagração dos princípios dos cinco elementos... O preceptor coloca a mão na cabeça do noviço, enquanto este repete o *mantra* com o qual lançou flores sobre o deus. Borrifa-o com água consagrada a Shiva e aplica cinzas em sua cabeça, repetindo o *mantra* de Aghora*, depois venera o noviço com perfumes e outros ingredientes." (*Linga Purâna*, II, cap. 21, 45)

"Com um rito de oferenda (*homa*), o preceptor tira o discípulo de sua casta, depois integra-o ao grupo dos companheiros de Rudra... Com uma só mão, o preceptor deve tocar em todas as partes do corpo do discípulo que se prosterna diante do mestre, o qual, doravante, representa para ele o deus... O preceptor entra então no corpo do discípulo com o rito da saída da respiração (*prâna-nirgama*). O preceptor aspira

---

* Ver mais adiante, p. 172.

a respiração do discípulo, que penetra em suas veias e em seu coração. Após ter respirado em suas veias, repetindo o *mantra* e fazendo o gesto de anulação (*samhâra mudra*), ele o preencherá aspirando, unindo as duas almas. Retém um momento a respiração unida, o que se denomina a 'urna' (*kumbhaka*), depois, expirando, coloca a respiração no coração do discípulo... Toca-o então e dá-lhe um cordão sagrado... Ao som da música e do canto, verte a água do batismo sobre o discípulo." (*Shiva Purâna, Vâyavîya Samhitâ*, II, cap. 16, 39-56)

O noviço, em seguida, deve realizar diversos ritos expiatórios: rito do fogo, rito da porta, ritos de acender, de pegar, de ligar, de propagar o néctar. Depois vêm os ritos de adoração.

"Os ritos de adoração devem ser realizados na ordem: *samprokshana* (molhar), *tâdana* (apertar), *harana* (tirar), *samyoga* (unir), e *vikshepa* (rejeitar). Em seguida vêm os ritos de inseminação (*arcana*), de gestação (*garbhadhârana*) e de dar à luz (*janana*)...

"O rito solar do conhecimento e da dissolução deve ser realizado primeiro com o *mantra* de *Ishâna*, acompanhado pela sílaba mágica HRÎM, representando o órgão feminino, o *yoni*... O rito termina com os ritos de *uddhâra* (levantar), *prokshana* (molhar) e *tâdana* (apertar), com o *mantra* de Aghora, concluindo com o som mágico PHAT... Durante todo o rito, o preceptor deve guiar o discípulo, segurando seu pulso. O preceptor, em seguida, verte água santa sobre o noviço, que é doravante um companheiro de Shiva... A iniciação acontece na presença de Shiva, do fogo e do preceptor. Após a iniciação, o discípulo deve agir segundo as instruções do preceptor." (*Linga Purâna*, II, cap. 21, 67-75)

"O preceptor, depois de secar o corpo do discípulo, pegará cinza com as duas mãos e a passará no corpo do discípulo, repetindo o nome de Shiva. Murmurará então o *mantra* de Shiva no ouvido do discípulo. Depois, diante do fogo sagrado, repetirão juntos a fórmula da iniciação. O discípulo deverá, em seguida, morar perto do mestre, servi-lo em tudo, executar todos os seus pedidos. Doravante é chamado de *samâya* (integrado)... O mestre dá-lhe então um *Linga* de Shiva. Prende um cordão sagrado na mecha de cabelos que parte do alto da cabeça do discípulo, que permanece em pé, e deixa pendurado esses cordão até seus pés, depois bate em seu peito, ata-o com o cordão, bate em sua cabeça, manda-o sentar e dá-lhe para comer arroz consagrado... Durante a noite, o discípulo deve dormir numa cama de ervas coberta com um lençol novo (não lavado) e consagrado. Pela manhã, o discípulo deve informar ao mestre se sonhou... O cordão sagrado, então, é desfeito e pende da mecha como na véspera. A veneração do *âdhâra* (o centro na base da coluna vertebral) é então efetuada, e os ritos de penetração em todas as espécies de seres vivos, nos deuses, animais, pássaros e homens. Em seguida, são realizados os ritos do novo nascimento... O preceptor purificará o corpo do discípulo das impurezas

deixadas pelos contatos sensuais, libertando-o dos três tipos de ligação. Ao atrair para si a alma do discípulo, como o fizera anteriormente, deposita-a em sua própria alma... Após ter lavado a tesoura, o preceptor cortará a mecha sagrada do discípulo e seu cordão sagrado, queimando-os no fogo consagrado a Shiva. Depois disso, restituirá sua consciência individual ao corpo do discípulo... Após fazer sentar o discípulo, obterá de Shiva a autorização para ensinar-lhe o conhecimento shivaísta... Faz com que repita então o triplo *mantra*: AUM, HRÎM, SHIVÂYA NAMAH. HRÎM. AUM." (*Shiva Purâna, Vayavîya Samhitâ*, II, caps. 16-18, resumidos)

(O vigésimo capítulo do *Shiva Purâna* trata da iniciação do discípulo à categoria de preceptor.)

Para ser iniciado como *Pashupâta* (amigo dos animais), o discípulo deverá, após ter recebido os ensinamentos do preceptor, levar, durante um certo período, a vida de monge errante. "Depois de ter realizado o rito de ablução, de sacrifício e os outros ritos do sol, o discípulo observará os ritos do banho de Shiva, do banho de cinzas e da veneração do deus." (*Linga Purâna*, II, cap. 22, 1) "No quarto dia depois da lua cheia, ele apagará o fogo e reunirá, cuidadosamente, as cinzas. Raspará os cabelos e todos os pêlos do corpo. Pegará então um bocado de barro e passará em todo o corpo, da cabeça aos pés, com os olhos fixos no sol. Depois, tomará um banho e cobrirá todo o seu corpo de cinzas." (*Shiva Purâna*, *Kailâsa Samhitâ*, cap. 16, 18-26) "Em seguida, manterá seus cabelos hirsutos ou os raspará completamente, ou conservará só uma mecha. Em princípio, permanecerá sempre nu. No entanto, se preferir, também poderá usar uma veste cor de açafrão ou uma vestimenta de casca de árvore. Tomará um bastão de peregrino e trará um cordão como cinto." (*Shiva Purâna*, *Vâyavîya Samhitâ*, cap. 33)

Partirá então em peregrinação, mendigando o alimento.

A APLICAÇÃO DAS CINZAS

"As cinzas devem ser aplicadas em trinta e duas partes do corpo ou em dezesseis, oito ou cinco partes, invocando-se as divindades correspondentes.

"Envolve-se a cabeça de cinzas, invocando Agni, o deus do Fogo; a testa, invocando a divindade das águas; as orelhas, invocando a Terra ou Shiva; os olhos, invocando o Vento ou Rudra; as narinas, invocando as direções do Espaço; o pescoço, invocando a Lua; os ombros, invocando Shakti, a potência de realização; os braços, invocando Dhruva, a estrela polar, símbolo da Constância; os cotovelos, invocando Soma, a bebida intoxicante; os pulsos, invocando Vishnu, o Preservador; os quadris, invocando Anala, o Fogo interior; o umbigo, invocando Prajâ-

pati, o senhor dos animais; os testículos, invocando Brama, o Criador; as coxas, invocando os Nâgas, as serpentes; os joelhos, invocando as filhas das serpentes; as panturrilhas e os calcanhares, invocando os Vasus, divindades da riqueza; os pés, invocando as filhas dos sábios; as costas, invocando o Oceano.

"Quando são considerados apenas oito lugares, estes são: o escroto, a testa, as orelhas, os ombros, o peito e o umbigo. As divindades que os presidem são denominadas os Sete Sábios.

"Se o fiel não pode passar cinzas no corpo todo, porá apenas na testa, repetindo *Namah Shivâya* (a Shiva); nos flancos, dizendo *Ishâbhyam Namah* (ao casal divino); nos braços, dizendo *Bîjâbhyam Namah* (às duas sementes); na parte inferior do corpo, dizendo *Pitribhyam Namah* (aos antepassados); na parte superior, invocando a deusa (Umâ) e o senhor (Isha) *Nâmah Umeshâbhyam*; nas costas e na parte posterior da cabeça, invocando o aspecto terrível do deus, dizendo *Namah Bhîmâya*." (*Shiva Purâna*, *Videyshvara Samhitâ*, cap. 24, 97-116)

Os titãs que se apoderam de Zeus também têm o corpo coberto e cinzas ou de gipso. São, portanto, iniciados, cujo grupo cerca o jovem deus. Encontramos esse princípio na iniciação dos adultos das sociedades africanas que, envolvendo o corpo de cinzas esbranquiçadas, transformam-se em seres sobrenaturais.

NYÂSA, O RITO DE APALPAÇÃO

O rito de *nyâsa* (fixação) consiste em acariciar e venerar todas as partes do corpo de um ser humano, pois o homem por inteiro é considerado como a manifestação do deus sob seus diversos aspectos, logo, sua imagem. *Nyâsa* vem de um verbo que significa "pôr, colocar". Trata-se de um processo de imposição e de evocação de energias divinas que estão presentes em certos pontos e órgãos precisos do corpo. "Através de *nyâsa* colocam-se, suscitam-se ou despertam-se diversas divindades, diversas *shakti* nas diferentes zonas do corpo e, particularmente, nos 'pontos de vida'... Se a mão torna-se viva por uma *shakti*, a parte tocada fica viva, a vida divina flui nela, e no órgão material começa a despertar o órgão feito de *vajra* (o raio) ou *sattva guna* (a tendência ascendente)... Passa-se a mão sobre todo o corpo para 'untar' a superfície de 'fluido divino'." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, pp. 162-163)

Encontramos essa prática em todas as tradições mágicas, inclusive na do Ocidente. Num capítulo (III, 13) do *De occulta philosophia* de Agripa (século XV), pode-se ler: "Se um homem capaz de receber o influxo divino conserva sem mácula e purifica um membro ou um órgão qualquer de seu corpo, este torna-se o receptáculo do membro ou do órgão correspondente do deus que se aninha ali como sob um véu. Mas são mistérios demasiado ciosos, dos quais não se pode falar extensivamente em público."

"O corpo não é, de maneira alguma, considerado um inimigo... É característica das escolas tântricas dar ao próprio corpo uma dimensão hiperfísica, estabelecer desse modo relações analógico-mágicas entre macrocósmico e microcósmico... Não se despreza o corpo, assumem-se e exploram-se seus segredos e os poderes nele contidos." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, pp. 162-164 e 105)

Segundo o *Kûlârnava Tantra*: "O corpo é o templo do deus. O ser vivo é a imagem de Sadâshiva, Shiva sob seu aspecto de ser. O adepto pronuncia a fórmula de identidade: 'Eu sou ele.' " A veneração do corpo é, portanto, a veneração do deus do qual ele é a imagem. Veneramos o deus venerando sua obra, mesmo se somos inconscientes desse aspecto divino. De fato, o amor da beleza não é mais que o amor de Deus. Nonnos, em *Dionysiaques* (canto III, 274), pode muito bem falar de "apalpação ritual transformada em carícia amorosa".

Segundo o *Linga Purâna* (I, cap. 85):

"O rito de *nyâsa* (fixação) conduz a todas as realizações (*siddhi*). É praticado de três maneiras que podem ser relacionadas com o crescimento, a duração e o declínio do mundo e dos seres. O aprendiz pratica o rito sob a forma que se refere ao crescimento (*utpatti*), o homem maduro sob o aspecto da duração (*sthiti*), o asceta sob o aspecto do declínio (*samhriti*).

"A apalpação (*nyâsa*) pode ser de três espécies: dos membros (*anganyâsa*), das mãos (*karanyâsa*), e do corpo (*dehanyâsa*). Deve-se, em primeiro lugar, realizar o *nyâsa* da mão, depois o do corpo, e em seguida o dos membros. O contato deve começar pela cabeça e terminar pelos pés, no *nyâsa* de crescimento. Começa pelos pés e termina pela cabeça no do declínio. O *nyâsa* do coração, do rosto e do pescoço é o da duração.

"Quando se pratica o *nyâsa* das mãos, começando pelo polegar da mão direita, terminando pelo polegar da mão esquerda e concentrando-se em cada falange de cada dedo, é o *nyâsa* do crescimento. Se é feito na ordem inversa, é um *nyâsa* do declínio. Para o *nyâsa* da duração, começa-se pelo polegar e termina-se pelo mindinho de cada mão.

"Em seguida, deve-se praticar o *nyâsa* do corpo, depois, o dos membros, em primeiro lugar, no conjunto do corpo, depois, em cada parte, e, depois, em cada dedo, pronunciando a cada vez a fórmula sagrada correspondente, precedida e seguida pela sílaba AUM.

"O praticante deve ficar de frente para o Leste ou para o Norte, ter lavado os pés, estar limpo e atento. Deve concentrar o pensamento no antepassado, no rito, na divindade, na semente (*bîja*) ou sílaba mágica, na energia (*shakti*), na alma, e na pessoa de seu preceptor. Repetindo a fórmula sagrada, o *mantra*, deve secar as mãos [da pessoa venerada] e fixar a sílaba AUM nas palmas das mãos, na primeira e na última falange de cada dedo. Fixará a semente (*bîja*) [aqui uma sílaba

mágica] com o ponto limite (*bindu*) [aqui, a nasalização da sílaba] nas cinco falanges centrais.

"Conforme a ordem das etapas da vida, fará o *nyâsa* de crescimento e os outros com suas duas mãos, começando pelos pés e terminando pela cabeça. Ao repetir o *mantra* ao qual a sílaba AUM é associada, tocará o corpo:

"1. Na cabeça, no rosto, no pescoço, no coração, no sexo, e nos dois pés.

"2. No sexo, no coração, no pescoço, no meio do rosto e na cabeça.

"3. No coração, no sexo, nos pés, na cabeça, no rosto e no pescoço.

"Tendo, desse modo, tocado os membros [da pessoa que ele venera], o praticante meditará sobre os cinco rostos de Shiva. Começando pela face ao Leste e terminando pela que olha para o alto. Irá se concentrar nas cinco sílabas do *mantra*, começando por *Na*, na ordem (*Na*, *Mo*, *Shi*, *Vâ*, *Ya*). Em seguida, efetuará o *nyâsa* dos seis membros em seus respectivos lugares e aí tendo prazer.

"O *nyâsa* será acompanhado pelas sílabas mágicas de oferenda aos deuses, que são Namas (Obediência), Svâhâ, Vasa, Hum, Vausat e Phat. No *mantra* de Shiva:

"*Aum* é o coração, a própria natureza do deus.

"*Na* corresponde à cabeça, à cor amarela, ao Leste, ao rei do céu Indra.

"*Mo* corresponde à mecha de cabelos, à cor negra, ao Sul, ao aspecto destruidor de Shiva (Rudra).

"*Shi* corresponde à boca, à cor cinza, ao Oeste, a Vishnu, o princípio conservador ou feminino.

"*Va* corresponde ao olho, à cor dourada, ao Norte, ao Criador Brama.

"*Ya* corresponde à flecha (o sexo), à cor vermelha, ao Zênite, a Skanda, o jovem deus.

"Os deuses dos Quatro Cantos do espaço, começando pelo Sudeste, são respectivamente:

"No Sudeste, Vighnesha, que afasta os obstáculos.

"No Nordeste, Durgâ, o Inatingível.

"No Noroeste, Kshetrajña, o Conhecimento do campo de ação.

"No Sudoeste, Nirriti, o Declínio e a Morte.

"O praticante irá fixá-los com a ponta do polegar apoiado na ponta do indicador e com um grande sorriso. Dizendo 'Proteja-nos', venerará cada uma das quatro divindades sucessivamente." (*Linga Purâna*, I, cap. 85)

"No rito de *nyâsa*, os aspectos *Aghora* (favoráveis) de Shiva estão alojados nas oito partes do corpo: no coração, no pescoço, nos ombros, no umbigo, no ventre, nas costas, no peito. Em compensação, treze partes (*kalâ*) do corpo correspondem a seu aspecto mágico (*Vâmadeva*). São o ânus, o pênis, as coxas, os joelhos, as panturrilhas, as nádegas,

os quadris, as partes laterais, o nariz, a cabeça e os braços." (*Shiva Purâna, Vâyavîya Samhitâ*, II, cap. 22)

"O *bhakta* perfeito praticará o *nyâsa* da mão e dos dedos, começando pelo indicador, com seu próprio polegar. Executará também o *nyâsa* do centro do pescoço. O *bhakta* esclarecido será purificado pelo rito de *nyâsa*... Repetirá o *mantra* de cinco sílabas que lhe foi transmitido pela graça de seu preceptor." (*Linga Purâna*, I, cap. 85, 79-82)

PANCHA-TATTVA, O RITUAL SECRETO DOS CINCO ELEMENTOS

O ponto de vista próprio à via tântrica, a via da Mão esquerda, a via dos "mistérios", é o de transformar o negativo em positivo, utilizar, como abertura para o princípio criador, as funções físicas mais elementares, que são as primeiras a se manifestarem, portanto, as primeiras bases da criação. O "ritual dos cinco elementos" (*pancha-tattva*) refere-se à utilização das funções vitais essenciais do ser vivo, como base de todo desenvolvimento. No tantrismo, hindu e shivaísta, esse "ritual secreto" é reservado ao *vîra* (herói), isto é, ao adepto iniciado, que é a força e a vontade de conquistar, de vencer a matéria e as forças que mantêm o homem a ferros. Aqueles que pretendem ignorar ou deixar indefinidas as funções essenciais da vida estão fadados ao fracasso, pois o homem é uma entidade indivisível e deve permanecer consciente do fato de que antes de pensar ele deve viver, isto é, alimentar-se (matar), excretar, reproduzir-se. Essas são as bases de toda vida, de toda possibilidade de existir, logo, de todo pensamento, de toda consciência, de toda espiritualidade, de toda realização. "Sem o ritual do *pancha-tattva*, não é possível alcançar a realização (*siddhi*) e dificuldades serão encontradas a cada passo." (*Mahânirvâna Tantra*, V, 13) "Tudo o que o *pashu*, o homem animal, executa de maneira obtusa, conforme o mundo tamásico da necessidade e do desejo, deve ser vivido pelo *vîra* (o herói, o adepto)... com um fundo cósmico." (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 179)

O herói, o *vîra*, o homem realizado, domina as forças que o cercam. Não é atingido pelo declínio ou pela doença e escolhe a hora de sua morte. Contrasta fortemente com o homem materialista, agressivo e ambicioso, que não é senão o joguete de suas próprias paixões e das forças sutis que as inspiram.

No *pancha-tattva*, as cinco funções vitais essenciais são relacionadas aos cinco elementos correspondentes: a audição (éter), a visão (fogo), o tato (ar), o paladar (água), o olfato (terra). No ritual, a função sexual (*maîthuna*) simboliza o éter, o vinho e outras substâncias intoxicantes (*madya*) do ar; a carne (*mâmsa*), o fogo; a urina (*mutra*), a água; os excrementos (*mala*), a terra. Em certas tradições do Tantra, substitui-se

simbolicamente a urina pelo peixe (*matsya*) e os excrementos por certos cereais (*mudrâ*). Em sânscrito, os nomes das cinco substâncias começam pela letra M. O ritual secreto tântrico é, conseqüentemente, chamado de o ritual dos cinco M (*pancha-makara*).

As cinco substâncias do *pancha-tattva*... correspondem igualmente aos cinco *vâyus* (ares) ou *prânas* (respirações) principais, que são as formas fundamentais da energia vital. O princípio éter, a corrente sutil solar, manifesta-se no Prâna, a respiração ritualmente controlada com a ajuda do ato sexual. O princípio ar manifesta-se no Apâna, o poder de eliminação ritualmente controlado com a ajuda de substâncias tóxicas. O princípio fogo manifesta-se no Sumâna, o poder de assimilação, de digestão, ritualmente controlado pelo consumo da carne. O princípio água manifesta-se no Vyâna, a circulação do sangue e dos outros fluidos internos, ritualmente controlado com a ajuda da urina ou do peixe. O princípio terra manifesta-se no Udâna, a energia muscular e motora ritualmente controlada com o auxílio dos excrementos ou de outras substâncias simbolicamente equivalentes.

A utilização das bebidas embriagadoras no quadro do *pancha-tattva* é tida como capaz de dar juventude aos homens maduros, assim como a carne aumenta a inteligência e a energia.

OS RITOS MÁGICOS DE AGHORA

Aghora, o "Não-Terrível", é um nome que, para agradá-lo, se dá ao aspecto destruidor de Shiva. Os ritos de Aghora servem principalmente para a magia negra, para arruinar ou destruir um inimigo. São descritos no *Linga Purâna* para o uso dos mágicos do rei, mas são utilizados correntemente por pessoas comuns, até hoje. Numa das formas dos ritos de Aghora, que tem por objetivo a destruição de um inimigo, "o oficiante cava furiosamente buracos e coloca as efígies dos inimigos do rei, a cabeça para baixo e os pés para cima. Traz, em seguida, um tição retirado de uma pira fúnebre e acende o fogo em silêncio. Repetindo o *mantra* de Aghora, o oficiante pega um crânio humano e enche-o de unhas e cabelos humanos, carvões, espigas, roupa manchada, cascas, detritos, dentes de serpente venenosa, de touro e de vaca, unhas e dentes de tigre, dentes de gato, de mangusto e de javali, repetindo cento e oito vezes o *mantra* de Aghora. [Essa lista é apenas indicativa. Essenciais na prática corrente são os cabelos, as aparas de unhas, os panos maculados e dentes de animais.] O crânio e seu conteúdo são então envolvidos num pedaço de mortalha tirado de um morto. O todo é enterrado num campo, numa casa ou cemitério no território do inimigo. Quando o Sol entrar no oitavo signo do zodíaco ou por ocasião de um eclipse do Sol, será preciso repetir o *mantra* e o inimigo estará arruinado ou morrerá... Se esse rito for realizado contra um parente, irá voltar-se contra o oficiante" (*Linga Purâna*, II, cap. 50, 33-48).

O *mantra* de Aghora é formado de trinta e duas sílabas: "*Aghore bhyo-tha, glorebhyo, ghora, ghoratare-bhyah, sarve-bhyah, sarva-sharve-bhyo, namaste-stu, Rudra rupe-bhyah.*" (*Linga Purâna*, II, cap. 27. 238) "Venero Aghora, o terrível, mais terrível que o terrível. Venero todos os arqueiros divinos (*sharva*), a forma de Shiva destruidor." Num *mantra* desse tipo, o sentido aparente tem apenas valor mnemotécnico. Algumas das sílabas têm um sentido mágico e secreto. O ritmo de elocução, que representa um papel essencial, só pode ser aprendido oralmente.

O BRAHMACHÂRYA OU A VAGUEAÇÃO

A "viagem" é sempre um símbolo da experiência iniciatória. Denomina-se Brahmachâri ("Errante na imensidão") um aprendiz ou um monge errante que busca adquirir o saber e o conhecimento e que, para isso, deve renunciar, por certo tempo, a todas as preocupações materiais e mendigar seu alimento. Na primeira parte de sua vida, todo homem deve consagrar-se essencialmente ao estudo. Depois disso, deve praticar a vagueação e passar pelas provas iniciatórias. Só em seguida poderá participar da vida social e ritual e casar-se.

"Para ser liberado, deve-se satisfazer aos sábios pelo estudo, em seguida, aos deuses pelos sacrifícios, e, afinal, aos ancestrais, engendrando filhos." (*Shiva Purâna, Vâyavîya Samhitâ*, II, cap. 12, 32) Na vida prática, o rito da vagueação pode ser puramente simbólico. Antes dos ritos do casamento, o futuro esposo pega o bastão e a roupa do errante, sai por uma porta da casa e entra por uma outra. No mundo dionisíaco, o jovem homem, antes do casamento, também devia abandonar a casa paterna, partir para o campo ou para a montanha, retornar, de certo modo, à vida selvagem, e receber algumas formas de iniciação.

A vida errante é obrigatória para os monges e principalmente para os grandes iniciados shivaístas que renunciaram de maneira definitiva ao mundo, que ensinam de povoado em povoado. Não pode existir nenhuma organização material, nenhuma igreja ou monastério, na tradição shivaísta. Os chefes da hierarquia, os Shankarâcharyas, são monges errantes, que possuem apenas uma vestimenta de algodão drapejado, de cor alaranjada, e um recipiente de cobre para suas abluções.

"No momento de renunciar ao mundo, o candidato à vagueação deve convidar dois sacerdotes, lavar-lhes os pés, oferecer-lhes comida, dar-lhes roupas e dinheiro. Levando apenas uma tanga, um cordão sagrado e um bastão, assim como os acessórios dos ritos de oferendas, deve retirar-se para a beira do mar, para uma montanha ou para perto de um rio onde efetuará os ritos." (*Shiva Purâna*, *ibid.*, 85-87)

"O homem que procura alcançar o conhecimento deve de preferência viver na floresta (*vanaprastha*), livre de qualquer preocupação

material. Deve encontrar para si um mestre qualificado e fazer tudo para agradá-lo e servi-lo." (*Shiva Purâna*, *ibid.*, 32-33)

O monge shivaísta é chamado de Sannyâsi, de *sannyâsa* (abandono total de todos os bens). Se não for errante, pode retirar-se para a floresta. Graças à ioga, aprende a linguagem dos animais, e estes vêm a ele sem medo, obedecem-lhe e seguem seus ensinamentos. Encontra-se, às vezes, um desses ascetas nus nas florestas da Índia central. Outros retiram-se para porões ou celas nas montanhas. Jamais vêem alguém, alimentam-se de frutas e raízes. Em alguns casos, fiéis levam-lhes comida, deixando-a a certa distância. As celas inacessíveis dos solitários do monte Atos são provavelmente antigos ermitérios de reclusos dionisíacos. De vez em quando lhes são fornecidas algumas provisões, que chegam a suas celas através de cordas.

Emprega-se, com freqüência, hoje, a palavra *brahmachâri*, com o significado de "casto", mas a castidade é uma noção ambígua. Nenhum homem é casto, já que de uma maneira ou de outra emite periodicamente seu sêmen, nem que seja dormindo. O que é proibido ao Brahmachâri não são as práticas sexuais, são os vínculos e particularmente os atos reprodutores, que, por suas conseqüências, o ligam à sociedade, privando-o de sua liberdade. O Brahmachâri não deve ter ligação que implique riscos de concepção. Deve ser, de qualquer modo, econômico com seu sêmen, consagrando-se ao estudo. Por outro lado, em certos ritos, é um Brahmachâri quem deve unir-se ritualmente com uma prostituta. A palavra *brahmachâri* corresponde mais ou menos a bacharel. A idéia de castidade não está necessariamente implicada. Shiva, com freqüência, é representado sob a forma de um Brahmachâri, de um jovem asceta errante, cuja aparência perturba todos os seres e inspira-lhes desejo.

RITOS FÚNEBRES

O mundo shivaísta distingue-se claramente do mundo ariano védico pelos ritos fúnebres. Na tradição shivaísta, constroem-se moradas para os mortos; na tradição ariana, edificam-se piras. Os semitas, em geral, enterram simplesmente seus mortos sem acessórios. Existe uma quarta maneira de dispor defuntos, que é abandonar os corpos para que sejam comidos pelos animais ou eventualmente pelo homem. Os pársis põem os corpos dentro de cercados para que sejam devorados pelos abutres. Os "kafirs" do Pamir os colocam sobre as montanhas. Essas diversas práticas são, quando possível, interpenetradas. No entanto, onde encontramos moradas mortuárias com as características e os acessórios das moradas dos vivos, a influência do shivaísmo é aparente, quer se trate dos egípcios, dos etruscos ou do povo dos dólmens.

"A cremação não é permitida para os adeptos. Eles devem retornar à terra... No momento da morte, os outros adeptos reúnem-se em volta do moribundo. Falam-lhe do esplendor de Shiva até que a morte sobrevenha... O corpo é lavado com água, venerado com flores. Os *mantras* da deusa, de Shiva, da Iluminação, assim como passagens do *Rudra Sûkta* são recitados. O corpo é borrifado com água contida numa concha. Uma flor é disposta na cabeça e o corpo enxuto, repetindo-se a sílaba AUM. Põe-se uma tanga nova. O corpo é recoberto de cinzas, segundo as regras. A tripla marca (*tripundra*) é desenhada na testa, que é untada de pasta de sândalo, conforme os ritos. O corpo é, em seguida, ornado de guirlandas e de flores. Cordões de grãos de Rudraksha são colocados no peito e em volta do pescoço, da cabeça, dos braços, dos pulsos e das orelhas.

"Queima-se incenso. Coloca-se então o corpo sentado e amarrado com cordinhas sobre um palanquim decorado com guirlandas de flores perfumadas... O corpo é levado em procissão por cinco carregadores em volta do povoado. O cortejo é acompanhado por danças, música e pelo canto dos *mantras*.

"Os adeptos cavam um túmulo da profundidade de um bastão de peregrino num lugar favorável, perto de uma árvore sagrada que esteja na direção do Leste ou do Norte. Cobre-se o fundo de uma cama de erva *dharba*. Um tecido, uma pele de gamo ou uma esteira de erva *dharba* é colocada por cima. Borrifa-se então o corpo com gotas dos cinco produtos da vaca (leite, coalhada, manteiga, esterco e urina) e com água contida numa concha, repetindo os *mantras* do *Rudrasûkta* e a sílaba AUM. Uma flor é posta na cabeça... O corpo é colocado no túmulo, sentado em postura de ioga, de frente para o Leste. É decorado com flores perfumadas. Queima-se incenso. Um bastão é posto na mão direita, uma taça cheia de água na mão esquerda. Toca-se então na cabeça e no meio das sobrancelhas, repetindo os *mantras* de Shiva. O crânio então é partido com um coco e o túmulo fechado.

"Uma plataforma de dois cúbitos (*aratni*) de comprimento e um cúbito de altura é construída sobre o túmulo. É coberta com uma camada de esterco de vaca. Um *yantra* é desenhado no centro e venerado com flores perfumadas, folhas de Bilva e de Tulsi, e cereais. Agitam-se tochas por cima do túmulo queima-se incenso. Oferendas de leite e de alimento são em seguida deixadas no cômoro da sepultura, cuja circum-ambulação é feita pelos adeptos. Em seguida, eles se prosternam cinco vezes." (*Shiva Purâna, Kailasa Samhitâ*, cap. 21)

São previstas cerimônias em torno do túmulo para o décimo-primeiro e o décimo-segundo dias após a morte.

No sul da Índia, ainda podem ser vistas essas alegres procissões fúnebres que assemelham-se ao séquito de Dioniso, com músicos, dançarinos e expressões de alegria. O morto é sentado num carro numa postura de ioga e mantido por cordinhas. A procissão erra ao acaso

e, ao encontrar o "estrangeiro", o enviado dos deuses, pergunta-lhe "onde se encontra a magnífica morada do senhor X...". O estrangeiro indica a direção da câmara subterrânea em que o morto irá repousar com os acessórios necessários para a sua viagem ao outro mundo.

Entre os etruscos, as danças báquicas precediam as procissões fúnebres. Segundo Denys d'Halicarnasse, os dançarinos fantasiavam-se de sátiros. Na prática minoense pré-ariana, assim como entre os etruscos, o costume era o enterro nas câmaras abobadadas circulares, denominadas *tholos*, semelhantes aos *stupas* búdicos. Os *trulli* da Apúlia, no sul da Itália, que hoje servem como habitações, eram, na origem, *tholos*. Os ritos funerários pré-célticos entre os dólmens parecem terem sido semelhantes àqueles descritos nos Puranas. A ruptura ritual do crânio, muitas vezes, foi mal interpretada e considerada como um acidente de guerra, as necrópoles tomadas por campos de batalha.

Algumas seitas shivaístas modernas praticam hoje a cremação segundo o costume ariano. O enterro continua, entretanto, a ser feito pelo método usual, principalmente no sul da Índia. Para os iogues que morrem voluntariamente, interrompendo eles mesmos as batidas do coração, são construídas câmaras funerárias à sua volta, sem que seus corpos sejam tocados.

10

O deus da dança e do teatro

O DEUS DA DANÇA

Segundo a cosmologia hindu, o universo não tem substância. A matéria, a vida e o pensamento são apenas relações energéticas, ritmo, movimento e atração mútua. Podemos então conceber o princípio, que dá origem aos mundos, às diversas formas de ser, como um princípio harmônico e rítmico, simbolizado pelo ritmo dos tambores, pelos movimentos da dança. Shiva, na qualidade de princípio criador, não profere o mundo, dança-o. "Quaisquer que tenham sido as origens da dança de Shiva, ela tornou-se com o tempo a imagem mais clara da atividade de Deus, que nenhuma arte ou religião pode vangloriar-se de ter inventado." (Ananda Coomaraswany, *The Dance of Shiva*, p. 67)

Segundo o escritor grego Luciano (século II d.C.): "Parece que a dança surgiu no começo de todas as coisas e manifestou-se ao mesmo tempo que Eros, o antigo, pois vemos essa primeira dança aparecer claramente no bailado das constelações e nos movimentos imbricados dos planetas e das estrelas e suas relações numa harmonia ordenada."

Shiva, como manifestação da energia rítmica primordial, é o "senhor da dança" (*Nata-râja*). O universo cósmico é seu teatro. É o dançarino itifálico princípio de toda vida. O que liga o Criador à criação, o ser divino ao mundo aparente, pode ser exprimido em termos de ritmo, de movimento, de dança. O Criador dança o mundo, e, por analogia, a dança dos homens pode ser encarada como um rito, como um dos meios pelos quais iremos poder remontar à origem das coisas, aproximarmo-nos do divino, unirmo-nos a ele. A embriaguez erótica e a dança extática são os meios mais diretos para estabelecer contato com o sobrenatural.

Todas as formas de danças e de espetáculos de teatro estão sob a égide de Dioniso, que é invocado no início de cada espetáculo. Shiva é do mesmo modo invocado antes de toda dança ou espetáculo. O maior título de glória de Dioniso foi ter dado origem ao ditirambo e aos concur-

sos dramáticos. Segundo a *Biblioteca* de Apolodoro, foi em seguida a uma expedição de dois anos à Índia que Dioniso organizou audições musicais. Segundo Eurípides, ele havia inventado a flauta e o tamborim. O tambor de Shiva, o *damaru*, em forma de ampulheta, é feito de dois crânios humanos, para lembrar que a vida nasce da morte. É preciso distinguir várias formas de dança: dança ritual ou simbólica, dança extática, dança lúbrica e teatro dançado. As formas e os objetivos são diferentes, mas todas estão ligadas ao culto de Shiva-Dioniso e estão sob sua égide.

As danças rituais, geralmente realizadas em grupo, evocam, por suas figuras, seus ritmos, os movimentos dos astros e os ritmos da criação. Segundo Luciano (*Peri Orcheseos*, XV, 177): "É impossível encontrar um único mistério antigo onde não haja dança." Nas cerimônias religiosas cretenses e micênicas, as procissões e as danças ocupavam um lugar importante. Trata-se de danças do touro, de danças eróticas, de danças labirínticas. Segundo Plutarco (*Teseu*, 22): "Teseu, em Delos, executou com os jovens uma dança que, diz-se, ainda é dançada hoje entre os habitantes de Delos; ela imita as voltas e as curvas do labirinto e decorre num movimento rítmico feito de contínuas evoluções e desvios." A dança do labirinto, entre os romanos, é mencionada por Virgílio, Plínio, Tácito e Suetônio. Danças semelhantes em espiral ainda são praticadas pelas tribos *muda* da Índia. Subsistem danças análogas entre os derixes do Oriente Médio, oriundas das danças astrológicas dos parses. De fato, muitas danças que chamamos de populares ou folclóricas têm, na origem, um caráter de farândolas rituais, e são praticadas por ocasião de ritos de festas religiosas, de casamentos, etc.

No templo shivaísta, o saguão de dança é um elemento essencial. As dançarinas sagradas compõem o grupo de pessoas que servem no templo. A dança é, freqüentemente, associada à prostituição ritual.

KÎRTANA E DITIRAMBO

A dança extática, individual ou coletiva, não é um espetáculo e, em geral, não é pública. Concerne apenas àqueles que a praticam. É uma técnica que utiliza certos movimentos destinados a provocar uma intoxicação, um estado de transe. É o próprio Shiva que a revela aos homens. É uma parte essencial do culto dionisíaco. É a dança das mênades e das bacantes, cujos movimentos e ritmos encontraremos nas danças extáticas da Índia.

O *kîrtana* (canto de glória) hindu, que corresponde ao ditirambo grego, é um rito no qual os fiéis, guiados por um recitante, cantam louvores ao deus, praticando danças com movimentos ritmados que provocam estados de transe, durante os quais podem se manifestar entre os participantes poderes proféticos.

Na embriaguez e na dança orgiástica da Índia, os fiéis podem ser possuídos por diversos espíritos (*bhûta*), gênios, deuses ou deusas que falam por sua boca. Encontramos a mesma concepção em Eurípides: "Estás possuído por Pã ou por Hécata, pelos terríveis coribantes ou pela Mãe das montanhas?"

Os "extáticos", inspirados ou possuídos pelo deus, adquirem percepções do mundo invisível, poderes oraculares e mágicos. No estado hipnótico semi-inconsciente causado pelos ritmos dos tambores e os movimentos da dança, entram em contato com os deuses, com as feras, até mesmo com as pedras, encantando-os. Os vasos antigos e os afrescos reproduziram os movimentos convulsivos e espasmódicos, a flexão do corpo para trás, o reviramento e a agitação da nuca, que podemos observar ainda hoje nas danças extáticas da Índia. Dizia-se que os coribantes eram chamados assim porque sacudiam a cabeça como touros durante suas danças.

No ditirambo, como no *kîrtana*, forma-se um círculo com os participantes, cujo número varia conforme a importância do *thiase*, da congregação. Eles dançam e repetem em coro as palavras cantadas pelo condutor da cerimônia (o *exârchôn* grego). Este salmodia uma lenda do deus. Segundo Píndaro, trata-se de uma *telete*, de uma liturgia que se dança à noite à luz das tochas, mas não é um mistério, e não se excluem os assistentes ocasionais. No ditirambo clássico, o elemento masculino era originalmente preponderante. "A história do culto de Dioniso estaria grandemente interessada na possibilidade de encontrar a forma primitiva da ação ritual, cujo acompanhamento era o ditirambo." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 232-442) Essa forma é encontrada em todos os sentidos no *kîrtana* hindu tal como é praticado atualmente, com seu animador que canta a lenda do deus acompanhado por percussões, flautas ou oboés, enquanto os participantes dançam em círculo, baiançando a cabeça segundo movimentos particulares. Alguns entram aos poucos num estado de transe provocado pelos movimentos ritmados do corpo e da cabeça. Há diversas formas de *kîrtana*, algumas mais refinadas, mais orientadas para uma realização musical de caráter artístico, outras mais populares, mais violentas. É nessas formas violentas que podemos ver certos participantes entrar em transe e, eventualmente, profetizarem.

O modo frígio, recomendado para a música do bacanal, corresponde ao modo (*râga*) Kâfî indiano, utilizado com freqüência em nossos dias para a dança extática. Certos ritmos e sua aceleração gradual desempenham um papel importante, assim como mudanças repentinas da fórmula rítmica que provocam um choque psicológico entre os dançarinos. A tradição do ditirambo manteve-se no *zikr* praticado pelas confrarias de sufis no mundo islâmico. Continuação do rito grego, o *zikr* permanece muito próximo do ditirambo e do *kîrtana* em sua técnica, seu efeito e seus objetivos. É praticado no Irã, na Turquia, na Síria

e também no Marrocos, onde o ritual dos aissauas é uma continuação de um ritual dionisíaco. Os aissauas de Fez praticam, aliás, a omofagia e usam a mecha de cabelos sagrada dos dionisíacos e dos shivaístas.

As danças dionisíacas erótico-místicas continuaram por muito tempo no Ocidente. Os cronistas da Idade Média deixaram descrições notáveis, particularmente daquelas praticadas até o século XIV na região do Reno e das Flandres. As danças dos tarantulados na Apúlia podiam ser observadas ainda recentemente.

Jeanmaire menciona as cerimônias dos nestenarídios, no século passado, nas vilas da Trácia oriental (região de Costi), que representavam a persistência do culto de Dioniso, que foi florescente nas cidades gregas do circuito do mar Negro.

A dança e o ruído dos tambores têm por efeito criar zonas de segurança, afastar as influências nefastas. Encontramos a descrição de seu uso no grande poema épico tâmul do século III, o *Shilappadikaram*. Da mesma forma, segundo Oppien (*Cynegetica*, IV, 237-277): "O ruído feito pelas bacantes em torno do berço de Dioniso tem por efeito subtraí-lo à perseguição de seus inimigos, como o faz a dança dos curetos em volta do berço de Zeus." Um nível sonoro muito alto é útil para provocar estados de transe. O deus do ditirambo é chamado de o Barulhento (Bromios), o Grande Gritador (Eriboas). Shiva também é chamado de o Berrador, o Barulhento.

Pode-se notar no mundo moderno que os jovens, para dançar, encerram-se em locais fechados em que o nível sonoro é muito elevado. Têm aí uma sensação de isolamento, de afastamento das preocupações e das tiranias exteriores, atingindo, depois, um estado de exaltação, que, devidamente orientado, poderia facilmente conduzir a uma forma de embriaguez mística.

Fora as danças de caráter extático, há danças lúbricas nas quais os participantes usam emblemas fálicos e imitam perseguições e atos sexuais. Essas danças ainda são praticadas na Índia e em certas regiões da África do Norte. É a essas danças e representações que Aristóteles atribui a origem da comédia. O séquito de Dioniso, como o de Shiva, é precedido por dançarinos que se entregam a gestos obscenos que, como as imagens eróticas, têm um papel importante no afastamento das potências maléficas. O ato procriador, o ato de vida, opõe-se às forças destruidoras, à potência da morte. O ritmo do ato erótico faz parte dos ritmos da dança.

A dança denominada *Tandava* revela o aspecto de Shiva na qualidade de Bhairava (o Terrível) ou Virabhadra (o Gênio destruidor). Representa-se o deus executando essa dança nos cemitérios e nos locais de cremação. Shiva dança de maneira selvagem, cercado por um grupo de diabretes desenfreados. Está, às vezes, acompanhado pela deusa. Essa dança que o deus ensina aos homens é próxima das danças extáti-

cas. É, às vezes, evocada no teatro, mas faz parte também dos ritos ligados aos sacrifícios e ao orgiasmo.

Há várias descrições literárias da dança de Shiva.

"Tendo instalado a Mãe dos três mundos no trono de ouro ornado de pedras preciosas, o portador do venábulo (Shûlapani) dança nos cumes do monte Kailâsa, rodeado por todos os deuses. Saravastî (deusa das Artes e das Ciências) toca *vînâ*, Indra (o rei do céu), flauta, Brama (o Criador) cuida dos címbalos, marcando o compasso, Lakshmi (a Fortuna) entoa uma canção, Vishnu toca tambor. Todos os deuses os rodeiam.

"Os músicos celestes (gandharvas), os gnomos (patâgas), as serpentes (urâgas), os bem-aventurados (siddhas), os realizados (sâdhyas), os guardiãos do mundo (vidyâdhara), os imortais, as ninfas do céu e todos os habitantes dos três mundos reúnem-se para ver a dança celeste e ouvir a música da orquestra divina na hora do crepúsculo." (*Shiva Pradosha Stotra*)

O TEATRO, QUINTO VEDA

É à narrativa cantada do ditirambo que Aristóteles atribui a origem do teatro. "Originalmente, a tragédia e a comédia surgiram a partir de uma forma de improvisação cantada. A primeira provém dos bardos que conduziam o ditirambo, a segunda, dos que dirigiam os cantos fálicos... Foi Ésquilo quem primeiro levou a dois o número de atores, reduziu as partes do coro e deu o primeiro papel ao discurso." (Aristóteles, *Poética*, IV, 1449 e seguintes)

Observa-se muito bem, na Índia, como a narrativa cantada do *kîrtana* pode desenvolver-se, em primeiro lugar, dividindo a narrativa entre dois parceiros, dando-se a réplica e, daí, numa forma de teatro recitado e mimado. Na Índia, o teatro, a música e a dança são chamados de o quinto Veda, pois são considerados como o meio pelo qual se pode ensinar ao povo, distraindo-o, as lendas dos deuses e as virtudes dos heróis. Do mesmo modo, pôde-se falar na Grécia do teatro como um meio de divulgação do evangelho de Baco.

Diodoro assinala as relações de Dioniso com o teatro e o caráter das associações de profissionais do teatro na qualidade de "artistas dionisíacos". O apadrinhamento de Dioniso às sociedades formadas pelos artistas de teatro não era apenas questão de convenção. Os artistas dionisíacos aparecem muitas vezes como os propagandistas do culto de Dioniso e, sem dúvida, exerceram, nessa condição, uma ação religiosa e ao mesmo tempo política. Os bardos, os atores, os músicos e os dançarinos formam uma classe à parte, de caráter semi-sacerdotal, um pouco à margem da sociedade.

A dança de teatro é uma dança profissional que exige uma técnica difícil, um longo aprendizado e dons artísticos. A linguagem dos gestos (*mudras*) e da mímica (*abhinaya*) são, com o movimento plástico e o ritmo, os seus elementos essenciais. É essa espécie de dança, denominada *lasya*, que é praticada pelas dançarinas sagradas dos templos. Foi a própria deusa quem a ensinou no mundo. Chamam-na hoje *Brârata Nâtyam*, do nome do sábio Bhârata que prescreveu suas regras. Embora dançada exclusivamente por mulheres, essa forma de dança sempre é, segundo a tradição, ensinada por homens. A dança do teatro masculino é representada hoje, principalmente, pelo Kathâkali, o Chhau, o Kuchapuri. Seu ensino é atribuído a Shiva. A linguagem dos gestos é mais ou menos idêntica à de *Bhârata Nâtyam*. Os vários atores-dançarinos representam dramas cujos sujeitos estão sempre ligados à mitologia, às lendas dos deuses e dos heróis. Maquilagens muito carregadas ou máscaras transformam os atores em personagens misteriosos.

O teatro liga-se à magia. O ator, como o poeta, é inspirado. Quando evoca personagens divinos ou heróis, torna-se esses personagens. É uma espécie de médium e o que ele exprime pode até ultrapassar sua própria compreensão. No Kathâkali, o ator, uma vez maquilado, já não é ele mesmo. Tampouco nos dirigimos mais a ele, mas ao personagem que encarna, e o veneramos como tal. Isso constitui uma espécie de sacerdócio que afeta inevitavelmente o próprio ator. O mesmo acontece com o Nô japonês.

O teatro, tanto na Grécia como na Índia, tornou-se uma forma de espetáculo importante, que nos legou um grande número de obras-primas literárias. Na Índia, no entanto, após a quase aniquilação das cortes principescas, em seguida à dominação muçulmana, o teatro falado foi praticamente abolido. Em compensação, as formas populares mais antigas, tais como o *kîrtana* e o teatro dançado, existem até hoje.

A ÁREA DA DANÇA

Parece que, nas formas mais antigas dos ritos de Shiva-Dioniso, o centro do culto era um lugar a céu aberto chamado de "área da dança". Esse recinto sagrado substituía o templo, que era o santuário do deus. Nas tribos primitivas na Índia isso ocorre ainda hoje. A área da dança é considerada no antigo poema épico tâmul, o *Shilappadikaram*, como o santuário do povoado. É onde se estabelecem contatos com o mundo misterioso dos espíritos. Na Creta minoense, as áreas de danças cercadas de arquibancadas eram instalações religiosas. Homero refere-se a essas áreas como "belas praças de dança" (*Callichoros*). "O labirinto de Cnossos pode ter sido uma área ou uma orquestra de desenho solar para a dança mimada de um dançarino, mascarado como um touro, que representava os movimentos do sol." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 102)

Podemos aproximar essa concepção da clareira sagrada dos celtas, mas também do Templo do Céu, terraço sobrelevado do qual os imperadores chineses comunicavam-se com as potências divinas. O mesmo se dá em relação à mesquita islâmica, originalmente, simples recinto a céu aberto. A palavra *templum* vem da raiz *tem* (cortar, tirar, separar), daí *temenos* (recinto sagrado). Na Índia, o templo é um vasto cercado no qual o santuário propriamente dito só ocupa um lugar mínimo.

FESTAS E CORTEJOS

Princípio da vida, Shiva é o deus da Juventude, da Atividade erótica, da Renovação. Suas festas ocorrem na chegada da primavera, no começo do ano (em março-abril, no Hemisfério Norte), quando toda a natureza floresce e lança suas sementes em todas as direções, mas também no outono, quando ela traz seus frutos.

Encontramos em todos os aspectos da existência essa sucessão da morte aparente e da renovação. Shiva, como Dioniso, é um deus da Natureza, da Vegetação. Suas festas são as do solstício de inverno e sobretudo da primavera. Holi, a festa de Shiva, o carnaval indiano, é a festa da primavera. As Grandes Dionisíacas eram celebradas depois da lua cheia de março, logo depois da festa dos Mortos, pois Dioniso traz consigo a primavera, a renovação da vida. As divindades da vegetação, supõe-se, passam uma parte do ano debaixo da terra, no reino dos mortos. É o caso de Dioniso e de Osíris. Shiva é o senhor da morte e da vida. Osíris sobrevive essencialmente como rei dos mortos.

As Grandes Dionisíacas, segundo Platão (*A República*, 475), ocorriam em março-abril. Em compensação, o ano cretense começava no equinócio de outono. Os mistérios de Elêusis aconteciam em setembro (tempo das semeaduras), e as Bacanais dionisíacas no final de outubro, depois das colheitas. Segundo Tucídides, as Antestérias, as mais antigas festas de Dioniso, eram celebradas nas cidades jônicas nos dias 11, 12 e 13 do mês de Antesterião, imediatamente antes da lua cheia de março. Os três dias das Antestérias eram, na realidade, dias nefastos em que apareciam os espíritos dos mortos. As festas são uma espécie de contrapartida. O dia 11 do mês, primeiro dia do *triduum* das festas, chamavam-se *Phithoïgia*, abertura dos *pithoï*. Tirava-se o caráter sagrado do vinho da última colheita. As Liberálias romanas ocorriam em 17 de março. É ainda nessas datas, tendo em conta os dias do mês lunar, que é saboreado e engarrafado o vinho novo na Itália. O dia 11 do mês lunar (*Ekadashi*) é um dia de vigília entre os hindus. A festa orgíaca da Primavera ocorre aproximadamente nas mesmas datas.

Megástenes, que residiu na Índia de 302 a 298 a.C., observa a semelhança dos cortejos de Dioniso com os da Índia. Por ocasião das festas da primavera, chamadas hoje de Holi na Índia, um homem nu,

representando Shiva, revestido de gesso branco ou de cinzas e carregando um tridente, é levado em procissão, cavalgando um asno. O asno é, no mundo animal, o animal intocável, o representante dos humildes; Jesus entrará em Jerusalém montado num asno. Shiva é precedido por uma multidão multicor carregando falos de madeira ou imagens de macacos cujos pênis estão em ereção. Os participantes cantam e dançam, gritam obscenidades e insultos. Muitos passeiam com baldes cheios de água colorida e longas bisnagas com as quais se borrifam uns aos outros, prática substituída em outros lugares por confetes. É o dia em que os oprimidos têm o direito de insultar os poderosos sem que se possa criticá-los por isso. E eles não deixam de fazê-lo.

"As procissões em honra de Ísis, Deméter e Flora, com seus emblemas fálicos, também eram acompanhadas de cantos eróticos e de acasalamentos impudicos encorajados por *Fescennine*, brincadeiras obscenas." (P. Rawson, *Primitive Erotic Art*, p. 74)

"A linguagem impudica e obscena *(aischrologie)*, tão freqüentemente mencionada nos casos de possessão moderna e cujo papel se conhece em algumas ocasiões religiosas na Grécia, pode ser interpretada como um efeito de apaziguamento...

"A associação de Dioniso com as festividades em que se levava em procissão o falo com certeza é antiga... O emblema do falo e as pilhérias que provocavam a procissão solene convinham duplamente a Dioniso sob seu aspecto de deus da alegria e da liberdade das festas." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 170 e 256) As mascaradas são um elemento constante das festas atenienses, nas quais Dioniso ocupava um lugar central. Os seres divinos manifestam sua presença através de desfiles de máscaras. O transporte de emblemas fálicos, a agitação dos bacantes possuídos pelo deus anunciam a entrada triunfal do gênio do ano novo. O erotismo, o travestir-se e a bissexualidade têm também um papel simbólico. Apolônio de Tiana menciona as danças lascivas dos efebos vestidos com tecidos de cor púrpura ou de açafrão. Na Trácia, o cortejo compreendia charruas puxadas por jovens vestidos de mulher. "A libertinagem das Saturnálias... é uma suspensão das leis e dos costumes, pois o comportamento dos sexos é então exatamente o contrário do que deve ser normalmente. A subversão dos comportamentos implica a confusão total dos valores, nota específica de todo ritual orgiástico. Morfologicamente, o travestir-se intersexual e a androginia simbólica são equivalentes a orgias cerimoniais." (M. Eliade, *Méphistophélès et l'Androgyne*, p. 141)

"Nas Dionisíacas atenienses, derivadas das Thiodésias cretenses, a imagem de Dioniso-Eleutério era levada da cidade para um santuário situado perto de Eleuterai, entre a Ática e a Beócia, considerada sua cidade natal. Era escoltado pelos efebos de Atenas... Sacrificavam-se animais, sendo o touro o mais importante, escolhido como 'digno dos deuses'. Sua carne provavelmente era assada e distribuída entre os parti-

cipantes... Após a festa, a procissão voltava à noite, e os efebos conduziam a imagem de Dioniso para o teatro,.onde ele ficava num altar no meio da orquestra, até o fim do festival... Segundo Plutarco, no festival das Oscofórias, dois jovens carregavam ramos de videira em honra a Dioniso e a Ariana, o deus do vinho e sua esposa... Dez efebos provenientes de cada uma das dez tribos, número correspondente aos jovens oferecidos a Minos, formavam o cortejo. Dois deles, que dirigiam a procissão, vestiam-se de mulher." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, pp. 196, 205)

Uma inscrição do século V prescreve aos colonos atenienses da Trácia que enviem todos os anos um falo às Dionisíacas de Atenas. Segundo Demóstenes, um sacristão, brandindo serpentes por cima da cabeça, agitava-se à frente do cortejo. "Dioniso é representado sobre um carro puxado por panteras, tigres ou cervos. Em outros caso, é puxado por dois sátiros. Esse carro tem um esporão em forma de cabeça de porco, a traseira em forma de pescoço de cisne. No interior, dois sátiros nus tocam flauta. Dioniso segura um ramo de videira. Diante do carro, um trombeteiro, um flautista, personagens carregando o altar de perfumes, portadores de guirlandas precedem o touro do sacrifício ornado com faixinhas brancas." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 51)

À sua chegadá, o cortejo é recebido ao som das flautas e dos tamborins por uma multidão de bacantes e de jovens vestidos de sátiros e de Pã, segundo Plutarco. Heródoto observa as mesmas procissões no Egito. Em Éfeso, os fiéis traziam máscaras e falos. Como para as Liberálias romanas, as festas ocorriam à noite e, com a embriaguez, eram a ocasião para comportamentos os mais licenciosos. "Quanto ao resto da festa de Dioniso, os egípcios a celebram em todos os sentidos como os gregos, exceto no que concerne às danças." (Heródoto, 2, 48)

As festas de Shiva ou de Dioniso sempre foram do povo e dos humildes. Na Grécia, era costume convidar a criadagem, como também era na Índia, onde a festa do Holi na primavera é a dos *shudras*, dos escravos, dos artesãos, dos servidores, que nesse dia têm todos os direitos. "Segundo Éforo, durante certos festivais dos servos, na região de Kydonio, nenhum homem livre podia entrar na cidade, os servos eram os senhores e podiam até bater nos homens livres... Segundo Karystios, durante as festas de Hermes, em Creta, os servos festejavam, enquanto os senhores ocupavam-se dos trabalhos domésticos." (R. F. Willetts, *Cretan Cults and Festivals*, p. 287) Ganesha, o Hermes indiano, também é a divindade favorita dos humildes. "Com seu sileno, seu mulo, seus odres e seu cortejo embriagado, o Dioniso das priapéias rústicas, do drama satírico e das danças depois da bebida sempre teve propensão a acanalhar-se." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, p. 156)

Encontramos uma sobrevivência dos cortejos de Shiva e de Dioniso no carnaval, na terceira quinta-feira da quaresma com carros, máscaras, travestis. Festas do 1º de maio das danças mascaradas e das orgias,

hoje muito atenuadas, subsistem na Suíça, na Alemanha, na Espanha. Uma lei especial proíbe os excessos cometidos durante o carnaval em Basiléia. As festas da terça-feira gorda e da terceira quinta-feira da quaresma no mundo cristão, com seu arrebatamento lúbrico num período de jejum e de penitência que precedem a morte do deus, lembram as antestérias vigílias dos dias dos mortos.

As festas de Shiva-Dioniso, onde são evocados outros aspectos do deus, não têm o mesmo caráter de lubricidade. É esse, particularmente, o caso do solstício de inverno, festa do nascimento do deus transferida mais tarde para o *bambino* cristão, que também é a festa do nascimento de Skanda, culto transferido hoje para o menino Krishna. "Na fixação das épocas das festas do ano cristão..., transparece a lembrança de muitas cerimônias da época anterior. Em Delfos, é no inverno que os thiades, isto é, os bacantes do Parnaso, acordam um menino no berço, o *liknites*, que era um pequeno Dioniso cujo reaparecimento era festejado na época do solstício de inverno... A localização da festa do Natal cristão (a partir do século IV) numa data vizinha no calendário... revela o mecanismo em virtude do qual um deus novo se insere num tempo litúrgico preexistente à extensão de seu culto." (H. Jeanmaire, *Dionysos*, pp. 46 e 77) É preciso lembrar que essa data, 25 de dezembro, foi escolhida para festejar o nascimento do menino-deus. Não existe nenhum dado histórico ou tradicional sobre a data do nascimento de Jesus.

11

Vida e sociedade

A VIDA DO *BHAKTA*

As regras de conduta do "participante" (bacante ou *bhakta*), do "companheiro" (kaula), que *deseja* consagrar-se à busca da sabedoria, segundo o *Linga Purâna* (I, cap. 89, 24-29), são cinco: não roubar (*astéya*); vagueação e não-casamento (*brahma-châ rya*); ausência de ambição (*alobha*); renúncia aos bens materiais (*tyâga*) e não-violência (*ahimsâ*). A estas somam-se para os aprendizes: ausência de cólera (*akrodha*); serviço do mestre (*gurusushruta*); limpeza (*shaucha*); moderação na comida (*ahâralâghava*) e estudos (*adhyaya*).

No mundo cristão, os membros das ordens religiosas fazem três votos — de castidade, de pobreza e de obediência —, isto é, eles renunciam, em favor do superior da ordem considerado como representante de "Deus", aos três bens essenciais do homem, o prazer, a riqueza e a liberdade. A diferença entre a concepção cristã e a shivaísta é profunda. O não-casamento não implica necessariamente castidade, mas ausência das responsabilidades sociais que o casamento implica. Não se trata de inexistência de atos sexuais, o que, aliás, é uma impossibilidade prática. Encontramos alguma semelhança na *agéla* grega. A pobreza, a ausência de cobiça e de posse, exclui entre os *bhaktas* a propriedade coletiva, o monastério. O *bhakta* errante é um solitário e um vagabundo. Ele mendiga sua comida e não faz provisões.

A obediência só é uma virtude para o estudante, e, assim mesmo, limitada ao serviço do mestre. O discípulo nunca abdica de seu livre arbítrio, de sua independência. O mestre nunca deve assumir a responsabilidade de impor um modo de vida ou de pensar. Apenas responde às perguntas que lhe são feitas e seu parecer é apenas consultativo.

A limpeza, o cuidado com o corpo, é um dever essencial. O corpo é uma imagem do deus e deve ser considerado como tal. É o instrumento

de todas as realizações. É preciso mantê-lo pelo exercício, pelos banhos, pelas massagens no melhor estado de harmonia física. Todas as funções corporais devem ser consideradas como ritos.

"Devemos nos levantar antes da aurora e realizar nossas funções naturais. Deve ser num lugar afastado de casa, mas abrigado. É preciso agacharmo-nos de frente para o Norte. Nunca devemos fazer as necessidades de frente para a água, para o fogo, para um brâmane ou uma imagem de um deus qualquer. É preciso cobrirmos o sexo com a mão esquerda e a boca com a direita. Não devemos olhar os excrementos. É preciso lavarmo-nos com água contida num recipiente, nunca diretamente num rio ou lago. O ânus deve ser limpo com barro novo, cinco ou três vezes. Para lavarmos o sexo, devemos usar uma bola de barro do tamanho de um pepino.

"Após limparmo-nos, é preciso lavarmos as mãos e os pés e gargarejarmos oito vezes. Em seguida, é preciso limparmos os dentes com uma vareta [de pau de alcaçuz ou de roseira, que mascamos para fazer uma espécie de escova], mas não devemos introduzir o dedo na boca. Depois disso, é preciso tomarmos um banho de acordo com os ritos." (*Shiva Purâna, Vidyeshvara Samhitâ*, cap. 13)

Hesíodo menciona regras semelhantes entre os gregos: "Evita, quando surge a aurora, oferecer a Zeus libações com mãos que não lavaste, tampouco aos outros deuses; saibas que não te escutam e desprezam tuas preces. Não urina em pé, voltado para o sol; e, desde a hora em que ele se põe até a hora em que nasce, lembra-te de não urinar no caminho, nem avançando para fora do caminho, tampouco erguendo tua túnica... O homem piedoso e prudente agacha-se ou aproxima-se da parede do pátio bem fechado... Nunca urines na foz dos rios que se precipitam no mar, nem perto das fontes; evita-o cuidadosamente; não te banhes, tampouco, ali; isso não é bom." (Hesíodo, *Les travaux et les jours*, 725-732 e 755-760)

Um banho ritual é imprescindível antes da refeição, após uma relação sexual ou depois de um contato com qualquer pessoa, ou com um objeto não-purificado. O banho deve ser tomado num rio ou num lago, ou então com água que deles provém diretamente. Quando isso não é possível, fórmulas rituais permitem transmutar a água em água do Ganges.

As vestes rituais, que se devem usar também para as refeições, devem ser sem costura e lavadas apenas com ervas saponáceas, sem utilizar-se sabão. O sabão, aliás, é proibido para os banhos rituais. Utiliza-se barro ou óleo. Jesus, na qualidade de iniciado, usava uma veste sem costura. Os muçulmanos, em Meca, ainda observam essa regra. A disciplina alimentar é muito estrita. A comida deve ser preparada pela própria pessoa, ou, na impossibilidade de que isso ocorra, pode ser preparada por alguém da família ou que observa todas as regras de pureza ritual da casta à qual se pertence. Só se deve comer carne

de animais sacrificados de acordo com os ritos. É o caso particularmente dos animais sagrados, tais como os boviños. Apenas a mão direita é utilizada para tocar-se na comida. Logo quebra-se qualquer taça que tenha tocado nos lábios.

A MULHER

A sociedade shivaísta é originalmente matriarcal. A propriedade, a casa, as terras, os servidores pertencem às mulheres. O homem é apenas um fecundador, um errante que se interessa pelas artes, pela guerra, pelo jogo, ou então consagra-se à vida intelectual ou espiritual. Nas sociedades sedentárias que se dedicam à agricultura, a propriedade normalmente é da mulher, a herança passa de mãe para filha. O dote é um remanescente desse sistema. Em compensação, nas sociedades nômades, baseadas na criação de animais, quem predomina é o homem. A mulher é comprada. O principal problema das sociedades oriundas das invasões arianas reside no fato de que elas se tornaram sociedades sedentárias ao mesmo tempo em que mantiveram um sistema patriarcal de sociedade nômade. A mulher representa a propriedade, o mundo material, a escravidão do homem.

Segundo os Puranas, os primeiros homens eram sábios que praticavam a meditação e os ritos. Reproduziam-se por uma projeção do espírito. O poder que adquiriram por seus méritos tornou-se uma ameaça para os deuses. Foi então que estes criaram a mulher e a reprodução através do ato sexual, para desviar os homens de suas virtudes e destruir seu poder. Segundo Hesíodo, a mulher foi criada por Zeus para castigar os humanos. "A raça humana vivia antes na Terra, afastada e protegida das penas, da fadiga, das doenças dolorosas que trazem a morte aos homens. Mas a mulher... dispersou-os pelo mundo e preparou tristes preocupações para os homens." (Hesíodo, *Les travaux et les jours*, 90-95.) "Quando, no lugar de um bem, Zeus criou essa bela calamidade, ele a levou aonde estavam deuses e homens..., e os deuses imortais e os homens mortais ficaram maravilhados ao verem essa armadilha profunda e sem saída destinada aos humanos. Pois é dela que se originou a raça, a corja maldita das mulheres, flagelo terrível instalado no meio dos homens mortais." (Hesíodo, *La théogonie*, 585-592)

Nos capítulos dos Puranas que explicam a via da libertação e do desprendimento, a mulher, símbolo da sociedade, é considerada como o maior obstáculo na via da realização espiritual.

"Shiva fala: Não traga para perto de mim essa jovem de cintura fina e belos quadris, com seu rosto de lua. Já lhes proibi isso muitas vezes. Uma mulher é uma fonte de ilusão..., uma jovem, um perigo para um asceta. Sou um asceta, um iogue, sobre quem a ilusão não tem poder. Para que serve querer sobrecarregar-me com uma mulher...

Ao contato da mulher, o mundo material aprisiona-os, o desprendimento morre, as virtudes adquiridas através do ascetismo são destruídas. Um asceta não deve ter nada com as mulheres. A mulher é a fonte de todas as ligações do mundo. Ela destrói a sabedoria e o desprendimento... O casamento não convém ao homem. O casamento é o laço que mais o aprisiona. Existem muitas formas de dependência, mas a associação com as mulheres é o pior dos laços. Podemos nos libertar de todos os laços, exceto daqueles que as mulheres criam." (*Shiva Purâna*, *Rudra Samhitâ*, cap. 12, 28-33 e cap. 24, 60-61)

"As mulheres são frívolas. São a fonte de todos os aborrecimentos. Os homens que buscam a libertação devem evitar prenderem-se a elas. As mulheres só amam os homens que as procuram, que têm relações íntimas com elas e lhes prestam serviços. Quando as mulheres não encontram homens para seu prazer, têm relações sexuais entre si. As mulheres nunca estão satisfeitas, seja qual for o número de seus amantes." (*Shiva Purâna*, *Umâ-Samhitâ*, cap. 24, 3 e 19-29.)

"Elas não se contentam com a pobreza odiosa, mas apenas com a abundância. Assim, nos recônditos das rochas onde nascem os enxames, as abelhas mantêm os zangões que sempre perseguem más obras." (Hesíodo, *La théogonie*, 593-595)

"A mulher é como um tição, o homem como uma ânfora de óleo. É melhor evitar qualquer contato." (*Linga Purâna*, I, cap. 8, 21-23)

Isso, aliás, não impede que, nos ritos tântricos, a mulher seja venerada como a deusa, como a potência procriadora através da qual o deus se manifesta. É por esse aspecto que ela participa dos ritos orgiásticos. As normas para as mulheres que escolhem a via do *bhakta* são similares às dos homens. Para a mulher que se orienta em direção da via mística, em direção da experiência extática, todo laço permanente com o homem é um obstáculo. O homem é um inimigo que impede a mulher de libertar-se da escravidão da sociedade, da propriedade, da família. Ou, como as vestais, ela evita qualquer relação com os homens, ou então as relações sexuais devem ter o caráter da prostituição ritual e sagrada que não cria laço permanente ou sentimental com o homem e evita a procriação. O casal constitui a ligação social, o lar, o verdadeiro obstáculo para a liberdade do *bhakta*. As bacantes fogem da sociedade e de suas leis restritivas, mas não necessariamente das relações sexuais ocasionais.

PROSTITUIÇÃO SAGRADA

A realização de si mesmo no plano erótico é um aspecto essencial do desenvolvimento do ser humano. A prostituição, que permite ao vagabundo, ao monge, ao pobre, mas também ao homem casado, cujas relações com finalidade procriativa não têm o mesmo valor, praticar o êxtase erótico, torna-se uma profissão benéfica e sagrada. Ela corres-

ponde, num outro plano, à esmola, abrigo e alimento, devidos aos vagabundos. Na Índia, muitas jovens dedicavam-se ao templo para realizar esse dever social e religioso que é o dom do amor. Recebiam uma educação refinada, incluindo a música, a dança e as técnicas eróticas. Vemos, do mesmo modo, no mundo grego, particularmente em Corinto, a prostituição considerada como uma espécie de serviço divino. Os hebreus também conheceram a prostituição sagrada feminina e masculina.

Fora seu papel religioso, que é permitir a todo homem experimentar o êxtase erótico, a prostituição tem também um papel social essencial na estabilidade da família. Os tratados de política, tais como o *Artha Shastra*, atribuem-lhe uma grande importância e definem suas regras. Quando o governo Nehru pretendeu proibir a prostituição na Índia, uma delegação de severos brâmanes foi a Delhi para protestar e lembrar que, de acordo com a palavra dos textos sagrados: "Nos países sem prostitutas todas as casas tornam-se bordéis." Como os membros das outras profissões artesanais, os prostituídos de ambos os sexos formam associações muito organizadas. A corporação dos prostituídos tinha, no momento da independência da Índia, oferecido seu apoio ao governo do Congresso Nacional.

A instituição das dançarinas-prostitutas dos templos, que compreendia milhares delas, foi interditada pelo legislador inglês e provocou, entre outras coisas, um declínio das artes da música e da dança, áreas bastante ligadas a essa instituição.

A prostituição masculina, principalmente a realizada por travestis, ainda existe em muitas vilas e aldeias indianas, como existia em Atenas. Ela também desempenhou um papel ritual ligado ao culto do Andrógino, como também é o caso no shamanismo, mas, hoje, parece decadente. Entretanto, os prostitutos travestis têm um lugar na sociedade. São eles que representam as pastoras amantes de Krishna nos espetáculos populares do *Krishna-lîlâ*. Os prostitutos travestis geralmente estão instalados nas periferias das cidades, assim como, outrora, os santuários de Shiva-Dioniso. Em compensação, as prostitutas mulheres estão estabelecidas no próprio recinto do templo.

DEVERES PARA COM OS HÓSPEDES

O shivaísmo é uma religião da natureza. Preconiza, para os iniciados, a vida na floresta, a vagueação, o afastamento da cidade. Isso implica uma obrigação de assistência por parte daqueles que permanecem na vida ativa. Os homens que se consagram à aquisição dos bens materiais têm como função e dever financiar os templos, os sacerdotes, os monges, os artesãos e os artistas, e ter sempre a mesa posta para os vagabundos. A hospitalidade é um dever absoluto. O vaga-

bundo, o viajante perdido, nunca deve encontrar uma porta fechada. Antes de comerem seu alimento, todos devem olhar se não há perto da porta um monge mendigando ou algum viajante que necessita de comida e que deve ser servido em primeiro lugar. Teoricamente, os deveres em relação aos hóspedes não têm limites.

"Venerar um hóspede é a melhor maneira de adquirir méritos. O sábio Sudarshana (Bonito-de-ver), que queria através de suas virtudes derrotar o deus da Morte, disse um dia à sua casta esposa: Nunca deve recusar-se a honrar um hóspede. Um viajante é sempre a imagem de Shiva e tudo lhe pertence. Dharma (a lei moral) assumiu então a aparência de um monge errante e aproximou-se da casa do sábio na sua ausência. A esposa de Bonito-de-ver ofereceu-lhe a hospitalidade de costume. Uma vez satisfeito, disse: Estou satisfeito de arroz cozido e outros alimentos, agora você deve dar-se a mim. Ela ofereceu-se então a ele. Bonito-de-ver acabara de retornar e chamou sua esposa. O hóspede é que respondeu: Estou fazendo amor com sua mulher. Diga-me simplesmente o que fazer agora, pois terminei e estou satisfeito. Bonito-de-ver disse-lhe: Excelente homem! Tenha prazer em paz, vou sair por um momento. Dharma então revelou-se para ele e disse-lhe: Por esse ato de piedade, você venceu a morte. Todo hóspede deve ser honrado da mesma maneira." (*Linga Purâna*, I, cap. 29, 45-64)

RAÇA, CASTA E FUNÇÃO SOCIAL

No shivaísmo há uma diferença no papel e nas aptidões das diversas raças, tanto para os homens como para os animais. O homem não tem uma origem única. Há quatro raças de homens de origens distintas. Essa noção, negada por muito tempo pelos ocidentais, sobretudo devido a razões bíblicas (o mito de Adão e Eva), tende a ser considerada atualmente por certos antropólogos. A diversidade das espécies e das raças é um aspecto essencial da harmonia da criação. As restrições relacionadas aos casamentos inter-raciais permitem evitar o abastardamento das espécies, manter cada um em sua nobreza e sua beleza. O sistema de castas tem por objetivo permitir a coexistência de raças diferentes numa mesma sociedade, assegurando a cada grupo social uma profissão reservada e privilégios distintos. Fez parte da organização social do shivaísmo antigo.

Segundo Hesíodo, a evolução do homem passa por quatro etapas, que correspondem às quatro raças dos hindus. Essas quatro etapas são simbolizadas por quatro cores: branco, vermelho, amarelo e preto. As quatro raças humanas que lhes correspondem representam sucessivamente um papel predominante nas diversas idades atravessadas pela humanidade. O sábio, de cor branca, era o homem da Idade do Ouro, o Krita Yuga. Depois, apareceu o homem guerreiro de cor vermelha

na Idade dos Ritos ou Idade da Prata, o Treta Yuga. O homem amarelo, agricultor e comerciante, é o da Idade da Incerteza, Idade do Bronze ou Dvâpara Yuga. Finalmente, é o homem negro, artesão e operário, quem domina na Idade dos Conflitos, Idade do Ferro ou Kali Yuga. Nas sociedades que não são multirraciais, as castas tendem a se restabelecer sobre bases de aptidões, pois são um aspecto essencial de qualquer sociedade.

Conhecemos mal o sistema social dos egípcios e dos cretenses. Segundo Heródoto (cap. 2, 164-168), os egípcios reconheciam sete castas profissionais: a dos sacerdotes, dos guerreiros, dos vaqueiros, dos porqueiros, dos comerciantes, dos intérpretes e dos barqueiros. Aristóteles assinala que o sistema de castas cretense era similar ao do Egito. Atribui sua origem a Sesastris no Egito e a Minos em Creta.

Encontramos em todas as tradições essa divisão da humanidade de acordo com funções e capacidades. Entre os celtas, os druídas são sacerdotes e juristas: a aristrocacia militar, o *flaith*, representa o poder; o *bo-airig* (possuidores de vacas) forma a classe agrícola. A atribuição de um papel social específico a raças de origens diferentes não parece ser uma particularidade da Índia e é, de qualquer modo, uma tendência latente em todas as sociedades.

A humanidade só encontra o equilíbrio e a felicidade quando os quatro grupos humanos, que estão na base das quatro castas, estão em harmonia. Apenas isso permite evitar as quatro tiranias de que fala Manu, o grande legislador, e que são a tirania dos sacerdotes, a dos guerreiros, a dos negociantes e a da classe trabalhadora, que são igualmente nefastas e sucedem-se indefinidamente até que um equilíbrio social seja restabelecido.

Não é necessário ir à Índia para observar esse ciclo inelutável; a Europa, num passado recente, conheceu a tomada do poder pela Igreja, depois pela aristocracia seguida da burguesia capitalista, e, afinal, pela ditadura do proletariado. Nenhuma dessas fórmulas é estável ou eficaz. Resultam inevitavelmente em tirania e injustiça. Só um reconhecimento dos quatro grupos essenciais a toda sociedade e a atribuição a estes de direitos e privilégios distintos pode permitir uma organização social estável e justa. Foi uma organização desse tipo, o sistema de castas, que permitiu à Índia, apesar das invasões e das guerras, manter uma civilização ininterrupta desde a Antigüidade. A Idade Média européia havia tentado estabelecer uma organização desse gênero. Foi a Igreja, com a Inquisição, que rompeu o equilíbrio.

O homem, nascido de uma categoria determinada, correspondente a aptidões particulares, deve empenhar-se para realizar-se plenamente no quadro da profissão familiar. O ambicioso que deseja ocupar funções para as quais não está qualificado conduz à desordem social. A mistura das raças produz indivíduos bastardos que desfiguram a harmonia, a beleza da criação, quer se trate de animais ou de homens, pois já não

possuem as virtudes que caracterizam cada uma das raças. Sabemos disso quanto aos animais, mas pretendemos ignorar quanto aos homens. Animais de raça pura têm um caráter definido que os bastardos não possuem. Um cão pastor não é um cão de caça. Não se faz um cavaleiro de um comerciante.

É no plano das realizações espirituais, do progresso do ser humano, dos ritos e das práticas religiosas que o shivaísmo não conhece diferenças entre os homens. Seu ensinamento é aberto a todos, o que lhe censuram com veemência os textos do vedismo ariano. Com efeito, as maiores realizações espirituais são consideradas como mais naturais para os humildes do que para os poderosos. No Kali Yuga, os mais favorecidos são os artesãos e as mulheres, pois seus deveres sociais e suas responsabilidades são mais limitados que os dos sacerdotes ou dos príncipes. O desprendimento, o abandono das tarefas cotidianas não implicam uma falta a deveres importantes. É mais fácil para um pobre do que para um rico seguir a via do bacante, aproximar-se do divino, identificar-se com Shiva, o deus errante, entrar no reino do deus.

São as diferenças entre os homens, suas desigualdades, que são a fonte de todo progresso, de toda civilização. A identidade das aptidões das diversas raças é uma ficção. Isso não quer dizer que cada raça coletivamente não possua aptidões que as outras não têm. O mesmo ocorre quanto aos indivíduos no interior de cada grupo. O verdadeiro problema social é o de se dar a cada um o máximo de oportunidades de se desenvolver segundo suas tendências, suas capacidades, suas necessidades.

Algumas idéias só são verdadeiras num plano e não são aplicáveis num outro. É onde os *slogans* simplistas chegam a absurdos. Eis um exemplo clássico dos gramáticos indianos: "Perante os deuses todos os seres são iguais, portanto, minha mãe, minha mulher e minha filha são iguais, logo, posso deitar tanto com uma quanto com outra." As teorias ditas igualitárias e democráticas da atualidade resultam inevitavelmente num nivelamento que é uma frustração, uma espécie de escravidão para todos. A liberdade é o direito de ser diferente. O fato de que os poderes ou os privilégios estão mal repartidos é coisa que se pode remediar, um igualitarismo que não passa de uma abstração é uma outra. Resulta não só na eliminação dos mais fracos, mas, muitas vezes, também dos mais dotados, daqueles que criam os valores, razão de ser de uma cultura. A repressão aos "intelectuais", como também aos homens que, por seu talento, souberam ter sucesso, fortuna, é uma característica dos países ditos "socialistas".

Toda energia elétrica ou dinâmica é baseada em diferenças de potencial. O mesmo acontece com toda atividade, com toda vida. "O nivelamento é a morte", dizem os Tantras. A água, princípio feminino que tende sempre a nivelar-se, a imobilizar-se, é a imagem de um princípio negativo. O fogo, que tende a subir e a destruir, ao contrário, é um símbolo de vida, de energia.

12

A idade moderna

O KALI YUGA

A evolução do mundo é submetida a ciclos. Em várias ocasiões, a humanidade e o conjunto das espécies vegetais e animais conheceram sua infância, sua idade áurea, seu declínio, sua destruição. Cada um desses ciclos é dividido em quatro períodos denominados *yugas*. Essa divisão das idades do mundo era conhecida pelos egípcios, pelos gregos e por todo o mundo antigo. O primeiro período é a Idade de Ouro ou Idade da Verdade, o Satya Yuga, durante a qual o homem ainda é um sábio próximo do divino. O segundo período é a Idade de Prata, o Treta Yuga, idade dos três fogos ou dos ritos. O terceiro é a Idade de Bronze, o Dvapara Yuga ou Idade da Indecisão. O último é a Idade de Ferro, o Kali Yuga, a Idade dos Conflitos. Nesse último período, no qual nos encontramos, a humanidade trabalha para sua própria destruição. A palavra *kali* significa "conflito, querela", e não tem nada a ver com a deusa Kâlî, a "Potência do tempo", da morte.

Durante o Kali Yuga, a desordem no equilíbrio natural, na sociedade e seus valores fundamentais, vai aumentando num ritmo cada vez mais acelerado, que anuncia o fim do ciclo e a destruição quase total da humanidade, fim que não estaria muito longe. A supremacia do homem sobre o mundo terrestre e a destruição gradual por ele das outras espécies vivas provocam a vingança do deus, manifestada pela loucura que inspira àqueles que se opõem a ele, loucura muito evidente no comportamento da humanidade moderna, formada por massas inconscientes conduzidas por dirigentes irresponsáveis e maléficos.

"Mergulhados nos recônditos da ignorância e pensando: Somos pessoas sábias e instruídas; esses loucos, expostos a mil males, erram em aventuras como cegos conduzidos por um cego." (*Mundaka Upanishad*, I, cap. 2, 8)

"É agora [a idade dos homens] da raça de ferro. Não cessarão nem durante o dia de sofrer fadigas e misérias, nem durante a noite

de serem consumidos pelas duras angústias que lhes enviarão os deuses. Ao menos ainda encontrarão alguns bens misturados a seus males. Mas chegará a hora em que Zeus aniquilará por sua vez essa raça de homens perecíveis: será o momento em que nascerão com as têmporas brancas. O pai então já não parecerá com o filho nem o filho com o pai, o hóspede já não será querido por seu anfitrião, o amigo pelo amigo, o irmão pelo irmão, como era antes. Pelos pais, assim que ficarem velhos, só mostrarão desprezo; para queixar-se deles, irão exprimir com palavras rudes, os maldosos! e não experimentarão sequer o temor do céu. Aos velhos que os alimentaram, recusarão os alimentos. Nenhum valor terá a promessa, o justo, o bem; será ao artesão de crimes, ao homem todo desmedido, que dedicarão seus respeitos; o único direito será a força, já não haverá consciência. O covarde atacará o bravo com palavras tortuosas, que apoiará com uma falsa promessa. Aos passos de todos os miseráveis humanos estarão ligadas a inveja, a linguagem amarga, a face rancorosa, que se comprazem com o mal. Então, deixando pelo Olimpo a terra de amplas estradas, dissimulando seus belos corpos sob véus brancos, Consciência (Aidos) e Vergonha (Nêmesis) subirão rumo aos Eternos, abandonando os homens. Só restarão tristes sofrimentos para os mortais: contra o mal, não haverá recurso." (Hesíodo, *Les travaux et les jours*, trad. Paul Mazon, pp. 175-200)

O *Linga Purâna* descreve os homens do Kali Yuga como "atormentados pela inveja, irritáveis, sectários, indiferentes às conseqüências de seus atos. São ameaçados pela doença, pela fome, pelo medo e terríveis calamidades naturais. Seus desejos são mal orientados, seu saber utilizado para fins maléficos. São desonestos. Muitos perecerão. A casta dos nobres e a dos agricultores declinam. A classe operária, durante a Idade de Kali, pretende governar e dividir com os letrados o saber, as refeições, as cadeiras e as camas. Os chefes de estado são em sua maioria de origem inferior. São ditadores e tiranos.

"Matam-se os fetos e os heróis. Os trabalhadores querem assumir papéis intelectuais, os intelectuais, o dos trabalhadores. Os ladrões tornam-se reis e os reis, ladrões. As mulheres virtuosas são raras. A promiscuidade propaga-se. A estabilidade e o equilíbrio das castas e das idades da vida desaparecem. A terra não produz quase nada em certos lugares e muito em outros. Os poderosos apropriam-se do bem público e deixam de proteger o povo. Cientistas de origem inferior são honrados como brâmanes e entregam a pessoas que não são dignas os segredos perigosos das ciências. Os mestres aviltam-se, vendendo o saber. Muitos refugiam-se numa vida errante. Por volta do fim do Yuga, o número de mulheres aumenta, o de homens diminui.

"Durante a Idade de Kali, o Grande Deus, Shiva, o pacificador, azul-escuro e vermelho, revelar-se-á sob uma forma dissimulada para restabelecer a justiça. Aqueles que forem a seu encontro serão salvos.

"Por volta do fim do Yuga, os animais tornam-se violentos, o número de vacas diminui. Os homens de bem retiram-se da vida pública. Comida já cozida é vendida em praça pública. Os sacramentos e a religião também estão à venda.

"A chuva é errática. Os comerciantes, desonestos. As pessoas que mendigam ou procuram um emprego são cada vez mais numerosas. Não há aquele que não empregue uma linguagem grosseira, que mantenha sua palavra, que não seja invejoso... Pessoas sem moralidade pregam a virtude aos outros. A censura reina... Associações criminosas formam-se nas cidades e nos países. Faltará água assim como frutas. Os homens perderão o sentido dos valores. Terão dores de barriga, usarão cabelos revoltos. Por volta do fim do Yuga, algumas pessoas nascerão, cuja esperança de vida só será de dezesseis anos. As pessoas terão inveja das roupas dos outros. Os ladrões roubarão os ladrões. Muitos tornar-se-ão letárgicos e inativos, as doenças contagiosas, os ratos e as serpentes atormentarão os homens. Homens sofrendo de fome e de medo encontrar-se-ão nas cercanias do rio Kaushiki (o Bengala).

"Ninguém viverá mais a duração normal da vida, que é de cem anos. Os ritos perecerão nas mãos de homens sem virtudes. Pessoas praticando ritos transviados espalhar-se-ão por toda parte. Pessoas não-qualificadas estudarão os textos sagrados e tornar-se-ão supostos peritos. Os homens matar-se-ão uns aos outros e matarão também as crianças, as mulheres e as vacas. Os sábios serão condenados à morte.

"Entretanto, alguns alcançarão a perfeição em muito pouco tempo. Excelentes brâmanes continuarão a praticar os ritos." (*Linga Purâna*, II, cap. 39, 42-45)

O Kali Yuga é, num certo sentido, um período privilegiado. Os primeiros homens, ainda próximos do divino, eram sábios. Mas os últimos homens, os do Kali Yuga, ao se aproximarem da morte, aproximam-se também do princípio em que tudo volta ao seu fim. No meio da decadência moral, das injustiças, das guerras, dos conflitos sociais que caracterizam o fim do Kali Yuga, o contato com o divino, pela via descendente, tamásica, é cada vez mais fácil.

"Os méritos adquiridos em um ano no Treta Yuga podem ser obtidos em um mês no Dvapara, em um dia no Kali Yuga.

"No fim do Kali Yuga, o justiceiro nascerá da dinastia da Lua. Seu nome é Pramiti (Prova). Ele começará sua campanha com trinta e três anos e continuará durante quarenta anos. Massacrará milhões de homens. Os homens matar-se-ão entre si e a anarquia será completa. O medo reinará por toda parte, todos desconfiarão de todos. Os homens irão se alimentar de vinho, carne, raízes e frutas. Os raros sobreviventes no final da Idade de Kali estarão num estado deplorável. Em seu desespero, começarão a refletir. Será então que repentinamente aparecerá

a nova Idade do Ouro. Os sobreviventes das quatro castas serão a semente de uma humanidade nova." (*Linga Purâna*, II, cap. 39, 46-47)

Encontramos descrições muito similares do fim do mundo nos Apocalipses judaicos-cristãos — inclusive o de São João —, visivelmente inspirados nas mesmas fontes. "O fim do mundo atual será provocado por um fogo submarino (*kâlâgni*), surgido de uma explosão semelhante à de um vulcão denominado 'Cabeça de Mula' (*Vadavá-mukha*) que consumirá a água que os rios trouxeram para o oceano. A água transbordará do oceano e inundará toda a Terra. O mundo inteiro ficará submerso." (Comentário do *Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, cap. 24, 38)

Segundo certos especialistas em energia atômica, uma explosão nuclear a uma certa profundidade no oceano poderia provocar uma reação em cadeia que decomporia a água do mar. Trata-se, entretanto, do fim do ciclo atual da vida terrestre. A destruição não será total. Após esse dilúvio, uma nova Idade do Ouro renascerá. O fim do universo ainda não está perto. Ainda sete vezes a humanidade deve nascer e morrer. No final dos tempos, a matéria irá se reabsorver pelo processo inverso daquele pelo qual surgiu, em seguida à explosão primordial. Nada — nem a matéria, nem os deuses, nem as almas — é imortal.

"Quando o universo chega ao fim, tudo o que existe, móvel ou imóvel, dissolve-se. Tudo mergulha na escuridão. Já não há sol, nem estrelas, nem planetas. Já não há lua, nada separa o dia da noite. Já não há fogo, nem vento, nem água, nem terra. Já não há princípio não-manifesto. O espaço apresenta-se vazio de todo elemento energético. Já não existe bem, nem mal, nem som, nem tato, nem odores, nem cores, nem gosto. As direções do espaço já não são marcadas. A escuridão é tão densa que não pode ser furada por uma agulha... Esse estado, incompreensível para o espírito, não pode ser expresso por palavras. Não pode ter nem nome nem cor, não é sutil, nem denso, nem grande, nem pequeno, nem leve, nem pesado, já não existe nem crescimento, nem declínio, nem começo, nem fim." (*Shiva Purâna*, *Rudra Samhitâ*, cap. 6)

AS RELIGIÕES DA IDADE DOS CONFLITOS

Entre os fenômenos característicos do Kali Yuga, encontra-se o aparecimento das falsas religiões que afastam o homem de seu papel na criação e servem como desculpa para suas depredações, para seus genocídios, e finalmente levam-no ao suicídio coletivo. As religiões da cidade sobrepujam a religião da natureza.

Segundo os Puranas, a luta das religiões da cidade contra o deus da natureza desenvolve-se sob uma forma perversa. Seriam criadas religiões ilusórias que perverteriam a religião verdadeira do interior.

No *Shiva Purâna*, a criação das novas religiões é descrita principalmente sob a forma do jainismo, religião puritana, moralista e atéia, praticada hoje, sobretudo, pela casta dos negociantes, e que é a base das religiões modernas, pois influenciou profundamente o budismo e mais tarde o orfismo e o cristianismo.

De acordo com o *Shiva Purâna*:

"O deus Vishnu, para poder destruir os asuras, os titãs dedicados ao culto de Falo, procurou intervir em seus ritos, dizendo: Enquanto venerarem Shiva e observarem as regras de conduta shivaístas, será impossível destruí-los. Portanto, é preciso destruir sua religião e que renunciem a venerar o falo de Shiva. Vishnu começou então a ridicularizar os ritos a fim de pôr obstáculos nas virtuosas atividades dos asuras... Criou uma espécie de profeta que, com a cabeça raspada, pregava uma nova religião. Esse profeta formou quatro discípulos que ensinaram ritos heréticos. Levavam um cântaro na mão. Cobriam a boca com um pedaço de pano. Falavam pouco, dizendo apenas algumas palavras, tais como: 'a virtude é o maior bem, a verdadeira essência das coisas', e outras banalidades. Andavam lentamente para não fazer mal às criaturas vivas. Estabeleceram-se num jardim nas cercanias da cidade [7]. Mas sua magia era impotente enquanto Shiva fosse venerado.

"O pérfido brâmane Nârada foi visitar o rei do asuras e disse-lhe: Um homem extraordinário chegou aqui, ele possui a sabedoria. Conheci muitos cultos, mas nunca vi um igual. Grande rei dos asuras, deve iniciar-se nesse culto. O rei fez com que fossem iniciados ele, seus parentes e os habitantes das três cidades. A cidade ficou repleta de discípulos do profeta, grande perito na arte da ilusão...

"O profeta ensinou-lhes a não-violência: A única virtude é a caridade em relação aos seres vivos... Nosso dever é abstermo-nos de matar. A não-violência é a maior das virtudes... Os textos que encorajam o sacrifício dos animais não são aceitáveis para um homem de bem. Como se pode pretender alcançar o céu cortando as árvores, matando os animais, espalhando sangue e mandando queimar grãos de gengibre e manteiga? Nossos ancestrais acreditavam que as diferentes raças de homens tinham se originado da boca, do braço, da coxa e dos pés de Brama. Como poderiam crianças nascidas do mesmo corpo serem de natureza diferente? Não se deve considerar que existe diferença entre um homem e outro. Criticou, em seguida, a falta de virtude das mulheres, preconizou a abstinência dos prazeres sexuais entre os homens, falou com desprezo dos ritos e do culto do falo. Os cidadãos tornaram-se inimigos

---

7. Em *As Bacantes*, vemos Dioniso parar diante do palácio de Penteu e ordenar a seu séquito que tocasse flauta e tambor para chamar a atenção. Era um prática imitada pelos jainistas, a fim de atrair a multidão e pregar sua religião todas as vezes que chegavam a uma nova cidade.

dos ritos, e o mal propagou-se. Foi quando os deuses puderam destruir a cidade." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, V caps. 3-4-5)

Esse discurso, com poucas alterações, poderia ser aquele que um cristão dirigiu ao imperador dos romanos. Lembra também os ensinamentos de Gandhi. "Após a queda das três cidades dos asuras, os heréticos tonsurados apresentaram-se perante os deuses: 'Ó deuses, o que devemos fazer? Destruímos a fé dos asuras em Shiva. Foi por vosso desejo que realizamos esse ato abominável. O que acontecerá conosco?' Os deuses disseram: 'Até a chegada da Idade de Kali, fiquem escondidos no deserto. Quando chegar o Kali Yuga, propagarão sua religião. Os loucos inconscientes da Idade dos Conflitos serão seus fiéis." (*Shiva Purâna, Rudra Samhitâ*, V, cap. 12)

Baseando-se em concepções que substituem o respeito aos deuses e à obra divina por pretensas virtudes humanas, os reis e as cidades opuseram-se ao shivaísmo violentamente. Os antigos deuses foram desvalorizados e desapossados. As religiões novas, o jainismo e o budismo, propagaram-se na Índia; o judaísmo, o orfismo, o cristianismo e o islamismo no Ocidente. Essas religiões — quaisquer que tenham sido o caráter e a intenção primeira de seus fundadores — tornaram-se essencialmente religiões de Estado de caráter moralista. Permitiram ao poder centralizado impor um elemento de unificação a populações muito diversas por suas crenças, seus costumes e ritos. Veremos por toda parte essas religiões, ao mesmo tempo em que falam de amor, de igualdade, de caridade, servirem como desculpa e como instrumento para as conquistas culturais e materiais. O budismo, surgido na casta real dos Kshatriyas, permitiu aos imperadores indianos livrarem-se da dominação da classe sacerdotal e foi um prodigioso instrumento de expansão colonial. O massacre das populações shivaístas de Orissa por Ashoka deixou marcas até os nossos dias. Os imperadores Maurya, Ashoka e seus sucessores impuseram o budismo à Índia. Através dessa nova religião, a influência indiana propagou-se aos poucos pela Ásia central, Tibet, Mongólia, China, Birmânia, sudeste da Ásia e até o Japão, de uma parte, e, em menor grau pelo Oriente Médio e pela região mediterrânica, de outra.

No Ocidente, o orfismo, inserindo-se no dionisismo, desnaturou seu caráter. O orfismo era uma adaptação do dionisismo ao modo de sentir dos gregos. Corresponde às formas do shivaísmo incorporado ao hinduísmo ariano. As origens do orfismo foram consideradas obscuras. Orfeu é apenas um chantre maravilhoso para os antigos poetas: Píndaro, Simônides, Ésquilo,.Eurípides. Nos textos que se referem aos mistérios dionisíacos, não se encontra nenhuma referência ao orfismo, nem ao sacrifício do jovem deus Zegreu, despedaçado pelos titãs. O orfismo surge como uma espécie de reforma no interior do dionisismo. Sente-se ali a influência do pensamento jainista. Seria errôneo considerá-lo representativo do dionisismo original. O orfismo reivindica para

Dioniso um papel excepcional numa nova idade do mundo, mas é um Dioniso adaptado a uma outra tradição e que se afasta em muitos aspectos dos princípios fundamentais ligados ao culto do Dioniso antigo. Os meios dionisíacos eram, de fato, hostis ao movimento órfico.

Muitos monges indianos propagavam a filosofia jainista na Grécia clássica, e suas teorias despertavam grande interesse entre os gregos. Alexandre quis levar da Índia um sábio jainista, porém, este suicidou-se a caminho, de acordo com o rito jainista, predizendo, aliás, a morte próxima de Alexandre. Como o jainismo, o orfismo dá importância principalmente às práticas da abstinência. Orfeu havia ensinado aos homens evitar o assassínio (*phónos*), aplicando, como os jainistas, a noção de assassinato a todo ser vivo. Seus fiéis eram estritamente vegetarianos e usavam, como os jainistas, quando não estavam nus, roupas brancas. Recusavam-se a usar lã, porque é de origem animal. Veremos mais tarde os sufis, em reação, exigirem o uso de roupas de lã. O orfismo foi um poderoso elemento de emasculação do dionisismo e preparou a vinda do cristianismo, a qual influenciou profundamente.

O culto de Mitra, que se desenvolveu na Itália ao mesmo tempo que o cristianismo, representa um esforço de volta ao shivaísmo antigo. Também teve um papel na formação dos mitos e dos ritos cristãos.

Esse culto teria sido levado à Itália, segundo Plutarco, em 67 a.C., por piratas cilicianos capturados por Pompeu. Teve uma importante difusão que se estendeu a toda a Europa. Tratava-se de uma associação secreta com ritos ocultos, reservados aos homens, que tinha, em sua origem, entre seus objetivos, a resistência armada ao imperialismo romano. Mitra é o deus ariano da Amizade, dos Contratos. Personificação da camaradagem, convinha a uma organização secreta de soldados juramentados. No entanto, todos os símbolos e ritos de iniciação são derivados do shivaísmo, tendo como centro o culto e o sacrifício do touro. Como no shivaísmo, o crescente simboliza uma taça de esperma de touro, fonte de vida. Nos santuários encontra-se a imagem do Tempo representado por um monstro com cabeça de leão cercado de serpentes — transposição de Kâli, a "Potência do tempo", cercada de serpentes, cuja personificação no reino animal é o leão. O santuário de Mitra é uma caverna onde acontece o sacrifício do touro. Cavalgando o touro, Mitra, o invencível, toma o lugar de Nikê (a Vitória), venerada pelas legiões romanas. Os ritos são precedidos por banquetes em que são consumidos o pão e o vinho, assim como a carne da vítima divina, o touro sacrificado. Festeja-se no dia 25 de dezembro o nascimento de Mitra, nascido de uma "pedra de fogo" (Sílex), lembrando o machado de pedra, símbolo do labirinto. Esse culto guerreiro, que quase se tornou a religião do império e que se opôs ao cristianismo, desapareceu aos poucos no século V. O mitraísmo tinha sido uma tentativa de se recriar uma sociedade iniciatória de inspiração shivaísta num mundo ocidental. Foi uma experiência que um dia poderia servir como exemplo.

O MONOTEÍSMO

A ilusão monoteísta é uma das características das religiões do Kali Yuga. As técnicas e os ritos que nos permitem tomar consciência da presença dos seres sutis devem levar em conta a totalidade do ser humano e seu lugar no cosmos. O princípio do mundo é indefinível, mas toda existência implica a multiplicidade. O Princípio está além da manifestação, além do número, além da unidade, além da criação. "Ele não pode ser apreendido pelo olho, nem pela palavra, nem pelos outros sentidos, nem pela ascese ou práticas rituais." (*Mundaka Upanishad*, III, I, 8)

O divino é definido, na filosofia shivaísta, como "aquilo em que os contrários coexistem". Encontramos a mesma definição em Heráclito. "A união dos contrários" (*coincidentia oppositorum*) era para Nicolas de Cusa a definição menos imperfeita de Deus.

O homem, fazendo parte da criação, só pode conceber ou conhecer os aspectos múltiplos da divindade. O monoteísmo é uma aberração do ponto de vista da experiência espiritual. Oriundo de uma concepção cosmológica que resulta na idéia de uma causa primeira, ou melhor, de um dualismo primeiro, o monoteísmo não poderia se aplicar à realidade da experiência religiosa. Não se poderia comunicar com a causa primeira do universo, além das galáxias, para receber instruções pessoais de ordem prática. Uma tal simplificação faz parte daquilo que os hindus chamam de "a metafísica dos imbecis" (*anadhikâri vedânta*).

Metafisicamente, o número "1" existe apenas para representar uma parte ou uma soma, pois nada existe senão em relação a alguma outra coisa. A origem do mundo só pode ser atribuída à oposição dos dois princípios contrários e à relação que os une. O primeiro número é, portanto, o número "3", representado na cosmologia hindu por uma trindade, cuja marca é encontrada em todos os aspectos da criação, mas cujos princípios componentes só poderiam ser perceptíveis ou concebíveis em suas manifestações múltiplas. As potências sutis que podemos chamar de deuses ou de espíritos, cuja presença podemos perceber, e que podem concernir ao mundo dos vivos, são inúmeras, como as próprias formas da matéria e da vida às quais presidem.

O próprio princípio não pode ser personificado. "Apenas o adepto (*dhîrah*), pelo conhecimento superior, consegue conceber a presença em todas as coisas daquilo que não pode ser percebido nem apreendido, que é sem vínculos nem características, que não tem nem olhos, nem orelhas, nem mãos, nem pés, que é eterno, multiforme, onipresente, infinitamente sutil e imutável, a matriz dos seres." (*Mundaka Upanishad*, I, I, 6)

A simplificação monoteísta parece ter-se originado de uma concepção religiosa de nômades, surgida entre povos que procuram se afirmar, justificar sua ocupação de territórios e suas conquistas. O deus é conce-

bido à imagem do homem. É reduzido ao papel de um guia que acompanha a tribo em suas migrações, dá instruções pessoais a seu chefe. Só se interessa pelo homem e, entre os homens, pelo grupo dos "eleitos". Torna-se um pretexto fácil para a conquista, para o genocídio, para a destruição da ordem natural, como podemos observar ao longo da história. Na origem, não exclui os deuses das outras tribos, os "falsos deuses", mas apenas para opor-se a eles, destruí-los, impor sua dominação e a de "seu povo". Podemos seguir essa passagem do politeísmo ao exclusivismo, depois, ao monoteísmo, na evolução da religião do povo hebreu.

Todo homem pode conseguir, através de práticas extáticas, entrar em contato com o mundo misterioso dos espíritos, cuja natureza continua indefinível e incerta. Foram os supostos "profetas", que pretendem comunicar-se diretamente com um deus pessoal e único, ditando regras de conduta que, na verdade, não passam de convenções sociais e não têm nada a ver com a religião ou com o domínio espiritual, os principais artífices dos desvios do mundo moderno. O monoteísmo é contrário à experiência religiosa dos homens; não é um desenvolvimento natural, mas uma simplificação imposta. A noção de um deus, que, tendo criado o mundo, aguardaria alguns milhões de anos para ensinar aos homens, com um atraso difícil de desculpar, a via da salvação, é evidentemente um absurdo.

As religiões monoteístas sempre tiveram como ponto de partida o pensamento, o ensinamento de um homem, intitule-se ele ou não o mensageiro, intérprete de um poder transcendente que ele chama de Deus. Essas religiões exprimem-se em dogmas, em regras que concernem à vida do homem. Tornam-se inevitavelmente políticas e formam uma base ideal para as ambições expansionistas da cidade. Entre elas, o judaísmo, o budismo, o cristianismo e o islamismo são teístas, o jainismo e o marxismo são ateus.

Adotado pelo judaísmo — que não foi monoteísta na origem —, o conceito do "deus único" à imagem humana é em grande parte responsável pelo papel nefasto das religiões ulteriores. Moisés, influenciado provavelmente pelas idéias do faraó Akhenaton, fez com que o povo judeu acreditasse na existência de um chefe de tribo a quem chamava de "deus único" e do qual pretendia receber instruções. Mais tarde, Maomé deveria comportar-se da mesma forma. Esses impostores estão na origem da perversão religiosa do mundo semítico e judeu-cristão. Esse "deus", cujas intenções tantos outros pretenderam depois interpretar, até nos domínios mais relativos, serviu de pretexto e de escusa para a dominação do mundo por diversos grupos de "eleitos" e para um orgulhoso isolamento do homem em relação à obra divina.

A impertinência e o orgulho com que os "crentes" atribuem a "deus" seus preconceitos sociais, alimentares, sexuais, que, aliás, variam de uma região a outra, seriam cômicos se não resultassem inevita-

velmente em formas de tirania, de caráter puramente temporal. A obrigação de conformar-se com crenças e modos de ação arbitrários é um meio de aviltar e submeter a personalidade do indivíduo, do qual todas as tiranias, sejam elas religiosas ou políticas, de direita ou de esquerda, sabem servir-se muito bem.

O PROBLEMA CRISTÃO

É preciso distinguir o cristianismo das outras religiões monoteístas, pois, embora tenha se tornado um exemplo típico das religiões da cidade, não é seguro que represente o ensinamento real do próprio Cristo de que se vale. A mensagem de Jesus opõe-se à de Moisés e, mais tarde, à de Maomé. Parece ter sido uma mensagem de libertação e de revolta contra um judaísmo que se tornou monoteísta, dessecado, ritualista, puritano, fariseu e desumano. Em sua forma romana, o cristianismo opôs-se em primeiro lugar à religião oficial do Império, como se opusera ao judaísmo oficial, à religião de Estado. Não sabemos muito sobre as fontes do ensinamento de Jesus, sua iniciação, sua estada "no deserto" em direção ao Oriente. O mito cristão aparece muito ligado aos mitos dionisíacos. Jesus, como Skanda ou Dioniso, é filho do Pai, de Zeus. Não tem esposa. Apenas a deusa mãe tem lugar junto dele. É cercado de seus fiéis, de seus *bhaktas*, que são pessoas do povo, pescadores. Seu ensinamento dirige-se aos humildes, aos marginais. Acolhe as prostitutas, os perseguidos. Seu rito é um sacrifício. É na tradição órfica que a paixão e a ressurreição de Dioniso ocupam um lugar central. É através do orfismo que inúmeros "milagres" de Dioniso foram atribuídos a Jesus. Diversos aspectos de lenda do Dioniso órfico encontram-se na vida de Jesus. O paralelo é evidente entre a morte e a ressurreição do deus e a do Cristo.

Os mitos e os símbolos ligados ao nascimento de Jesus — seu batismo, seu círculo, sua entrada em Jerusalém montado num asno, a Ceia (rito do banquete e do sacrifício), a Paixão, a morte, a ressurreição, as datas e a natureza das festas, o poder de curar, de transformar a água em vinho — evocam inevitavalmente precedentes dionisíacos.

Pareceria, portanto, que a iniciação de Jesus teria sido uma iniciação órfica ou dionisíaca, e não essênia como muitas vezes foi sugerido. Sua mensagem, que representa uma tentativa de retorno à tolerância, a um respeito pela obra do Pai Criador, foi totalmente desnaturada após a morte de Jesus. O cristianismo ulterior é, com efeito, exatamente o oposto, com seu imperialismo religioso, seu papel político, suas guerras, seus massacres, suas torturas, suas fogueiras, suas perseguições aos hereges, sua negação do prazer, da sexualidade, de todas as formas de experiência da alegria divina. Isso não é aparente no começo. Os cristãos foram acusados de sacrifícios sangrentos, de ritos eróticos e

orgiásticos. É difícil saber em que essas acusações se baseavam. Serão repetidas no que concerne às organizações de caráter místico, iniciatório, mais ou menos secretas, que buscaram perpetuar o cristianismo original. Tais seitas tendem sempre a reaparecer no mundo cristão, mesmo que, separadas de sua tradição original, na maioria das vezes trate-se de tentativas ingênuas, facilmente exploradas e pervertidas.

Encontramos o simbolismo trinitário hindu na base da Trindade cristã. O Pai, pelo próprio fato de ter um Filho, representa o princípio gerador, Shiva, o Falo. O Filho é o protetor que se encarna no mundo para o salvar, como Vishnu e seus *avatâras*. O Santo Espírito, "que procede do Pai e do Filho", é a centelha que une os dois pólos. É chamado de Brama, a Imensidade. O Filho, como Vishnu, é o equivalente de Shakti, o princípio feminino, a·Deusa. É, portanto, de um certo modo, andrógino. Seu culto mistura-se com o da Virgem Maria. Os esforços da Igreja para dissimular suas fontes resultaram no esquecimento da significação do mito cristão e levaram a interpretações materialistas pseudo-históricas desprovidas de qualquer sentido universal.

O politeísmo continua, no entanto, subjacente no mundo cristão, onde os nomes das antigas divindades são simplesmente substituídos por nomes de santos. Como o budismo do Mahâyâna, o cristianismo assimilou vários ritos, símbolos e práticas dos antigos cultos aos quais substituiu. Não há praticamente nenhum santuário cristão que seja dedicado a "Deus". Todos estão sob a égide da Virgem Maria ou de inúmeras divindades denominadas santos. Num meio politeísta, o cristianismo funde-se naturalmente na religião tradicional, como se pode observar, por exemplo, na religião da Índia popular, onde se invoca ora a Virgem Maria, ora a deusa Kâli, onde se confundem o culto de Skanda ou de Krishna-menino e o do menino Jesus, onde o espírito (*bhûta*), que toma posse dos participantes no decorrer das cerimônias de dança extática, ganha o nome de um santo cristão qualquer.

O cristianismo só se tornou uma religião importante a partir do momento em que serviu como instrumento para o poder imperial de Roma. Por muito tempo, o dionisismo e suas variantes disputaram-lhe a prioridade. Não esqueçamos de que os *Dionisíacos* de Nonos datam do século V d.C. A partir do século IV, Constantino decidiu utilizar a Igreja como meio de unificação do Império. A história religiosa do mundo e a evolução do próprio cristianismo teriam sido bem diferentes se essa escolha política não tivesse caído sobre essa nova fé.

O cristianismo tornou-se um instrumento de conquista e de dominação do mundo, como o budismo o fora para os imperadores indianos. Essa forma de ação perpetuou-se até os nossos dias, permitindo eliminar os cultos e os deuses autóctones da Europa e do Oriente Médio, e mais tarde estender essa ação ao mundo inteiro, privando os povos de seus deuses, portanto, de sua força, de sua personalidade, reduzindo-os a um estado de dependência moral e ritual, prelúdio de sua com-

pleta anexação e assimilação. A América "latina" é um exemplo recente disso. O islamismo e, depois, o marxismo substituem-no hoje.

Os missionários cristãos, muitas vezes representando governos ateus, como foi o caso da França — que, por outro lado, sob a III República, banira as congregações religiosas —, foram o elemento mais poderoso da despersonalização dos povos conquistados e de sua dominação pelo conquistador. A escusa religiosa permitiu o extermínio dos elementos que permaneciam ligados a sua cultura, suas tradições, seus deuses. O cristianismo ulterior, "religião típica do Kali Yuga" (J. Evola, *Le yoga tantrique*, p. 19), é mais ou menos a antítese do que conhecemos dos ensinamentos do Cristo. Representa essencialmente a religião da cidade, de caráter social e moralista. "Se separarmos o Evangelho da Igreja, este torna-se louco", escreveu Jean Daniélou em seu último livro, mostrando a que ponto a Igreja se afastou da mensagem de Jesus, que ela ignora e rejeita de fato.

O islamismo utilizou o mesmo monoteísmo primário e o mesmo puritanismo agressivo como meios de conquista e de dominação. Na Índia, submetida à dominação islâmica, em seguida, cristã, o sikhismo de inspiração muçulmana, depois o Arya Samâj de Dayânanda Sarasvati e o Brahmo Samâj de Devendranâth Tagore (pai do poeta), e enfim o gandismo, com suas tendências monoteístas, seu puritanismo, sua sentimentalidade inspirada nos missionários cristãos, são manifestações recentes dessas mesmas tentativas de adaptação da religião tradicional, adequando-se aos preconceitos sociais dos conquistadores a fim de supostamente melhor poder combatê-los. Isso, todavia, devia resultar em tragédias culturais e humanas. O culto marxista, que tende hoje a substituir o cristianismo, só se interessa pelo homem social e impede sua realização individual. Representa o resultado dessa tendência. É a antítese absoluta do shivaísmo e do dionisismo.

A mensagem de Jesus é recuperável? Isso não é impossível. Para tanto seria preciso um retorno a um Evangelho menos seletivo e a redescoberta de tudo o que a Igreja cuidadosamente escondeu e destruiu de suas origens e de sua história, inclusive os textos evangélicos ditos apócrifos, entre os quais alguns são mais antigos do que os Evangelhos reconhecidos pela Igreja. Isso permitiria retornar ao que o ensinamento do Cristo pôde ser na realidade, isto é, uma adaptação para um mundo e uma época particular da grande tradição humana e espiritual, cuja herança é representada pelo shivaísmo e o dionisismo. O cristianismo original só se separou por completo das fontes tardiamente. Durante muito tempo abrigou seitas iniciatórias e místicas que deram continuidade às práticas dionisíacas. Não está absolutamente excluído que possa encontrar seu sentido primordial. Despojado dos falsos valores, com os quais, desde São Paulo, cercaram seu ensinamento, a pessoa do Cristo pode eventualmente ser reincorporada à tradição shivaísta-dionisíaca. É claro que isso só pode acontecer independentemente daqueles

que ousam pretender ser os representantes de "Deus" na Terra e os intérpretes exclusivos de "Sua" vontade. Uma religião verdadeira pode basear-se apenas num humilde respeito pela obra divina e seu mistério. É estranho que, hoje, seja a ciência atéia, em seu esforço para compreender sem preconceito a natureza do mundo e do homem, que esteja menos afastada de uma religião verdadeira do que o dogmatismo aberrante dos cristãos.

"Diz-se que o Ocidente moderno é cristão, mas isso é um erro. O espírito moderno é anticristão, porque é essencialmente anti-religioso... O Ocidente foi cristão na Idade Média, mas não o é mais." (René Guénon, *La crise du monde moderne*, pp. 111-112) Foi, de fato, a partir de cerca do ano 1000 que apareceu a idéia de que o homem é capaz de dominar o mundo, de retificar a criação, dar, de certo modo, uma ajuda a Deus. Isso representa uma transformação profunda na atitude do mundo cristão. Portanto, é fora das igrejas que o cristianismo poderia novamente tornar-se, ligando-se a suas origens, uma religião verdadeira, isto é, universal, religião do homem inteiro, do homem que recupera seu lugar no mundo natural e restabelece suas relações com o mundo dos espíritos, da natureza e dos deuses. O último a compreendê-lo no mundo cristão foi São Francisco de Assis. Uma religião é, em princípio, um método, uma maneira de se aproximar do divino. Uma religião verdadeira não pode ser exclusiva, não pode pretender possuir a única verdade, pois a realidade divina tem múltiplos aspectos, e as vias que conduzem ao divino são inumeráveis.

O RETORNO DE DIONISO

O shivaísmo representa a herança de experiências religiosas e humanas acumuladas desde as origens da humanidade. Sua codificação, tal como a conhecemos, só pareceu necessária quando se desenvolveram civilizações urbanas importantes que podiam ameaçar o equilíbrio da ordem natural.

Segundo a doutrina dos Tantras, o culto de Shiva-Dioniso e as práticas do tantrismo são as únicas vias abertas para a humanidade na Idade dos Conflitos em que ela se encontra atualmente. Sem um retorno ao respeito pela natureza e à prática dos ritos erótico-mágicos, que permitem a realização do ser humano e sua harmonização com as outras formas de seres, a destruição do conjunto da espécie humana não poderia tardar. Apenas os fiéis do deus poderão sobreviver e criar uma humanidade nova.

Todas as religiões que se opuseram ao shivaísmo, ao dionisismo, às seitas místicas, acentuaram as tendências que levam à destruição da harmonia do mundo. Cada retorno a concepções shivaístas — mesmo quando se trata apenas de uma tendência — equivale a uma nova era

de equilíbrio e criatividade. Os grandes períodos da arte, da cultura, estão sempre ligados a uma renovação erótico-mística.

Ao longo da história, o shivaísmo foi a religião do povo. Retomou gradualmente um lugar muito importante na vida religiosa das altas castas graças ao tantrismo. Infiltrou-se também no mundo budista sob a forma do Mahâyâna. Aparece revivificado em torno da mesma época, no mundo egípcio, no Oriente Médio, na Grécia e na Itália. O culto de Dioniso, como o deus, renasce sempre de suas cinzas.

Muitas vezes no curso das idades, a tradição eterna, ligada ao culto de Shiva-Dioniso, foi vencida pelas religiões novas, surgidas das ambições e das ilusões dos homens. No entanto, ela sempre reapareceu, nasceu de novo de suas cinzas, como deve renascer na Idade Moderna.

Atualmente, as condições parecem favoráveis para um retorno às concepções tradicionais do shivaísmo. Mesmo no mundo ocidental, no qual os remanescentes dionisíacos foram perseguidos de maneira selvagem, um retorno instintivo em direção aos valores shivaístas é visível. Um instinto de sobrevivência num mundo ameaçado manifesta-se sob formas particulares, tais como a ecologia, a reabilitação da sexualidade, certas práticas de ioga, a procura de estados extáticos pelas drogas. Essas veleidades, em geral desencaminhadas e pervertidas, são, no entanto, os indícios de uma necessidade profunda de encontrar uma aproximação do mundo, do homem, da vida, que seja baseada em valores reais, seja conforme à natureza verdadeira do homem e a seu papel na criação. Essas formas de experiência somente encontrarão sua lógica e realização num retorno ao dionisismo. Esse retorno exige o reconhecimento de certos princípios fundamentais, pois, com sua ajuda, é possível encontrar as bases de uma civilização verdadeira e contribuir para limitar os desastres de um antropocentrismo aberrante. Esses princípios, tais como os podemos resumir, sobre as bases dos dados shivaístas, são os seguintes:

1. A criação é una. Os diversos aspectos do mundo, do ser, da vida, do pensamento, da sensação, são inextricavelmente ligados e interdependentes. As ciências, as artes, os sistemas sociais e religiosos só são válidos como aplicações diversas de princípios comuns.

2. O ser humano é uno. Não poderia ser dividido em um corpo, um espírito e uma alma. Não se podem separar as funções vitais dos elementos emotivos e intelectuais, as atividades do corpo físico das da mente. Nossas crenças, que, muitas vezes, têm o caráter de paixões impensadas, e as tendências do nosso pensamento são dirigidas por forças ocultas que habitam em nós e das quais devemos nos conscientizar para poder controlá-las.

3. A vida é una. Não há separação entre o mundo vegetal, animal e humano. São interdependentes e sua sobrevivência comum depende do respeito à sua harmonia, onde ninguém assuma o papel de predador, ninguém se arrogue o direito de alterar o equilíbrio da natureza.

4. Os deuses, os espíritos sutis e os seres vivos surgiram dos mesmos princípios, são indissoluvelmente ligados. Os deuses e as energias sutis estão presentes por toda parte no mundo e em nós mesmos. Não é possível para o ser vivo alcançar ou conceber o princípio causal mais além de suas manifestações múltiplas. Não há, para o homem, um Deus único, mas deuses múltiplos.

5. A verdade é una. Não há uma sabedoria oriental e uma outra ocidental, uma ciência que se opõe à religião. Trata-se de formas diversas de uma mesma busca. As religiões só são válidas na medida em que representam os esforços do homem para apreender o divino, para compreender a natureza do mundo, para melhor representar o papel que lhe cabe no conjunto da criação. É uma busca que deve permanecer sempre aberta, que não poderia ser expressa por dogmas intangíveis.

Segundo os textos órficos e pitagóricos, é durante a segunda parte da Idade de Ferro, do Kali Yuga, que deve reaparecer a supremacia de Dioniso e que apenas a forma de religião que representa seu culto permanece válida. Essa é também a afirmação do shivaísmo. Apenas os métodos de ioga tântrico são eficazes nessa idade em que os valores se confundem e os ritos, o ascetismo e as virtudes das outras idades são nulos. Podemos observar que as descobertas recentes das ciências humanas, da psicologia, das ciências naturais, da ecologia, sugerem abordagens de problemas humanos e universais que o shivaísmo sempre preconizou. "Não está excluído que nossa época passe à posteridade como a primeira que tenha redescoberto as 'experiências religiosas difusas', abolidas pelo triunfo do cristianismo... Pressente-se que todos esses elementos preparam o progresso do novo humanismo, que não será a réplica do antigo, pois são principalmente as pesquisas dos orientalistas, dos etnólogos, dos psicólogos do inconsciente, dos historiadores das religiões que trata-se agora de integrar para chegar a um conhecimento total do homem." (M. Eliade, *Méphistophélès et l'Androgyne*, pp. 10-11) Esse conhecimento do homem implica o do lugar que ele ocupa na criação, o reconhecimento de seus limites, do papel que pode representar na hierarquia dos seres. O retorno à sabedoria shivaísta aparece como a única via capaz de assegurar uma trégua a uma humanidade que caminha para sua perda a um ritmo cada vez mais acelerado.

Segundo René Guénon: "Tratar-se-ia, portanto, de uma reconstituição do que existiu antes do desvio moderno, com as adaptações necessárias às condições de uma outra época... O Oriente pode muito bem socorrer o Ocidente, se, no entanto, este o quiser, não para impor-lhe concepções que lhe são estranhas, como alguns parecem temer, mas para ajudá-lo a reencontrar sua própria tradição, cujo sentido ele perdeu." (René Guénon, *La crise du monde moderne*, pp. 46 e 129)

Quadro cronológico

PALEOLÍTICO

– 15000	MAGDALENIANO		
			Europa: Lascaux, Altamira, Pinturas rupestres.
– 10000	Fim do glaciário, aquecimento do clima.		

MESOLÍTICO

			Pinturas rupestres.

– 8000	NEOLÍTICO		
– 7000			
– 6500		*Anatólia*: Çatal Höyük. Ídolos de pedra, afrescos.	*Chipre*: Deusa Mãe.
– 6000	*Índia*: Codificação do *Shivaísmo*.		

GRANDE MIGRAÇÃO DA ÍNDIA A PORTUGAL

— 5600

Chipre: Ídolos de pedra. Civilização de Khirokidia.

Fim de Lascaux e Altamira.

— 5000

Egito pré-dinástico. Culto do touro.

— 4500

CALCOLÍTICO

Anatólia: Indústria do cobre.

Creta: Início da época minoense.
Egito: Min itifálico.

— 4000 *China*: Início do neolítico.

— 3800 *Índia*: Desenvolvimento das cidades do Indo.

Malta: Início dos monumentos megalíticos.

DIFUSÃO DOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS NA ÁSIA E NA EUROPA

— 3500

Suméria: Chegada dos sumérios vindos do Indo. Dinastias pré-diluvianas.

Egípcios: Ocupam o vale do Nilo. Documentos escritos.

Povo novo mediterrânico na Europa do Norte.

— 3300

Malta: Templo de Skorba. Culto: touro e falo. Raça atlanto-mediterrânica.

–3200		Fundação de *Tróia*.	*Egito*: Antigo Império. *Chipre*: Estátuas de deusas. *Creta*: Indústria do cobre.	
–3000		*Sumária*: Dilúvio histórico.	SUBIDA DOS ATLANTO-MEDITERRÂNICOS A ARMÓRICA. *Malta*: Templos de Ggantija.	*Tumulus* de *Carnac*.
		Anatólia: Beyce Sultan.		
–2800		*Sumária*: Dinastias pós-diluvianas.	*Creta*: Apogeu da arte minoense.	
–2700		*Tróia*: Palácios suntuosos.	*Egito*: Grandes Pirâmides, Gizeh. *Chipre*: Culto do touro.	

DISPERSÃO DAS TRIBOS ARIANAS

–2600			*Creta*: Desenvolvimento das cidades.	
–2500	Apogeu de *Mohenjo-Dâro*.	*Síria*: Apogeu de Ebla (semitas).	*Malta*: Destruição total da civilização de Ggantija.	*Stonehenge*.
–2370		*Sumária*: Reino de Sargão em Akkad.		
–2300		Incêndio de Tróia e das cidades de Anatólia pelos *arianos*.	*Malta*: Cultura do tarxiano. Culto: touro e falo. Raça nova	
–2200			*Egito*: Fim do Antigo Império. Relações Creta-Egito.	

— 2052			*Egito*: Império.	
— 2016		*Sumária*: Fim das dinastias sumérias.		
— 2000	*África*: Ressecação do Sahara. *Índia*: Hinos do Rig-Veda.		*Grécia*: Chegada dos *aqueus*. Creta: Palácio de Cnossos. *Malta*: Fim do tarxiano. Destruição total.	*Carnac*: Alinhamentos.
— 1894		*Babilônia*: Primeiro rei semita, Suabum.		
— 1800			ARIANOS GREGOS ESTABELECIDOS NOS BÁLCÃS. *Córsega*: Menires fálicos com rostos.	*Itália*: Valcamonica, labirintos.
— 1778			*Egito*: Fim do Médio Império.	
— 1770		Abraão de Ur deixa a Suméria e vai para Canaã.		
— 1700	*Índia*: Destruição de Mohenjo-Dâro pelos arianos.		Explosão do vulcão de *Santorim*. Incêndio de Cnossos.	
— 1650		*Síria*: Destruição de Ebla pelos hititas (arianos).	*Grécia*: Desenvolvimento da cultura aquéia. *Egito*: Invasão pelos hicsos asiáticos.	

			Partida dos *hebreus* para o Egito.
— 1595		*Babilônia*: Pilhagem pelos hititas (arianos). Fim da dinastia semita.	
— 1567			*Egito*: Novo Império.
— 1530		*Babilônia*: Dominação cassita.	*Malta*: Novas populações.

— 1500 IDADE DO FERRO

		O faraó Tutmés III conquista o Oriente Médio até o Eufrates.	*Grécia*: Os aqueus ocupam o Peloponeso. Início da Civilização micênica.
— 1400	*Índia*: Conquista ariana da Índia do Norte. Guerra do *Maabárata*, perto de Delhi. *Atharva-Veda*: doutrinas shivaístas integradas na religião ariana.		*Creta*: Fim do reino de Minos, destruição de Cnossos pelos aqueus. Doutrinas minoenses integradas na religião micênica (ariana) e influência micênica em Creta.
— 1372			*Egito*: Apogeu do império.
— 1350	*Índia*: Shatapatha Brâhmana.		*Egito*: Akhenaton, tentativa de monoteísmo.

— 1312	*Índia*: Chhandogya Upanishad.		*Egito*: Morte de Tut Ankh Amon.
— 1300		Tomada da *Babilônia* pelos assírios (semitas). Guerra de *Tróia*.	*Egito*: Morte de Ramsés I. *Chipre*: Colonização micênica. Deuses juvenis. *Malta*: Influência micênica.
— 1280		*Tróia*: Destruída por um sismo.	*Itália*: chegada dos etruscos vindos da Lídia, segundo Heródoto.
— 1250		*Hebreus* expulsos do Egito, Moisés.	
— 1200		INVASÃO DÓRICA	
		Desaparecimento da escrita na Grécia.	
	Índia do Norte arianizada.	*Irã* arianizado.	*Grécia*: dórios descem à Grécia do Sul.
— 1190	*Tróia*: Destruição final. Os *frígios* não-arianos chegam da Trácia a Anatólia.		*Itália*: Enéias, fugindo de Tróia, instala-se em Palatino.
— 1150			*Chipre*: Destruição pelos dórios.
— 1129		*Babilônia*: Nabucodonosor I (semita).	*Micenas*: Destruição pelos dórios. *Creta*: Destruição total pelos dórios.

— 1025			*Egito*: Fim do Novo Império.	
— 1020		*Israel*: Samuel estabelece a realeza. Início do reino de Judá.	*Itália*: Ocupação do Lácio pelas tribos latinas (arianas).	
— 1000	*Índia*: arianos penetram no Gujerât.	Reino de Davi.		
— 960		Morte de Davi.	*Egito*: Início de Baixa Época.	
— 930		Fim do Reino de Salomão.		
— 900	*Índia*: Adoção da escrita Brâmi (fenícia).	*Anatólia*: Reino de Urarthu (ariano).	*Grécia*: Homero. Reaparecimento da escrita. *Malta*: Influência fenícia	
— 817	*Índia*: Nascimento de Parshvadeva, vigésimo-terceiro profeta jainista.		*Chipre*: conquista assíria e depois egípcia.	
— 800	Dominação ariana do vale do Ganges.		Fundação de *Cartago*.	
— 753			Fundação de Roma.	
— 750				Chegada dos celtas.
			Grécia: Hesíodo.	
— 700		Rei Midas frígio.	*Itália*: Início da arte etrusca.	
— 627		*Babilônia*: Dinastia caldéia.		
— 616			*Roma*: Reis etruscos.	
— 612		Tomada de Nínive por babilônios e citas.		

—600	*Índia*: Adoção da escrita Kharoshthi (aramaica).		*Chipre*: Reis pré-helenos
—605		*Babilônia*: Reino de Nabucodonosor II.	
—586	*Índia*: Passagem do vedismo para o hinduísmo.	Tomada de Jerusalém pelos babilônios. Fim do reino de Judá. Cativeiro dos judeus na Babilônia.	
—562	*Índia*: Nascimento de Gautama Buda.	*Babilônia*: Morte de Nabucodonosor II.	
—559	*Índia*: Nascimento de Mahâvira, vigésimo-quarto profeta jainista.		
—558		Destruição de Urarthu por medas e citas (arianos). Ciro, rei ariano da Pérsia.	
—539		Tomada da Babilônia pelos persas.	
—525			Invasão do Egito pelos persas.
		Reino de Dario I.	
—522	O Império aquemênida estende-se da Índia à Grécia. A anexação do Indo pelos Persas.		Desenvolvimento dos etruscos na Itália do Norte.
—500	Gramática sânscrita de Pânini.		*Roma*: torna-se uma importante cidade. Apogeu etrusco.

—487	Morte de Mahâvira.	
—483	Morte do Buda.	
—480		Destruição de Atenas pelos persas.
—429		Morte de Péricles. *Grécia*: Platão, Heródoto.
—396		Destruição da Veios etrusca pelos romanos (arianos).
—356		Alexandre.
—350		Fim do Império etrusco.
—347		Morte de Platão.
—330		*Egito*: Fim da Baixa Época.
—326	*Índia*: Expedição de Alexandre.	
—323		Morte de Alexandre.
—300	Megástenes na corte de Chandragupta.	
—274	Ashoka impõe o budismo.	*Itália*: Fim dos etruscos.
—272		Tomada de Taranto pelos romanos.
—237	Morte de Ashoka.	
—218		*Malta*: Ocupação romana.
—206	Expedição à Índia de Antíoco de Síria.	
—146	Ajanta.	Destruição de Cartago e de Corinto pelos romanos.

– 135	Invasão da Bactriana pelos citas.		Submissão da Grécia a Roma.
– 64		Anexação da Síria por Pompeu.	
– 50			Tomada de Alésia por César.
– 26	Embaixada indiana junto a Augusto.		
– 4		Nascimento de Josuah (Jesus), denominado Kristos (oint, iniciado). Reinado de Herodes Ântipas na Judéia.	
+ 1	Stûpa de Sânchi.		
29		Crucificação de Jesus.	
60			*Malta*: Naufrágio de São Paulo.
67			Morte de Saul (Paulo) e de Cephas (Pedro) em Roma.
68			Morte de Nero.
70		Destruição do Templo de Jerusalém.	
79			Destruição de Pompéia.
80			Construção do Coliseu.
100	Embaixada indiana junto a Trajano.		
			Roma: culto de Cibele e de Átis.
160	*China*: Chegada do budismo.		
220			

212			Termas de Caracalla.
323			Reino de Constantino.
		O cristianismo torna-se religião de Estado.	
330		Constantinopla, capital do Impéro Romano.	
340	Embaixada indiana junto a Constantino.		
400	Os hunos tomam Gandhâra.		
430			Morte de Santo Agostinho.
451			Derrota de Átila.
460	Os hunos invadem Rajputana, Pendjab e Cachemir.		
481			Clóvis.
590			Gregório, o Grande.
622		Início da Hégira.	
711			Conquista árabe da Espanha.
778	*Java*: Burubudur.		
788	*Índia*: Shankarâchârya. Interpretação monista do shivaísmo.		
962			Fundação do Santo Império romano-germânico.
1000	*Índia*: Khajuraho. Conquista árabe da Índia e do Afeganistão. Dispersão das tribos tziganas indianas rumo ao Ocidente.		

1030	Morte de Mahmûd de Ghazni.		
1037		Morte de Avicena.	
1055	*Índia*: Filosofia não-dualista.		Início dos Cathares.
1085		San Marco de Veneza.	
1100	Angkor Vat.		
1119		Criação da Ordem dos Templários.	
1162	Gengis Khan.		
1163			Notre-Dame de Paris.
1126		Morte de São Francisco de Assis.	
1227	Morte de Gengis Khan.		
1244			Fim dos Cathares. Fogueira de Monségur.
1327			Fim dos Templários.

Bibliografia

I — TEXTOS GREGOS E LATINOS

APOLODORO, *Biblioteca*.
NONOS DE PANÓPOLIS, *Dionisíacas*.
EURÍPIDES, *As Bacantes, Les Cretenses*.
ÉSQUILO, *Teatro*.
HOMERO, *Hinos*.
LUCIANO, *Diálogos dos Deuses*.
OPPIEN, *Cynegetica*.
ATHENÁGORAS, *Apologia*
PLUTARCO, *Vidas Paralelas*.
DIODORO DE SICÍLIA, *Biblioteca Histórica*.
ARISTÓTELES, *Poética*.
PLATÃO, *A República*.
HERÓDOTO, *Histórias*.
PLÍNIO, *História natural*.
ESTRABÃO, *Geografia*.
HESÍODO, *A Teogonia; Os Trabalhos e os Dias*.
TITO-LÍVIO, *História Romana*.

Textos sânscritos

Skanda Purâna.
Shiva Purâna.
Linga Purâna.
Bhagavata Purâna.
Agni Purâna.
Kandapuranam (tâmul).
Maabárata.
Atharva-Veda Samhitâ.
Rig-Veda Samhitâ.

Gopatha Brâhmana.
Shatapatha Brâhmana.
Shvetâshvatara Upanishad.
Taittiriya Upanishad.
Mundaka Upanishad.
Shiva Samhitâ.
Gheranda Samhitâ.
Shiva Svarodaya.
Kulârnava Tantra.
Mahânirvana Tantra.
Tantra Râja.
Manu Smriti.
Hatha Yoga Pradîpika.
Ashvalayana Grihyasutra.
Rudrasukta.
Shiva pradosha stotra.

II — ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

HERAS (Rév. H.), *Studies in Proto-Indo-Mediterranean Culture*, Bombaim, 1953.
WHEELER (Sir Mortimer), *The Indus Civilisation*, Cambridge, 1968.
WILLETTS (R.F.), *Cretan Cults and Festivals*, Nova York, 1962.
MARSHAK (Alexander), *The Roots of Civilisation*, Nova York, 1972.
DANIEL (Glyn), *The Megalith Builders of Western Europe*, Londres, 1961.
JEANMAIRE (H.), *Dionysos, histoire du culte de Bacchus*, Paris, 1951.
FESTUGIÈRE (A.J.), *Études de religion grecque et hellénistique*, Paris, 1972.
ELIADE (Mircéa), *Histoire des croyances et des idées religieuses*, Paris, 1976; *Méphistophélès et l'Androgyne*, Paris, 1962; *L'univers fantastique des mythes*, Paris, 1976.
DETIENNE (Marcel), *Dionysos mis à mort*, Paris, 1977.
RAWSON (Philip), *Primitive Erotic Art*, Londres, 1973; *The Art of Tantra*, Londres, 1973.
PAYNE KNIGHT (Richard), *Le culte de priape*, Londres, 1786.
EVOLA (JULIUS), *Le yoga tantrique*, Paris, 1971.
BORD (JANET) et LAMBERT (Jean-Clarence), *Labyrinthes et dédales du monde*, Paris, 1977.
GAVOT (Jean), *Le folklore vivant du comté de Nice*, Nyons, 1971.
DUMEZIL (Geogers), *Fêtes romaines d'été et d'automne*, Paris, 1975.
COTRELL (Leonard), *The Bull of Minos*, Londres, 1971.
AYYAR (Narayana), *Origin and Early History of Saivism in South India*, Madrasta, 1974.
BANERJEE (P.), *Early Indian Religions*, Delhi, 1973.
DESSIGANE (R.) e PATTABIRAMIN (P.Z.), *La légende de Skanda*, Pondichéry, 1967.
SARKAR (S.S.), *Aboriginal Races of India*.
BURLAND (Cottie), "Africa South of the Sahara" (em *Primitive Erotic Art*).
NANDIMATH (S.C.), *A Handbook of Vîrasaivism*, Dharwar, 1942.

COOMARASWAMY (Ananda), *The Dance of Shiva*, Bombaim, 1948.
WOODROFFE (Sir John), *Shakti and Shakta*, Madrasta, 1929; *The Serpent Power*, Madrasta, 1931.
MCGRINDLE (J.W.), *Ancient India as Described by Megasthenes and Arrian*, Londres, 1877; Calcutá, 1960.
DANIÉLOU (Alain), *Le polythéisme hindou*, Paris, 1975; *Yoga, méthode de réintégration*, Paris, 1973; *Les quatre sens de la vie*, Paris, 1976; *La sculpture érotique hindoue*, Paris, 1973; *Le Roman de l'Anneau*, Paris, 1961; *Le temple hindou*, Paris, 1977.
KARPATRI (Svâmi), *Ganapati Rahasya*, Benares, 1938; *Lingopâsanâ Rahasya*, Benares, 1939; *Shiva aur Shivarchana Tattva*, Benares, 1939.
KALYANA, *Shakti-Anka*, Gorakhpur, 1938; *Shiva-Anka*, Gorakhpur, 1937.
SIDDHANTA, Benares, 1941-1945.
BECHERT (Heinz), *The Cult of Skandakumara in the Religious History of South India and Ceylon*, terceira conferência de estudos tâmules, Paris, 1970.
NILAKANTA SASTRI (K.A.), *Murugan, Transactions of the Archaeological Society of South India*, Madrasta, 1969. *Les religions de la préhistoire*, Valcamonica Symposium, 1977; *Symposium d'art préhistorique*, Valcamonica Symposium, 1968; *Evolution and Style in Camunian Rock Art*, Valcamonica Symposium, 1976.
FRAZER (JAMES), *The Golden Bow*, Londres, 1923-1927; *Le rameau d'or*, Paris, 1954.
HEURGON (Jacques), *La vie quotidienne chez les étrusques*, Paris, 1976.
SANTARCANGELI (Paolo), *Le livre des labyrinthes*, Florença, 1967; Paris, 1974.
LE SCOUEZEC (Gowenc'hlan), *Guide de la Bretagne mystérieuse*, CPI Paris, 1966.
MACALISTER (R.A.), *Ireland in Pre-Celtic Times, Proceedings of the Royal Irish Society*, XXIV, 1921.
EVANS (Sir A.J.), *The Palace of Minos*, Londres, 1936.
COLLI (Giorgio), *La sapienza greca*, Milão, 1977.
HAWKES (F.C.), *The Prehistoric Foundation of Europe*, Londres, 1940.
VIEYRA (Maurice), *Les religions de l'Anatolie antique, Histoire des religions*, Paris, 1953.
CUMONT (Franz), *Les religions orientales et le paganisme romain*, Paris, 1929.
GUÉNON (René), *Symboles fondamentaux de la science sacrée*, Paris, 1936; *La crise du monde moderne*, Paris, 1946.
DE SANCTIS (Gaetano), *Sioria dei Greci*, Florença, 1961.
VARAGNAC (André), *Civilisation traditionnelle*, Paris, 1934.
COGNI (Giulio), em *Indologica Taurinensia*, vol. III-IV, Turim.
MARTIN-DUBOST (Paul), *Commentaire sur la Mundaka Upanishad*, Paris, 1978.
PICARD (Charles), *Les religions préhelléniques*, Paris, 1948.
RADHAKRISHNAN (S.), *History of Indian Philosophy*, Londres, 1923.
TRUMP (D.H.), *Malta*, Londres, 1972.
PARGITER (F.E.), *The Purâna Text of the Dynasties of the Kali Age*, Benares, 1913 (nova ed., 1962); *The Markandeya Purâna*, Calcutá, 1904.
PATIL (D.R.), *Cultural History from the Vayu Purana*, Poona, 1946.
FAURE (Paul), *La vie quotidienne en Crète au temps de Minos*, Paris, 1973.
ROUX (Georges), *Delphe, son orale et ses dieux*, Paris, 1976.